
88°
ANDAR
CONEXÕES INESPERADAS
LUNE INFINIE

Copyright © 2023 – LuneInfinie. Todos os direitos reservados.
©2023 by Editora Siren
1° Edição - “88° Andar 2”
Romance policial
A história contém conteúdo sexual, violência e transtornos psicológicos!
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.
Diretor: Cristina Ramos
Editora-chefe: Cristina Ramos
Coordenação Editorial: Cristina Ramos
Preparação: Andressa Menchon
Ilustrações internas e externas:
Diagramação: Maria Clara S.S
Capa: Raquel Marques (Andrômeda design editorial)

Esta é uma obra de ficção. Nomes, dados e qualquer informação sobre pessoas reais sofreram alterações. Acompanhamentos narrados que se assemelham à vida real são mera coincidência.

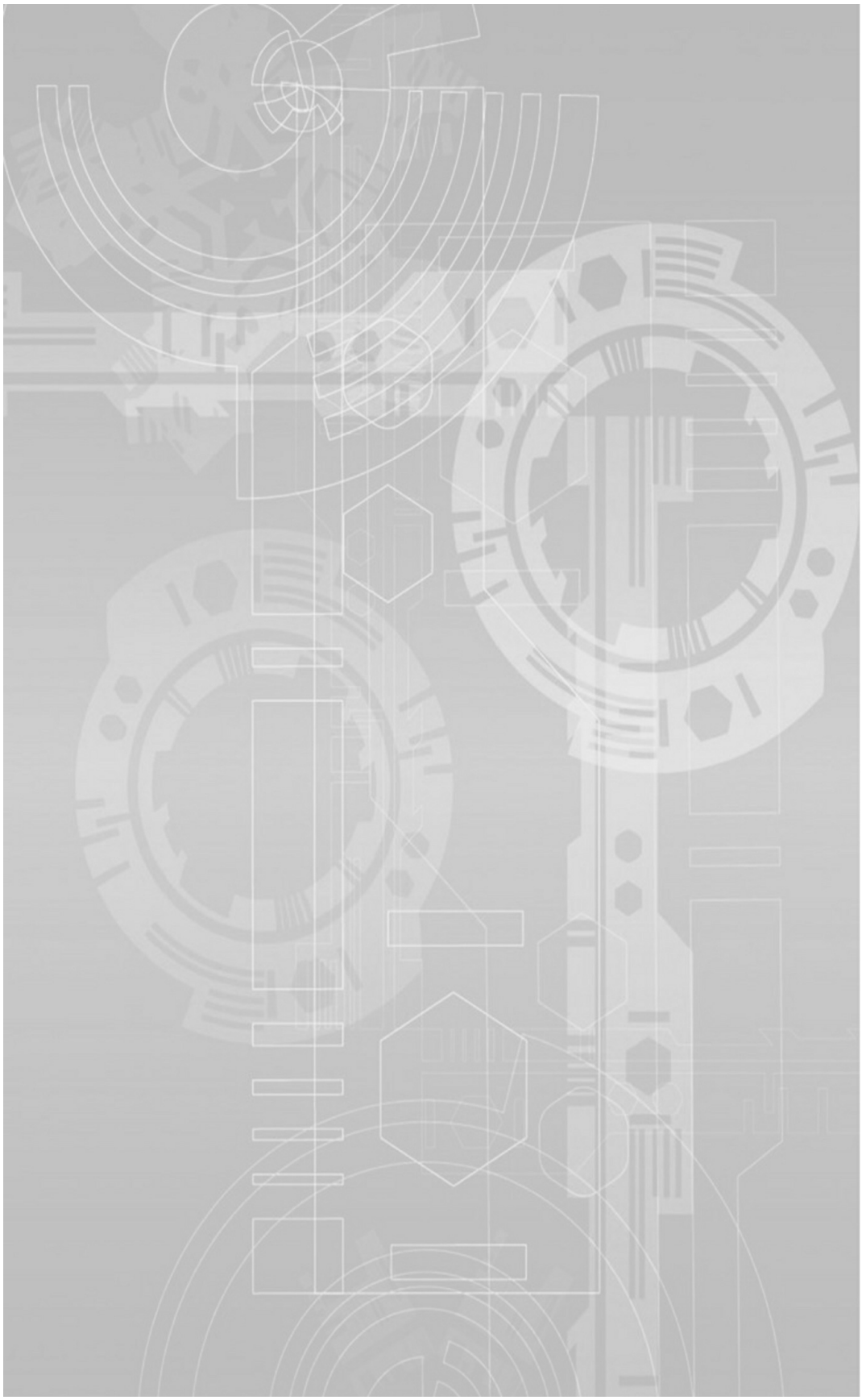
ISBN:
Editora Siren
Rua José Moreira da Silva, lote II – quadra 4, Santa Cruz da Serra
Duque de Caxias – Rio de Janeiro – CEP: 25255-080
Atendimento
Instagram:@editorasiren E-mail: adm.siren@hotmail.com
Twitter: @editorasiren E-mail: editorasiren@gmail.com

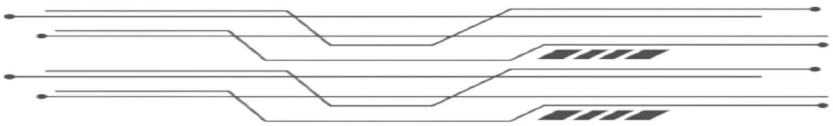
Cada célula que existe em mim
admira o universo que existe
em vocês.

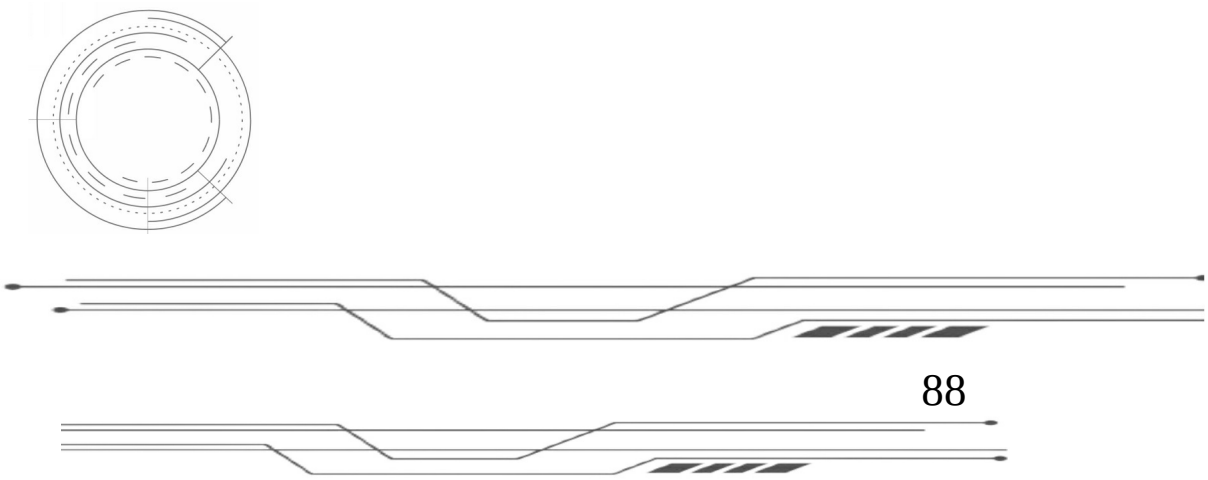
Irene

A todos aqueles que se apaixonaram pelo amor do Julian e Danton, a ponto de quererem mais deles e estarem aqui, me apoiando mais uma vez. Eu roxo vocês.

CAPÍTULO 01







88

Após uma terça-feira incrível ao lado de Danton Sartori, não foi com ele que eu sonhei, foi com Kang Jae. Era uma lembrança da minha infância; o meu aniversário de dez anos. Minha mãe estava viajando a trabalho e meu pai não saía do seu escritório na empresa por nada.

John trabalhava a mesma quantidade de tempo que Jae. No entanto, meu tio de criação sempre tinha tempo para saber como eu estava indo na escola, comparecer às reuniões estudantis que meu pai e minha mãe não podiam, brincar comigo após a aula e ainda me levar à sorveteria nos fins de semana.

Naquele dia, eu estava sentado na janela do meu quarto, cabisbaixo. Diferente do meu pai, minha mãe pelo menos ligou e disse que iríamos comemorar outro dia.

Fiquei o dia todo sob os cuidados da governanta da casa, porém, no fim da tarde, Jae apareceu, apressado, dizendo que era o meu dia e eu não podia ficar sem comemorar, que não me deixaria preso em casa.

Eu adorava sua animação de tio maluco engravatado, todo desengonçado quando ficava animado para fazer algo comigo. Por vezes eu notava seu cansaço, mas ficava feliz ao ver que ele não abria mão da minha companhia, mesmo eu sendo uma criança que não tinha nada mais a oferecer do que historinhas chatas sobre a escola.

Fomos brincar no shopping, Jae jogou um game que nem sabia como funcionava, apenas para me agradar e, quando fomos ao boliche, cuidou do meu joelho ferido após eu cair na tentativa de jogar uma bola mais pesada que eu.

— Se o papai me visse ralado assim, ficaria bravo. — Fungava sentindo o joelho arder enquanto era lavado com água oxigenada por Jae.

— Ele só quer o melhor pra você, Juli. Se brigasse seria na intenção de te fazer prestar mais atenção no que faz, mas não se preocupe, já já seu joelho fica novinho em folha. — Agachado na minha frente, analisava-me com os olhos negros atentos. Eu chorava, fungava e balançava a cabeça para os lados. A dor da raladura me incentivou a resmungar de tudo que

estava me machucado por dentro também.

— Por que o papai não saiu do trabalho pra passear comigo, como você?

— Não está feliz por me ter aqui? — sorria pacientemente para mim.

— Estou, tio, mas seria mais legal se o papai estivesse também, já que a mamãe teve que voar de avião.

— Ele não pôde vir, mas tenho certeza que vai te compensar depois. — Finalizou o cuidado no ferimento e jogou fora a gaze que usou, logo após se levantar. — O que acha de irmos no planetário do segundo piso?

— Oba!

Aproveitamos bastante aquele aniversário. Caso meu tio de consideração não tivesse aparecido e me mimado bastante, teria sido triste e cheio de solidão.

— Nunca mais fique triste no seu aniversário. Se não tiver motivos para se alegrar, me chame que eu te ajudo a levantar o astral. Você é muito importante para passar o seu dia se lamentando por quem não está aqui.

— Tá bem!

— Eu sei que é difícil não ter seus pais aqui hoje, mas enquanto eu estiver com você, nunca ficará sozinho.

Na minha cabeça infantil, Jae era uma espécie de super herói salvador. Quando paramos numa confeitaria, ele comprou um pequeno bolinho e pediu um "kit aniversariante" que o local disponibilizava, composto por duas velinhas numéricas, chapéus de aniversário e talheres descartáveis. Cantou parabéns, enquanto eu olhava para as velinhas de numeração dez e me incentivou a fazer um pedido.

— Sabe o que eu pedi de aniversário? Que nunca e nem nada separe o papai, a mamãe e você de mim.

— Não pode falar, Juli. Dizem que o desejo *não se realiza* quando contamos.

— Mas eu não tenho medo, o meu pedido é impossível de não se realizar, porque vamos ficar juntos pra sempre.

Acordei um tanto atordoado, chorando silencioso por ter sonhado com uma lembrança tão significativa, mas que já fazia tanto tempo. Por que sonhei com o Jae? Talvez fosse o meu subconsciente acometido de culpa por me sentir responsável pelo fim do seu noivado.

Entretanto, eu não conseguia me arrepender de ter me apaixonado por Danton. Ao tempo em que eu despertava de vez do sono, tive uma constatação tardia que me deixou inerte por uns cinco minutos, com os olhos arregalados.

Eu beijei o Danton Sartori.

Sim, o coordenador da sala de testes da High Security. Também conhecido como ex-noivo de Kang Jae, marrentinho, ou Ferinha.

Eu beijei o Danton Sartori? Catapimbas, eu beijei!

E eu amei tanto a sua agressividade, sua posse, a forma como tomou e domou o meu ser inteiro com apenas um beijo. Nunca tinha mensurado a dimensão do seu desejo por mim e, naquele momento, sei que fui muito desejado. Em todo aquele ímpeto feroz, pude sentir também o seu carinho.

Danton Sartori me chamou de *"meu céu"*.

Catapimbas! Nunca imaginei que um chamamento faria eu me derreter tanto. Se aquele homem me pedisse para deitar para ele pisar em mim, eu deitaria.

Era quarta-feira, um dia depois daquele beijo absurdo e, após ter feito tal constatação, me preparei para mais um dia de trabalho que só Deus sabia como eu levaria, tendo em vista que as borboletas que sempre batiam asas em meu estômago, subiram para o meu cérebro e começaram a voar lá também.

Naquela quarta-feira, após um beijo que fez as borboletas em meus estômago subirem para o meu cérebro, fui para o escritório tentar focar em outra coisa que não fossem as lembranças do sonho com Jae, e do meu beijo com Danton. Eram sentimentos conflituosos demais.

No entanto, bastou eu fazer um intervalo para constatar que Danton ainda não tinha me mandado mensagem, e já eram nove horas da manhã. Ou ainda eram nove horas da manhã?

Eu estava ficando tão louco, com a ansiedade fazendo meu estômago borbulhar, que ao menos conseguia pensar racionalmente. Queria vê-lo, queria beijá-lo, tocá-lo, ser tocado, matar a vontade acumulada que não foi suprida em uma tarde. E não sabia como pedir, como sugerir.

A Ferinha já tinha deixado claro que sentia o mesmo que eu, mas ainda era difícil de assimilar suas confissões. É um fato que corri tanto atrás, que pensei que se insistisse mais iria sufocá-lo, então meu medo era que Danton cansasse.

Mas e se não o procurasse e o coordenador pensasse que eu não tinha atitude? Minha confusão era tão grande, minhas mãos estavam geladas. Mal ouvi quando meu celular tocou. Peguei o objeto de cima do teclado do computador e, para meu alívio e pânico ao mesmo tempo, era o coordenador da sala de testes.

— Oi… — Atendi, controlando-me para não hiperventilar perto do celular. — Tudo bem?

"Tudo bem", Julian? Que jeito sem graça de iniciar uma conversa.

— *Sim.* — Ouvi sua risada curta e divertida. — *Quero te ver.*

Simples e objetivo. Por que eu não era assim? Se fosse me relacionar com alguém igual a mim seria trágico.

Ele já disse que quer te ver, seu banana, agora não estraga tudo sendo um lerdo que não sabe manter uma conversa.

— Também quero... muito.

— *É?*

— É. Podemos nos encontrar quando você sair do trabalho?

— *Sim, só não é legal irmos em algum lugar público… porque eu vou querer te beijar de novo.*

Catapimbas! Assim é pedir para encomendar a minha morte.

— Tudo bem…

"Tudo bem" de novo? Eu não sabia dar outra resposta?

— *Então, onde você acha que podemos nos ver?* — Danton estava esperando a minha atitude, eu não podia vacilar.

— Que tal na minha casa? Posso fazer um jantar pra gente, como naquele dia que você dormiu lá.

— *Acho ótimo, só não posso dormir lá de novo, é perigoso…* — Deixou a interpretação livre e a minha mente, que trabalhava melhor do que diretor de filme pornô, já fez vários roteiros.

— Tudo bem…

— *Então passo lá, te aviso quando estiver indo. Até mais tarde, meu céu.*

— Até… — Minha resposta soou como um suspiro, porque aquele chamamento me deixava muito fraco. Minha mão fraquejou sozinha e começou a deslizar o celular pela orelha, até que ele caísse em meu colo.

Era tudo que eu precisava ouvir, foi como um sinal de que o dia anterior não foi um surto, realmente havia acontecido. Meu momento finalmente tinha chegado.

Após sua chamada recebi algumas mensagens dos meus amigos dizendo, basicamente, a mesma coisa, porém de formas distintas.



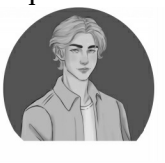
Namastê

Namastê, Julian. Fiquei sabendo que você se acertou com o Danton, fico muito feliz por vocês, alinhem seus chakras, mantenham boas vibrações e evoluam juntos!



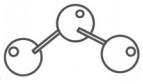
Rômulo (Tico)

Já estou ciente do namoro, agora para de pegar no pé e toma banho reforçado de hj em diante, pro Danton não reclamar.

Eu tinha que lembrar àquele sonso que o desleixado era o  "namoradinho" dele, não eu.

Theo (Teco)

Já tô sabendo que você tá fodido, John filho. Se forem transar na empresa me avisem antes pra eu desativar as câmeras. Mas não reclamem se o sensor tiver ligado e eu ver os dois"bonequinhos" laranjas de amassos na minha tela.

Eu tinha certeza que Danton comentou com o melhor amigo e o sonso espalhou para o namorado e o namastê. Agradeci ao Nando, que foi o único que mandou uma mensagem decente e ao "Tico e Teco" mandei um singelo: "fofoqueiros". 

Durante o meu turno, recebi a péssima notícia de que Kris Lambert estava foragido. Aquilo me preocupou, mas eu precisava esperar pela polícia.

Também combinei com a minha mãe um plano para pegarmos o marido traidor em um dos momentos em que ele trancava a sala, provavelmente com a secretária de meia-idade lá.

Quando pude voltar para casa, usei os ingredientes que a Tereza comprou para preparar uma carne assada ao molho picante cremoso. Era um dos pratos que eu mais sabia fazer, entretanto, tudo que podia dar errado aconteceu.

A carne queimou enquanto eu tomava banho, o molho secou demais e fiquei cheirando a torresmo. Acabei tendo que pedir comida em um restaurante do bairro.

Quando estava jogando os resíduos no lixo, o interfone tocou, falei com o porteiro e já de antemão deixei claro que Danton sempre teria acesso liberado ao meu apartamento, assim como já tinha a minha família, Yuri e Jae.

No instante em que a campainha tocou, precisei respirar fundo para não desmaiar de nervosismo e Danton já começar nosso "primeiro encontro" ligando para a emergência.

— Boa noite, chefe — cumprimentou com falsa cordialidade e um sorriso travesso nos lábios.

— Que honra recebê-lo aqui novamente, coordenador. Entre. — Gesticulei para o interior do apartamento, entrando na sua brincadeira, quando na verdade as danadas das borboletas no estômago já tinham levantado vôo só de vê-lo.

— Segura pra mim? — Danton me entregou uma garrafa de vinho que eu não reconheci mesmo olhando o rótulo.

— Esse é sem álcool, se não se importar… estou dirigindo.

— Ou seja, suco de uva. É melhor, assim, se você me beijar de novo não vai poder culpar o álcool — brinquei em meio a uma risada nervosa.

Para disfarçar meu embaraço, comecei a andar para o interior da casa, sendo seguido pelo meu visitante. Coloquei a garrafa na mesa da sala de jantar, junto da comida, e virei para Danton quando ele começou a falar.

— Por que você acha que eu preciso de desculpas pra te beijar? — Arqueou uma sobrancelha ao fazer o questionamento.

Porque eu vivo enchendo a cabeça de abobrinha.

— Não sei… — murmurei baixinho quando o vi se aproximando até parar de frente para mim.

— Então, eu te respondo. — Sua mão veio até o meu rosto, onde deslizou o polegar em meu lábio inferior, desenhando seu contorno. — Olhar para você é motivo suficiente pra eu querer te beijar, mas acho melhor comermos primeiro.

Sim, ou a comida acabaria sendo você, ou eu.

— Sim, vamos. — Virei de costas, meio bugado, sem saber o que fazer a seguir. Se o servia, se o deixava fazer isso, se servia vinho primeiro, ou puxava conversa.

Apesar de já tê-lo recebido em casa outra vez, a situação naquela vez era diferente, nada tinha sido programado. Agora não. Eu não queria estragar nada, mas o desassossego não me deixava e Danton já estava percebendo o meu modo "barata tonta".

— Ei, o que você tem? — Posicionou-se na minha frente outra vez, antes de pegar minha mão e levar aos lábios voluptuosos, onde deu um beijinho. — Fale pra mim.

Respirei fundo pensando no quanto sempre tivemos uma conexão tão bonita e eu estava deixando minha aflição estragar um momento que sempre quis. Talvez o melhor fosse ser sincero de uma vez.

— Eu estou um pouco nervoso. Queria fazer tudo certinho, mas queimei a carne, tive que pedir num restaurante aqui perto, fiquei cheirando a torresmo, e até cortei o dedo. — Mostrei meu indicador e Danton sorriu condescendente.

Sem dizer nada, ele se achegou mais perto e me abraçou. Enterrou as mãos em meu cabelo e cheirou meu pescoço, causando um arrepio instantâneo. Com o rosto escondido, desceu a mão por meu braço até alcançar a mão que tinha o dedo machucado. Um suspiro deixou minha boca quando Danton deitou sua cabeça de lado em meu peito e beijou meu indicador. Quando se afastou, o carinho que vi em seu olhar me fez distensionar.

Danton estava mais uma vez me conduzindo para a calmaria.

— Você é maravilhoso, estar aqui já é perfeito, não quero que se esforce pra me agradar, porque já consegue isso naturalmente. — Tomou minha outra mão e a beijou no dorso. Danton sempre foi carinhoso nesse nível e estava se resguardando porque não podia ser antes? — Vamos jantar, conversar tranquilamente como sempre flui entre nós, sem tentar fazer nada de diferente, apenas sendo nós mesmos.

— Você tem razão. Obrigado. — Respirei fundo e me deixei absorver suas palavras.

Danton pediu para se servir e me servir também, dizendo que era porque meu dedo estava machucado, mas eu sabia que era porque não queria me ver embaraçado de novo.

Não éramos mais apenas dois caras que estavam apaixonados, mas não podiam ficar juntos, mas duas pessoas compartilhando sentimentos, que queriam se conhecer mais e fazer dar certo.

— Nesse tempo que você ficou fora, algumas coisas aconteceram. — Assim que começamos a comer, iniciei o assunto. — No dia que você viajou, recebi uma encomenda de Kinako mochi. Mais precisamente assim que você saiu da minha sala, a Cha Eunwa que recebeu a entrega.

— Por isso ela foi te procurar? Foi alguma admiradora secreta? — perguntou casualmente, ou tentando. Danton era um pouco ciumento também, mas nunca admitiria.

— Não tinha bilhete algum, e eu desconfiei, porque só você, minha mãe e Yuri sabiam que era o meu doce preferido. Nem mesmo o Jae sabia desse detalhe.

— A pessoa pode ter comprado aleatoriamente.

— O mochi estava envenenado, Danton. — Danton já prestava atenção em sua comida

novamente, quando me encarou de olhos arregalados.

— O quê? Tentaram te matar? Você só me conta isso agora? — Começou a tossir, levando-me ao desespero por ter contado justo no momento em que ele estava terminando de mastigar um pedaço de carne com molho de pimenta.

— Danton! Bebe um pouco. — Entreguei-lhe um copo de vinho. Seu rosto já estava vermelho.

Após sua crise de tosse ter cessado um pouco, ele se pôs a falar:

— Julian, você poderia não estar aqui agora!

— Você também não se continuasse tossindo daquele jeito. — Fiz uma careta tão preocupada quanto a sua.

— Estou falando sério! Se você está aqui, então obviamente não comeu, o que fez com ele? Aliás, como sabia que estava envenenado?

— Joguei em um lixo na frente da empresa e, no fim do expediente, vi uns pombos mortos com os bicos sujos do doce. — Eu estava com medo dos olhos do Danton não voltarem ao normal de tão arregalados, mas precisava continuar. — Isso nem é tudo, me ligaram dizendo que eu já estava morto, com uma voz modificada por algum programa de computador. Acho que estou sendo vigiado.

— Minha nossa, minha nossa! Você precisa de um segurança pessoal. Seja lá quem for, sabe que você anda desprotegido.

— Então… por falar em segurança, o entregador da "encomenda da morte" e o das ligações anônimas, se trata da mesma pessoa. Kris, o cara que te assediou — suspirei, lembrando do nosso vacilo de não ter denunciado o cara quando deveríamos.

— O quê? — Danton entrou em outra crise de tosse.

— Definitivamente escolhi a hora errada pra te contar.

— Eu perdi até a fome. — De cabeça baixa e cotovelos na mesa, usou os dedos para pentear seu cabelo.

— Ele se chama Kris Lambert, irmão do falecido funcionário que era pai do Yuri. Eu fiz a denúncia, mas o titio do Felis Catus não foi encontrado ainda, está foragido.

Danton levantou abruptamente, parecendo revoltado, e colocou as mãos na cintura antes de andar de um lado para o outro.

— Há quanto tempo o pai do Yuri faleceu?

— Há dez anos, Yuri tinha quinze anos, estava no ensino médio comigo.

— Há quanto tempo Kris começou a trabalhar na empresa? — Parecia que eu estava num interrogatório.

— Há sete anos, pelo que vi na ficha que a Lisa me mandou, entrou três anos após a

morte do irmão. — Comecei a tentar encaixar as peças do quebra cabeça que ele queria montar.

— Um cara que tanto queria vingança, esperou três anos pra se infiltrar na empresa onde o irmão trabalhou? Passou sete anos trabalhando lá, pra executar seu suposto plano de vingança e correu o risco de ser preso por assediar um funcionário? Não é muita tolice pra alguém que parecia estar tão focado em executar um crime perfeito? — Negou com a cabeça, olhando para qualquer ponto à sua frente.

— Talvez ele achasse que te assediar não fosse dar em nada. Na concepção dele, não estava sendo visto.

— Não tinha como ele saber. Quem é inteligente para bolar um crime da magnitude do que aconteceu no elevador, analisa riscos em qualquer coisa que faz.

— Você está querendo dizer que talvez ele não tenha sido o cabeça, e sim usado por alguém? — Comecei a usar a linha de pensamento do coordenador. — Ele realmente deveria ter mantido mais foco, não ter trabalhado por anos para sair ileso de sua vingança, e colocar tudo a perder assim. Isso não parece ser qualidade da mente que deve estar por trás de tudo.

— Sim, tem outra coisa me incomodando. Como a vítima consegue descobrir mais coisas do que o próprio investigador? Tem alguma coisa errada, não sei o que é ainda, mas sinto que estou perto. — Ainda pensativo ele levou a mão à boca. — Julian, se ele fugiu antes de ser pego, com certeza sabia que estava sendo procurado… alguém o avisou. Mas quem? Você falou com alguém sobre essa ligação anônima?

— Com o Theo, o Rômulo e o Namastê, mas ainda não sabíamos que era o Kris. Na manhã seguinte, denunciei ele com as imagens que conseguimos e o reconhecimento do número telefônico.

— Se os meninos te ajudaram dessa forma, não tem lógica terem sido eles… temos que voltar algumas casas. — Danton parecia conversar consigo mesmo. — Você contou a alguém assim que recebeu a ligação?

— Só para o Jae, mas nem eu sabia ainda que se tratava do tio do Felis Catus, imagina ele. — Dei de ombros.

A expressão preocupada de Danton não relaxou, ele parecia desconfiar de algo, apesar de não dizer.

— O que mais você disse ao Jae?

— Reclamei do investigador, mas pelo que parece, apesar de usar métodos drásticos, o cara está fazendo o trabalho dele. — Levantei também, esquecendo o resto do jantar e me posicionei de frente para Danton.

— O investigador do caso não deveria ter ligação com ninguém da empresa, isso facilitaria muito que a investigação fosse fraudada, e as provas fossem adulteradas. — Sua expressão não suavizava. Peguei em seus braços para tranquilizá-lo.

— Por mais que eu não goste do cara, Jang Changmin é conhecido do Jae, não dos

suspeitos, como o Kris, o Eric, ou a secretária Eunwa… nem do Yuri. — Eu não queria incluir o catus na lista de suspeitos, mas as evidências me faziam colocá-lo nela.

— Para a polícia todo mundo deve ser suspeito — disse-me, e lembrei que Jae já falou algo parecido, quando reclamei do investigador. Por isso não reclamei mais de Changmin.

— De qualquer forma, a equipe de investigação da polícia, que esteve na empresa no dia do "acidente", está fazendo o seu trabalho, o conhecido do Jae, apenas faz parte dela — expliquei, não vendo atitudes ilegais no homem, apesar do meu ranço.

— Sim, mas você não percebe? Aquela unidade policial já foi chamada porque nela trabalha o Jang Changmin. A intenção pode ter sido boa, mas interfere de qualquer forma, nem que seja porque o cara está fazendo corpo mole e deixando passar evidências importantes. — Danton segurou meu rosto com as duas mãos, um músculo na sua mandíbula contraia enquanto ele me acariciava com os polegares. — Tenho medo que em alguma dessas tentativas consigam te machucar, meu céu.

Fechei os olhos ao ouvi-lo me chamar daquela forma que eu já amava tanto. Estava aproveitando o carinho, até que senti sua boca pressionando minha bochecha.

No início da noite, pensei em comentar sobre o descontrole de Jae, mas além de não querer parecer que estava falando do seu ex, e meu tio, também não queria encher sua cabeça com mais coisa para pensar.

— Não gosto muito de segurança pessoal, mas se acontecer mais alguma coisa estranha, eu contrato um para quando precisar sair. Você vai ficar mais tranquilo assim?

— Vou. — Beijou minha outra bochecha, enquanto eu apertava seus braços. — Posso te pedir uma coisa?

— O que você quiser — respondi sem hesitar.

— Você pode, de agora em diante, não comentar essas coisas com o Jae? Eu sei que é estranho, mas acho que é o melhor a se fazer agora.

Meu cenho franziu instantaneamente. Eu não via sentido naquele pedido.

— Por qual motivo eu não deveria comentar?

— Temo que ele comente mais coisas com o investigador, não confio naquele Changmin. — Danton ora ou outra desviava o olhar enquanto me dava a justificativa vaga.

— Se é só isso, não é mais fácil pedir ao Jae que não comente com o cara? — questionei, esperando sua reação.

— Escuta, eu sei que você conhece o Jae desde a infância, e agora que vai fazer dois meses que me conhece… não estou pedindo isso na intenção de insinuar alguma coisa.

— Não acho que você queira insinuar nada, só quero entender.

— Como uma pessoa que já conviveu bastante com o Jae também, sei que ele pode errar tentando ajudar, é só isso. — Apesar de soar sério ele parecia temeroso.

Seus olhos me analisavam com certo tormento no fundo deles. Entretanto, por mais que seu pedido fosse confuso, eu sentia confiança no Danton. Talvez Jae realmente acabasse comentando coisas demais com o amigo investigador.

— Não se preocupe, o que eu achar irrelevante pra ele saber, não vou contar.

— Certo. Também acho que você deveria procurar o Yuri Lambert.

— Ah, não. Isso não. — Dessa vez me afastei minimamente dele e cruzei os braços. — Não falei nada sobre ele na denúncia, então não vai parecer que ele agiu junto com o tio, talvez apenas façam perguntas, mas não vai ser suspeito no nível do Kris que provavelmente vai ter prisão preventiva, quando o acharem.

— Então por que você não conversa com o Yuri?

— Porque eu não consigo olhar pra ele, Danton. — Descruzei os braços e cobri meu rosto com as mãos, agoniado por ter o amigo que me decepcionou sendo pauta da conversa. — Não entreguei ele, mas não quer dizer que eu não esteja magoado.

Trazer a mágoa do meu ex-melhor amigo à tona não era o que eu queria para aquela noite.

— Me desculpa. — Danton, percebendo meu desconforto, tentou tirar minhas mãos do rosto, mas as mantive firmes, com medo de não conseguir segurar o choro. Então senti seus lábios beijando o dorso de cada uma delas, enquanto segurava em meus pulsos.

Vencendo minha resistência, ele conseguiu descobrir minha face e, quando fui abrindo os olhos vi que ele me encarava apreensivo. Eu não estava chateado, apenas com um grande cansaço mental. Tudo que eu queria era um escape, ainda que fosse momentâneo.

— Não precisa se desculpar, sei que você só quer o meu melhor — expliquei e sua expressão suavizou. — Mas está sendo difícil, nem no projeto que eu tanto sonhei consigo ter cabeça pra pensar agora.

— Vem, vamos esquecer um pouco essa loucura e ir para a sua sala.

— Senta um pouco no sofá, vou pegar um sorvete pra gente — avisei.

Segui até a cozinha e voltei com o meu sorvete preferido, o de frutas vermelhas.

— Adoro como seus hábitos não mostram o tanto de dinheiro que você tem — riu das colheres e do pote em minhas mãos. — Não tinha sobremesa no restaurante?

— Tinha, mas era algum doce lá pra degustar só com os olhos, já que era do tamanho de uma ervilha. Prefiro sorvete. — Sentei ao seu lado e lhe entreguei uma colher.

— E eu prefiro você. — Após experimentar um pouco, ele se sentou mais perto e sorriu travesso contra a colher na frente da boca.

Sorri fraquinho e abaixei a cabeça por um momento, tomando um pouco de sorvete, enquanto analisava a situação. Danton estava sendo carinhoso, ousado e dava todos os sinais de que queria mais do que apenas conversar. Meu problema em cogitar tomar a iniciativa era o medo de parecer meio "chiclete". Já que segundo o que ouvi em sua conversa com o Jae, ele não

gostava muito de ficar agarrado.

— Por que você ainda está desconfortável? — Dobrou uma perna sobre o estofado para ficar de frente para mim.

— Não estou, eu juro. — Dei uma risada nasalada, espelhando sua posição antes de deixar o pote de sorvete entre nós.

— Mas você não é assim.

— É impossível ficar desconfortável com você, é só um pouco de… insegurança. — Não tive vergonha de admitir, ele já conhecia essa dificuldade minha. — Sobre como agir com você, com medo de ser rápido demais, ou de ser muito grudento. Sei que só estamos nos conhecendo melhor, mas eu estou louco pra te beijar de novo e pensei nisso o jantar inteiro. Aliás, o dia inteiro.

Confessei olhando para a sua boca melada de sorvete, tentado a beijá-la. Os olhos de Danton pareciam brilhar com a mesma cobiça que havia em mim. Levou mais uma colher de sorvete à boca, em seguida, tirou o pote de sorvete do sofá e o colocou sobre a mesinha de centro. Eu intercalava minha atenção de seus olhos para sua boca, sentindo meu corpo queimando em expectativa.

Antes mesmo de engolir o sorvete, inclinou-se sobre mim com avidez e deslizou seus lábios nos meus, iniciando um beijo molhado e gelado. Com as mãos em meu rosto, ele succionou meu lábio inferior, deixando um rastro de sorvete por meu queixo e pescoço. Estremeci com o choque térmico do líquido gelado em contraste com minha pele em brasa. Logo a Ferinha desceu com a língua por meu queixo, fazendo-me sentir sua umidade contra o rastro que o sorvete derretido deixou.

Ensandecido, levei minhas mãos às suas coxas, descontando nelas a tortura que era sua língua passando em meu pomo-de-adão.

— Dan… — chamei seu nome desconexo, com o som rouco que me escapou quando senti seus lábios chupando a pele sensível. Impossibilitado de olhar para baixo, visto que seus polegares pressionavam minha mandíbula, fechei os olhos.

A mordida forte que ele deu em meu queixo foi tão dolorosa e gostosa quanto suas mãos puxando o meu cabelo até a minha cabeça pender para trás. Seus lábios e línguas exploraram a minha boca sem pudor. Minhas mãos em suas coxas faziam pressão por onde passavam.

— Adoro a sua pegada. — Ele separou nossas bocas apenas para cochichar.

Naquele momento eu queria sua boca e não suas palavras, por isso, impus meu corpo contra o seu, levando-o a recuar até encostar no apoio do sofá. Não era uma disputa, apenas o desejo de nos tocarmos, beirando à animalidade.

Eu sentia seu cheiro, o sabor delicioso que o sorvete de frutas vermelhas deixou em sua boca, com um leve apimentado, ainda do jantar. Ouvia os estalos dos nossos lábios juntos e das respirações bagunçadas, sentia seu corpo arqueando para tocar seu peito no meu.

A posição não era ruim, mas podia melhorar, por isso levei minhas mãos ao seu quadril e o puxei para o meu colo como no nosso primeiro beijo. Sem a menor relutância, suas pernas ladearam meu quadril e seus braços se apoiaram em meus ombros.

Danton suspirava, arranhava minha nuca e movia seu corpo contra o meu. Senti-lo no meu colo me atordoava, o calor da sua pele era indescritível. Movido por tantas sensações, encaixei minhas mãos em sua bunda e apertei com força, fazendo sua pelve pressionar contra o baixo de minha barriga.

Nossas bocas se desconectaram quando, surpreso, ele ofegou. Abri meus olhos e me deparei com o seu olhar me incinerando. Brilhava neles um desejo mal contido e isso se provou com a voz rouca que pediu:

— Faz de novo.

Seu nariz encostava no meu, sua respiração alcançava meu rosto. Pisquei lentamente, absorto, porém, decidido a atender seu pedido sem romper nossa conexão visual, cravei minhas unhas em sua bunda farta e lhe puxei com ainda mais firmeza. Dessa vez, sua voz se desenhou em um gemido baixo, curto e rouco.

— Porra… — praguejei abalado, trincando os dentes ao sentir minha virilha fisgar no momento em que ouvi aquele som divino.

O beijo seguinte foi mais violento, sagaz. Levei minhas mãos para dentro do seu suéter e, no percurso que fiz em seu quadril, senti o pequeno relevo do início da sua cicatriz. Temendo lhe deixar desconfortável, subi o toque para suas costas.

Cada gesto de Danton entregava que ele lutava contra o tesão que sentia. Eu também estava me controlando para não desabotoar sua calça e tocá-lo de forma mais íntima.

Danton separou nossas bocas mais uma vez e escondeu seu rosto em meu pescoço. Aquele seu gesto eu já reconhecia, indicava que

passamos dos limites mais uma vez. Precisávamos parar a tempo, pois, para quem queria ir com calma, não estávamos exatamente andando na linha.

Não que transar logo fosse errado, no entanto, eu queria aproveitar o tempo solidificando nossa conexão emocional, nosso diálogo e forma de se relacionar. Queria que o sexo fosse algo complementar ao que estávamos construindo.

— Meu Deus… — ele suspirou em minha pele. — Será que vai ser sempre assim?

— Eu só queria um beijo, juro — respondi ofegante.

— Eu sei, mas é que quando a gente se beija…

— Sim — confirmei para que ele entendesse que eu sentia o mesmo.

Mal tinha passado pela tortura de não poder beijá-lo porque era comprometido e eu já precisava lidar com outra, a de querer mais que um beijo, mas precisar me manter no eixo.

O início de uma relação costuma envolver emoções muito intensas, o que leva muitas

pessoas a confundirem intensidade com intimidade. Tudo entre Danton e eu era intenso, mas nossa intimidade ainda estava sendo construída e eu não queria pular as etapas.

Com ele tudo era mais forte do que tive com qualquer outra pessoa no passado. O tesão era violento, a compatibilidade entre nossas personalidades era assustadora, os hormônios tinham vida própria. Em razão disso, minha vontade era fazer daquela fase, em que tudo era novo, um estágio perfeito para aprofundarmos nossa ligação.

Estágio esse onde o fator determinante não seria o tempo e sim como colocaríamos possíveis facetas, que ainda não vimos do outro, na mesa. Então, a intimidade dos nossos corpos seria apenas um reflexo da intimidade que obteríamos emocionalmente.

Danton levantou a cabeça, já mais calmo, olhou pacientemente cada traço do meu rosto e colou sua testa na minha, enquanto acariciava a raíz dos meus cabelos.

— Sobre o que você falou antes… Não precisa ficar inseguro sobre como agir comigo, de ser grudento ou tomar como referência o meu antigo relacionamento. Eu desejo você e os seus toques. — Roçou seu nariz no meu, levando-me a sorrir. — Mais do que isso, estou apaixonado, meu céu. Por isso quero o seu carinho, assim como quero dar o meu também.



Nota mental:

Preparar melhor o coração para ouvir esse apelido.

— Que bom, porque eu sou muito carinhoso.

— E manhoso. Só não pegue na minha bunda assim de novo, é melhor… — Fez uma careta e em seguida riu da própria recomendação.

Fiquei olhando para aquele homem no meu colo, totalmente lindo, que decidiu me dar uma chance. Danton era tão iluminado, eu estava descobrindo seu lado carinhoso e tinha certeza que mais ainda seria revelado a mim. A forma como me olhava, tocava, fazia eu me sentir desejado, querido, era gratificante e eu quis externar isso.

— Eu vou fazer valer a pena você ter me escolhido. — Apesar da minha afirmação sincera, Danton negou com a cabeça.

— Quando perdi minha família, eu quis desesperadamente sentir que tinha o controle da minha vida de novo, queria levar uma vida normal e acabei fazendo da minha relação com o Jae

um projeto de vida ideal, ainda que não houvesse paixão — suspirou, parecendo se autocriticar com o pensamento que tinha. — Ter uma rotina, não precisar se preocupar com surpresas, novidades, era tudo o que eu queria. Não suportava me imaginar passando por outra reviravolta. Eu só queria estabilidade, e o pedido de casamento de Jae me ofereceu isso. Eu sabia que iria casar sem amar, mas estava conformado com isso.

Então realmente Jae o pediu em casamento naquela fase. Danton parecia atribuir toda a culpa para si e não em Jae, o que mostrava mais uma vez sua maturidade em assumir suas falhas. Entretanto, eu estava começando a entender o ponto de vista de Theo, quando disse que Jae tornou o Danton dependente, embora eu não achasse que foi proposital.

— Deve ter sido difícil — murmurei, completamente imerso na memória, como se fosse minha.

— Foi, mas quando você apareceu e me bagunçou inteiro, o que era pra ter sido uma confusão, na verdade foi o meu resgate do cativeiro que eu mesmo criei — sorriu fraquinho, tocando no meu rosto. — Então você não tem que fazer valer nada, porque eu não deixei alguém que me oferecia algo que eu achava que precisava, pra transferir essa responsabilidade a você. Na verdade, você me fez enxergar que eu não preciso de ninguém pra ter uma vida como quero, porque isso cabe somente a mim. Então não vou projetar em você o que projetei em Jae. Foi errado e não quero começar errado com você.

— Entendo…

— Se entende, pare com esse tipo de pensamento, porque você não me tomou ou me privou de nada para ter que me compensar por isso. Pelo contrário, você só acrescentou.

— De nada. — Mostrei os dentes, convencido e levei um tapinha no peito.

— Sabe… um dia antes de voltar de viagem, tive coragem de ir ao cemitério onde minha família estava, mas não consegui ficar mais de cinco minutos lá. — Seus olhos recaíram onde sua mão repousava em meu torso. — Me cobrei tanto pra ir lá, como se fosse algo necessário. De certa forma foi bom ter finalmente ido, mas não quero ficar lembrando deles por aquele lugar.

— Você se sentiu mal quando entrou lá?

— Não sei dizer. Na verdade, não pude ir ao velório e nem ao enterro, então, pra mim, é como se eles não estivessem naquele lugar.

O velório e enterro fazem parte do processo de aceitação. Talvez por não ter vivido isso, Danton teve dificuldade de assimilar a mudança que aconteceu em sua vida e tentou desesperadamente não passar por tamanha dor.

Jae deveria ter lhe ajudado a enxergar o novo cenário que estava diante dele, para somente então recomeçar uma nova vida. Não simplesmente escondê-lo da realidade com o intuito de protegê-lo.

— Se você quiser voltar lá algum dia e quiser companhia, posso ir junto — ofereci e o abracei sobre o meu colo.

— Obrigado, mas não vejo real necessidade, nem tenho vontade. Acho que o fato de eu não ter preparado o velório fez demorar a cair a ficha — falou, alinhado ao meu pensamento. — Mas o ano inteiro de fisioterapia por causa do acidente fez isso. A cicatriz que carrego sempre vai ser um lembrete daquele dia. — Deslizou uma mão pela a perna esquerda e arrisquei fazer o mesmo. Pus uma em cima da sua e entrelacei nossos dedos da forma que podia.

Olhei para elas, em seguida para o rosto de Danton, que as encarava também. Não esboçou reação alguma, parecia apenas pensativo, mas quando me olhou de volta, senti que mais uma vez poderia ser absorvido por seus quasares. Era como um convite para que eu fosse ao seu interior e o contemplasse por dentro. Parecia que quanto mais eu me perdesse naquela grandeza, mais o encontraria. Apenas um olhar seu era capaz de me mostrar isso.

E eu queria encontrá-lo, conhecê-lo mais ainda, queria que cada milímetro do nosso envolvimento fosse bom para ele, que sentisse liberdade para me deixar saber de todos os seus segredos e desejos. Que eu fosse para Danton o que homem nenhum foi. Acredito que meu olhar fascinado lhe dizia isso, posto que recebi um sorriso brilhante, que nada tinha a ver com as palavras que trocamos, mas era totalmente coerente com a conversa silenciosa que tivemos.

Inclinou-se sobre mim, mordeu e distribuiu vários beijos calmos em minha boca, queixo, bochecha e testa. Cheirou meu cabelo, sentindo-o entre seus dedos que passeavam pelo couro cabeludo.

Danton queria apenas me sentir. Ele gostava disso, e eu ainda mais. Por esse motivo, deixei suas mãos livres para me tocar como quisesse, o quanto quisesse. Ao mesmo tempo, beijei seu pescoço esguio, sentindo o aroma suave de sua loção, misturado ao seu cheiro natural. Era indescritível a sensação de conversar sem palavras com alguém cujo olhares demorei tanto a interpretar. Era fabuloso por ser com Danton Sartori

— Você me faz perder a noção de tempo e espaço, sabia? — Afastou-se para me encarar novamente.

— Por quê?

— Porque já está tarde e eu ainda estou aqui conversando, no seu colo.

— Não vejo problema algum. — Mesmo com a minha garantia, ele separou nossos corpos e levantou do meu colo.

— Preciso ir, Juli…

— Sai comigo amanhã, de verdade, como num encontro — propus rápido, antes que perdesse a coragem.

— Como assim?

— Passa o dia comigo, Danton — convidei enquanto levantava também e ficava de frente para ele. — Longe dessa loucura toda, só você e eu, por um dia.

O sorriso que ele me ofereceu era um misto de diversão e confusão.

— Trabalhamos amanhã, meu céu, mesmo você sendo o chefe, não quero dar motivo

para seu pai te criticar, sendo eu a má influência. Além do mais, sair em público ainda é perigoso por enquanto.

Claro, se Jae nos visse antes de conversarmos com ele, seria uma confusão na certa. Já considerei um progresso ele não ter me perguntado pelo ex-noivo naquela quarta. Contudo, eu tinha um lugar em mente.

Um chalé que era meu, mas cuidado por meus avós maternos na minha ausência. Era simples do jeito que eu gostava e que Danton também parecia gostar. Um estilo mais rústico, onde era possível ouvir o barulho do vento nas folhas das árvores, com uma lareira, salinha de cinema, sauna e bastante grama verdinha. Perfeito para relaxarmos um pouco, porém eu queria fazer surpresa.

— Podemos compensar o trabalho na sexta-feira, e o lugar não é público, só vamos estar nós dois.

— Vai me sequestrar e me levar pra uma mata aberta? — Ele levou as mãos à cintura enquanto me provocava com um sorriso traiçoeiro.

— Como você adivinhou? — Entrei na brincadeira, mas vi seu sorriso se transformar em um bico analítico.

— Julian, você está me chamando pra passar o dia… pra gente fazer… — Entendi de imediato o que estava se passando em sua cabeça.

— Não! — Agitei as mãos, negando veemente. — Eu só acho que ainda tem algumas coisas que precisamos saber sobre o outro e fazer isso em uma hora ou duas, depois do trabalho é pouco. Não arquitetei caçar nenhuma Ferinha.

— Quem vai ser caçado é você — Danton alisou meu braço enquanto fazia a ameaça implícita, depois deu um aperto firme. — Mas ainda não sei bem se é uma boa ideia a gente sair assim, durante a semana.

— Eu sei que parece meio inconsequente, mas é só um diazinho. Por favor, topa, vai.

Cheguei pertinho e, com as duas mãos entrelacei meus dedos em seu cabelo, bagunçando os fios loiros, apreciando aquela liberdade gostosa recém adquirida. Fiz uma massagem até vê-lo pender a cabeça para trás, relaxado com o toque.

— Ok, eu topo — murmurou na potência de um ronronado, com os olhos fechados. — Já estou percebendo os artifícios que você vai usar, sempre que quiser algo de mim.

— Não sou esse tipo de pessoa, coordenador. — Fui deixando uma trilha de beijos molhados em seu pescoço, sentindo sua respiração ficar mais lenta. — Mas não tenho culpa se você gosta…

— Hm, acho que posso conviver com isso. — Ainda com os olhos letárgicos, Danton se afastou e pegou meu pulso para verificar a hora em meu relógio. — Preciso mesmo ir agora.

— Tudo bem.

Resignado, eu o acompanhei até a porta.

— Amanhã você é todo meu. Não esqueça.

— Como se esquece uma coisa dessas? Vou até sonhar, ansioso. — Sua resposta me fez revirar os olhos, porque parecia que estava falando de mim, não de si mesmo. Eu que seria um eterno bobo por ele.

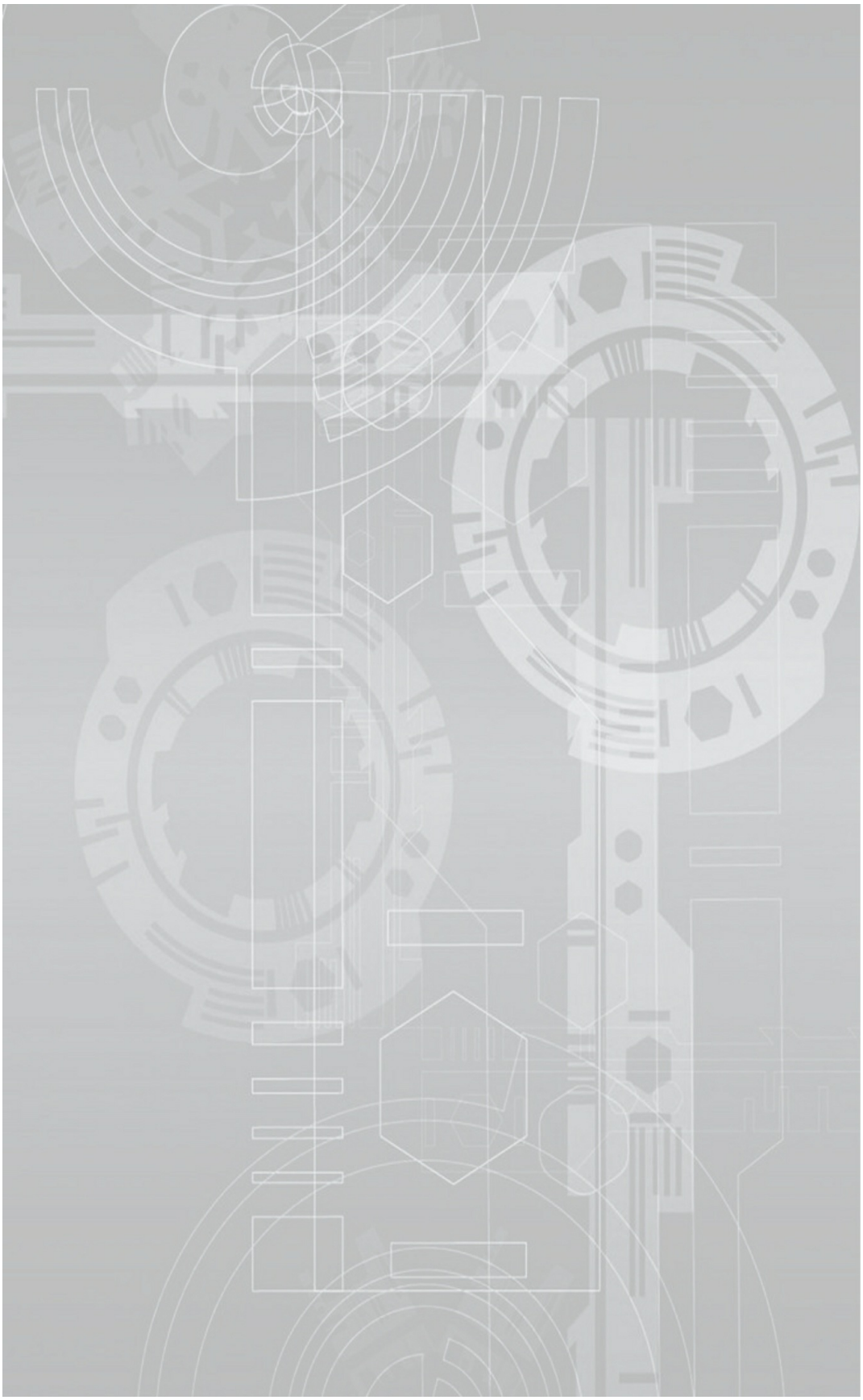
A contragosto, eu o acompanhei até a entrada do prédio e entrei apenas quando o vi sair em segurança.

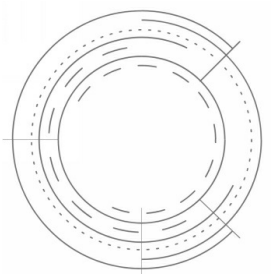
Aquele homem me fazia bem demais, e eu queria retribuí-lo.

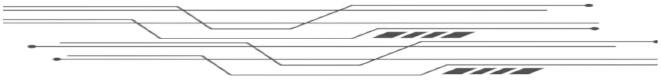
Minha determinação em fazer daquele passeio um dia especial e memorável para nós dois estava a mil. E eu aproveitaria a oportunidade ímpar para falar sobre assuntos que nunca antes falamos, relacionados a nós.

Seria um dia importante para trazer a intimidade que nós tanto ansiamos

CAPÍTULO 02







88

Ter combinado de sair com o Danton foi uma das melhores decisões que tomei naquela semana. A vida estava me dando uma colher de chá ao me proporcionar alguns dias de tranquilidade em meio ao caos.

Passei a noite ansioso, liguei para os meus avós, para que eles pedissem aos dois funcionários do chalé que o preparasse para nos receber.

Fiz meus exercícios na Espartano de manhã cedinho, avisei ao Danton sobre tudo que ele precisaria levar, sem especificar onde era o local, e disse que passaríamos a noite lá. Seria melhor ir de lá para a empresa, no dia seguinte.

Tinha combinado com o Danton, por sms, de nos encontrarmos no estacionamento dos fundos da empresa, já que ele também precisou ir à HS, avisar ao Vincent que ficaria ausente. Contudo, recebi uma ligação sua quando estava saindo da minha sala.

— *Julian?* — chamou-me assim que atendi a ligação. Uma apreensão me atingiu pelo medo dele ter desistido.

— Está tudo bem, Ferinha?

— Sim… só não sei como falar com o Vince, não queria mentir pra ele, entende?

Honestamente, eu não sabia mais o que pensar sobre o Vince. O cara era altamente esquisito, vi ele tendo aquela conversa com o Eric sobre "ser cauteloso para não desconfiarem" e parecia estar sempre desconfiado comigo. No entanto, quanto mais eu descobria sobre os mistérios do crime, menos o diretor parecia ter relação com ele.

— Eu vou com você... — Por via de quaisquer dúvidas, preferi estar presente.

— E você vai resolver o quê vindo aqui? — Era só o que me faltava ser subestimado.

— Danton Sartori, eu ainda sou o chefe dos chefes dos setores, por mais que ninguém me respeite aqui — bufei, negando com a cabeça, mesmo estando sozinho.

— Eu não quis dizer isso, meu céu. — Seu tom de voz suavizou.

Eu não podia ouvi-lo me chamar assim que derretia, depois dizia que eu era manhoso. Como não ficar com essa forma de chamar?

— Então me espera que já estou indo, vamos resolver logo isso.

Não demorou até eu chegar no setor de testes, muito menos até avistar Danton. Mal dava para acreditar que aquele homem com o cabelo perfeitamente alinhado para trás, mãos escondidas no sobretudo verde floresta enquanto calçava suas botas de bico fino no piso, quis ficar comigo.

Seu estilo elegante em meio àquela frente fria me fazia suspirar. Meu sorriso abobalhado deve ter ficado muito evidente, visto que Danton parou de frente para mim e me encarou.

— No que você está pensando? — murmurou com um sorriso discreto desenhado na boca.

Também coloquei as mãos nos bolsos, antes de me inclinar até estar rente ao seu ouvido e dizer:

— Em como eu te beijaria com vontade, até bagunçar esse seu cabelo arrumadinho, se não estivéssemos nesse prédio.

Danton arregalou os olhos e abriu a boca, surpreso. Poucas vezes consegui arrancar uma expressão como essa dele.

— Minha nossa… Julian. Bom dia, também. — Esfregou as próprias bochechas, como se o gesto fosse salvá-lo da vermelhidão que já tomava seu rosto.

Nosso momento foi interrompido pelo som de passos se aproximando. Era Vincent se aproximando de nós, vestido no seu costumeiro terno preto, como o urubu bonito do mal que era.

— Oi, Danton, desculpe a demora, já podemos conversar na minha sala agora — sorriu gentil para o coordenador, depois olhou para mim com o sorriso automaticamente se reduzindo. — Oi, Julian.

Retribuí seu sorriso "verdadeiro" e o segui com Danton ao meu lado, até sua sala. Eu tinha sérias desconfianças que ele fez a Ferinha esperar para ter tempo de dar um jeito no que quer que sempre o impedia de receber pessoas em sua sala. Já que pela primeira vez chamava alguém para ir até lá.

— Será que ele esconde um corpo aí? — sussurrei somente para o Danton ouvir.

— Shhh, cala a boca — sussurrou de volta.

— Ainda acabo com essa sua marra — avisei e a Ferinha revirou os olhos.

Quando entramos na sala do diretor, não sentamos, fiquei olhando tudo ao redor por um momento, mas parecia uma sala comum, com cadeiras, mesa, estante de livros e uma janela iluminada pelo sol.

— Então, Vince, vou direto ao ponto. — Danton começou a falar, quando o diretor se sentou em sua poltrona. — Eu preciso sair hoje, mas quero que para todos os efeitos todos pensem que estou trabalhando na minha sala.

— Com "todos", você quer dizer Jae, não é? — Vincent revirou os olhos, visivelmente entediado, em seguida, focou sua atenção em mim. — E por que o Osborn Roux está aqui também?

— Porque o Sartori vai resolver um problema comigo.

— "O Sartori", sei… — Ele respirou fundo, afirmando com a cabeça. — Sei bem o problema que vocês vão resolver.

— Por favor, *Vincezinho,* quebra essa pra mim.

— Você não vai resolver um problema, Danton, mas vai me arrumar um, um dos grandes ainda.

— Mas o Danton não está fugindo do trabalho, só vai passar o dia fora.

— O problema não é esse, Osborn Roux, e sim porque mais um dia o Kang vai vir aqui perguntar por ele, mas o Danton não vai estar lá pra expulsar o ex-noivo. Com certeza ele virá me perguntar onde o Dan está em plena quinta-feira. Eu vou dizer o quê? Se Jae sempre está ciente das reuniões, viagens a trabalho, ou qualquer evento do cronograma que fazemos? Vai saber perfeitamente que estou encobrindo o Danton. E quando souber que seu sobrinho também não está na empresa, vai achar, no mínimo, muito estranho.

— Vince… — Danton tentou argumentar.

— Não temos nada a resolver fora da empresa nesta semana, ele vai desconfiar e vai me encher o saco por causa disso. Kang Jae é o diretor de operações da empresa inteira, eu sou apenas o diretor de um setor, vou perder meu emprego.

Vincent parecia mesmo preocupado, mas eu não o entendia bem, afinal, Jae sempre era amável com as pessoas. Jamais ameaçaria tirar seu emprego.

— Ele jamais tiraria seu emprego, Vincent. Ainda que fizesse isso, eu não permitiria que você perdesse o emprego por minha causa, simplesmente porque estou levando o Danton. Jae pode ser o braço direito do meu pai, mas sua palavra não vale mais do que a minha. — Eu não estava medindo forças, não faria isso com Jae e nem havia necessidade, era apenas para tranquilizar o Vincent.

— Vocês estão esquecendo de um pequeno detalhe. — Danton se pronunciou. — Eu não sou propriedade do Jae e nem sua para estar me levando.

Não consegui evitar uma risada seca, estava demorando para a sua marra marcar presença.

— Vou porque eu quero. Não devo explicações ao Jae. Então, Vince, se quiser pode dizer que eu faltei porque estava com… sei lá… dor de barriga. Não me importo mais por ele saber que não estou na empresa.

— Calma. — Alisei seu ombro carinhosamente, sem notar que estávamos sob o olhar analítico do diretor.

— Por que não dizem logo que estão saindo juntos?

— Não é o momento, ele ainda nem digeriu o término. Se souber que precisei sair sozinho com o Danton vai pensar besteira.

— Não precisam mentir pra mim. Acha que eu tenho dificuldade de compreensão, Osborn Roux? E outra, ele não vai "pensar besteira", vai assimilar o que está acontecendo na realidade, isso sim. — Vincent apontou as palmas para cima. — Que vocês estão se pegando.

— Fala baixo, Vince! Minha nossa… — Danton passou a mão pelo cabelo e olhou para o

mesmo local que eu. Um plug no canto superior da parede direita da sala, que indicava se as câmeras estavam ativadas, caso estivesse aceso com uma luz vermelha, mas estava apagado.

Se Vincent quisesse me prejudicar, seria a oportunidade perfeita, mas não pareceu ter pensado nisso. Ou realmente não ter tal intenção.

— Quer saber? Vão. Desligue o celular, pelo menos no caminho. — Dirigiu-se ao seu colega de trabalho, depois olhou para mim. — Mas você não. Se os dois estiverem com os celulares desligados, ele vai suspeitar.

— E o que você vai dizer, quando ele vier atrás do Danton? — perguntei baixo, receoso.

— Vou dizer que danifiquei uns equipamentos, e pedi ao Danton para falar pessoalmente com o fornecedor, para convencê-lo a enviar a mesma quantidade que perdemos num curto período de tempo.

— E se ele perguntar quais são os equipamentos? — Danton questionou.

— Digo que foram umas placas que ficaram muito tempo no teste de calor. Jae pode saber da parte burocrática, mas não sabe da quantidade exata de peças que mexemos aqui.

— E se ele perguntar quem é o fornecedor? — Continuou a perguntar.

— Digo que é o Senhor Soon, o velho tem uma quedinha por mim, pode me dar essa força.

— E o Nando sabe disso? — Estreitei os olhos.

— E eu por acaso te devo satisfação, Julian Osborn Roux?

Abri a boca, incrédulo. Era muito engraçado, ele tinha medo de ser demitido pelo Jae, mas não tinha medo de me responder. Sonso.

— Não fale assim com ele. — Danton avisou e, imediatamente, olhei para seu semblante sério ao me defender.

— Vocês estão pior do que eu pensei… Andem, saiam da minha sala. Vão logo resolver o "*problema*" de vocês.

— Obrigado, Vincezinho. — Danton agradeceu e riu cúmplice para mim.

— Ah, eu ia esquecendo… Sábado vai ter uma festa no meu apartamento e vocês estão convidados — anunciou e olhou para Danton. — Se você quiser, pode fazer sua mudança já no sábado de manhã, Danton. É bom que você me ajuda com algumas coisas na festa e eu te ajudo a organizar suas coisas no quarto que vai ficar.

Enquanto Danton confirmava com a cabeça, pensei em apenas uma coisa:

— Espera, eu estou convidado? Por quê?

— Porque a festa é para o Nando.

— E por que você está fazendo isso por ele, hein? — Comprimi meus olhos, desconfiado.

— Julian. — Danton apertou meu braço com força.

— "Julian", catapimbas nenhuma. Você não vê que isso é uma tática pra arrancar informações do Namastê? — cochichei não tão baixo, visto que Vincent bufou.

— Por que para tudo você quer uma explicação?

— Nesse caso, porque ele é meu amigo, eu o conheci primeiro do que você, urubu bonito do mal. — Apontei um dedo acusatório para ele, sem perceber que tinha usado seu apelido oculto.

— Obrigado pelo elogio dentro da ofensa… eu acho. Mas continuo sem disposição para gastar minha beleza dando explicações. Então, se não quiser, não vá. — Estalou a língua no céu da boca e olhou para as próprias unhas, como se fosse mais importante do que discutir comigo.

— Então pegue a sua explicação e enfie no seu…

— Obrigado pelo convite, Vince, com certeza vamos! — Danton me interrompeu enquanto oferecia um sorriso nervoso para o diretor.

— Que deselegante, hein, Osborn Roux. — Matarazzo balançou a cabeça para os lados.

— Vamos, agora. — Danton baixou uns três tons na voz para me chamar em repreensão.

— Mas, Danton, você não vê que…

— Cala a boca… — Ele começou a me arrastar pelo braço para fora da sala.

— Você é muito atrevido, não pode me mandar calar a boca assim.

— Fica quietinho, meu céu. — Depositou um beijinho em meu ombro.

Enfim, perdi a discussão.

Passamos pela porta e, quando estávamos no fim do corredor do setor, Danton estancou os pés, levando-me a parar de caminhar também.

— Você desce primeiro e eu te encontro no estacionamento daqui a cinco minutos. — Apontou para o fim do corredor, todo na pose mandona.

— Isso é um pedido ou uma ordem, Danton Ferinha? — Arqueei minhas sobrancelhas.

— Uma ordem — explanou tranquilamente e riu da minha expressão boquiaberta. — Vai, meu céu, a gente está perdendo tempo.

— Agora sim eu vou. — Virei de costas com um sorriso ladino, ouvindo-o me chamar de manhoso quando eu já me direcionava ao elevador.

Desci até o estacionamento dos fundos da empresa, mas mal pude chegar no local e já encontrei um obstáculo. Kang Jae, escorado em seu carro, olhando para mim assim que apareci no seu campo de visão.

— Juli, que surpresa te ver aqui. Está bonitão, não vai trabalhar hoje? — perguntou, cruzando os braços em uma postura inquisitiva quando eu me aproximei.

— Pergunto o mesmo, é uma surpresa te ver aqui no estacionamento dos fundos. Você não entra às sete? — Dei um sorrisinho, tentando descontrair.

Eram quase nove horas, Jae não chegava naquela hora para trabalhar, muito menos usando o estacionamento dos fundos do prédio. Discretamente, peguei meu celular do bolso da calça e mandei um sms rápido para Danton, pedindo-o que só descesse quando eu o avisasse. Enquanto isso, Jae se explicava.

— Precisei resolver uma questão e só pude chegar agora, como o estacionamento da frente já estava lotado, tive que vir pra esse. Está ocupado aí?

— Não. — Ergui a cabeça para falar com ele. — Na verdade estou de saída, não vou trabalhar hoje, preciso resolver um problema.

— E não vai me dar um abraço, Juli? — Ofereceu seu costumeiro sorriso amável que eu conhecia, e me aproximei dele incapaz de recusar.

Jae passou os braços por minhas costas e virou o rosto em direção ao meu pescoço. Senti alívio por ainda não ter abraçado Danton, ou o seu Orange Gold estaria impregnado em minha roupa e pele. Ao me afastar, sorri mais uma vez.

— Fiquei sabendo que você denunciou um segurança que trabalhava aqui e que ele é o suspeito número um da sabotagem do elevador, por causa da morte do irmão. Como descobriu que ele era tio do Yuri e que a ligação de ameaça veio dele? Eu soube de tudo isso pelo investigador do caso. — Uma linha se formava entre suas sobrancelhas. — Por que não me contou, Juli?

As palavras de Danton, pedindo-me para não comentar certas coisas com Jae, vieram à minha mente.

— Foi tão corrido que esqueci de comentar. Assim que soube, denunciei. — Constantemente eu estava forçando sorrisos. Desde quando passei a agir assim com Jae?

— Tudo bem, eu mesmo poderia ter te ajudado com isso, mas que bom que alguém já te ajudou. — Seu tom era bem casual, mas eu sabia que ele estava curioso.

— Foi um golpe de sorte, lembrei que já tinha visto o entregador em algum lugar e o reconheci — menti. — E, com um pouco de esforço, consegui assimilar que era ele na chamada. Ninguém me ajudou.

Jae pareceu satisfeito com minhas respostas, visto que olhou para o seu relógio de pulso, e mudou de assunto.

— Eu esperava ver o Danton hoje, mas ele anda fugindo de mim desde que voltou de viagem. Parece que chegou em Sandin na terça, mas não veio para a empresa. — Passou as mãos no rosto, parecendo cansado. — Você sabe onde ele está?

— Jae, se você ficar agindo assim, não vai conseguir ter a conversa que tanto quer ter com ele. Definitiva ou não. — Coloquei as mãos em meus bolsos para não evidenciar o nervosismo. — Deixa ele respirar. Desde quando precisa agir assim pra conseguir o que quer? Você sempre foi tão compreensivo.

— Julian, eu não consigo ficar longe do meu pequeno — negou com a cabeça, a expressão abalada, aquilo estava começando a me irritar, mas eu não podia demonstrar.

— Jae, vocês terminaram…

— Ele terminou, não eu! — Ele se alterou por um momento, mas logo respirou fundo.

— Jae, vamos deixar para conversar depois… preciso ir — avisei com uma vontade louca de acabar aquela conversa. Ainda tinha o clima frio, nada favorável para se ficar conversando ao ar livre.

— Tudo bem, vou ficar mais um tempinho aqui no estacionamento. — Jae cruzou os braços e pernas e se encostou no carro novamente.

Catapimbas! Como eu sairia com o Danton, se Jae ficasse ali de tocaia? Já escolhemos o estacionamento dos fundos para não sermos vistos.

Ouvimos um barulho de toque de celular e eu sabia que não era o meu. Logo meu tio de criação tirou o aparelho do bolso do próprio terno e atendeu.

— Oi, Vincent… Comigo? Por que? — revirou os olhos e olhou para o seu relógio de pulso. — Tudo bem… estou indo, é melhor ser importante.

Apreensão despontou em meu juízo. Vincent queria falar com Jae, justamente quando pedimos a ele que acobertasse o Danton? Comecei a esfregar as minhas palmas, suadas de enervamento e medo de que o diretor da sala de testes tivesse armado uma emboscada para me prejudicar. Mas ele era amigo de Danton, faria mesmo isso? Quantas dúvidas…

— Mudança de planos, vou ter que subir. O diretor Matarazzo disse que tem algo importante que eu preciso ver.

Jae ficará irado se ver o Danton e nos odiará eternamente. Sabia que não deveria ter confiado naquele urubu.

— Você tem certeza que é importante? Não dá pra ser outra hora? — Comecei a perguntar, movido pelo desespero das teorias que rondavam em minha mente.

— Por quê? Você tem alguma coisa pra me dizer? Não estava de saída? — Jae franziu o cenho para mim e travou a porta do seu carro.

— Sim, sim… — Eu não sabia mais o que dizer, apenas cocei a nuca sem jeito, e o vi se aproximar de mim.

— Até mais, Juli. — Ele então caminhou em direção à entrada que levava até o elevador mais próximo.

Jae mal deu as costas e eu já estava pegando meu celular. Digitei o número do Danton, que já sabia decorado, e o liguei com as mãos tremendo em puro pânico. O coordenador não demorou a atender, mas eu estava incapaz de formular uma frase conexa.

— Danton… ele vai… o Vince ligou… ele está indo…

— Ei, calma. Estou chegando aí, não se preocupe. — Sua voz mansa em nada diminuiu meu estado ansioso. Eu estava à beira de ter uma crise de pânico.

— Ele vai te ver…

— Não vai, eu saí pelo estacionamento principal, olhe para trás.

Imediatamente virei minha cabeça, quase quebrando o pescoço, e vi a figura de cabeleira loira vindo em minha direção. Respirei aliviado, ainda que meu coração estivesse disparado. Eu nem conseguia sorrir.

Danton me alcançou e me envolveu em um abraço confortante, laçando-me pela cintura e beijando a minha face, quando próximo ao meu ouvido falou:

— Fica calmo, meu céu. Está tudo bem, vamos sair daqui. — Afagou minhas costas e

depositou alguns beijos rápidos em meu pescoço, fazendo-me arrepiar com o seu calor combinado a temperatura fria do ambiente.

— Eu pensei que o Vincent… que ele… — Respirando fundo eu o afastei para olhá-lo.

— Recebi sua mensagem, e quando vi que estava demorando, pedi ao Vince que chamasse ele. Peguei um caminho diferente e aqui estou — sorriu fechando seus olhos estreitos.

— Vocês poderiam ter me avisado — resmunguei.

— Se você ficasse olhando para o celular, seria suspeito. Desculpa, foi necessário.

— Tudo bem. Vamos? Não quero esperar ter outro infarto, não.

— No seu carro, ok? Pedi ao Rômulo que levasse o meu até o apartamento que ainda moro, na hora do almoço. — Ele segurou minha mão e a puxou para irmos até o meu carro. Sorri pela sua atitude.

Entramos no automóvel, Danton retirou seu sobretudo, assim como a grande bolsa de couro e os jogou no banco de trás. Abri dois botões da minha blusa jeans, liguei o aquecedor e o ajudei para que o cinto ficasse o mais seguro possível.

— Vamos parar no meio do caminho pra comprar algumas guloseimas, tudo bem?! — informei.

— Tudo bem, chefe.

Dirigi por um tempo, ainda em Vineyard e, apesar do silêncio confortável, resolvi que seria bom ouvirmos música.

— Danton, você pode conectar meu celular pra gente ouvir música? — Com os olhos atentos ao trânsito, apontei na direção do cabo.

— Qual playlist você quer que eu coloque? — Apontou o celular para mim, e coloquei a digital rapidamente.

— A playlist "Na estrada".

— Que nome original… — debochou, mas logo pude ouvir a primeira música tocar no carro.

Danton relaxou mais em seu assento e, quando escutamos um certo trecho que falava sobre a sorte de se encontrar um amor mesmo sem estar procurando, ele riu baixinho. Aproveitei que um sinal vermelho me fez parar, para olhá-lo e perguntar:

— Está se identificando, Ferinha?

— Sim. Lembrei da aula de teatro do curso do Theo em que fomos juntos. Mais precisamente da volta, quando a rádio no meu carro começou a tocar uma música tendenciosa.

Era verdade, também me recordava de como ficamos embaraçados naquele momento, e uma "meia dúvida" surgiu em mim. Eu esperava que ele respondesse.

— Por que você saiu tão depressa no dia daquela aula e ficou tão nervoso na volta? — Ele olhou para as próprias coxas, sorriu, depois voltou sua atenção para mim.

— Porque eu estava com um desejo fodido de te beijar e não podia. — Então ele suspirou

enquanto fechava os olhos por um momento, antes de encostar a cabeça no apoio do banco. — Geralmente eu controlava bem, mas naquele dia estava insuportável.



Nota mental:

Elaborar umas respostas espertas para os momentos em que esse homem me deixa sem reação.

— Uau… ainda não me acostumei com essa sinceridade toda. — Agradeci pelo sinal ter aberto e eu ter uma desculpa para olhar para frente.

— Eu não estava brincando quando disse que não iria mais esconder como me sinto.

— Você já não conseguia esconder mais nada de mim, Ferinha. Ainda que não falasse nada.

— Ah, é? Já que estava tão seguro de si, por que não confiou no seu taco, ao invés de ficar chorando querendo que eu revelasse se sentia o mesmo?

— Chorando? — gargalhei, porque sempre fui um chorão mesmo, mas ele não precisava enfatizar. — Que insolente…

Avistei um pequeno mercadinho perto, estacionei o carro e caminhei com Danton até lá. Fomos até o corredor dos alimentos com gosto de dez anos a menos de vida e comecei a pegar tudo o que queria.

— Pasta de amendoim? — Danton indagou, olhando para o pequeno pote em minhas mãos.

— Você não gosta?

— Gosto sim, mas onde vamos comer isso?

— Não vai arrancar nenhuma informação de mim, Ferinha.

— Podemos levar pipoca de microondas?

— Sim, eu preparo quando formos assistir um filme — respondi distraído, enquanto pegava uns salgadinhos.

— Ah, então nós vamos para uma casa? — Seus olhos se arregalaram e eu espelhei sua reação, percebendo como fui facilmente enganado. — Foi mais fácil do que eu pensei, meu céu. Vergonhoso.

— Danton Ferinha, deixe essa sua marra só um pouquinho, pode ser? Você se aproveitou

de um momento de distração. — Contraí os olhos e virei de costas para pegar outros itens.

Senti Danton se achegando atrás de mim, seus braços passando por baixo dos meus até contornarem meu tronco. Olhei para as suas mãos entrelaçadas sobre a minha barriga e fechei os olhos por um momento, sentindo o calor do seu corpo, quando um beijinho na nuca me fez arrepiar, seguido da lufada de ar que saiu de sua boca enquanto ria da minha reação.

— Adoro como você reage aos meus toques…

— Como eu reajo à sua existência, você quer dizer. — Virei em sua direção, tendo que desfazer aquele abraço gostoso. — Vamos, o caixa está logo ali.

Paguei as compras e saímos com duas sacolas leves. Antes que eu entrasse no lugar do motorista, olhei na direção de Danton e o vi de pé encarando um pequeno prédio ao lado do mercado.

Vi o nome "Academia Alvorecer" escrito logo na fachada. De onde estávamos, podíamos observar uma turma de crianças treinando alguma arte marcial através das grandes portas de vidro da entrada.

— Você conhece? — perguntei, recebendo sua atenção como se despertasse de um transe.

— Não, mas parece com a que eu ia lá na cidade em que eu nasci, Balambu. — Deu um sorriso mínimo e olhou para a própria mão sobre a porta do carro.

— Quer conhecer? — sugeri, sem saber como ele reagiria.

— Não sei…

Danton parecia ter vontade, mordia o lábio inferior, parecendo ponderar a sugestão, mas ao mesmo tempo incerto sobre o que fazer. Dei a volta no carro, até estar ao seu lado e segurei em seus braços.

— Se quiser, podemos entrar só pra ver o espaço, se você se sentir incomodado, saímos.

— Sim, acho que podemos dar uma olhadinha. — Dessa vez, fiz como ele sempre fazia comigo, estendi minha mão e Danton a segurou timidamente.

A primeira coisa que notei quando entramos, foi um enorme tatame preto e vermelho onde as crianças imitavam os golpes que um professor de cabelo vermelho ensinava. Estavam depois da parte da recepção. Detrás do balcão de atendimento, havia um homem de Kimono preto que, quando nos viu, sorriu e veio em nossa direção.

— Bom dia, meu nome é Bernard Simas, sou um dos donos daqui, e vocês são…? — Ele nos cumprimentou com os olhos expressivos.

— Eu sou Danton Sartori, e ele é Julian Osborn Roux. — Danton nos apresentou e me curvei em cumprimento.

— Estávamos no mercado aqui do lado e resolvemos entrar para conhecer sua academia — expliquei.

— Oh, vocês estão procurando uma academia para começar alguma arte marcial?

— Na verdade, o Danton é faixa preta em Taekwondo — revelei todo orgulhoso, e o

Bernard arregalou os olhos.

— Uau! Isso é bom, de vez em quando precisamos de novos professores por aqui, se te interessar… — Parecia ter a melhor das intenções, mas Danton engoliu seco e seu incômodo se tornou visível.

— Não treino faz um tempo. Na verdade, não sei porque entramos, é melhor irmos embora.

— Danton… — sussurrei num pedido para que ele não fizesse isso sem ao menos conhecer o local, o homem nos olhou confuso, mas logo ouvimos sua voz.

— Aqui é apenas a parte externa onde as crianças fazem aulas experimentais. Por que não entram comigo pra eu mostrar a vocês como é lá dentro?

— Pode ser? — perguntei com um pouco de medo de estar sendo invasivo, ou insistente demais. — Se quiser podemos voltar, você decide.

Seu olhar intercalou entre o homem e eu, depois pairou sobre as crianças treinando, especificamente em uma menina de cabelo castanho, preso. Ela deveria ter por volta de dez anos de idade, ou menos, usava um Kimono branco e uma faixa azul. Pelo sorriso nostálgico que brotou nos lábios de Danton, imaginei que ao olhar para a criança, lembrava-se de sua irmã que se foi com apenas oito anos de idade.

— Acho que podemos entrar, só pra conhecer o espaço — murmurou e o dono da academia não entendeu o sorriso encantado que ofereci para o loiro ao meu lado, tampouco compreendia o motivo de os meus olhos brilharem tanto admirando-o.

Mas Danton sabia.

Era orgulho por vê-lo enfrentando os seus demônios. Mais uma vez.

Busquei sua mão, segurei entre as minhas, e ele não recusou mesmo estando em um espaço público. Seguimos Bernard, que nos guiou por um corredor de acesso a um espaço bem maior, onde tinham diversos equipamentos e acessórios usados para as diversas artes marciais que eram ensinadas lá.

Danton sorria em alguns momentos, em outros, suspirava como se lembrasse de algo e, até que ficou mais quieto enquanto Bernard terminava de mostrar o local.

— Está cansado? — cochichei quando olhávamos o homem devolvendo um troféu que nos mostrava ao seu lugar.

— Sim, podemos ir? — ele propôs, abraçando o próprio corpo.

— Sua academia é linda, obrigado por nos mostrar, mas precisamos ir — sorri agradecido.

— Eu que agradeço a visita, sintam-se à vontade para virem mais vezes. Você para começar a treinar e o Danton também, ou quem sabe futuramente ser um de nossos professores, de adultos ou das turmas infantis.

Danton sorriu educadamente e nos despedimos. Quando chegamos ao carro, segurei em seus ombros para que ficasse de frente para mim e me encarasse.

— Você é muito forte, estou orgulhoso, mas quero que saiba que se não quisesse entrar,

eu continuaria orgulhoso da mesma forma. — Levei minha mão ao seu rosto e acariciei a bochecha com o polegar. — Faça tudo sempre no seu tempo, está bem?

— Obrigado. — Danton mostrou aquele sorriso que sempre seria catalisador do meu e me abraçou.

Aspirei a fragrância gostosa do seu perfume floral em seu ombro coberto pelo tecido, enquanto seus braços envolviam minha cintura. Corri meu nariz por seu pescoço, sentindo suas mãos me apertando, enquanto eu me deliciava com o cheiro de sua pele. Quis aproveitar mais o contato, mas ainda estávamos na rua.

— Estou com muita vontade de te beijar agora. — Alinhado com as minhas vontades, Danton revelou.

— Eu também. — Afastei minha cabeça para encará-lo. — Podemos fazer isso no carro, os vidros são escuros.

— Tudo bem, só um beijinho e a gente vai pra onde você quer me levar.

Acontece que eu quero te levar acima da última camada da atmosfera terrestre.

Entramos no carro com certo desespero e, ao nos encararmos em seu interior, passei meus olhos por todo o seu rosto, enquanto Danton fazia o mesmo. O clima já tinha mudado. A expressão desejosa que ele ao menos fez questão de esconder, como me prometeu outrora, causou um rebuliço em meu estômago.

— Na verdade, quero te beijar o tempo todo, mas também quero te tocar. — Aproximou-se mais, entrelaçou os dedos em meus cabelos, puxando-os para que minha cabeça inclinasse para trás. — Então tenho que aproveitar você antes, porque quando nos beijamos, parece que o mundo vai acabar.

Minha boca abriu e Danton passou a pontinha de sua língua em todo o meu lábio inferior, enquanto me encarava sem desviar.

— E sentir a sua pele é tão bom. — Correu uma mão pelo meu rosto, outra pelo pescoço e iniciou um beijo úmido bem em cima do meu pomo-de-adão, sugando sem muita pressão. — Tão macia, tão apetitosa… — Em seguida, arranhou a pele sensível do pescoço com os próprios dentes, enquanto me apertava a nuca.

— Assim você vai me matar — resmunguei na potência de um grunhido, porque com os toques combinados à sua fala, eu sentia meu sangue fazer o percurso contrário.

Minhas mãos subiram por seus braços e ombros, onde apertei, enquanto era constantemente beijado no pescoço e mandíbula. Até que Danton colou sua boca na minha, proporcionando-me mais uma vez aquela textura volumosa e acetinada que me deixava com água na boca de tão gostosa.

Nossos lábios estalavam, as línguas se encontravam e se experimentavam. Agarrei sua cintura para explorar mais nosso contato, mesmo sabendo que era perigoso quando ficávamos colados demais. A Ferinha, aprovando minha atitude, saiu de seu banco, não parecendo se importar quando bateu a perna em algo no meio do caminho, nem quando sua cabeça bateu no teto. Apenas riu entre o beijo, mas imediatamente tateei a região em sua panturrilha e massageei ali, sem interromper o ósculo.

Nossos corpos se buscavam com desejo, parecia que nunca era o suficiente, as sensações que ele me fazia sentir poderiam queimar minha epiderme de tão abrasivas. Seu jeito de conduzir o ósculo me tornava detento do seu apetite. Cada vez que nos beijávamos, nossos corpos se conheciam mais, reivindicavam mais do outro e queriam se unir mais.

Para ajudá-lo a se acomodar melhor sobre mim, reclinei o banco, achando às cegas o comando ao meu lado. Danton separou nossas bocas e desceu o rosto até a minha clavícula exposta. Ali deu uma mordida forte que me fez estremecer.

Era sempre libidinoso demais senti-lo tão junto de mim. Suas mãos ansiosas passeavam pelo meu corpo, ao tempo em que eu me mexia inquieto. O vidro ao meu lado já começava a embaçar e o som dos nossos arfares e murmúrios me tiravam a sanidade.

Contornei seu quadril com as palmas, apertando com gosto, louco para descê-las até a bunda. Todavia me contive, na tentativa de atender seu pedido de não apertar ali, porque aquilo o excitava. Fechei as mãos em punhos quando o desgraçado gostoso ofegou bem em cima da pele que ele mesmo umedeceu. Um arrepio violento percorreu meu corpo e um som rouco escapou por minha garganta.

— Danton… por favor…

— Eu sei, foi mal — agradeci mentalmente por ele ter se afastado sozinho, porque minhas mãos tremiam, eu não conseguiria empurrá-lo. — Isso é tão bom, que é difícil parar.

— Aham… — Tentei formular alguma resposta, mas minha concentração estava em tentar respirar.

— Precisamos ir, ou vamos perder o dia inteiro. — Ele foi saindo do meu colo com cuidado, até estar em seu assento outra vez.

Ajeitei meu banco e respirei fundo, antes de segurar o volante igual uma gelatina de tão instável. Danton, por sua vez, exibia uma coloração avermelhada nas bochechas e boca. A respiração pesada e o cabelo desalinhado me orgulhavam por ser eu o responsável.

— Vamos passar pelo distrito de Yengo, depois Mangu, e então chegaremos.

— Você disse Mangu?

— Sim — confirmei e dei partida, para nos levar ao movimento da avenida.

— Vamos passar pela praça de lá? É caminho, não é?.

— Sim… algum problema?

— Não, é que minha mãe era psicóloga do projeto que colocou as frases motivacionais espalhadas pela praça.

A praça era enorme e conhecida pelo lindo trabalho de valorização à vida que foi feito lá. O lugar se transformou num ponto turístico muito visitado. Pelo que Danton informou, sua mãe era uma das psicólogas do projeto, o que devia encher seu peito de orgulho.

— Ainda não tinha me dito que sua mãe era psicóloga. Ela viajou de Balambu até aqui para participar? Que bonito.

— Sim, e tem uma frase dela lá.

Não entendi se ele queria passar por lá, ou se queria fugir das lembranças. Então resolvi perguntar.

— Você quer ir lá?

— Sim, com você tenho vontade de ir… — Sua declaração me fez questionar se já tinha cogitado ir lá antes, com Jae.

— Você nunca foi lá antes? — Olhei para ele por um momento, seus lábios formavam uma linha, pressionados um no outro.

— Não. Nunca fui sozinho, nem com algum amigo, e Jae evitava me levar a qualquer lugar que me fizesse ficar triste por causa da minha família. Dizia que não queria me ver chorar. — Aquela declaração fez eu me lembrar das críticas que Theodoro fez a Jae. — Desculpa, não queria incluir ele na conversa.

— Não se preocupe, pode citar sempre que quiser. Não é como se eu não gostasse do seu ex, é o meu tio de criação, eu o amo — ri, mas não ouvi Danton rir também, ou qualquer outra reação. — Estamos quase chegando na praça, tem certeza?

— Tenho.

Dirigi mais alguns quilômetros por Yengo e quando finalmente chegamos na praça, procurei de imediato um local onde pudesse parar o carro e pudéssemos passear livremente a pé, como planejado.

Assim que caminhamos até o início da praça, começamos a ver as primeiras frases e imagens.

— Aqui é bem bonito, nunca me permiti apreciar antes. As vezes que passei foram apenas para ir a algum lugar — expliquei avistando o belo "Lago do arco-íris" à nossa frente, com inúmeros pontinhos brilhantes por causa do sol ainda alto. Danton evitava olhar, focava sua atenção à sua frente ou nas atrações do local, eu sabia que era por causa de seu trauma com água, então não chamei sua atenção para apreciar o lago comigo.

— Sim, olha aquela frase… — Apontou para uma placa num banco de madeira onde estava escrito:

“Os melhores momentos da vida ainda estão por vir".

— Muito bonita — concordei, ao tempo em que parei e encostei meu cotovelo na grade que protegia os limites da praça ao meu lado.

— Posso confessar uma coisa? — assenti e ele prosseguiu. — Se alguém estiver triste perto de mim, esse é o tipo de frase que vou falar para ele, mas… eu não acredito.

Refleti sobre sua afirmação por um momento. Era até meio esperado que alguém que perdeu a família inteira tivesse essa visão, mas me incomodava profundamente vê-lo pensar assim. Danton merecia o mundo inteiro e se existia o "melhor por vir", eu queria que chegasse até ele, queria mais ainda que Danton tivesse esperança de que poderia sim viver algo do tipo.

— Não deveríamos falar aos outros, palavras que não acreditamos. Elas se tornam vazias.

— Não se quem as receber acreditar — retrucou.

— Então, se você não acredita no papai Noel, mas me diz que ele existe, e eu acredito, o

bom velhinho vai aparecer pra mim? — ele riu da minha comparação.

— Não, né? Porque o papai Noel não existe…

— Então sua afirmação está errada. Você não acredita no "melhor por vir", assim como não acredita no Papai Noel. Se me falar sobre eles, não vão passar a ser verdade apenas com o fato de eu acreditar. — Dei de ombros, esperando ele chegar no raciocínio que eu queria.

— Mas o Papai Noel não vai existir para você porque ele não existe de jeito nenhum, já o "melhor por vir" é real, então pode existir para você.

— Se o "melhor por vir" é real, então pode existir para mim e para você, independente de você acreditar ou não. — Danton abriu a boca para falar algo, mas fui mais rápido. — Ainda que você não acredite, espero que ele chegue para você, tão forte, que não vai te restar outra opção a não ser reconhecê-lo.

— Você acha mesmo isso? — Abraçou o próprio corpo quando uma corrente de vento frio passou por nós.

— Você achava que algum dia daríamos certo? Que em algum futuro estaríamos aqui como um casal? — Arqueei uma sobrancelha esperando a resposta que eu já sabia.

— Não.

— Mas é exatamente assim que estamos agora. Existem coisas que simplesmente acontecem.

Cheguei um pouco mais perto, admirando seus quasares se fechando enquanto eu arrumava algumas mechas do seu cabelo que voaram até o seu rosto. Sua face estava mais linda ainda sendo banhada pelo sol. Tal estrela parecia ter sido criada para enaltecer sua beleza. Inclinado em sua direção, rocei minha bochecha na sua e, próximo ao seu ouvido, falei:

— Você ainda vai experimentar uma felicidade tão grande que nem imagina. Apenas aceite isso, Danton Sartori.

Sem me distanciar muito, percebi que ele ainda mantinha os olhos fechados, seu queixo começou a tremer, até que uma lágrima rala e tímida escorreu pelo canto externo do olho esquerdo. Então eu entendi.

Danton ainda queria experimentar uma felicidade como a que falávamos, queria acreditar que algo incrível ainda aconteceria em sua vida, que algo o salvaria de viver à sombra de uma felicidade que já sentiu, mas lhe foi tirada. Queria crer que o melhor ainda estava por vir, apenas tinha medo.

Porque pessoas românticas só se ferram. E não é uma referência ao amor romântico, mas àquele sentimento de esperança que insiste em nos invadir quando apenas não queremos criar expectativas, para não nos ferirmos depois que nada de espetacular acontecer em nossas vidas.

Entretanto, se Danton estava com medo, eu acreditaria por ele e me esforçaria para que o "melhor por vir" o alcançasse. Não sendo prepotente de achar que eu poderia fazer isso, jamais pensaria que, sendo eu singular, seria capaz de lhe dar a mesma medida de felicidade que quatro pessoas lhe proporcionaram. Contudo, daria o meu melhor para lhe mostrar o quanto a vida ainda poderia oferecer de bom apesar da dor, da perda, do medo.

Todos precisamos de escapes, a vida por vezes não segue o roteiro que queremos. Isso frustra, esmorece, faz-nos perder aos poucos a perspectiva da felicidade que uma vez sonhamos. Dado isso, ele precisava resgatar dentro de si a alegria que achou ter se afogado junto com o que perdeu no pior dia da sua vida. Precisava disso para que ele mesmo não sufocasse, não se afogasse quando ainda tinha a dádiva da vida.

E eu queria fazer parte de tudo que ele descobriria, de tudo que viveria de intenso, de tudo que ainda quisesse sonhar e conquistar.

Não era apenas Danton Sartori que me enxergava, eu via e sentia quem ele era, não quem a vida queria torná-lo, mas a sua essência. E a Ferinha resistia tão bem, a dor nunca conseguiu espantar o sorriso mais fascinante que eu já vi. Por causa disso, eu poderia senti-lo como nunca senti outra pessoa, porque aquele sorriso era meu guia, um farol, o que fazia eu encontrá-lo toda vez.

Alguns poderiam chamar de destino, eu preferia chamar de *serendipidade*, "o ato de descobrir coisas agradáveis por acaso". Fazia mais sentido, porque o restante do que aconteceria estava em nossas mãos. E eu acreditava que todas as histórias de amor que poderíamos viver em infinitos universos, seriam bonitas como essa, independente de o destino querer ou não. Ele não era digno de ser usado para se referir a nós. Éramos mais, como uma soma que estava se tornando unidade aos poucos.

Ao beijar sua face, bebi sua lágrima e seu temor. Como se lesse meus pensamentos, Danton abriu um sorriso carinhoso que aqueceu meu coração. Eu poderia mesmo senti-lo. Ainda que estivéssemos no meio de um tornado, eu o sentiria sempre.

— Obrigado, meu céu — sussurrou baixinho.

Quando voltamos a caminhar, Danton falou de como foi para a sua mãe a experiência de se envolver em um projeto tão bonito.

— Nós tínhamos planos de morar em Sandin em breve, minha mãe dizia que aqui seria perfeito para ela ampliar seu consultório e comprar uma casa grande, onde meu pai pudesse fazer sua própria oficina de artesanato nela.

— Como seu pai se chamava?

— Fellipo Sartori, ele era um artesão tão talentoso. Eu tinha uma coleção de canetas personalizadas, feitas por ele, e levava todas para a faculdade, me gabando da minha exclusividade. — Um sorriso iluminado se abriu em seu rosto, enquanto parecia lembrar da época citada.

— Deve ter sido muito talentoso mesmo, você fala com tanto orgulho — concordei, e Danton pareceu notar algo ao meu lado.

Acompanhando o seu olhar, virei para saber o que tanto chamou sua atenção e vi uma placa metálica aderida num pilar de madeira cheio de vasinhos de flores. Estava escrito nela uma frase que Danton encarou fixamente.

"Para tudo há solução, se não houver, crie".

Nara Sartori

— Nara? O mesmo nome da minha mãe? — Arregalei os olhos, surpreso.

— Eu também a chamava de mãezinha… — Tocou com as pontas dos dedos a superfície em que estavam as letras.

Por esse motivo ele sempre sorria quando via meu tratamento com minha mãe. Ambas com o mesmo nome e com filhos que usavam o mesmo chamamento carinhoso.

— A frase é autoral dela? — Danton confirmou com um acenar de cabeça. — Muito motivadora, eu também acredito que para tudo existe uma saída.

— Menos para a morte…

— Aí entra a segunda parte da frase. — Olhei para o trecho que dizia "se não houver, crie". — Se eu morresse, sem ter aproveitado a vida ao seu lado, voltaria em outra vida se fosse preciso, só pra ficar com você — sorri como se tivesse mesmo o poder de fazer tal coisa.

— Que pensamento romântico, porém, mórbido. — Fez uma careta e eu ri, constatando que era mesmo. — Gostei muito de ter vindo aqui, obrigado meu céu. — Eu, é claro, fiquei todo bobo com seu agradecimento.

— Vamos voltar, mas antes, quero uma foto com você ao lado da frase da sua mãe. — Danton me ofereceu um sorriso cintilante que iluminou todo o seu rosto.

Batemos algumas fotos e seu humor melhorava mais a cada bico e careta que fazíamos. Após isso, refizemos o caminho até o carro e seguimos em direção ao destino final: O chalé.

Quando chegamos, parei o carro na garagem com portas de madeira, pegamos sua bolsa, os alimentos que comprei e, por fim, levei uma mão à base da sua coluna para guiá-lo até a entrada. As grandes árvores proporcionavam uma sombra gostosa para quem quisesse sentar por ali.

O chalé, em grande parte amadeirado, tinha janelas de vidro e alguns vasos de plantas na fachada. Danton parecia apreciar as cores e itens que compunham o ambiente, com as sobrancelhas levemente arqueadas.

— Como é lindo…

— E olha que o vento deixou o meu cabelo todo bagunçado. — Danton gargalhou da minha brincadeira.

— O ar aqui é tão puro, acho que são as árvores que fazem isso. É tão tranquilo, vai ser uma fuga de toda a loucura que tem acontecido. — Jogou seu cabelo para trás ao mesmo tempo em que enchia o peito de ar e tombava a cabeça para trás.

Cheguei mais perto para envolvê-lo em um abraço lateral. No momento em que beijei seu pescoço e inalei o cheiro de sua pele, senti paz.

Danton voltou a me encarar, o âmbar em seus olhos transbordavam serenidade e faziam eu me apaixonar mais ainda. Parecia que meu peito nunca teria tamanho o suficiente para guardar tantos sentimentos.

— Obrigado por ter me trazido até aqui.

Algo me dizia que ele não se referia apenas ao lugar físico, nem mesmo olhava ao redor, seu foco era totalmente em mim dessa vez.

— Talvez se você tivesse desistido, nunca estivéssemos assim agora, compartilhando

tanta coisa boa.

— Não tem o que me agradecer, chegamos aqui pela força de ambos, mas vamos parar de pensar no que poderia ter acontecido e pensar no que vai acontecer. — Soltei seu corpo para mostrar o ambiente, gesticulando com a mão.

— Tudo bem. O que você programou para o dia de hoje?

— Programei um dia inteiro para nos despirmos de tudo que ainda precisamos revelar um ao outro, assim como falar de assuntos que ainda não discutimos bem.

— Nos despir? — Pôs a mão na boca tentando reprimir uma risada. — Gostei da programação.

— Calma, Ferinha, vamos por partes. Primeiro, vamos fazer um piquenique na grama, enquanto conversamos sobre assuntos de interesse mútuo. — Cruzei os braços como pude, devido às sacolas que eu segurava e espetei o nariz no ar.

— Assuntos como o quê?

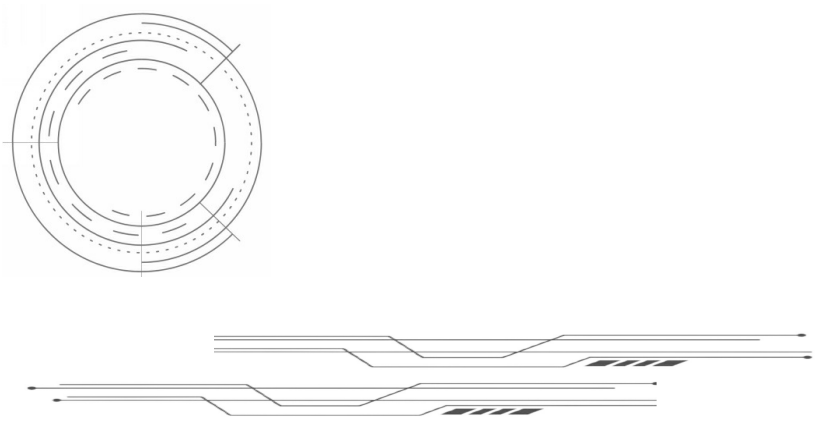
— Por exemplo, uns certos fetiches que a Ferinha alegou que eu não fazia ideia de quais eram.

— O quê? — Deu uma risadinha incrédula, sem ter noção das informações que eu pretendia arrancar dele. *Bobinho*.

Então dei uma piscadela com meu melhor sorriso ancorado no canto da boca, e avisei:

— Agora que o nosso passeio vai começar de verdade, Danton Ferinha.

CAPÍTULO 03



88

Estar em um lugar tranquilo, onde podemos apreciar o calor do sol sob a pele, é ter a oportunidade de ficar em paz, esvaziar a mente e refletir sobre nossa existência.

Enquanto estávamos parados, na frente do chalé, me pus a pensar que quando conheci o Danton, eu me achei tão pequeno e medroso perto dele. Se ele era como o elemento que mais emitia energia no céu, eu era como tudo no espaço que não se podia ver.

Eu não emitia calor e queria brilhar dependendo da luz do poderoso John, afinal, de tanto querer sua aprovação, fiz dele um sol. Entretanto, aquele loiro me fez ver que eu tinha luz própria e não precisava que meu pai visse isso para ser verdade.

Eu me sentia grato por estarmos naquele chalé, prestes a aproveitar um dia inteiro juntos. Bem, quase inteiro, já que com o tempo que "perdemos" no caminho, a manhã já estava quase acabando, porém não era tão tarde que não pudéssemos fazer nosso piquenique.

— Vamos entrar? Tem uma toalha de estampa xadrez bem clichê, esperando por nós lá dentro. Quero preparar algumas coisas, depois a gente volta e senta bem ali. — Apontei para a parte da grama sombreada por uma das maiores árvores que haviam lá.

— Vamos, vou adorar fazer isso. — Segurou na alça transpassada de sua bolsa de couro e sorriu.

Entramos na casa impecavelmente arrumada e vazia, como pedi aos meus avós que avisassem aos funcionários para deixá-la. Deixamos nossos calçados próximos da porta e seguimos pelo piso de madeira, coberto apenas na parte do tapete que se estendia do sofá à lareira.

— Se você quiser pode deixar suas coisas no nosso quarto enquanto preparo os sanduíches — sugeri distraído, enquanto colocava as sacolas na mesa da cozinha. Todavia, ao não obter resposta, olhei para Danton.

— Vamos dormir juntos?

— Desculpa, só tem um quarto de casal, fora o que os meus avós dormem às vezes. Mas

lá está cheio das coisas deles e eu não queria mexer.

— Entendi... tudo bem, já dormimos juntos uma vez, foi até tranquilo.

— Sim, passei frio a noite toda porque você foi possessivo com o cobertor, mas valeu a pena — ri da expressão boquiaberta e ultrajada que ele fez.

— Você acha que vamos conseguir? Só dormir...

— Você não? Ah, Ferinha, não somos primitivos, podemos muito bem fazer isso — respondi separando os pães, os frios e uma geleia.

— É, tem razão... por onde é o quarto?

— No fim do corredor à esquerda.

— Você pode levar a pasta de amendoim quando formos comer? Eu adoro isso, como até sem nada para acompanhar. — Levou uma mão à boca para esconder uma risada e eu assenti. — Ok, vou ao quarto deixar minha "mala" improvisada.

Quando Danton voltou estava quase tudo pronto, arrumamos tudo num cestinho, conforme o figurino, mas a toalha que tinha disponível era azul, com estampas de meias luas. Não o xadrez clichê, mas dava para o gasto.

— Não está muito frio pra ficarmos lá fora? — perguntou quando já seguíamos na direção da árvore.

— Um pouco, mas ao ar livre tem o calor do sol, se esfriar mais a gente volta. — Danton decidiu ficar apenas com a camisa e calça preta quando nos sentamos

Ele se divertia com minha dedicação em arrumar nossos itens para fazer aquele momento clichê. Acontece que tudo era apenas uma preparação de cenário para que minha verdadeira intenção fosse externada.

— Quer que eu te sirva, Ferinha?

— Não precisa. — Sentado de frente para mim, ele já foi se apossando da pasta de amendoim para passar em uma fatia de pão.

— Eu gosto muito dessa geleia de pimenta rosa. — Apontei para o potinho que eu tinha em mãos, antes de começar a passar a geleia em uma torrada.

— Eu prefiro a minha pasta de amendoim, ela fica boa em tudo. Inclusive, ainda quero experimentar ela em você, deve ser o suprassumo do sabor. — Lambeu os próprios lábios com um olhar ferino, sem ao menos ligar para a minha cara surpresa.

Ele disse mesmo aquilo?

— Eu não vou deixar você me melar com isso — ri nervoso porque na realidade eu não sabia bem se queria ou não. — Estamos fazendo esse momento para sabermos mais sobre nós, não para fazer lambança.

— E quem disse que não podemos fazer os dois? Posso começar. Te faço perguntas sobre informações que já dei sobre mim e se você errar... — Esboçou um sorriso sapeca, arqueando uma sobrancelha. — Eu te sujo com pasta de amendoim.

Gargalhei da sua proposta de tão louca que era, mas quando o vi se inclinando para

cochichar algo em meu ouvido, travei.

— Mas não se preocupe, onde eu sujar, vou limpar... com a língua. — Afastou-se, olhando-me com aqueles quasares violentos. Senti minhas bochechas esquentarem ao pensar na possibilidade.



Nota mental:

Resetar agora tudo o que eu sei sobre Danton Ferinha.

— Vai com calma, Ferinha, o meu coração é fraco — resmunguei, junto de um ofego.

— Estou indo com calma, meu céu. Até avisei pra você não ser pego desprevenido. — Piscou, como se fizesse diferença ter dito que eu morreria antes de me matar.

— Quanta bondade, Ferinha. — Estreitei os olhos. — Pode começar.

— Ok, então, qual é a minha cor preferida?

— Essa é fácil, preto. Você usa muito essa cor. — Nem com um catapimbas que eu responderia "vermelho".

— Uso muito, mas minha cor preferida é vermelho. — Pegou a pasta de amendoim, enquanto contraía a expressão em falsa tristeza. — É uma pena, mas você errou.

Em seguida, pegou meu antebraço e, com uma pequena espátula, sujou a pele. Dobrei mais a manga da minha blusa jeans para que não pegasse nela. O creme estava geladinho e foi o que me fez arrepiar à espera da sua próxima ação, porém ele nada fez.

— E a parte de limpar com a língua? — Tentei soar casual para não denunciar minha expectativa.

— Está louco pra que eu faça isso, não é? O melhor eu gosto de deixar para o final, meu céu. — Mordeu o próprio lábio, ciente de que eu olhava para este.

— Continua, a próxima eu não vou errar — retruquei confiante.

— Se você quiser, pode perguntar algo sobre você para ver se eu acerto também. — propôs que eu entrasse na brincadeira. Sendo do tipo que combatia fogo com mais fogo, assenti.

— Você pode começar dizendo qual a minha cor preferida também.

— Hmm... amarelo? — Ele estava errando de propósito.

— Mas que fingido! Você sabe que minha cor preferida é azul — exclamei bem humorado e incrédulo com tamanha atuação.

— Ops, eu tinha esquecido.

— Sei. Já que você quer tanto, vou melar você com outra coisa. — Danton arregalou os olhos automaticamente.

— Com o quê?

— Minha geleia de pimenta — gargalhei quando ele soltou o ar dos pulmões de uma vez. — Ela é muito mais gostosa do que essa sua pasta de amendoim.

Ele ficou mudo enquanto me aproximei com uma colher suja de geleia e melei sua bochecha. Eu não via a hora de limpar, mas podia esperar mais um pouco. A expectativa sempre aumentou nossa vontade.

— Sua vez, Ferinha.

— Essa não sei se você lembra, te disse uma vez, mas foi no elevador e a situação não era das melhores. — Fez uma careta sem graça. — Qual o nome do perfume que eu uso?

Nem com o catapimbas que eu iria dizer que lembrava.

— Águas de Lavanda?

— Não. É o Orange Gold. Tudo bem, essa era difícil mesmo. — Deu de ombros enquanto enfiava sua espátula no pote.

— Sim — comentei com um beicinho. Mordendo o próprio lábio, deixou um rastro de pasta do meu pescoço até a clavícula exposta pelos botões abertos. — Danton! Assim você vai me sujar todo.

— Não se preocupe, meu céu, já disse que vou limpar.

— Então comece agora, antes que eu seja atacado por formigas. — Pensei cruzar os braços, mas iria me sujar, então, esperei Danton se aproximar para fazer o que queria.

Lentamente, como um felino de grande porte que espreita a presa, Danton se pôs de joelhos, afastou desleixadamente os recipientes com comida que faziam barreira entre nós e veio até mim.

Inclinei a cabeça para cima, a fim de olhá-lo melhor, e a Ferinha me encarava altiva, com um ar de superioridade que até me intimidaria, se eu não visse também o seu desejo obstinado de querer me tocar.

Apoiou-se em meus ombros, e eu que estava em pose de lótus, descruzei as pernas para abrigá-lo entre elas. Quando conseguiu ficar bem perto, pegou meu antebraço melado e arrastou a língua pelo pedaço de pele com a pasta de amendoim.

Danton mantinha contato visual o tempo todo e eu, embasbacado, não sabia se retribuía seu olhar, ou se encarava o movimento quase obsceno que sua língua fazia. Quando chupou meu antebraço, eu resfoleguei e quase desfaleci ao ver sua boca e língua se movendo como se estivesse dando um beijo apaixonado.

Enlacei minha mão em seu cabelo e fiz um aperto no couro cabeludo, impondo mais sua cabeça contra meu antebraço. Era só uma boca em um braço. Por que aquilo estava tão excitante?

No instante em que ergueu a cabeça, intercalou seu olhar lascivo entre meu pescoço e minha face afetada, então, sorriu de canto e foi até seu próximo destino. Diferente do que fez em

meu braço, a Ferinha não beijou o meu pescoço, passou a língua com uma pressão mais forte que o necessário para apenas limpar o local, em seguida deu uma mordida com força moderada. Continuou lambendo até a clavícula, mas ao chegar lá, sabendo que a região era mais fácil de esconder, chupou forte.

— Minha nossa… — arquejei rendido. Sem ligar, ele abriu mais um botão da camisa, causando um desastre de sensações por onde sua boca passava. — Dan…

Sem aguentar mais um segundo daquela perturbação, segurei os lados de sua cabeça, forçando-a para cima, até separá-la da minha clavícula e sentir a umidade que ele deixou. Quando ficamos na mesma altura, avancei com urgência em sua bochecha suja de geleia de pimenta. Eu estava cheio de fome e não era da geleia. Danton abriu a boca e ofegou forte, fazendo uma lufada de ar quente atingir minha orelha.

Eu me deleitava com o misto do sabor da geleia, combinado ao da sua pele. Entendendo o motivo de ele parecer tão ávido sobre mim, quando foi na sua vez.

Tive que me agarrar a um fio de controle para nos separar um pouco e prosseguir com nossa conversa.

— Você sempre me deixa sem ar. — Sua mão foi ao próprio peito, quando seu corpo tomou distância do meu.

— É pouco para o que você faz comigo. Me deixa sem ar, sem juízo, sem forças.

Eu estava resmungando de verdade, mas Danton começou a gargalhar.

— Agora vamos conversar sério, por favor, tem coisas que ainda precisamos esclarecer e saber sobre o outro, assuntos que nunca falamos, inclusive. — Respirei fundo, ajeitando minha postura e pigarreei. — Tenho uma pergunta.

— Estou ouvindo. — Piscou travesso, antes de encostar o queixo no punho.

— É sobre o que falei quando chegamos. Uma vez você me disse sobre ter fetiches, mas nunca me contou sobre eles. Quais são?

— Hm, que curioso. Você sabe o que é odaxelagnia? — neguei com a cabeça. — É o fetiche por morder e/ou ser mordido. — Arqueou uma sobrancelha quando eu abri a boca surpreso.

— Ah, tudo bem...

— Meus fetiches não são complexos, são até comuns. Gosto de inovar no sexo. Usar alguns brinquedinhos legais, algemas inofensivas, transar em locais que não sejam só a cama... — falava tudo aquilo casualmente, passando geleia em uma torrada. — Coisas que a maioria das pessoas querem experimentar pelo menos uma vez na vida, mas que ou elas são retraídas demais para fazer, ou os parceiros.

Se Danton disse que gostava, uma possível retração não vinha da parte dele. Talvez viesse de Jae. Se estávamos ali para ter uma conversa sincera, talvez eu pudesse arriscar perguntar.

— Ok, você...

— Pode perguntar o que você quiser — ele sorriu de canto, analisando minha expressão

pensativa.

— Era ele quem não gostava?

— Pode falar o nome, não estamos falando do Voldemort. — Pôs uma mão na boca quando seu sorriso se expandiu. Danton estava tentando descontrair para que tivéssemos a melhor conversa possível. — Mas, sim... o Jae não gostava, e eu respeitava isso.

Respeitava, mas não transavam muito, segundo fontes do próprio ex-noivo. Será que Danton recusava sexo se não fosse da forma como ele queria? Era um assunto tão delicado, eu não queria forçar uma conversa íntima, mas ele parecia estar bastante aberto ao diálogo, então decidi arriscar.

— Me desculpe perguntar, mas... vocês deixavam de transar por causa disso? — perguntei baixo, até que vi Danton arregalando os olhos. Será que eu passei dos limites? — Desculpa, sei que não é certo ficarmos falando dele, eu não quis…

— Calma. — Devolveu sua torrada ao prato, lambeu os lábios e em seguida colocou uma mão sobre a minha. — Vamos conversar abertamente, sem atribuir muito significado ao fato de citarmos ele, se você não gosta podemos não falar, mas você parece ter tantas dúvidas...

Eu tinha mesmo, mas Danton não fazia ideia que era por causa da conversa que tive com Jae no fim de semana na cobertura dos meus pais. Se eu soubesse que criaria tanta minhoca na cabeça, não teria tido aquela conversa.

Eu não sabia se Danton não gostava tanto assim de transar, se era algo específico com Jae e, se fosse, eu não tinha noção do porquê, ou se era por não ter seus fetiches realizados. Poderia ainda ter a ver com a sua cicatriz, mas eram coisas tão delicadas de se perguntar. Ainda estávamos desenvolvendo uma intimidade.

Quando fosse a nossa vez, eu não queria tornar um momento de prazer algo travado. Não queria ter tantos receios ao tocar seu corpo e talvez fazer algo que ele não gostasse, ou não gostar dos seus fetiches. Eu iria gostar? Se não gostasse, ele ainda iria me querer?

— Juli, me diga o que você está pensando.

— Eu tenho algumas dúvidas sim, mas a maioria é meio invasiva. — Minha expressão inteira se contraiu em constrangimento.

— Quer fazer outra brincadeira de perguntas e respostas? Talvez seja mais descontraído conversar assim — sugeriu, batendo as mãos para tirar qualquer farelo delas.

— Não. A gente vai começar mais um amasso nessa brincadeira. Eu adoro te beijar, mas precisamos mesmo conversar sobre nós.

— Então não tenha medo de perguntar. Não vou levar nada a mal, apenas não esconda o que se passa nessa cabeça — assenti novamente, meu pescoço já estava parecendo uma mola por causa disso. — Mas respondendo: não. Eu não dependo de fetiches pra ficar excitado, são apenas coisas que sinto vontade de fazer. Então eu não deixava de transar só porque Jae não gostava de fetiches.

Então qual era o motivo?

— Se você não depende da realização de fetiches, o que te excita? — Era minha outra

forma de tentar descobrir.

— Ter atração, tesão na pessoa, sentir que minhas vontades são levadas em consideração, não só o que dá prazer ao outro. Isso não tem a ver com fetiches.

— E a que você se refere?

Senti que estava chegando onde eu queria.

— Como te disse antes, gosto de inovar, isso inclui nunca transar sempre da mesma forma. Ser passivo, ou ativo, por que tenho que me prender a uma só posição? Não gosto que me imponham isso. — Danton olhou para o lado visivelmente incomodado. Estava lá a minha resposta.

Poderia ser apenas um comentário aleatório, mas a julgar pelo seu desconforto ao falar, tive quase certeza de que era isso que tirava sua vontade de ter relações com Jae. Danton tinha fetiches que não podia realizar e, muito provavelmente, Jae não gostava de revezar.

Ainda assim decidi que não iria mais ficar com suposições na cabeça, estávamos alcançando a maior proximidade que já tive com alguém em um relacionamento romântico. Assim sendo, eu queria ter certeza.

— Acontecia com você? — Apertei sua mão enquanto esperei pacientemente seu olhar voltar para mim. Então ele suspirou, parecendo cansado das próprias lembranças.

— Sim.

Peguei suas mãos, beijei as duas, antes de declarar: — Com a gente vai ser diferente. Eu sou altamente inclinado a desejar o seu desejo. Mordidas você já me deu e eu gostei. No sexo não vai ser diferente, quero que se sinta livre pra me dizer tudo o que quiser fazer quando acontecer com a gente.

— Gosto da sua intensidade, da sua agressividade. Ela faz eu me sentir desejado.

— Você é… é muito desejado por mim. — Sua postura já começou a mudar, estava como eu adorava vê-lo. Confiante.

— E o que você deseja fazer comigo, Danton Ferinha?

Um sorriso malicioso ganhou destaque em seu rosto, quando se aproximou da minha orelha para sussurrar.

— Eu quero sentir você dentro de mim, mas também vou querer foder você, bem forte.

Catapimbas!

Arrepiei dos pés à cabeça, em especial no meu baixo ventre. Ele se afastou para me encarar com seu olhar ferino atento à minha reação.

Apesar de ficar desconcertado, agradecia por Danton ser tão verbal e cirúrgico, porque se dependesse de mim… estaríamos embaraçados.

— Eu gosto disso, e quero experimentar muitas coisas novas com você, Ferinha. — Seus olhos até brilharam, enquanto ele prendia o lábio inferior entre os dentes e seus lábios se curvavam em um sorriso satisfeito.

— E com relação a você, o que te excita, meu céu?

— Tudo que tem a ver com você.

— Não enrole, quero uma resposta. — Danton alisou minhas pernas e repousou suas mãos nelas.

— Eu sou demissexual, então não me excito com corpos atraentes, é preciso mais... mais conexão emocional e intelectual. Como quando nos conhecemos no elevador e fiquei maravilhado com a sua inteligência matemática. Ou quando compartilhou um segredo comigo, e eu com você. Ali comecei a criar as primeiras conexões emocionais e você se tornou extremamente atraente pra mim.

— E você pra mim.

Uma corrente de ar frio passou por nós, ao tempo em que senti uma gota tímida de água cair em meu ombro. Danton percebeu também.

— Vai chover — presumiu.

— Já passou do meio dia e nem percebemos — comentei após ter olhado a hora em meu relógio de pulso. Apreensão tomou conta de mim, por estar perto de chover e Danton estar ao ar livre comigo. — Vamos entrar, tá? Só precisamos colocar o que sobrou no cesto e levar de volta.

— Tudo bem, está fraquinha — respondeu quando sentimos mais gotas caírem e eu me apressava para guardar tudo.

O céu não tinha dado sinal de que iria chover e a minha agonia crescia ao ver o silêncio de Danton.

— Me desculpa, não achei que fosse chover tão cedo. — Minha roupa estava começando a molhar e, com tudo guardado, fiz menção de levantar junto com o cesto, mas Danton me fez soltar a alça deste para segurar minha mão e levantar comigo.

— Não precisa se desculpar. — Parecia automático como ele ficava um pouco mais fechado, por mais que não estivesse com todo aquele temor como quando chovia com trovões.

Contudo, não chegamos a dar um passo e ele abraçou minha cintura e encostou a cabeça em meu peito. Por que justo ali? Por que não voltarmos para dentro de casa e nos abraçarmos lá? Por que na chuva, se ela lhe dava gatilho?

Apesar de não compreender o seu pedido mudo, prontamente abracei seu corpo tenso como se eu fosse seu escudo.

— Não precisa forçar, Danton. Seu trauma não vai sumir assim. — Os pingos já não eram delicados como os beijos que eu deixava em sua bochecha.

— Sei que não vai passar, eu só quero ter pelo menos uma lembrança boa na chuva. — Suas íris suplicantes pairaram sobre a minha boca. — Me beija, aqui, na chuva.

Seu cabelo já estava molhando como o meu, as gotas caiam sem parar em seu rosto e escorriam pelo corpo, fazendo sua camisa grudar em seu torso. Segurei seu rosto e o beijei da forma que ele queria, com carinho e intensidade.

Nossos lábios e línguas se chocavam com afeto e apego, mas também havia brasa naquele frio. Foi o beijo mais molhado que já dei na vida, assim como era o mais íntimo.

Íntimo porque eu conhecia a sua dor, ele quis dividi-la comigo, quis que eu o conhecesse

mais. Compartilhamos ali mais do que saliva e água da chuva, mais como um momento de rendição, de transferência de confiança. Danton me propôs a ficar em um lugar que tinha tudo para tirar a sua paz, mas foi palco de um momento inesquecível. Não apenas ele, eu também teria uma lembrança linda na chuva.

Minha boca parecia insuficiente para ele beijar, então deslizava lábios e língua por minha bochecha, queixo, totalmente ofegante, entregue. Puxou minha roupa molhada, enquanto eu tirava seus fios molhados da testa e me embebedava em sua tez, inspirava o cheiro da pele úmida e arrastava minha boca por onde podia.

— Doeu demais não poder fazer isso... — murmurou sem introduções, mas não consegui entender de imediato sobre o que ele falava.

— O quê? — Com a visão turva pela chuva que engrossava, perguntei.

— Eu tinha medo, mas te queria tanto. — Moveu a cabeça para os lados, agarrando forte minha camisa na região da cintura. — Era mais do que o meu medo de sair do meu comodismo. Você e ele se conheciam há mais tempo, numa relação de família, eu não queria destruir isso. Eu tentava ficar longe, mas não porque eu não te queria da mesma forma que você me queria, entende?

— Entendo. — Tentei fazer minha voz se sobressair ao barulho da chuva.

— Nem te afastar eu conseguia, porque ficar perto de você sempre foi tão bom.

Os olhos irritados sugeriam que talvez estivesse chorando. Apesar de o rosto todo estar molhado, sua voz soava embargada.

Por um tempo achei que eu sofria sozinho por querê-lo quando não podia. Achei que o medo de me entregar ao sentimento e a dor que me acometeu quando não consegui mais evitar era exclusivamente minha.

Ledo engano, porque quanto mais eu via a forma como Danton me tratava, mais eu percebia o quanto também era desejado por ele. Talvez se eu tivesse enxergado antes, tivesse insistido mais e acabado com o sofrimento que pensei ter sido unilateral.

— Quando eu provava o quão bom e diferente era ficar na sua companhia e depois tinha que voltar... — Seus olhos se fecharam com força. — Eu me sentia sufocado por não saber como te esquecer, não saber o que fazer.

— Mas estamos juntos agora. — Meus braços o apertaram mais forte. — Obrigado por me contar isso.

Foi um momento necessário para que eu — inseguro como era — sentisse confiança sobre a legitimidade da sua reciprocidade.

Ficamos colados um no outro por um tempo, e só nos separamos porque as correntes de vento que passavam estavam nos fazendo tremer.

— Vamos entrar, não podemos resfriar.

Peguei o cesto do chão e saímos dali. Após deixarmos nossos calçados ensopados na entrada e o cesto no chão, olhei para a lareira e segui em direção a ela, sentindo minhas roupas pesadas.

— Você tem lenha aqui dentro? — Danton perguntou quando me viu agachado em frente ao local.

— É eletrônica.

— Burguês.

Aos risos decidimos que ele iria tomar banho primeiro enquanto eu procurava algum filme para assistirmos mais tarde e ao tempo em eu ligava a lareira, ouvi meu celular tocando com novas notificações.

Peguei o aparelho de cima da mesinha de centro, mas quis nunca ter olhado quando percebi que eram mensagens do Jae. Eu poderia ignorar enquanto estivéssemos ali, mas a minha apreensão era tão grande que optei por visualizar.



Jae online

Juli, desculpa te atrapalhar, você deve estar muito

ocupado, mas só tenho você. Eu estou desesperado,

não consigo falar com o Danton, estou bloqueado no

celular dele. Por favor, me ajude. Você sabe onde ele tá?

O Matarazzo disse que ele foi fazer um trabalho externo. Estou desolado, Juli, não consegui ficar no trabalho, fazer nada. Se ele não voltar para mim, acho que sou capaz de morrer. Nunca amei uma pessoa assim e o Danton faz isso com o nosso

relacionamento.

Vc pode vir beber comigo? Estou me enchendo de whisky, mas tem cerveja pra você aqui. Juli, me diz que ele vai voltar, não aguento mais esse sofrimento!

Um nó se formou em minha garganta imediatamente, tentei engolir a saliva, mas desceu um bloco de concreto pesado e recheado de culpa. Jae estava mal, e eu estava sendo falso. O que eu deveria fazer? Contar tudo de uma vez? Guardar segredo para esperar que ele assimilasse o término não parecia estar adiantando.

Mas se eu contasse, estaria pronto para lidar com a sua decepção?

Até para desabafar ele contava apenas comigo, justo eu sendo a causa do seu tormento. Não consegui responder suas mensagens. Fiquei sentado, com o queixo apoiado nos joelhos enquanto me martirizei por um tempo que não percebi passar.

— Já passou do horário do almoço e ainda estou cheio. Você vai querer comer? — Ouvi a voz de Danton no fim do corredor. Quando me alcançou e me viu, sua expressão se fechou. — O que aconteceu?

— Não foi nada. — Bloqueei a tela do celular e forcei um sorriso para não preocupá-lo, mas eu devia saber que ele já me conhecia.

— Foi o seu pai? — neguei com a cabeça. — O Jae?

— Ele está mal… — Danton bufou, parecia cansado, apesar de preocupado.

— O que você quer que eu faça? Que eu volte pra ele ficar bem de novo?

— Claro que não, mas estamos mentindo. Eu só consigo pensar no quanto ele vai ficar decepcionado comigo. — Fechei os olhos por um momento.

— Não estamos mentindo pra ele, simplesmente ainda não contamos. Você não está pronto, eu não estou, então precisamos esperar nosso tempo, não fazer o que é melhor pra ele. — Agachou-se perto de mim após dobrar e fazer um laço no cordão do seu moletom vermelho.

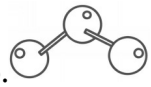
— Sim, você tem razão, eu te trouxe até aqui pra gente fugir de toda a loucura, não vou ficar trazendo ela até nós.

— Assim que se fala, meu céu. Toma um banho quente, depois volta pra gente fazer alguma coisa legal. Você gosta de comida japonesa? — Com um toque suave, retirou alguns fios grudados do meu rosto.

— Sim, podemos pedir, assistir um filme no telão e mais tarde podemos ir à sauna.

— Você tem uma sauna aqui? — Parecia surpreso, só então lembrei que não havia comentado ainda.

— Sim, ela é a vapor e tem essência de eucalipto. Você vai gostar, podemos ir antes de dormir pra relaxar os músculos.

— Certo.

O banho não foi tão demorado, tampouco a refeição. De sobremesa comemos chocolate enquanto o filme no telão prendia a total atenção de Danton.

Apesar de estarmos ao lado um do outro, não nos tocamos, mas eu queria muito. Nem prestei atenção na tela, usei meu tempo para, mais uma vez, admirar aquele homem. O rosto fino, os pigmentos esverdeados e avermelhados no âmbar das suas íris, os fios dourados. Exatamente tudo em Danton era perfeito.

Deixei minha insegurança de lado, ciente de que ele gostava de carinho e puxei sua perna para colocá-la sobre a minha. Não ia ficar sempre esperando por suas atitudes, tinha que fazer o que eu queria também, mostrar-lhe o tamanho do querer que eu sempre afirmei sentir, e realmente sentia.

Danton me olhou surpreso por um momento com a minha ação, mas não repeliu, apenas sorriu e acariciou minha mão sobre a sua coxa.

O filme já caminhava pela metade quando Danton me olhou, aparentando pensar algo. Retirou sua perna de cima da minha e a dobrou sobre o estofado, em minha direção. Assim como apoiou seu cotovelo nas costas do sofá e pôs a mão no queixo.

— Tem algo sobre o qual nós ainda não falamos, e precisamos conversar. — Fiz uma careta confusa, e sentei como ele para prestar mais atenção. — Sobre filhos. Não que seja um assunto crucial agora, mas é sempre bom saber as expectativas de quem está com a gente. Você quer ser pai, Julian?

— Eu nunca pensei sobre isso, acho que pelo fato de nunca ter tido alguém ao meu lado que me fizesse ter essa vontade. Mesmo agora, não consigo dizer se quero ou não. — Soltei o ar dos pulmões e dei de ombros. — Acho que ainda sou muito filho para pensar em ser pai.

— Mas algum dia você pode querer. — Sua feição era calma, mas eu via a expectativa pelas minhas respostas.

— Se esse dia chegar nós vamos conversar sobre isso. — Tentei achar uma solução que não fosse tão imediata.

— Não podemos deixar para conversar sobre isso só quando você souber o que quer, sendo que eu já sei o que quero e você já está ciente. — Sua tranquilidade estava aos poucos dando lugar a uma fagulha de aflição.

— Mas se eu estou suscetível a mudar de opinião, por que você não? — Ajeitei minha postura, um pouco incomodado com a mudança de clima entre nós.

— Você não tem uma opinião ainda. É diferente de mim, que já sei.

— Eu sei, só estou dizendo que nada é imutável, nem as nossas convicções. — Eu tentava argumentar, mas Danton não parecia aberto a aceitar.

— Presta bem atenção. — Uniu suas mãos como se orasse para explicar. — Eu não vou passar a querer adotar uma criança mesmo se você decidir que quer isso no futuro, Julian.

— Mas eu não estou te pedindo nada, caramba — bufei com uma frustração crescente no peito. — Nem estou querendo que você espere o meu tempo de resolver o que quero, só estou dizendo que não precisamos decidir agora.

— Não precisa ser agora, mas precisamos pelo menos trabalhar com a hipótese de no futuro você querer um filho e eu não.

Ele me deixaria por isso?

— Se o fato de eu não querer adotar for te deixar desapontado comigo, prefiro que aconteça agora enquanto ainda não está tão envolvido. — Ele por fim concluiu.

— Enquanto ainda não estou tão envolvido? — Dei uma risada seca e soprada, sem humor algum. — Eu estou envolvido até às entranhas da minha alma, Danton. Você já está em tudo que eu faço e penso, está na minha pele, em tudo que me cerca, no meu mundo.

Se não fossem planos dos dois, a gente daria um jeito, ainda que eu não tivesse resposta imediata para a solução. Mas Danton faria o mesmo? Eu não queria que ele pensasse que a única forma de resolver fosse extrema a ponto de não darmos certo.

Meus olhos arderam com lágrimas acumulando nos cantos dos olhos, até que a primeira escorreu. Então, olhei para baixo na tentativa de não me sentir tão exposto. Pouco tempo depois senti o toque instável das suas mãos, percorrendo dos meus braços até meu rosto. Ergui meu olhar até o seu, tão abalado quanto eu me sentia, e meu coração apertou.

— Desculpa, eu te fiz uma pergunta difícil assim logo no começo, ainda te pressionei a me dar uma resposta sem sequer te dar tempo pra pensar. Eu não quis dizer que a gente não vai dar certo se você quiser um filho.

— Mas foi o que pareceu... — Funguei e tentei tirar suas mãos que limpavam as lágrimas e coriza em meu rosto, mas o marrentinho não deixou.

— Eu sei, mas a verdade é que eu só perguntei isso porque eu mesmo tenho medo que você não me queira mais, lá na frente, por eu não querer um filho.

— Como você pode pensar isso? Eu me apaixonei por você já sabendo que você não quer filhos, Danton. Para com isso, por favor, a gente vai ficar junto independente de como for o futuro. — Bastou eu falar isso para ele me puxar para um abraço esmagador.

— Eu sei, meu céu, eu sei... — Ficamos daquela forma por alguns minutos, permitindo que o calor dos nossos corpos nos acalmasse.

Por fim entendemos que, sobre esse assunto, o que tínhamos de resolver não era sobre adotarmos uma criança ou não futuramente. E sim resolver a insegurança que cada um tinha, de ser deixado de lado por pensar diferente.

No entanto, eu tinha uma pergunta a fazer e essa era um tanto delicada, mas necessária para que eu tirasse uma dúvida e soubesse lidar melhor com ele.

— Danton... — Segurei em seus ombros para ter sua atenção. — Qual é o verdadeiro motivo de você não querer filhos? Você não tem paciência com crianças?

— Não… — Olhou para baixo, receoso.

— Pode me contar. — Ele abriu a boca e fechou. Ficou calado por um momento, até que decidiu falar.

— Cada pessoa que entra na nossa vida, é um alguém a mais que corremos o risco de perder — respondeu ainda sem me olhar. — Eu não quero isso... uma criança não... é demais. Não quero viver sentindo medo.

Mas é exatamente assim que você está vivendo.

Apesar da obviedade, nada respondi. Não cabia a mim julgar suas decisões e pensamentos a respeito da vida, quando não era eu que estava na sua pele todos os dias. É fácil dizer a alguém *"não fique triste"*, complicado é entender que o tempo do outro não é o nosso.

A extensão do seu trauma era maior do que eu pensava. Seu jeito forte e assertivo, por vezes escondia o quanto ele realmente sofria. Ainda assim, Danton teria seu próprio tempo de se livrar dos medos que ainda tinha. Eu iria respeitar isso e ficar ao seu lado durante esse processo.

— Está tudo bem, não vamos mais falar nisso agora. — Puxei-lhe para um novo abraço.

Aquele passeio estava de fato nos aproximando mais.

Após o filme acabar, demos uma volta pela grama, para que eu pudesse mostrar a Danton um pequeno jardim na parte de trás da casa. Quando a noite já caía e a temperatura baixava gradualmente, voltamos para dentro, a fim de nos preparar para relaxar um pouco na sauna.

A cabine era pequena e preparei tudo que precisaríamos, como a quantidade de água certa para o vapor, a temperatura ideal e toalhas, para não precisarmos de nada depois que a porta da

cabine ficasse fechada.

— Você gosta de sauna? — perguntei, entregando-lhe algumas toalhas brancas.

— Na verdade, nunca fui em uma. O que temos que fazer além de ficar só de toalha? — sorriu todo provocador.

— Precisamos tomar uma ducha ao entrar e ao sair, tirar qualquer creme do corpo, ou maquiagem, ficar descalços, respirar pela boca pra não ressecar as narinas, beber bastante água depois que sairmos e, a qualquer sinal de fadiga, sair imediatamente, e...

— E?

— E retirar qualquer objeto metálico do corpo... então você precisa retirar o piercing. — Corei instantaneamente apenas por falar do seu piercing. Danton percebeu, pela risadinha que deu.

— Como você sabe que eu tenho... ah, o dia do elevador, você viu — assenti sem nem saber o porquê de a pecinha metálica mexer tanto com a minha imaginação.

— Vou tomar uma ducha naquele box, perto dele tem outro, onde você pode ir. Quando sair, entre pela porta de acesso. Vou te esperar lá na cabine. — Apontei com o polegar para trás.

— Tudo bem, meu céu. — Recebi um selinho carinhoso e demorado, antes dele entrar em um box e eu seguir para o outro.

Pouco tempo depois que tomei a ducha, entrei na cabine que era feita toda de madeira clara, com cheiro de eucalipto. Danton também apareceu, com uma toalha presa no quadril, assim como eu. Fechou a porta de vidro atrás de si e sentou no banco largo, de frente para mim. Ele estava sem o piercing, e percebeu quando minha vista recaiu em seu peitoral.

Aquele homem era tão lindo que dava raiva às vezes, por não poder ficar tocando nele direto.

Poderíamos ficar no máximo vinte minutos, mas comecei a me perguntar se tinha sido uma boa ideia permanecermos naquele cubículo quente, quando a visão que eu tinha era a do seu torso nu, seu rosto com as bochechas vermelhas, assim como a boca volumosa e entreaberta puxando ar.

Em silêncio, olhou-me também de cima a baixo. E, quando sua atenção recaiu sobre o meu quadril, arrepiei inteiro ao tempo em que contraí uma perna contra outra.

— Está bem quente… — comentei, tentando descontrair e esquecer meu estado ansioso.

— É porque é uma sauna. — Danton escondeu um sorriso sonso nos cantos dos lábios. — Eu acho fofo que você ainda fique sem graça comigo, mesmo me conhecendo há quase dois meses.

— Cinquenta e dois dias, para ser específico. Desde o dia do elevador... — Fechei os olhos com força, sentindo-me um bobo por ter contado o tempo.

— E naquele dia também ficamos sem camisa, mas eu não tinha liberdade de te olhar assim. — Jogou o cabelo, que começava a suar, para trás. Um filete de suor escorreu em sua têmpora.

A visão quase me fez evaporar junto com a água do meu corpo.

— Mas olhou mesmo assim — provoquei um pouquinho para eu não ser o único sem graça, mas Danton não fazia mais questão de negar o que sentia.

— Sim, olhei. E não devia, mas te olhei com desejo. — No tempo em que falava, sua atenção recaiu sobre meu abdômen que contraiu como se ele estivesse me tocando.

— Assim como agora? — questionei.

— Como agora...

Sem que eu esperasse, ele levantou do próprio banco, segurando sua toalha, e sentou ao meu lado. Minha respiração que já estava pesada, parou de vez quando ele se inclinou e começou a beijar o meu ombro esquerdo.

Olhei para algum ponto à minha frente, em seguida fechei os olhos. Um arrepio percorreu minha coluna, como anúncio de que o meu corpo reconheceu imediatamente o seu.

Minha pele já umedecida de suor molhou ainda mais com o rastro de saliva que sua língua deixou, antes de os seus dentes me arranharem ali. Virei a cabeça de lado para observá-lo e quase tive um ataque cardíaco ao vê-lo de olhos fechados, beijando aquela parte do meu corpo com vontade.

Como Danton conseguia fazer um beijo no ombro ser tão erótico?

Repousou sua mão em meu abdômen nu e passeou com os dedos ali, fazendo-me contrair os músculos. Pus minha mão esquerda em sua perna coberta pela toalha, e a movi para a parte interna da coxa, sentindo que ela também estava suada.

Danton juntou as coxas, prendendo as pontas dos meus dedos. O ato me fez respirar fundo e cravar as unhas em sua carne por um momento. Subi a palma na direção da virilha, por baixo da toalha, fazendo esta começar a subir. No mesmo momento, senti uma mordida moderadamente forte em minha clavícula, seguida de um chupão.

As sensações que me invadiam, por causa dele, eram luxuriosas, cada mínimo toque seu acordava o meu corpo, deixando-me alerta, sedento por mais.

— O que você quer fazer? — Ouvi sua voz rouca e falha.

Nada respondi, foi minha vez de me inclinar sobre ele. Não consegui evitar o desejo de senti-lo também, dado isso, beijei o ponto de união entre seu pescoço e ombro, um tanto desesperado, correndo minha língua e dentes pela pele, onde senti o gosto salino dela.

Antes que eu pudesse pensar em avançar, o aviso sonoro da cabine soou, fazendo-nos olhar para o pequeno relógio e ver que já tinha se passado dezenove minutos. Como não era recomendável ficar mais tempo na cabine, ele levantou e estendeu a mão para mim.

Após um novo banho, tomamos uma sopa levinha e chá, sentados no chão e em frente à lareira que nos aquecia, com direito a cobertores, música ambiente e mais chocolate de sobremesa.

Era muito bom ficar com ele, mesmo apenas jogando conversa fora.

Logo após, fomos para o quarto arrumar nossas bolsas, para que no dia seguinte não perdêssemos tempo quando fôssemos voltar para Gramma.

Continuamos a conversar sobre assuntos aleatórios até a hora de dormir. Enquanto ele

escovava os dentes, peguei meu celular e, mais uma vez, reli as mensagens que Jae mandou. Tive pouco tempo para analisá-las, visto que logo Danton se juntou a mim embaixo da coberta cinza.

— Está cansado? — indagou, deitado de frente para mim, com a cabeça apoiada sobre as mãos juntas.

— Bastante, foi um dia cheio. E você?

— Exausto, mas a sauna me relaxou bastante. — Fez um carinho despropositado na minha mão sobre o colchão. — Sua carinha está tão pra baixo, quer me dizer o motivo?

— Ainda precisamos falar sobre alguém.

— Jae? — Sua expressão se fechou automaticamente.

— Se você quiser, não falamos mais nele depois de hoje, mas eu não quero desabafar sobre como me sinto nessa situação com outra pessoa que não seja você.

— Como você se sente?

— Tenho medo de dar alguma coisa errada, de eu ainda pagar caro por ter causado a infelicidade justo do meu tio de criação. — Inevitavelmente, as mensagens não respondidas de Jae ficaram rondando minha cabeça.

— Não fale isso, por favor, nem brincando. Eu não suportaria se alguém te fizesse mal, você não merece. — Danton parecia ainda pensativo.

— Obrigado, mas a sensação que tenho é que não mereço toda essa felicidade, porque eu a conquistei em detrimento da infelicidade de outra pessoa, me sinto um traidor. — Meus olhos começarem a arder, com lágrimas por cair. — Jae ter te dito que você poderia ficar com outras pessoas e tirar suas dúvidas só mostra o desespero dele.

— Julian, antes mesmo daquele dia da boate, Jae já tinha me falado isso. Me propôs quando me viu ficar estranho depois do dia que você foi no apartamento dele pra acertarmos os últimos detalhes do seu projeto.

— Onde eu disse que você não o amava?

— Sim, então se eu quisesse ter te beijado quando nos vimos na sala do Vincent, ou na noite da boate e nos dias que se seguiram, eu estaria tecnicamente "liberado", segundo ele, mas não me senti bem pra isso, também pesava na minha consciência. — Apertou minha mão na sua e respirou fundo antes de continuar. — Se formos falar de traição, nós dois traímos a partir do momento em que desejamos um ao outro. Mas ninguém controla os pensamentos e o coração... Olha que eu tentei, mas nossos atos podemos controlar, e não tivemos um caso enquanto eu estava com ele, então não fique se martirizando.

— Mas se eu não tivesse aparecido, você não tinha terminado. — Apesar de concordar com suas palavras, eu não conseguia relaxar totalmente.

— Provavelmente... mas eu estaria vivendo na monotonia, acomodado, conformado a viver sem nunca sentir o que eu senti nesse dia, o que eu sinto com você. Só com você. — Ouvir sua declaração foi o suficiente para o meu coração se tranquilizar. Era para ser assim, no fim de tudo.

— Talvez fosse inevitável a gente se encontrar, não é? Eu também nunca vivi nada como

o que estou vivendo com você.

Tinha quase meio metro de distância entre nós. Eu achava muita distância, queria sentir o calor do seu corpo até pegar no sono. Portanto, passei meu braço direito por cima da sua cintura e lhe puxei. Danton se arrastou na cama até seu corpo colar no meu e esconder sua cabeça na curva do meu pescoço.

— Pronto, assunto encerrado — disse-me.

Enquanto eu prendia seu corpo em um abraço, sua mão brincava com os botões abertos do meu pijama e eu sentia sua respiração ricocheteando em minha clavícula.

— Gosto tanto do seu cheiro — murmurou deslizando o nariz pela minha pele.

— E eu do seu. — Deixei um beijinho em seu cabelo.

— É porque estou usando seus produtos — riu nasalado, despejando uma lufada de ar quente em mim.

— Não, estou falando do seu verdadeiro cheiro. Você poderia usar o perfume mais forte que existe e eu ainda te reconheceria — afirmei, deixando mais um beijo, dessa vez em sua testa.

Danton se afastou para me olhar daquele jeito mortífero, que tinha o poder de me carregar para onde ele quisesse. Passeou com as íris por todo o meu rosto e, enquanto eu o observava, senti sua perna se encaixando entre as minhas coxas.

Ele nada dizia com palavras, apenas me encarava, todavia, a forma como ondulou seu quadril fazendo sua pelve encostar na minha, deixou claro que não era em dormir que ele estava pensando.

Eu não era de ferro, ao sentir a pressão do seu corpo no meu, puxei-lhe mais contra mim, observando sua língua fazendo aparição entre os lábios.

— Danton...

— Sua pele também é tão gostosa. — Mordeu na curva do pescoço com vontade. Ele realmente gostava de morder, fazia jus ao apelido de Ferinha.

Começou a esfregar seu corpo no meu sem pudor algum, enquanto eu levei minhas mãos à sua bunda e a apertei sabendo que o faria delirar. Não deu outra, Danton arfou, deixando um rastro de saliva em mim.

— Gosto quando você faz desse jeito — sussurrou com um sorriso satisfeito.

— Danton, se você continuar assim... — Ofeguei sem conseguir terminar, no instante em que ele dobrou sua perna entre as minhas para pressionar diretamente em meu sexo.

— Diz...

— Eu estou excitado demais agora. — Minha voz se perdeu em um queixume, logo comecei a beijar seu rosto todo, umedecendo por onde eu passava.

— Adoro a sensação da sua boca na minha pele... Mais embaixo. — Estava me dizendo tudo que gostava e como gostava, e eu o atendia com devoção.

Fiz um percurso com minha boca até a sua clavícula e abri os primeiros três botões do seu pijama, olhei para a pele imaculada como estava antes que eu deixasse minhas marcas. Beijei

a parte superior do seu peito, de um lado ao outro, acima dos mamilos que eu não conseguia ver por ainda estarem cobertos.

Chupei a tez macia e a mordi como ele gostava. Ele arfava, enquanto ainda forçava o atrito em nossas ereções e puxava meus cabelos com força, fazendo o couro cabeludo arder um pouco. O que, com aquela adrenalina toda, era gostoso demais.

Roçamos nossos corpos por um tempo que não contabilizei. Eu me deliciava com sua língua aquecendo a minha, com os lábios que ora eu chupava, ora mordia, e com o sabor ácido de tesão que se manifestava até em nossas salivas.

Na mesma medida em que aquele contato era gostoso, também estava sendo torturante. Meu corpo tremia pelo tesão acumulado.

— Você quer mais? — Danton me olhou atento e eu assenti no mesmo instante.

Dado isso, arrastou a coberta para que ela ficasse na altura de nossas pernas, pegou a barra da calça do meu pijama e me olhou num pedido de confirmação. Assenti freneticamente e esperei sua ação seguinte, completamente ansioso.

Vi seu olhar guloso no momento em que afastou a barra da minha calça, mas senti que poderia entrar em combustão quando senti sua palma quente se fechando em torno de mim.

— Você é todo gostoso...

Eu finalmente estava sentindo Danton Sartori me tocando, estimulando e causando pequenos espasmos em meu corpo, apenas com o contato da palma.

— É gostoso assim? — sussurrou a pergunta, no momento em que me arrancou um gemido tão sôfrego, quanto deleitoso.

— É... — Minha resposta foi um suspiro incontido. Ele não perdia uma expressão que eu fazia.

Danton retirou a mão por um momento, levou os dois dedos melados até a boca e lambeu, fechando os olhos como se fosse a melhor coisa que já tinha experimentado.

Fiquei detido naquela imagem e abri a boca fascinado, no tempo em que ele colocou um terceiro dedo em sua boca. Em seguida retirou e voltou a me estimular com mais facilidade pela umidade. Eu queria tanto senti-lo também e não hesitei em externar meu desejo.

— Eu quero tocar você também. — Movi minhas mãos em busca do cós de sua calça, mas o vi tensionando um pouco, talvez estivesse pensativo sobre o meu pedido, imaginei que fosse por causa da cicatriz. — Deixa eu te sentir melhor, pele com pele... se você quiser a gente deixa o cobertor assim. — Puxei a coberta para que nos cobrisse até a cintura novamente.

Não que ele fosse sempre se esconder de mim, mas eu queria que Danton fizesse apenas quando estivesse confortável, sem se privar de sentir prazer comigo por essa razão.

Ele não deu resposta verbal, porém segurou minha mão que o procurava, e a direcionou ao próprio volume sensível. Senti minha mão tremer e eu nem tinha tocado nele sem a calça ainda.

— Também vou te aliviar — garanti entre suspiros, beijando seu rosto mesmo desorientado por ainda sentir os movimentos de sua mão em mim.

Tateei sua calça e a boxer, e as puxei para baixo, podendo sentir pela primeira vez a sua textura e calor.

Éramos os dois entre suspiros e ofegos, os olhos quase se fechando por completo.

Sempre quis saber como eram suas expressões de prazer e ao ver, constatei que não poderiam ser mais lindas. Eu adorava os sons que ele deixava escapar quando eu o estimulava com precisão.

Ansiando por mais, rotacionei nossos corpos até ficar por cima dele. Meu primeiro movimento de quadril pareceu pegá-lo de surpresa de tão alto que soou o seu gemido.

Fechei os olhos e trinquei os dentes com força, concentrando-me naquela sensação esmagadora de prazer. Seus arfares em meu ouvido, suas unhas arranhando a carne em minha cintura, estavam me levando ao limite.

Quando minha palma passou pela lateral do seu corpo, senti o relevo da sua cicatriz no quadril. Abri os olhos a fim de perceber qualquer incômodo de sua parte e ele sorriu fraquinho, percebendo minha preocupação.

— Pode tocar, meu céu… *você pode*. — Foi sua vez de fechar os olhos e suspirar quando, com carinho, acariciei a pele cicatrizada com as pontas dos dedos.

Enquanto Danton usou as mãos para nos estimular ao mesmo tempo, tomei sua boca na minha, cheio de sentimentos para derramar nela, junto com nossos gemidos abafados pelo ósculo. Chupei sua língua, esbarrei os dentes sem querer, de tão desorientado, e ele sequer reclamava.

Ficamos nos sentindo por incontáveis minutos, até eu sentir meu corpo tensionado querendo se liberar. Percebendo meu estado, Danton aumentou a velocidade de suas mãos. Tentei retribuir o seu beijo, mas eu nem conseguia me comandar. Danton então chupava meus lábios, recebendo meus queixumes, olhando-me nos olhos sempre que eu conseguia deixá-los abertos. E eu não aguentei mais.

— Dan... — chamei-lhe, já entorpecido.

Tombei a cabeça fraca em seu ombro, onde também mordi forte, tentando conter um grunhido no momento em que explodi de prazer em suas mãos, entre nossas barrigas. A sensação foi tão violenta, que pude sentir a força sendo drenada do meu corpo.

Danton parou seus movimentos por um momento. Enquanto meus músculos relaxavam, ele distribuía beijos em meu cabelo.

— Que delícia te ver se derramando pra mim, meu céu.

Não esqueci da sua necessidade, mesmo me recuperando do orgasmo incrível, substituí sua mão pela minha e comecei a busca de trazê-lo ao mesmo estado de torpor que eu atingi. Era tão lindo ver o seu rosto de bochechas vermelhas, com os lábios carnudos abertos para ofegar e se lamuriar baixinho, quando não aguentava as próprias sensações. Saber que eu estava lhe proporcionando tamanho prazer era gratificante.

Logo percebi os tremores do seu corpo e sua respiração ficar mais acelerada. Com a mão livre, conduzi sua cabeça para encostar a testa na minha. Veio então o momento em que Danton prendeu a própria respiração e não conteve um gemido mais rouco e agudo, no instante em que

finalmente atingiu seu orgasmo, derramando-se também em nossas barrigas.

— Lindo — elogiei quando ele amoleceu em meus braços e recebeu os beijos que distribuí em seu rosto suado.

Fiquei assimilando o que tínhamos acabado de fazer, sem acreditar que era Danton ali comigo. Era mais uma das coisas que vivi consigo que ia para a lista de eventos inimagináveis em minha vida.

O que eu fiz de bom para merecê-lo?

Retirei minha mão que estava suja debaixo da coberta, levei até a boca e deslizei meu indicador pelo meu lábio inferior, espalhando o resultado do seu prazer, do nosso prazer ali. Seus olhos quase me incineraram atentos à cena. Bastou apenas segundos nos encarando com impetuosidade, para que veemente iniciássemos um novo ósculo, compartilhando nossos sabores.

Nossa intimidade eu encontrei ali, nos corpos que teimavam em ficarem grudados, nos gestos que demonstravam o quanto nossos carinhos eram diferentes de tudo, nos olhares que denunciavam o quanto a nossa união era importante. Na entrega, na sinceridade, cumplicidade, no desejo e no anseio de pertencermos de forma mais profunda.

Após trocarmos alguns carinhos em silêncio, fomos ao banheiro nos limpar para, somente então, deitarmos de vez.

— Ainda não acredito que te senti assim... foi incrível — revelei, fazendo uma carícia em sua barriga.

— Pra mim também, você fez eu me sentir muito à vontade. Acho que tudo que eu fizer com você vai atingir proporções exosféricas.

— Danton, eu quero repetir em outros momentos o que fizemos agora de noite… e ir além. Eu te desejo muito e, depois de ter provado como é bom te sentir assim, eu não vou conseguir parar de pensar no tanto de coisas que a gente ainda pode experimentar. — Não tive vergonha de lhe falar, era o meu real anseio e eu não iria esconder. — Mas se você achar melhor, podemos ir devagar.

Ele roçou sua bochecha na minha, beijou e se aproximou do meu ouvido, antes de morder o lóbulo e sussurrar:

— A gente pode ir devagar... bem devagarinho se você quiser...

Catapimbas!

Arregalei os olhos, sentindo minhas bochechas pegando fogo, enquanto o ouvia gargalhar.

— Podemos fazer isso no seu apartamento, depois da festa que o Vincent vai dar — concordei enquanto acariciou meus cabelos, com as pontas dos dedos, sempre me olhando daquela forma intensa.

— Eu sou muito apaixonado por você — confessei, ainda que não fosse a primeira vez. — Aliás, nem sei se essa palavra é suficiente pra dizer tudo que eu sinto.

— Tudo bem, não precisa dizer nada agora. Temos todo o tempo do mundo. —

Entrelaçou sua mão na minha, em cima da cama. — O que eu sinto com você e por você, nunca senti na vida inteira, não me imagino mais vivendo sem isso. Eu te... — Após um suspiro e uma pausa, voltou a falar: — Eu te quero muito bem.

— Eu também. O que a gente tem é tão único... — Ele assentiu e me deu um selinho carinhoso. — Tão único que às vezes sinto como se estivesse em um filme de romance, onde tudo é perfeito, mas no final algo *trágico* separa o casal.

— Não vai acontecer, eu não vou deixar. — Danton me apertou mais em seus braços, como se pudesse mesmo me assegurar. Eu retribuí como se realmente eu estivesse protegido pelo seu corpo menor que o meu.

— Também não vou deixar, mas às vezes... sei lá, tenho um mau pressentimento.

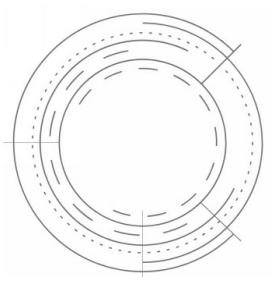
— Escuta, nada vai nos separar contra a nossa vontade. *Eu prometo*. — Constantemente acariciando meu rosto, ele me olhava com carinho e seriedade.

Danton sabia que sua promessa não dava garantias, eu também. Ainda assim, escolheu me confortar e eu escolhi acreditar. Porque descobri que, independente de todo e qualquer obstáculo que surgisse, teríamos força para ultrapassar juntos.

Descobri que o sentimento que eu tinha por aquele homem ia além das circunstâncias.

Descobri que estava *amando* Danton Sartori

CAPÍTULO 04



88

Vivenciar um dia tão estupendo, ao ponto de chegar no dia posterior e se perguntar se realmente tinha sido verdade, é a prova de que a vida não foi feita apenas para tomarmos no orifício anal.

Isso mesmo, chega de só tomar no cu.

Uma quinta-feira qualquer, em que nem mesmo data comemorativa era, conseguiu se tornar um dia inesquecível para mim. E eu esperava que Danton estivesse se sentindo assim também quando, no dia seguinte, voltamos no meu carro e eu parei em um ponto escondido do estacionamento dos fundos da High Security, a fim de não chamar atenção.

— Não quero me despedir, não quero encarar uma sexta-feira inteira de trabalho — resmunguei enquanto suas mãos me conduziam para encostar em uma parede.

— Se dependesse da minha vontade, eu ficaria todos os dias da semana só com você. — Após cruzar as mãos atrás do corpo, Danton se manteve perto demais, mas não me tocava.

— Então fica — sugeri com um sorriso atrevido. — Quero conhecer mais ainda você, seus fetiches e as coisas que você gosta de fazer.

— Tá, então vamos fazer um joguinho rápido. Se você acertar as minhas perguntas, eu te levo hoje a um lugar bem legal. — Sua língua fez uma breve aparição entre os lábios, antes de ele prender apenas o inferior entre os dentes.

— Você adora um joguinho, não é, Ferinha? Acontece que não temos tanto tempo antes de iniciar nosso turno.

— É só uma brincadeirinha boba de casal, um teste pra gente saber quem é quem nessa relação. Se você se sair bem, ganha um prêmio. — Pela risada que ele segurava, eu sabia que era algo para me provocar.

— Está certo. — Cruzei os braços e dobrei a perna para apoiar o pé na parede atrás de mim.

— Vou começar com uma bem fácil. Quem de nós é o mais chorão?

— Você é cruel, Danton Sartori — suspirei e admiti. — Tudo bem, sou eu.

— Resposta certa, meu céu, você está tão perto do prêmio. — Fechou os olhos, deleitando-se às minhas custas. — Quem de nós é o mais manhoso?

— Eu de novo… — murmurei derrotado, mas bem humorado sobre isso.

— Quem é o mais emocionado e tem mais dificuldade de esconder as próprias reações?

— Haha, também sou eu, que surpresa. — Revirei os olhos sob a risada dele. — Posso apostar que a próxima resposta vai ser "Julian" também. Por que a gente não muda um pouco as perguntas? Quem é mais temperamental? Quem gosta mais de provocar? Quem vem para a empresa com o cabelo mais arrumadinho?

Danton caiu na gargalhada e se inclinou para deixar um beijo furtivo em minha bochecha, ainda com as mãos atrás do corpo.

— Se você quer mudar um pouco as perguntas, eu mudo. — Ele curvou o canto da boca, todo sonso, quando se inclinou mais uma vez até sua boca encostar em minha orelha. — Quem é que está ansioso pra estimular cada pedacinho do seu corpo, até te fazer implorar por mais?

Um arrepio percorreu minha coluna quando a pontinha da sua língua percorreu toda a extensão da minha orelha, mas foi quando senti sua mão apalpando a minha bunda que ofeguei surpreso.

— Quem é que está louco pra deixar as suas pernas tremendo no início e bambas no final?

— Início e final do quê, Ferinha? — Nem sei como encontrei a voz para perguntar depois que Danton se afastou.

— Dos planos que eu tenho pra você, com os presentinhos que vou te dar por ter sido um bom menino e acertado as perguntas que eu fiz.

— Que presentinhos? — perguntei, afetado e cheio de expectativa.

— No horário do almoço, me encontre no shopping ao lado da empresa e eu te mostro.

Dito isso, Danton fez um carinho em meu queixo e me lançou uma piscadela, antes de dar as costas e abrir passadas graciosas em direção à entrada do prédio.



Nota mental:

Ser um bom menino mais vezes.

Quando finalmente fui para a minha sala, recebi uma notificação de mensagem no celular, mas não o peguei mais até ter terminado todo o trabalho acumulado que eu tinha. O que me rendeu uma forte dor de cabeça, por ainda estar cansado da viagem e não ter Jae na empresa para me ajudar com algumas coisas. Provavelmente estava de ressaca em casa. Eu não sabia

exatamente, já que não respondi suas mensagens do dia anterior.

Ouvi batidas na porta e, imaginando ser Monalisa, destranquei com o botão da minha mesa. Não me enganei, a secretária entrou toda desengonçada com inúmeras pilhas de papéis em seus braços finos.

— Lisa, o que é tudo isso? — perguntei após levantar para ajudá-la a colocar os papéis em minha mesa.

— Desculpa, chefinho, mas a Eunwa pediu que eu entregasse pra você assinar com urgência, ainda antes do almoço.

— E quando ela te entregou tudo isso?

— Agora de manhã.

— Ela está louca? Com que tempo eu vou ler e assinar tudo isso, se ela te entregou agora? — Eu nem olhava para Lisa, apenas passava as folhas dos documentos, já sentindo minha cabeça doer por ter um problema logo cedo.

— A Eunwa disse que o seu pai já tinha conferido e assinou a parte dele, mas precisa da sua — explicou, com as mãos juntas na frente do corpo.

— Sei bem o que foi que ele conferiu... Ela sabe que eu estava ausente ontem?

— Sabe, por isso me entregou hoje.

— Claro, sabia que eu estaria com o trabalho todo acumulado, cansado... a mesma coisa que fez com meu pai, quando ele viajou — comentei baixo para mim mesmo.

— O que disse?

— Eu disse que não vou assinar nada. Avise a ela que vou ler tudo com calma, e quando eu puder, eu assino. — Bati a mão nos papéis, mas Lisa abriu a boca apavorada.

— Mas… mas ela disse que era urgente! E se der algum problema se você não assinar?

— Vai dar problema é se eu assinar. Leve esses documentos pra sua sala, tenho muitos papéis aqui e posso confundir, ou perder. Mande digitalizar cada um e não entregue a ela de volta, eu vou ler todos, mas não agora. Estou sem tempo.

— Mas…

— "Mas", catapimbas nenhuma, Monalisa Tebet. Eu sou seu chefe, não ela! — Percebi que tinha alterado a voz quando a vi se encolher e olhar para baixo. — Me desculpe, Lisa, não quis gritar.

— Não tem problema, eu sei que você está muito atarefado. — Ela apertou uma mão na outra, parecendo desconfortável.

— Estou mesmo, muito sobrecarregado de trabalho e problemas, mas isso não é justificativa pra eu gritar, sinto muito. — Um sorriso se abriu em seu rosto, junto de uma concordância de cabeça. — Mas eu não vou assinar isso tudo agora, por favor, digitalize e guarde eles pra mim. Se ficarem aqui, vão se perder nessa bagunça e eu posso até assinar por engano, movido pelo cansaço.

— É pra já, chefinho. — Arrumou a pilha nos braços novamente e, quando ia se virando

para sair, chamei sua atenção.

— E eu não estou pra ninguém hoje, ok?

— Nem para o senhor Sartori? — Ela tentou esconder um sorriso, e eu me esforcei para permanecer sério.

— Se for ele, diga que eu estou. Pode ser algo importante.

— Claro... — Sua risadinha divertida me fez denunciar a minha.

— Vai logo, Monalisa...

Quando ela se retirou, me permiti rir um pouco. Será que eu fazia alguma cara de bobo perto do Danton? Por que todo mundo parecia perceber que existia algo de diferente entre nós?

Sentei de volta à mesa e, quando achei que teria um pouco de descanso, meu celular tocou. Era um número desconhecido, porém, não era privado. Mesmo apreensivo resolvi atender.

— Alô?

— Oi, é o Julian Osborn Roux?

— Depende de quem o procura. Com quem eu falo?

— Lee Minsuk. — Fez uma breve pausa. Eu lembrava daquele nome, era o funcionário do Felis Catus. *— Preciso falar com você. É sobre o Yuri.*

— Claro, Lee Minsuk, legal falar com você. — Afastei o celular da orelha, prestes a encerrar a chamada, até que ouvi o seu grito.

— Não, não! Não desligue, por favor! Só dez minutos! Eu te peço dez minutos ao lado da High Security, no *Amor Cafeinado*.

Era uma cafeteria ao lado da empresa. Eu tinha terminado o trabalho acumulado e logo teria que encontrar com o Danton no shopping perto de lá. Poderia dar dez minutos ao Minsuk. Além de que, também estava curioso para ver o que ele falaria.

— Ok, em vinte minutos estarei lá, mas você tem apenas dez minutos — enfatizei.

— Sem problemas, é o suficiente. Obrigado.

— Até daqui a pouco.

Antes de qualquer outra ação, tomei um analgésico para a dor de cabeça. Arrumei a bagunça em minha mesa, antes de retirar o blazer e a gravata, ficando apenas com minha camisa social azul índigo.

Assim que cheguei ao estabelecimento, avistei Lee Minsuk sentado, enquanto ajeitava as mangas da blusa branca de gola e batia o sapato caro no chão. Ele só me percebeu quando eu estava na sua frente.

— Olá, Lee. — Apertei sua mão assim que ele se levantou.

— Oi, Julian. Quer que eu peça algo para você? — Gesticulou para a cadeira vazia à frente da sua e eu neguei sua oferta antes de me sentar.

— Não, obrigado. Vou encontrar uma pessoa daqui a pouco, se você puder ir logo ao

ponto...

— Claro. Na verdade, não planejei bem o que dizer, porque não sei o motivo de você e o Yuri estarem sem se falar, mas sei que ele está arrasado — revelou antes de beber o líquido vermelho de um copo sobre a mesa. — Eu não tenho o direito de te pedir nada, mas posso sugerir que vocês pelo menos conversem?

— Foi o Felis... O Yuri que te mandou vir até aqui? Você está trabalhando de pombo correio dele? — questionei com desdém.

— Eu trabalho para o Yuri sim, mas vai além disso, me importo com ele, sei que está mal com essa briga de vocês.

— Minsuk, não me leve a mal, mas como você mesmo disse, não sabe o motivo. Se o Yuri está mal, *eu*, que fui enganado, estou pior, e nem mesmo vi o interesse dele em vir atrás de mim pra se explicar. É você quem está aqui, não ele. — Cruzei os braços sobre o peito. — Não posso fazer nada.

— Que espécie de melhor amigo é você? Deixou de falar com ele tão fácil, no lugar de tentar resolver.

— E o que você sabe sobre a nossa amizade? Aliás, o que você sabe sobre mim e sobre os meus motivos? Nada. — Inevitavelmente alterei um pouco a voz, mas não o suficiente para que as pessoas nas mesas próximas a nós, ouvissem. — Não acredito que perdi meu tempo pra vir ouvir isso.

— Tem razão, desculpe. Eu não conheço os seus motivos, mas estou convivendo com o Yuri há quase dois meses e percebo que só você está com raiva, ele continua falando de você com carinho e se entristece pela sua ausência. — Passou seu indicador pela sobrancelha grossa e piscou lentamente. — Eu me importo muito com o Yuri, e é por saber que ele está sofrendo que vim aqui, mesmo sem ele saber.

Eu não queria, mas ao ouvir falar que o meu melhor amigo sentia a minha falta e estava sofrendo, meu coração apertou e amoleceu só um pouquinho.

Minsuk pareceu perceber minha expressão irredutível vacilar, visto que não perdeu tempo ao continuar me bombardeando de palavras para me convencer.

— Eu não vejo ele falar de ninguém como fala de você. Por várias vezes me disse: "o Playboy é um irmão pra mim". Não "era", mas "é". Independente do que aconteceu, ele quer resolver, sinto isso, apenas parece estar com... vergonha.

— Se está envergonhado, deve ter motivos fortes pra isso.

— Julian, por favor, dê uma chance a ele. — Olhava-me pedinte e, enquanto eu ouvia, meu celular tocou.

Como imaginei, era Danton.

— Eu preciso atender, me dê só um minuto. — Levantei quando ele assentiu, e saí de perto da mesa.

Caminhei um pouco para me distanciar, mas ainda podia ter a vista de onde o garoto estava. Atendi a chamada do marrentinho e o deixei falar primeiro.

— *Oi, meu céu, tudo bem?* — Ao ouvir sua voz, instantaneamente meus músculos começaram a distensionar.

— Sim, posso te ver agora? Preciso de você. — Tentei não soar carente, mas foi em vão, dado a resposta que eu ouvi.

— *Claro, manhosinho. Vou te entregar o seu prêmio, lembra? São alguns brinquedinhos pra gente se divertir depois da festa do Nando.* — Diminuiu o volume da voz para completar. — *Quando formos para o seu apartamento*.

Catapimbas!

— Em qual local do shopping eu te encontro? — O sonso gargalhou da minha resposta rápida.

— *Estou na praça de alimentação*.

— Tudo bem, estou com uma pessoa aqui no café ao lado, mas já estou indo.

— *Ah… ok, até já...* — Danton parecia ter sido tomado por uma surpresa negativa, mas depois eu explicaria isso.

— Até, Ferinha. — Encerrei a chamada rindo de como ele conseguia esconder bem diversos sentimentos, mas não o ciúmes.

Caminhei de volta para a mesa, já pensando novamente na conversa que tive com Minsuk anteriormente. Ele olhava algo no próprio celular, mas dessa vez tinha colocado seus óculos escuros.

— Desculpe pela demora, era importante — expliquei ainda de pé.

— Sem problema, já tinha passado meus dez minutos mesmo — sorriu tentando descontrair.

— Preciso ir agora, Minsuk. — Puxei as mangas da minha camisa azul até os cotovelos, apenas para ocupar as mãos.

— Tudo bem, mas... você pode pelo menos pensar sobre o que falamos? — Uma linha se formou entre suas sobrancelhas grossas ao tempo em que se levantava.

Podia parecer drama da minha parte, para quem estava de fora, mas meu amor por Yuri era tão grande que fez a decepção e a mágoa serem grandes também. Todavia, talvez eu estivesse deixando minha dor falar mais alto do que meu raciocínio. Assim sendo, decidi ceder apenas um pouco.

— Vou pensar.

Após me despedir de Lee Minsuk, fui até a praça de alimentação, onde Danton disse que estaria e o avistei sentado, mexendo nos fios loiros perfeitamente alinhados para trás, enquanto olhava o cardápio de um dos restaurantes.

— Oi, Ferinha. — Minha vontade era lhe dar um beijo bem gostoso, mas estávamos em público e deveríamos disfarçar o máximo possível.

— Oi, Julian — sorriu minimamente, sem dizer "meu céu". Tinha algo estranho. Sentei para sondar se era mesmo o que eu achava.

— Me esperou muito?

— Não.

Decidi o que queria comer no cardápio eletrônico sobre a mesa e pedimos a comida em silêncio. Quando o garçom saiu, perguntei ao Danton:

— O que você tem?

— Nada, eu atrapalhei o seu encontro? — Eu estava me esforçando para não rir, tanto quanto ele se esforçava para parecer casual.

— Não era um encontro, Ferinha.

— Se você se encontrou com alguém em algum lugar, foi sim um encontro. Usei o sentido normal da palavra, por que você sentiu necessidade de se explicar?

— Porque você é um ciumento, que fala de mim, mas não sabe disfarçar esse bico lindo que faz quando está emburrado — sorri e recebi um olhar incrédulo seu.

— Eu não sou ciumento e você não é a pessoa mais indicada para falar sobre disfarçar. — Semicerrou os olhos para mim.

— Nem faço questão. Relaxe, Ferinha, eu estava com o Minsuk — citei para atraí-lo à minha armadilha de curiosos.

— Que Minsuk?

Fizemos uma breve pausa quando nossa comida foi servida, mas após o garçom se distanciar, prossegui com a conversa.

— Funcionário do Yuri. — Segurei a risada pela forma automática como sua face transitou de emburrada para surpresa. — Veio interceder pelo chefe, para que eu fosse falar com ele.

— A relação deles é apenas profissional mesmo? — Danton mexia em sua comida, misturando o frango com a salada. — Por que ele se importa tanto assim com a vida pessoal do chefe?

— Não sei, conheci ele quando o Felis Catus fez uma entrevista profissional. — Levei uma porção de comida à boca, enquanto ele ria do apelido.

— E você vai falar com o seu amigo?

— Talvez.

Terminamos nossa refeição e, após conversarmos bastante, deixamos a praça de alimentação e começamos a andar pelo shopping, infelizmente sem muito contato físico. Quando passamos em frente a uma lojinha com prateleiras vermelhas e portas de vidro, Danton sorriu animado.

— Tem uma Sex Shop bem ali, vamos. — Pegou minha mão e me puxou.

— O quê?

— Você tem vergonha de comprar produtos eróticos? — riu como se estivesse diante de uma adolescente que acabou de menstruar e estava com vergonha de contar para a mãe.

— Não — respondi sentindo meu rosto esquentar. — É que eu nunca fiz isso antes...

— Que fofo, então a sua primeira vez vai ser comigo? O primeiro dildo a gente nunca esquece. — Pôs a mão no coração, todo sonso.

— Pare de tentar me envergonhar. — Massageei minhas têmporas, quando entramos no estabelecimento.

— Não estou tentando. Relaxa, pelo menos ninguém conhecido trabalha aqui, menos mal pra você.

Acontece, Danton Ferinha, que eu sempre fui um filho da mãe azarado.

— Olá, em que posso ajudá-los? — Uma mulher bonita, de cabelo preto e batom rosa nos atendeu quando nos aproximamos do balcão de atendimento.

Eu já tinha visto ela, era a Jesse, nova funcionária do setor de monitoramento, que o Theo teve ciúmes quando ela chamou o Rô para almoçarem juntos. Mas se ela não se lembrasse de mim, estaria tudo sob controle.

— Oh, vocês são da High Security, não são? — Apontou para nós e Danton acenou com a cabeça sem nenhum constrangimento, enquanto eu estava procurando um buraco. — Ah, já vi vocês andando juntos pelos corredores, sempre achei que fossem namorados mesmo. Combinam bastante.

Danton olhou para mim, mas eu nem sabia o que dizer.

— Jesse, você pode manter segredo sobre ter nos visto aqui? — Danton pediu.

— Por quê? Ah, já entendi. Vocês estão vivendo o típico romance proibido? — Ela pôs as mãos no próprio rosto e uniu as sobrancelhas.

— Então... — Franzi os lábios quando olhei para Danton, que confirmou com um acenar de cabeça.

— Ah, eu sabia, sou formada em doramas. — Piscou como se fizesse todo o sentido. Deu a volta no balcão e começou a fechar as cortinas grossas das portas da entrada. — Agora posso atender vocês à vontade.

— Pode ficar tranquilo, o Theo já me passou a ficha dela. — Danton cochichou perto de mim.

— Jesse, por que você trabalha aqui e no setor de monitoramento? — questionei, porque sabia que mesmo os estagiários daquele setor ganhavam bem.

— Ah, é que na verdade essa loja aqui é o negócio das minhas mães, e eu ajudo elas de vez em quando. — Pegou um bloco de notas, comentando simplista.

— Você pode nos mostrar alguns produtos para preliminares e objetos para o prazer em geral? — Danton pediu, todo natural, enquanto eu fiquei envergonhado de novo, tentando disfarçar a todo custo.

— Claro! Temos óleos afrodisíacos, anéis, dildos, lubrificantes diversos, gel, pomada, maquiagem, plugs, chicotes, algemas... Várias coisas. — Jesse respirou fundo após citar tudo de uma vez.

Ambos fizemos perguntas ao mesmo tempo.

— Maquiagem? — Danton parecia surpreso.

— Chicote? — Eu estava nervoso.

— Sim, maquiagem para quem gosta de esconder alguma imperfeição.

Danton e eu nos olhamos no mesmo momento. A atendente se virou para pegar algo na prateleira atrás dela. Quando virou em nossa direção novamente, mostrou um bastão preto, que devia ser uma base.

— É à prova d'água e fixa por quarenta e oito horas, alta cobertura — explicava alheia à minha troca de olhares com Danton.

Ele era perfeito, com ou sem cicatriz, eu não queria que usasse maquiagem alguma, todavia, fiquei calado porque o corpo era dele, não meu.

— Não vamos levar, Jesse — sorri ao ouvir a resposta dele, peguei sua mão e a beijei discretamente, aproveitando que as cortinas estavam fechadas e não havia clientes na loja além de nós.

— Tudo bem... ah, sobre o que você perguntou. — Jesse se dirigiu a mim. — Os chicotes saem bastante, de vez em quando aparecem casais aqui atrás deles.

— Danton… — chamei agoniado. Eu não sabia o que ele tinha em mente, isso estava me matando.

— Calma, vamos levar só o que você se sentir confortável pra usar. Não precisamos comprar tudo de uma vez. — Aproximou-se do meu ouvido e murmurou: — Será apenas a nossa primeira vez de muitas, meu céu.

Catapimbas! Sim!

— Me diga, desses ítens que ela falou, quais você quer ver? — Depositou um beijinho carinhoso em meu ombro e Jesse sorriu, parecendo encantada pela cena.

— Hm... o óleo afrodisíaco, o lubrificante. — Respirei fundo, nervoso por ter que escolher. — Ah, não sei bem. Quero experimentar, mas não tudo de uma vez.

— Tudo bem, vamos olhar esses que você pediu e com o tempo vamos adicionando mais coisas — sorriu condescendente para mim, depois olhou sério para a mulher à nossa frente e disse: — Pode trazer bolinhas lubrificantes, óleo, pomada, algemas, um dildo médio e dois anéis, um com vibrador e outro sem.

— "Com o tempo vamos adicionando", né? — Encarei-lhe de olhos arregalados quando Jesse se afastava para pegar os ítens.

— Com o tempo vamos adicionando nos nossos momentos, mas para adicionar no nosso estoque não faz mal. — Lançou uma piscadela extremamente sonso.

Jesse voltou e colocou todos os produtos que Danton pediu no balcão. Olhando para eles, começou a explicar a utilidade e funções de cada um.

— Essa pomada é anestésica e cicatrizante. Ideal para ser usada depois.

— Vamos levar — confirmei.

— Esses óleos possuem diversas fragrâncias e são afrodisíacos. — Apontou para os frascos de cores verde, preto e vermelho.

— Gosto de óleos, e você? — Danton me lançou um sorriso brilhante no momento em que pôs as mãos no quadril, fazendo sua camisa branca ser repuxada na região do peitoral.

Eu gosto de você.

Sob os seus olhos atentos apontei para o óleo "frescor floral", como um menino tímido.

— Podemos levar essa de couro? Não precisamos usar agora — ele pediu baixinho e eu acenei em concordância. — As de couro, Jesse.

— Ok, agora os dildos e anéis penianos. Esse anel aqui, tem três velocidades de vibração, e temos diversos tamanhos de dildos, os mais vendidos são esses — falava enquanto mostrava os produtos.

Minha nossa!

— Danton... podemos passar para os lubrificantes? — pedi, suando frio de vergonha.

— Tudo bem. Jesse, separa esse dildo médio, roxo com dourado e aquele anel com vibrador, depois voltamos e escolhemos outros. — Piscou para ela, que deu uma risadinha, antes de colocar os itens na mesma cestinha que os outros produtos. Em seguida, Danton virou para mim e acariciou meu ombro. — Vamos ver essas bolinhas lubrificantes agora, tenho certeza que você vai gostar.

— Bem, vamos às cápsulas. Elas estimulam a circulação sanguínea, favorecendo o aumento do apetite sexual — sorriu orgulhosa da própria explicação.

— Apetite sexual não é problema aqui.

— Danton!

— Vocês vão querer a ball confort, ou a ball level hard? — Jesse parecia um peixe baiacu tentando esconder a risada.

— Humm... — Danton colocou a mão no queixo, pensativo e, com uma cara sapeca, olhou para mim. — Acho melhor você escolher, já que você vai usar.

Deus! Me ajude!

— Eu? E você não? — Eu estava desesperado por ter aquela conversa na frente de uma funcionária da HS.

— Mas eu não disse que não usaria, só estou deixando você escolher, já que *também* vai usar. — Após argumentar, olhou para a atendente. — Jesse, você pode nos explicar a diferença das duas?

— Danton, por favor, pegue qualquer uma e vamos logo. — Meu rosto se contorcia em agonia e o desgraçado se divertia.

— Claro que não, Julian, se vamos usar o produto, temos que escolher bem.

— A ball confort é a que possui sabores, e a ball level hard proporciona uma sensação térmica, fria ou quente, ou as duas.

— Não tem uma que seja a junção das duas? — indagou, e eu já escondia meu rosto novamente, parecendo um pimentão.

— Sim. A ball level hard supremacy, que retarda a ejaculação, possui sabor e sensação térmica que começa geladinha, depois fica quente.

— Perfeito! É essa que vamos querer!

— Você quer me matar? — sussurrei de olhos arregalados. Ele se inclinou até seu rosto ficar rente ao meu ouvido.

— Só se for de prazer, meu céu — sussurrou de volta.



Nota mental:

Encontrar programações mais comuns

para fazer com essa Ferinha.

— O potinho vem com dez unidades, vou pegar as melhores para vocês verem. — Pegou três pequenos frascos coloridos, com bolinhas gelatinosas dentro, em seguida virou em nossa direção novamente. — Os que mais vendem são esses, menta, morango refrescante e banana. Você explode a cápsula e ela libera aromas perfumados de acordo com o sabor que você escolher.

Ela explicava sem um pingo de vergonha, assim como o Danton que ouvia atento, como se estivesse em uma sala de aula. Eu era o único com vontade de correr.

— E o sabor não é muito sintético?

— Não. É bem natural, essa marca é boa. — Bateu no potinho com a ponta da unha longa. — Se vocês quiserem podem experimentar, degustando mesmo, como balinhas, antes de usá-las... em outros locais.

— Obrigado pela dica, Jesse. — Ele intercalou sua atenção entre a mulher e eu. — O que você acha de levarmos o sabor morango refrescante?

— Pode ser, adoro frutas vermelhas. — Olhei para os meus próprios pés, tímido, e ele riu da minha reação. — Só vamos terminar logo com essa compra, por favor.

— Mas eu ainda queria dar uma olhada nos plugs…

— Danton, por favor! — choraminguei, agoniado.

— Ok… Obrigado, Jesse.

Quando estávamos no estacionamento, caminhando em direção ao meu carro, a Ferinha pegou meu pulso e saiu me puxando para alcançarmos logo o automóvel.

— Entra — mandou quando abriu a porta de trás.

— Por que aqui atrás? — questionei, mas logo entendi ao ver seu sorriso oblíquo. — Danton, estamos num estacionamento... — Ele, "paciente" como era, jogou-me contra o estofado, entrou e fechou a porta.

— Não vamos transar aqui, eu só quero testar a ball level hard supremacy no nosso beijo.

Abri a boca surpreso quando ele retirou da sacola o potinho com as cápsulas lubrificantes.

— Se a gente testar só na hora e não gostar, pode ser brochante, então é melhor agora. — Pegou uma bolinha vermelha e a colocou entre seus lábios volumosos.

Brochar com Danton Ferinha? É meio impossível.

Assim que seus dentes estouraram a cápsula, o lubrificante escorreu de sua boca para o queixo, passando também pelo pomo-de-adão e linha central da clavícula.

Danton gargalhou da lambança, mas eu nem conseguia rir com a visão pecaminosa da sua boca melada daquela forma. Estávamos sentados lado a lado e dessa forma me aproximei, segurei os lados do seu rosto, e o beijei.

Suguei seus lábios e língua, experimentando o sabor deles com o lubrificante gelado. A língua sempre habilidosa espalhava tudo dentro da minha boca.

Suas mãos contornaram minha cintura e logo começaram a me puxar, porém eu me afastei. Queria provocá-lo para saber como ele reagia quando se sentisse encurralado e vulnerável.

— Quem gosta de brincar, deve ser aberto a novas brincadeiras, Ferinha. — Fiquei de joelhos no banco, prendendo seu quadril entre minhas pernas.

— E o que você quer fazer? — Deu um sorriso ladino quando eu apoiei minhas mãos no banco, uma em cada lado dos seus ombros, inclinei-me sobre ele e lambi seu queixo, antes de descer pelo pescoço e chupar o pomo-de-adão.

Danton apalpava minhas coxas com força e inclinava o quadril para cima, mas eu me mantinha de joelhos, para que não encostasse em mim. Sabia que aquilo estava lhe deixando louco.

— Não vai querer sujar sua camisa branquinha, vai, Ferinha? — Lancei um olhar sugestivo para ele e depois para sua camisa com dois botões abertos.

Com calma, abri mais um botão, expondo um pouco mais de sua pele.

— Me limpa — ordenou no seu tom autoritário costumeiro. Não me surpreendi, Danton era assim, todo dominante, mas eu iria provocá-lo até ver onde daria.

— Não me pareceu um pedido, Sartori. — Levei o indicador até sua clavícula úmida e chupei meu dedo, encarando-o.

Com uma risada seca e um olhar matador, cravou suas unhas em minhas coxas até que eu

gemesse de dor. Quando puxou minhas pernas, o desequilíbrio me fez desabar em seu colo.

— É porque não foi um pedido. — Não satisfeito, ele impulsionou o próprio quadril para cima enviando uma corrente de prazer pelo meu corpo.

Afoito, eu o beijei novamente, a respiração pegando ritmo, enquanto eu esquecia minha determinação anterior, levado como uma presa à armadilha. Senti o lubrificante esquentando sob o paladar no momento em que suguei a pele já vermelha em sua clavícula, antes de morder ali.

Empurrei meu quadril para baixo, contra o seu, e a pressão delirante entre nossos corpos fez Danton tombar a cabeça para trás, fazendo seus fios loiros espalharem no encosto do banco.

— Quer mais, seu marrento atrevido?

— Quero. — Subiu suas mãos das minhas coxas até a bunda. Quis me puxar, mas travei no lugar.

— Então peça — sorri vitorioso ao ver sua respiração desregulada. Sabia que seu atrevimento estava dando lugar à necessidade.

— Por favor, meu céu — pediu manhoso pela primeira vez. Como recompensa imediata, ondulei meu quadril e senti seu volume abaixo de mim, junto a um gemido discreto. — Eu vou te fazer sentar no meu pau aqui mesmo nesse carro.

— Faz... — pedi com a voz por um fio e agilmente ele abriu o botão e zíper da minha calça.

Eu queria fazer tudo com ele, fosse por sua ordem, ou seu pedido manhoso. Eu amava seu jeito mandão e descobri amar sua forma de suplicar também. Naquele momento, eu era pura carne. Estava ensandecido, totalmente movido pelo desejo crescente. Agarrei sua camisa e fui abrindo os botões enquanto rebolava em seu colo. Danton mordeu meu ombro e começou a puxar minha calça para baixo.

Estávamos uma bagunça de sensações. O cheiro da sua pele tinha o poder de me intoxicar, suas mãos firmes e precisas sempre me deixavam atônito, com vontade de mais. Mais dele, mais dos nossos corpos juntos, mais do que ele me fazia sentir.

No entanto, o aviso sonoro do meu celular, largado no banco, chamou nossa atenção.

— Deixa tocar — sussurrei, avistando o lindo piercing metálico em seu mamilo.

Mas quis chorar de frustração porque o aparelho parou de tocar e chamou de novo. No instante em que bati os olhos na tela, reconheci que os primeiros números eram referentes ao ramal da delegacia responsável pelo caso do elevador, no octogésimo oitavo andar.

— Droga… — praguejei lamentoso. — É da delegacia.

— Tudo bem, atende. — Danton mal conseguiu falar, seu peito nu subia e descia, incontido. Sobre ele coloquei minha palma e acariciei enquanto pegava o celular para receber a chamada.

— Alô? — Tive que segurar o ar para falar, visto que ainda ofegava.

— *Bom dia, falo com o senhor Julian Osborn Roux?* — A voz grave do outro lado era masculina.

— Sim. — Franzi o cenho e Danton me olhava ainda sobre o seu colo

Até que começou a abotoar novamente a sua camisa social.

— Me chamo Marco Stevens, trabalho no departamento de investigação da polícia civil de Gramma. O senhor pode comparecer no distrito agora no período da tarde?

— Ir à delegacia? Houve alguma novidade no caso do elevador? — Danton arregalou os olhos ao ouvir. Com cuidado, saí de cima do seu colo e sentei ao seu lado para me concentrar na ligação.

Eu estava estranhando, sabia que no departamento de investigação tinham mais investigadores, mas o que estava cuidando do meu caso era o Jang Changmin, e geralmente quando queria falar comigo ou com outros investigados, ia até a empresa.

— É referente a investigação de um novo suspeito, por isso preciso falar com as duas vítimas. Não posso dar mais informações por ligação, mas é importante.

— Tudo bem, dentro de meia hora estarei aí — respondi e senti as mãos de Danton fechando meu zíper e abotoando a calça.

— Fico no aguardo, tenha uma boa tarde.

Tarde boa eu teria se você não tivesse me atrapalhado.

— Era o Changmin? — Danton indagou assim que encerrei a ligação.

— Não, se chama Marco Stevens, outro investigador. Disse que precisa falar com as duas vítimas sobre um novo suspeito, então provavelmente vai te ligar também. Só não disse que você estava comigo porque já ando tão desconfiado que achei melhor ficar calado. — Abri a porta e o ajudei a sair para ocuparmos os lugares da frente. A atmosfera sexual tinha dado lugar à preocupação.

No mesmo instante que saímos, Danton recebeu uma ligação do mesmo investigador, com as mesmas informações e pedido. Confirmou que estaria lá, e fomos juntos até a delegacia.

Chegamos um pouco mais cedo do horário que eu disse que estaria, não tinha dado 14 horas ainda. Uma sensação ruim se alastrava dentro de mim, e eu quase podia sentir meu sangue correndo mais rápido nas veias.

Mantive certa distância de Danton, ao passarmos pela recepção, onde nos foi indicada a sala em que o investigador nos esperava. Andamos em silêncio por um corredor largo, de paredes cinzas com branco, cheias de cartazes informativos e cadeiras vermelhas. Eu não entendia o porquê daquela sensação ruim em mim. Não até chegar ao fim do corredor.

Porque a imagem que vi foi como levar um soco na boca do estômago.

Aquele, já tão conhecido por mim, de pele pálida, cabelo descolorido e jeans rasgado nos joelhos, olhava-me com surpresa enquanto caminhava em minha direção. Ao seu lado, Lee Minsuk.

O *meu melhor amigo, Yuri Lambert, era o novo suspeito.*

Senti o peito sufocar, lembrando da última conversa que tive com ele, mas minha mente foi além. Recordei de todas as vezes que tínhamos apenas um ao outro, como os dois adolescentes que éramos, vivendo nossos próprios conflitos.

Ainda que em minha vida eu sempre tivesse contado com Jae para tudo, era diferente conversar com alguém da minha idade. Éramos nós dois contra o mundo, e agora o mundo estava contra nós, colocando-nos em posição de suspeito e vítima.

Girei em meu eixo, querendo urgentemente sair dali, mas fui detido pelas mãos de Danton em meus ombros.

— Eu não consigo... vamos embora, por favor. — Comecei a morder a parte interna da minha bochecha e a buscar rotas de fuga.

— Consegue sim, se você quiser pedimos um tempo antes de você entrar. Fique calmo. — Olhou por cima do meu ombro, provavelmente para Yuri, e voltou a me chamar. — Ei, respira devagar. — Só então percebi que estava hiperventilando.

— Está tudo bem aqui? — Minsuk perguntou, aparecendo do nosso lado. Quando olhei de canto, percebi Yuri um pouco atrás dele.

— Playboy?

Reconheci a voz familiar e virei em sua direção, sentindo o ar rarefeito.

— Está passando mal? — Yuri perguntou com seu tom preocupado.

Meus olhos queimaram com vontade de chorar instantaneamente. Quanta falta eu senti, nunca ficamos tanto tempo longe, para eu vê-lo no pior ambiente, no pior momento e circunstância.

— Fala comigo, Playboy!

Minha voz não encontrava o caminho para fora.

— Agora não, Yuri. — Danton interviu. — Senta aqui, Julian. — E direcionou-me a uma cadeira ali perto, um pouco distante dos outros dois. Eu nem sentia direito o chão que pisava.

— O que eu faço? O que eu faço? Me ajuda. — Minha voz era puro desespero, meu corpo pesava. Mesmo com a visão desfocada, vi Danton se agachando na minha frente.

— Primeiro, respire devagar, não precisamos resolver nada agora.

Tentei fazer o que me pediu, enquanto encarava meu pé batendo freneticamente no chão. Danton gentilmente pôs a mão em minha perna, fazendo-a parar.

Ouvimos passos lentos se aproximando de nós e ambos levantamos a cabeça para olhar. Era um homem alto, negro de pele escura e cabelo cacheado, seu terno bege combinava com a camisa branca e gravata verde musgo.

— Boa tarde, senhores. Sou Marco Stevens. — Um sorriso social se abriu em seu rosto. — Achei que iriam demorar um pouco mais. Me desculpem por vocês terem esbarrado com o Yuri Lambert, mas peço que não se comuniquem com ele antes de conversarmos. Pode ser? Vou liberá-lo agora.

— Sim, precisamos de um momento mesmo, o Julian sofre de ansiedade e não está muito bem. — Danton segurou em minhas mãos para me ajudar a levantar. As suas estavam quentes, ou eram as minhas que estavam gélidas. — Vamos ao banheiro para ele lavar o rosto e já voltamos.

— Levem o tempo que precisarem.

Talvez nem mesmo as vítimas devessem ficar conversando antes de cada uma conversar com o investigador, poderíamos estar combinando uma mesma versão dos acontecimentos. Contudo, o homem pareceu perceber que eu realmente estava mal pela palidez do meu rosto, que eu mesmo pude constatar quando entrei no banheiro com o Danton e me olhei no espelho. Ao fazermos isso, ele trancou a porta e se posicionou ao meu lado.

— Está tudo bem, estou aqui com você, meu céu. — Beijou meu ombro, por estarmos sozinhos, ao tempo em que me olhava através do espelho.

Lavou as próprias mãos, primeiro com o sabonete líquido do suporte na parede, depois apenas com água, e foi deslizando elas por meu rosto. Fechei os olhos, concentrado apenas em respirar fundo, sentir as gotículas frescas no rosto, e os selinhos que ele depositava em meus lábios.

— Sei que é difícil, mas você precisa ser forte e decidir se vai dizer o que sabe sobre o Yuri. — Seus polegares acariciaram minhas bochechas. Tudo que eu queria era ficar no banheiro para não enfrentar aquele problema.

— Eu estou perdido, não sei o que fazer. — Abri os olhos e o encarei. — E se eu estiver ignorando um grande erro por amar uma pessoa?

— Talvez você esteja mesmo fazendo isso, mas não com ele — comentou baixo, mas eu ouvi.

— Como assim?

— Vou falar com você sobre isso depois, não tenho certeza de nada, nem quero ser injusto. Então, por enquanto, vamos focar no que fazer na situação de agora. Você denunciou o tio do Yuri, uma hora ele poderia ser chamado aqui. Mas vamos pensar... Foi você quem contou ao Yuri que ficamos presos no elevador?

— Sim, ele soube por mim — respondi, antes de me encostar na pia.

— Tenta lembrar como foi que ele reagiu. Parecia já saber, ou ficou surpreso?

— Ele ficou bem espantado na verdade.

Eu lembrava bem. O Felis Catus percebeu rápido que meu pé estava machucado, como sempre notava quando algo acontecia comigo, mas se assustou de imediato quando o contei sobre o elevador.

— Você o conhece melhor do que ninguém, meu céu. Analise a reação dele, foi genuína ou pareceu forçada? — Suas mãos se esconderam nos bolsos da calça social preta.

— Foi genuína, até arregalou os olhos, e ele não abre aqueles olhos de gato pra nada. — Balancei a cabeça para os lados, ao constatar algo pela primeira vez, e externei meu pensamento para Danton. — Ele não sabia que o elevador que me indicou era o errado. Mas por que não me disse quem passou a informação a ele? Preferiu inventar que era alguém que ele não conhecia. E por que mentiu sobre ter estado na empresa naquele dia? Eu não entendo, não entendo. — Puxei meu próprio cabelo, perturbado.

— E se ele estiver sendo ameaçado? A única forma que eu encontro para explicar o fato

dele não falar de quem recebeu essa informação.

— Mas ameaçado por quem? Pelo tio? O cara está foragido…

— Uma pessoa não precisa estar perto para ameaçar outra... e pode não ser o tio, também. — Danton parecia ponderar algo.

— E que outra pessoa poderia ameaçar ou fazer chantagem com o Yuri?

— É isso que não está batendo... ele não tem contato com o Yuri — comentou baixo, olhando para o chão.

— Ele quem? — Danton estava prestes a falar algo, porém, alguém bateu na porta. — Acho que querem usar o banheiro, melhor sairmos.

— O que você vai falar sobre o Yuri? — questionou caminhando ao meu lado, em direção a porta.

— A mesma coisa de sempre. Um podcast de vários nadas. Quanto mais penso nessa história, mais parece que não sei de nada. — Abri a porta e um homem passou por nós, apressado. Devia estar com dor de barriga, coitado.

— Se pelo menos tivéssemos um investigador eficiente... — Danton deixou a porta se fechar sozinha atrás de nós. — Melhor você ir logo até a sala do Stevens, quando for a minha vez, vou dizer apenas que não conheço o Yuri, o que é verdade.

Andamos pelo mesmo caminho de antes e Yuri não estava mais lá com Minsuk. Parei por um momento e olhei para Danton, que caminhava ao meu lado.

— Vou seguir minha intuição, como minha mãezinha aconselhou, e procurar ele pra conversar na segunda-feira. É um dos dias de menos movimento lá na Imagine. — Danton sorriu ao ver minha determinação. — Hoje é dia de trabalhar dobrado por causa da "folga" de ontem, e no fim de semana não quero estresse, quero só você.

— Então vamos aproveitar o fim de semana, e na segunda você resolve isso de uma vez por todas com o Yuri. Dependendo do que ele te falar, vou saber se minha desconfiança é infundada ou não. — Voltamos a andar, até chegarmos na frente da sala do Marco Stevens.

— Você não vai mesmo me contar agora? — Arqueei uma sobrancelha.

— Prefiro esperar o que o seu melhor amigo tem a dizer, então te juro que falo tudo que estou pensando.

— Tudo bem. — Eu era curioso, mas confiava em Danton mais do que imaginava que confiaria em dois meses. Ele me passava isso.

— Boa sorte, meu céu, vou te esperar aqui fora — assenti e me virei para bater na porta.

Apenas duas batidas foram necessárias para o investigador me atender.

Ao entrar, olhei ao redor, sua sala era organizada e iluminada. Ele me ofereceu água, e pediu que eu sentasse consigo num sofá perto de um armário.

— Senhor Osborn Roux, antes de qualquer coisa quero lhe dizer que essa conversa não está sendo gravada, nem será registrada formalmente, é apenas uma entrevista. Sinta-se à vontade para deixar de responder alguma pergunta e leve o tempo que precisar para responder as

que puder e quiser.

Sua postura era diferente da de Changmin, isso me deixou menos tenso.

— Tudo bem.

— Como o senhor sabe, o investigador Jang está à frente do caso, mas por motivo de doença teve que se afastar por um tempo. Devido a isso, estou com o caso provisoriamente — continuou, sério. Eu apenas assenti. — Sei que ele ia na empresa quando precisava falar com o senhor, mas a base do nosso trabalho é na delegacia, por isso o chamei até aqui.

— Pode me chamar de Julian, e me tratar por "você". Me sinto um idoso sendo chamado de "senhor". — Marco acenou com a cabeça uma única vez e sorriu cordialmente, fazendo a pele amarronzada se adornar de ruguinhas de expressão.

— Como você preferir. Primeiro eu gostaria de lhe fazer uma pergunta que costumo fazer aos meus entrevistados, mas fique à vontade para responder, ou não.

— Ok.

— Que tipo de situação faria você mentir, Julian? — Cruzou as pernas, antes de apoiar um cotovelo sobre o braço dobrado na altura do peito e o queixo sobre a mão.

— Eu mentiria apenas em caso de extrema necessidade, não tenho o hábito. Fico altamente incomodado com mentiras.

— Entendo. Sabe, tenho um amigo aqui no trabalho que diz que nunca mentiu na vida dele, nunquinha, jura de pés juntos — riu um pouco mais aberto, mostrando os dentes bonitos.

— Essa deve ser a maior mentira dele, então. Todo mundo mente, alguns mais que outros, mas ninguém está isento.

— Sim, eu concordo com você. Vamos começar a falar sobre o motivo pelo qual te chamei?

— Por favor.

— Você já deve saber quem é o suspeito, sim? — Stevens começou a girar uma caneta entre seus dedos. — Vocês se viram lá fora.

— Sim.

— Tenho informações de que Yuri Lambert é seu melhor amigo desde a adolescência e também é sobrinho do nosso principal suspeito. Você confirma?

— Sim, eu descobri há pouco tempo que Kris é tio do Yuri, ele nunca tinha me falado do homem em anos de amizade. — Deixei minhas mãos em cima das coxas e encostei no apoio do sofá para não parecer desconfortável. Ainda que Marco fosse mais agradável do que o Changmin, meu corpo estava em alerta.

— Bem, isso bate com a informação que Yuri Lambert deu, sobre não ter contato com esse tio desde a infância.

Realmente, se Yuri nunca me falou do homem era de se esperar que não fosse próximo do tio. Mas quem lhe falou sobre o Kinako Mochi?

— Vocês tiveram alguma desavença antes do dia do crime? Ou tinham brigas constantes

sobre algum assunto em específico?

— Não, sempre nos demos muito bem, nossas discussões sempre foram por bobagens de amigos.

— Você falou com o Yuri Lambert naquela segunda-feira?

E agora? E se ele tivesse perguntado a mesma coisa ao Felis Catus. Ele teria dito "sim" ou "não"? Parando para raciocinar... se Yuri era suspeito, ao mínimo deslize seu celular poderia ser apreendido para investigação, e a chamada que ele me fez seria descoberta. Preferi trabalhar com a hipótese dele ter pensado nisso e ter optado por confirmar que ligou.

— Sim, ligou para desejar boa sorte a uma apresentação que era importante para mim.

— Entendo. Ele falou algo sobre os elevadores da empresa naquele dia?

Eu tentava me manter tranquilo, mas era difícil não tensionar com o olhar fixo de Stevens em mim, o tempo todo. Sua postura agora era de investigador, não de alguém que tentava descontrair como no início da conversa.

— Não. — Ele com certeza percebeu minha hesitação, ainda que eu não tenha sequer desviado o olhar.

— Você acha que para o Yuri, ter perdido o pai, ex-funcionário da High Security, é uma motivação para ter ajudado o tio no crime?

— Não, ele nunca falou sobre o assunto com raiva, sempre entendeu que o que aconteceu com o seu pai foi um acidente, e não parece ser próximo desse tio.

— Então posso concluir que você não suspeita do seu amigo?

— Sim.

— O Yuri já mentiu sobre algo importante para você?

— Não. — Engoli seco.

— Você já mentiu sobre algo importante, Julian? — Sua expressão era pacífica, entretanto de certa forma inquisitiva.

— Não.

— No início da nossa entrevista, você disse que mentiria apenas se tivesse extrema necessidade e, posteriormente, afirmou que todo mundo mente. Logo, posso concluir que: Se *todo mundo mente*, você também, e se mente apenas em extrema necessidade, as mentiras que já contou, foram sobre algo importante. Então, você acabou de mentir para mim, ao dizer que *nunca* mentiu sobre algo importante. O que você esconde de grave que te fez mentir agora, Julian?

Catapimbas de cara esperto.

Eu não sabia o que dizer, por isso optei pelo silêncio.

— Sabe, eu já menti por causa de um amigo, acusaram ele de algo sério e eu coloquei nossa amizade acima de qualquer suspeita. Estou te falando isso como o Marco, não como o investigador Stevens. — Franzi meus lábios e assenti. — Há uma certa beleza e altruísmo nisso, mas precisamos analisar até onde dá certo.

Ele não parecia querer me intimidar, diferente do Changmin, porém tudo o que falava era certeiro para tentar descobrir algo.

— E o seu amigo... ele era culpado, no fim das contas?

— Não. E hoje é um dos melhores investigadores que existe em Álamo, posso apresentá-lo a você qualquer dia desses. No entanto, cada caso é um caso.

— Eu sei, Marco.

— Tudo bem. Vou continuar com as perguntas. — Esfregou uma mão na outra e ajeitou sua postura. — A outra vítima, Danton Sartori, tem algum tipo de relacionamento com o nosso novo suspeito?

— Não.

— E com você?

— Somos amigos.

Amigos que se beijam e estão loucos para transar.

— Certo. Existe alguém que talvez devamos investigar no seu ponto de vista? Alguém que tenha tido algum comportamento suspeito antes ou depois do ocorrido?

— A secretária do meu pai, eu desconfio dela. Se chama Cha Eunwa, já falei dela para o Changmin quando vim denunciar o Kris, mas ele não me ouviu.

— Vou levar isso em consideração, Julian. Não se preocupe — ele sorriu novamente e passou os dedos pelos fios cacheados. — Mais alguém?

— Não. Talvez o Danton tenha alguém em mente, ele anda bolando algumas teorias que ainda não me contou.

— Espero que sim, será de grande ajuda. Por ora, nossa conversa foi proveitosa, você pode chamar Danton Sartori quando sair?

— Claro.

— Disponha, Julian. — Curvou-se quando chegamos à porta.

Assim que passei por ela, ele retirou um cartão do seu terno e me entregou sem dizer nada. Com uma olhada breve, vi seu nome escrito em relevo, com letras prateadas. Abaixo tinha um número de contato.

— Boa sorte, com o que quer que esteja fazendo.

— Obrigado, Marco — agradeci porque sabia que ele não era o responsável oficial do caso, mas ao me entregar o seu cartão, estava me dizendo que eu poderia ligá-lo caso precisasse.

Saí de vez da sua vista, e foi a vez do Danton falar com ele. Demorou basicamente o mesmo tempo que eu e, quando voltou, eu já estava cansado o suficiente para ter que voltar a trabalhar, mas não queria ouvir reclamações do poderoso John.

Danton caminhava ao meu lado pelo estacionamento para voltarmos à empresa. Tudo que eu queria era sentar um pouco e descansar, mesmo que fosse na minha sala de trabalho.

Não obstante, o destino me preparou mais uma dor de cabeça, chamada Kang Jae, saindo

do carro e vindo em nossa direção. Assim que nos viu juntos, intercalou seus olhares entre nós até nos alcançar.

Danton ao meu lado mantinha uma feição inexpressiva, mas eu sabia que ele estava tenso, pelo músculo que se contraía em sua mandíbula.

— Danton... — Jae abriu a boca, surpreso. Somente então me dei conta de que desde que o ex-noivo viajou, meu tio de criação não o viu mais.

— Jae — respondeu num tom um tanto impessoal para quem falava com o ex-noivo.

— Juli? — Então meu tio se voltou para mim. — O que vocês estão fazendo aqui?

— Viemos para uma entrevista com o investigador que está no lugar do Changmin temporariamente — respondi.

— Eu também fui chamado. — Jae olhou para Danton novamente, as olheiras em seu rosto eram aparentes. Ele também estava mais magro e aquela sensação de culpa veio sobre mim novamente.

— Posso falar com você, por favor? — pediu ao Danton.

— Eu não quero conversar, jae.

— Como assim, Danton? Não acha que pode fazer pelo menos isso? Já que me deixou, foi viajar e nem mesmo me recebeu quando te procurei para conversarmos. — Sua expressão inteira demonstrava mágoa.

— Você não sabe conversar, Jae. Conversar pra você é me pedir pra voltar até eu ficar irritado.

Olhei para os lados no intuito de saber se tinha alguém vendo aquela cena, mas os policiais que ficavam na recepção estavam do lado de dentro da porta. De plateia havia apenas os carros estacionados ao nosso redor.

— Mas é claro, se você não me dá oportunidade. Por favor, podemos conversar no meu carro pelo menos? O Julian não precisa ver a gente discutindo.

— Não fale assim, não somos um casal para precisarmos de privacidade e eu vou voltar com o Julian. Estou sem carro, então o Julian não vai a lugar algum.

— Eu te levo então, vamos conversar e tudo vai ficar bem, pequeno.

— Não me chame assim, por favor — pediu pausadamente.

— Cinco minutos.

— Eu disse, não. — A voz do Danton começou a se alterar um pouco. Eu não gostava de vê-lo assim.

— Danton, estou só te pedindo para conversar. Que tipo de monstro eu sou que você não suporta mais ficar cinco minutos ao meu lado? O que eu fiz? Se foi você quem me abandonou sem explicações. — Jae estava desolado, eu também não gostava de vê-lo assim. Sempre foi um homem tão forte, eu o considerava até um super herói quando criança.

— Ele está cansado, Jae. Por que não marcam em outro momento? — Entre a cruz e a espada, eu queria apenas apaziguar os ânimos de todos, para que ninguém saísse estressado.

Acontece que até eu já estava ficando estressado e cansado. O homem que eu amava, também era amado pelo meu tio de consideração. Ver os dois no mesmo ambiente, após ter passado por um momento difícil na delegacia, era tudo que eu não precisava.

— Não vai ter outro momento, Julian, ele não aceita um não. Não tem como conversar desse jeito.

Danton, estou tentando tirar a gente daqui, colabore.

— Se você não vai me dar outro momento, então vamos conversar agora, por favor. — Segurou no braço do Danton e começou a puxá-lo.

— Jae, solta ele! — Alterei um pouco a voz, indignado.

Apesar de nem ter sido preciso, a Ferinha puxou o braço de volta, olhou para ele, fumaçando, e o empurrou pelo peito, quase fazendo-o quase cair.

— Kang Jae, não faça eu gastar o meu réu primário te socando na frente da delegacia — ralhou com os punhos cerrados. — Saia da minha frente, eu vou embora.

— Você não era agressivo assim, pequeno. O que aconteceu? Por que eu mereço esse tratamento? Tudo que eu quero é viver com você em Washington, onde eu vou assumir a presidência e a gente vai ser muito feliz. — Aproximou-se novamente, dessa forma, fui obrigado a me pôr estrategicamente entre os dois. — Estava nos nossos planos, você não lembra?

— Estava nos seus planos, nunca esteve nos meus. — Danton parecia frustrado e Jae magoado, mas apenas Jae parecia a ponto de chorar.

— Por que tudo mudou de repente? — ele segurou o braço Danton de novo.

— Eu mudei, ou você nunca se esforçou pra me conhecer de verdade? Vou pedir só mais uma vez com educação, enquanto ainda tenho paciência. Me solte. — A sua calma era ameaçadora.

— Por quê? Você por acaso vai denunciar quem só te deu amor nessa vida?

— Pode ser, mas antes eu vou socar a sua cara.

— Jae — chamei sua atenção, colocando os dedos nas têmporas, tentando não extravasar.

— Você definitivamente não era assim, pequeno. — Ele parecia nem me notar mais.

— Ótimo, fique decepcionado então, quem sabe assim você para de me irritar. — De boca aberta, após ouvir as palavras do ex-noivo, Jae soltou o braço dele.

— Vocês não estão em condições de conversar agora. Eu vou levar o Danton e depois passo na sua sala pra ver você. — Tentei confortar meu tio de alguma forma.

Pus uma mão na parte média das costas de Danton, mas assim que o conduzi para darmos as costas, Jae tocou em seu braço novamente.

— Pequeno, por favor…

— Jae! — Os dois se espantaram com meu grito.

— Julian... até você? — Seu olhar ferido pareceu atravessar o meu estômago.

Nunca na vida gritei com ele, seria como gritar com o meu pai. Em nossa cultura era

considerado altamente desrespeitoso alterar a voz para alguém mais velho.

— Só estou pedindo que não faça isso, por favor. — Balancei a cabeça para os lados, tentando não desabar. — Me desculpe, mas, por favor, vá fazer o que veio fazer aqui e nos deixe ir.

Ele moveu a cabeça para cima e para baixo, aparentemente derrotado. Sequer encarou Danton, apenas me lançou seu olhar magoado.

— Você se lembra de quando se sentia mal e ia se esconder na pracinha Alvorecer? — indagou no seu usual tom calmo.

Claro que eu lembrava, a pracinha era perto de casa, mas eu sempre ia para lá. Eu estava na adolescência, minha mãe se preocupava, mas bastava meu pai dizer que era birra, que logo eu voltaria, para ela não ir me procurar.

Realmente, eles estavam certos, eu sempre voltava, porque alguém ia atrás de mim, mesmo sabendo que a pracinha era perto de casa. Jae não me deixava sozinho. Sempre fomos quase vizinhos do meu tio de criação, então tudo que acontecia lá em casa ele sabia. Se eu fugisse, Jae ia atrás.

— O que você mais me dizia quando eu ia te buscar?

Danton olhava para nós dois, calado, sabendo que o assunto dessa vez era familiar.

— Que você era o *único* que eu queria que me achasse. — Lembrei, com a voz embargada.

— Eu nunca contei a eles que lá era o seu esconderijo. Porque eu queria ter a sua confiança... eu a tinha, mas sinto que você mudou comigo. Quando as coisas ficaram assim?

— Jae... — Eu queria tanto me explicar.

— O que, ou quem te afastou de mim assim? — Seu olhar recaiu em Danton e ele abaixou a cabeça, franzindo-os lábios.

— Não posso dizer que nada aconteceu, mas não consigo conversar com você agora.

Eu tinha acabado de ver meu melhor amigo sendo suspeito de um crime, não queria ter uma conversa importante com Jae, estando com a mente tão perturbada.

— Ok, então vamos fazer assim, quando vocês dois resolverem conversar comigo, eu vou estar disponível, como sempre estive. — Colocou as mãos nos bolsos do terno cinza e girou sobre o seu eixo, na direção da entrada da delegacia, mas antes de seguir, virou e falou: — Mesmo os dois tendo me negado a palavra, eu *nunca* vou fazer isso com vocês.

Dado isso, saiu, deixando Danton e eu com olhares perdidos, que não se encontravam. O nó na garganta já parecia fazer parte da minha anatomia. Caminhei em direção ao carro, ouvindo o barulho dos pedregulhos no caminho, indicando que Danton me seguia.

Entramos no automóvel e ficamos em um silêncio sepulcral.

Quando eu não podia ter Danton comigo, por diversas vezes acabei esquecendo como seria difícil e conflituoso tê-lo ao meu lado na condição que nos cercava. Entretanto, eu finalmente soube como era destruidor e esmagador tê-lo comigo e não me sentir plenamente em paz com isso.

Porque junto com a realização da paixão consumidora, veio a dor de estar destruindo pouco a pouco a relação que eu tinha com Jae desde a infância.

Todavia, ao olhar para Danton e ver seu semblante preocupado, lembrei do carinho que teve comigo no dia anterior, da nossa entrega, dos momentos de conversas e confissões. Eu não conseguia me arrepender.

E eu o amava.

— Você está bem? — Olhou para mim visivelmente receoso, porém calmo.

Talvez se não tivéssemos conversado no dia anterior, sobre tudo que envolvia nosso sentimento de culpa — eu por ter "destruído" seu noivado, e ele por "destruir" uma relação de tio e sobrinho —, estivéssemos a ponto de discutir.

Um se sentiria mais culpado do que o outro.

Possivelmente, isso enfraqueceria nosso elo, por conversarmos num momento de total estresse, e talvez até nos afastasse. Porém, já tínhamos colocado nossas inseguranças e medos na mesa metafórica do dia anterior.

Estávamos firmes e ficaríamos mais ainda com o passar dos dias. Porque éramos o porto seguro um do outro.

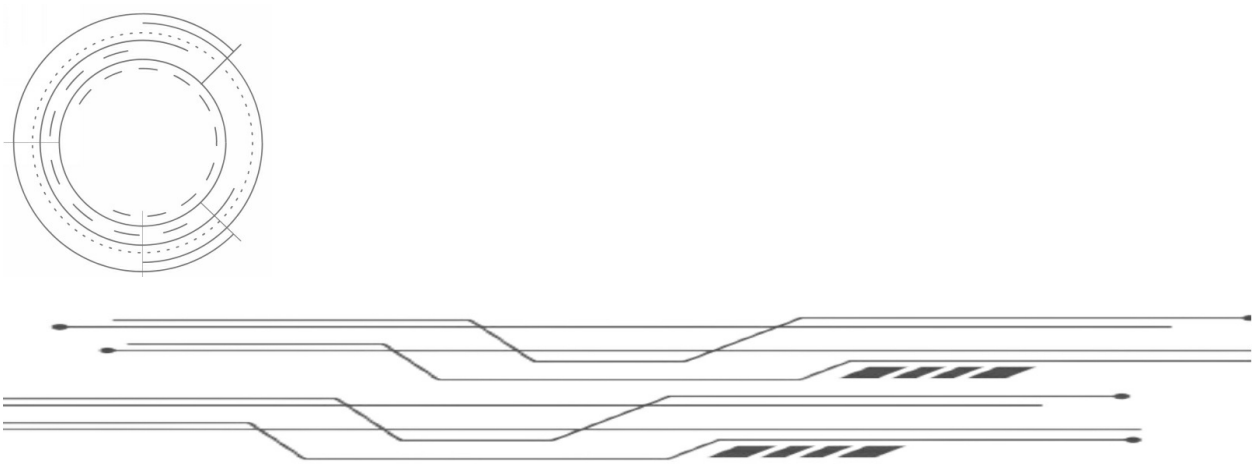
— Agora está sendo difícil, mas vou ficar bem, nós vamos. Porque somos fortes — assegurei, oferecendo-lhe meu melhor olhar confiante.

Ele me beijou carinhosamente na testa e respondeu:

— Sim, meu céu, nós somos fortes.



CAPÍTULO 05



88

Por volta dos meus sete anos, quando estava na escolinha, eu me meti em uma confusão.

Um garoto dizia que o seu boneco era melhor que o meu. Ele me empurrou e zombou de mim e, mesmo eu não revidando, meu pai foi chamado à escola, mas John Osborn era muito ocupado para resolver problemas relacionados ao filho. Dado isso, mandou Jae, que naquela época ainda estava na faculdade, mas como conhecia meu pai há um tempo, ele já estagiava na empresa recém fundada.

Ao chegar na escola com meu tio de criação, ficamos frente a frente com a diretora, meu coleguinha e seus pais.

— Não pagamos uma fortuna nesse lugar para o nosso bebê ser agredido. — A mãe do menino reclamou após ouvir da diretora que nós dois brigamos, quando eu não fiz nada.

— Peça desculpas, Julian. — Jae mandou perante a todos.

— Mas, tio, foi ele quem me empurrou. — Eu quase chorava enquanto o menino ria.

— Vamos, seja um bom garoto e me obedeça. — Jae sorria e olhava com gentileza para as pessoas na sala.

Mesmo pequeno eu me sentia injustiçado, humilhado e coagido no meio de todos aqueles adultos, olhando-me como se vissem um animal sendo encurralado para voltar à jaula. Sentia raiva, mas para não aumentar o problema, decidi obedecer.

— Me desculpem… — Curvei-me em forma de respeito, sentindo meu coraçãozinho apertar com vontade de chorar.

Assim que saímos, passamos pela cantina e vimos os pais do garotinho. Entretanto, quando avistamos o menino entrando no banheiro, Jae me levou até lá. Assobiou chamando a atenção dele, que já ia entrar em um box. Eu apenas olhava para aquela cena, curioso, enquanto ele gesticulava com o indicador para o garoto se aproximar.

Quando o menino estava próximo o suficiente, Jae se agachou para ficar na sua altura e encarou o brinquedo que as mãos pequenas agarravam com força.

— Então esse é o famoso boneco que causou toda a confusão? — perguntou com um divertimento nítido em seu tom de voz.

— Sim, senhor. — O garotinho gaguejou, desviando o olhar para os lados.

— Posso ver? — pediu, já tomando o boneco dos braços pequenos, ainda com o sorriso pacífico.

O que fez em seguida me deixou impressionado. Kang Jae arrancou a cabeça, pernas e braços do boneco e o jogou no piso branco em seguida, sem vacilar em sua expressão.

— Se abrir o bico, vou fazer isso com todos os seus brinquedos — ameaçou quando o menininho tremeu os lábios, choroso.

Levantou-se calmamente e murmurou um "Vamos, Juli" para mim. Eu o segui sem conseguir proferir uma palavra sequer, ao darmos as costas para o garoto e seu brinquedo completamente destruído.

Saímos do ambiente escolar, mas eu ainda estava em total confusão. Mesmo sendo criança, percebi a contradição do seu comportamento, entre a situação mais cedo na sala e a outra no banheiro.

— Tio, foi certo o que o senhor fez lá no banheiro? — perguntei. Jae se agachou na minha frente e segurou meus braços pequenos e finos.

— Pode não ter sido tão certo, mas devemos ser capazes de fazer qualquer coisa pelas pessoas que amamos, e eu amo você.

— Está bem, tio. — Ele bagunçou meu cabelo num carinho. — Também amo você.

— Da próxima vez que alguém te bater, bata mais forte, mas não seja pego, entendeu?

— Entendi... — Olhei para os meus dedos juntos e questionei: — Mas e se eu fizer e desconfiarem de mim?

Jae apenas me ofereceu mais um de seus sorrisos pacientes, tão conhecidos por mim, e disse:

— Ninguém desconfia de quem sempre se comporta bem. *Na frente dos outros, seja sempre bonzinho*.

Com a vista embaçada, ao despertar do sono, olhei na direção da minha cortina blackout. Constatei ao olhar no display do meu celular que eram 10 horas da manhã.

Passei a ter constantes sonhos com o Jae, em quase todas as noites. Eram sempre lembranças da minha infância ou adolescência. Meu subconsciente parecia fazer questão de lembrar que a relação que tínhamos estava sendo quebrada aos poucos. E enquanto eu me perdia em ponderações, meu celular tocou. Era Monalisa.

— Oi, Lisa, está tudo bem? Por que está ligando no sábado?

— Bom dia, chefinho, é importante. É que ontem de tarde surgiu um estagiário para uma vaga de estágio na área de administração com especialização em recursos tecnológicos, que é a

sua área de atuação. Você não estava na empresa, então perguntei ao seu pai quem ficaria como orientador...

— E o poderoso John jogou a bomba pra mim — completei entediado. — Não sei porque ainda me surpreendo, ele reclama de mim, mas sou eu quem mais ele enche de trabalho. Tudo bem, Lisa, segunda-feira faço uma entrevista com o estagiário.

— Então, chefinho, é que... — Quando ela usava aquele tom eu sabia que era problema.

— "É que", o quê, Monalisa? — Sentei na cama esperando que ela completasse.

— Seu pai marcou com o rapaz para fazer a entrevista com você hoje.

Deu até vontade de rir.

— Isso não existe, hoje é sábado, a minha folga. Meu pai não pode fazer isso.

— Existe, ele pode, e fez. Disse que o rapaz poderia ir ao seu apartamento, se você não quisesse ter que ir na empresa para fazer a entrevista.

— Quanta preocupação da parte dele — ironizei antes de levantar da cama e ir até o banheiro me olhar no espelho.

— Por isso eu liguei, preciso confirmar com o candidato se a entrevista será no seu apartamento ou na HS.

— Eu não vou pisar na empresa hoje, mande ele pra cá.

Meus pais eram bastante rigorosos com quem contratavam, se o Poderoso John sugeriu que o rapaz poderia vir em minha casa, ele era ficha limpa.

Nos despedimos e passei a manhã separando algumas perguntas para fazer ao candidato, porém, minha cabeça estava na festa do Namastê e no que eu tinha combinado de fazer com o Danton depois dela.

O que compramos na Sex Shop ficou com o Ferinha e só de pensar nas possibilidades que nos aguardavam de noite, meu corpo estremecia.

Porém, tentei ocupar bem meu tempo, até que mal percebi a manhã passar.

Como Tereza estava de folga, preparei um almoço simples e esperei até que meu interfone tocasse às 14 horas. Já sabendo que o rapaz se chamava Wallace Jiaer, mandei subir.

Ao abrir a porta me deparei com um rapaz bonito e de estatura alta. Apesar de parecer musculoso, suas roupas eram frouxas e o suéter parecia a toalha de mesa de uma avó. Nada que não combinasse com seus óculos redondos grandes demais para seu rosto afilado.

— Boa tarde, senhor Julian Osborn Roux. — Curvou-se rapidamente e apertou a pasta verde que tinha em mãos, após conferir se seu cabelo castanho estava arrumado.

Parecia que uma vaca tinha lambido aquela franja de tanto gel para deixá-la de lado.

— Boa tarde, entre por favor. Pode se sentar aqui. — Assim que entrou, indiquei um sofá e sentei em outro de frente para ele.

— A senhora Lisa já deve ter dito o meu nome, mas gostaria de me apresentar. Eu sou Wallace Jiaer, e estudo na Universidade Nacional de Sandin. — Apresentou-se quando sentou

com a postura perfeitamente reta.

— Isso é bom, é considerada a universidade de maior prestígio do país. Já estudei lá também — sorri amigavelmente, tentando fazer com que o rapaz relaxasse. — Você é chinês?

— Meu pai era chinês e minha mãe dos Estados Unidos, faleceram quando eu era bebê e minha avózinha me trouxe pra Álamo. Só temos um ao outro, ela é viúva.

Quanta explicação deu para apenas uma pergunta.

— Quantos anos você tem, Jiaer?

— Tenho vinte e quatro, senhor.

Nem com um catapimbas que aquele cara tinha vinte e quatro anos. Apesar de ser bonito e ter a pele bem cuidada, parecia ser mais velho do que eu.

Talvez minha careta de estranhamento tenha ficado muito visível, posto que o rapaz rapidamente abriu sua pasta e estendeu um papel para mim.

— Esse é o meu currículo acadêmico e de estágios que eu já fiz, senhor. Também contém todos os meus dados.

Analisei as informações, intercalando meu olhar entre o papel e ele, que ajeitava os óculos no rosto com as pontas dos dedos. Constatei que a sua idade estava correta.

— Desculpe, Jiaer, é que você não parece ter vinte e quatro anos — comentei e ele olhou para as mãos cruzadas sobre as coxas.

— Já me disseram isso. Na verdade, tive que trabalhar muito cedo, por isso acho que envelheci tanto. Só agora estou conseguindo me formar. — Voltou a olhar para mim. — Preciso muito desse estágio, batalhei muito por uma vaga nessa faculdade e quero dar orgulho à minha avózinha.

Um nó se formou em minha garganta, por talvez estar julgando o rapaz antes de conhecê-lo. Nem todo mundo teve os benefícios financeiros que eu tive na vida e isso era algo que eu sempre tinha em mente, porém, também tentei não olhá-lo com pena, como Nando uma vez me acusou de olhá-lo como "Dalai-lama quando viu um pobre pela primeira vez".

— Você fazia algum trabalho braçal, para achar que envelheceu por causa disso?

— Sim, eu trabalhava muito debaixo do sol, todo dia. — Começou a mexer no elástico de sua pasta, olhando para ela novamente.

— E com o quê você trabalhava?

— Como auxiliar de coveiro.

Ao ouvir aquilo, franzi os lábios contendo uma risada, sem entender se era alguma piada, ou não. Como o rapaz não riu em momento algum, eu me repreendi por ter achado engraçado.

Eu não desprezava a função, nem nada do tipo, apenas era difícil imaginar um jovem como ele trabalhando dessa forma. O mercado de trabalho dava muitas opções para os jovens, mas como disse que teve que trabalhar muito cedo, imaginei que ele não tivesse capacitação na época.

— Eu não sabia que coveiros tinham auxiliares — comentei, tentando entender mais.

— Têm, senhor, mas não tem problema, somos esquecidos mesmo. — Juntou as mãos novamente e me olhou por baixo dos cílios curtos.

— Bom, pelo visto você correu atrás do prejuízo, sua pele parece ser bem cuidada hoje. — Dei de ombros, mas o rapaz levantou a cabeça e franziu o cenho.

— Senhor Julian Osborn? — chamou-me.

— Sim?

— Por acaso... o senhor está me cantando?

Arregalei os olhos sem acreditar que ele tinha perguntado aquilo. Eu tinha passado essa impressão?

— Não! Ai meu Deus, não!

— Desculpe, senhor, é que o senhor estava me observando demais.

— Você entendeu errado. — Após um pigarro, levei minha atenção ao seu currículo.

Estava tudo dentro dos conformes. Além do mais, Monalisa já tinha o avaliado também.

— Você sabe que para ser estagiário na High Security, vai precisar passar o dia grudado em mim, não sabe? No sentido profissional, pelo amor de Deus — ele assentiu. — Por que você quer tanto esse estágio?

— Eu preciso estagiar numa empresa grande para me formar, ganhar bem e comprar uma casa melhor para mim e a minha zumu. — Usou o honorífico para "avó" em Chinês. Secretamente achei fofo sua forma de se importar com a avó. — Além do mais, não vou mais precisar fazer bicos como auxiliar de coveiro.

— Você ainda trabalha com isso?

— Só às vezes.

Não havia muito dilema em aceitar um estagiário, a empresa precisava cumprir as cotas de estágio, e o rapaz foi mandado pelo meu pai. Meu papel era, praticamente, apenas lhe dizer quando começar. Era só um estágio, afinal, ele não iria assumir nada de importante.

— Esteja cedo na empresa na segunda-feira, e vá direto para a minha sala, ok? — sorri ao ver o rapaz levantar num sobressalto, empolgado.

— Muito obrigado, senhor Julian Osborn Roux! Prometo que vou me esforçar e fazer um bom trabalho. — Esticou os braços e as mãos nas laterais do corpo como um soldado.

— Assim espero. — Olhei em meu relógio de pulso, constatando que eram duas e quarenta da tarde. — Até que terminamos rápido. Assim posso me preparar bem para a festa — pensei alto, mas o futuro estagiário ouviu.

— Festa? Que legal, eu nunca fui em uma festa.

— Sério? E os seus amigos do campus, não fazem festa?

— Ah, senhor, eu sou mais do tipo que curte a companhia dos livros. — Ajeitou os óculos sobre a ponte do nariz. — Na verdade, eu não tenho amigos, mas gostaria de ter. As pessoas parecem não gostar muito de mim, porque eu não sou descolado.

— Nossa... — Eu nem sabia o que dizer.

— Tudo bem, eu já estou acostumado — sorriu e abraçou a pasta junto ao seu corpo. — Mas como não tenho amigos, também não vou a festas.

Eu estava começando a ficar com dó dele. Um cara que só tinha a avó, trabalhava como auxiliar de coveiro, estava em pleno sábado no apartamento de um desconhecido em busca de um estágio, e ainda me ouviu falar sobre ir a uma festa sem nunca ter ido.

Nos minutos que se seguiram, troquei algumas mensagens com Danton, perguntando o que ele achava de eu levar o estagiário para conhecer algumas pessoas da empresa na festa. Danton concordou e disse que comunicaria ao Vincent. Eu sabia que o seu real motivo era desconfiança, queria analisar o novo estagiário de perto.

— É o aniversário de um amigo e várias pessoas da empresa estarão lá, se você não tiver nada para fazer, poderia ir. Acho que o pessoal não vai se importar. — Guardei o celular e o encarei.

— Sério? Mas... eu nem fui convidado.

— Pode ir de penetra. Já entrou de penetra em alguma festa? — Minha intenção era fazê-lo cair em contradição, caso estivesse me enrolando.

— Eu nunca fui a uma festa — reafirmou.

— Ah, sim, é verdade. — Bati em minha própria testa, fingindo ter esquecido.

— Eu preciso ir muito arrumado? Não tenho muitas roupas bonitas — indagou, olhando para a calça social frouxa.

— Pode ir vestido como quiser, só bagunça um pouco mais esse cabelo, está muito certinho.

— Minha avó diz que passa seriedade.

— Você vai a uma festa, não a uma entrevista de emprego. — Assim que Jiaer assentiu, comecei a andar, dando-lhe as costas para levá-lo até a porta. — Tenho o seu contato no currículo, ligo e te passo o endereço. Ou se quiser pode ir comigo.

Enquanto eu falava, ouvi o barulho de algo quebrando. Olhei para trás e vi que era um vaso que antes estava sobre a mesinha de centro. Jiaer se agachou e começou a catar os cacos, desesperado, sem se importar se cortaria os dedos.

— Não acredito que eu fiz isso! — Afastei suas mãos para que não se cortasse. — Me desculpe, me desculpe! Foi muito caro?

— Calma, eu nem gosto de gastar uma fortuna em enfeites, esse aí provavelmente veio de brinde com a mesinha. — Comecei a rir e ele também, ficando menos tenso. — Levante, não se preocupe com isso.

— Me desculpe mesmo, eu sinto muito.

— Desculpo se parar de pedir. Vá para casa e eu ligo mais tarde. — Novamente comecei a andar, mas dessa vez nada quebrou quando ele me seguiu.

Eu só podia estar muito comovido para chamar um estranho para uma festa de alguém

que ele nem conhecia.

O sol já estava indo embora quando comecei a arrumar meu apartamento para receber o Danton, após a festa do Nando. Foi então que me veio à cabeça o que faríamos nele.

A insegurança não bateu na minha porta, ela arrombou e assaltou toda a calma que eu ainda tinha. Danton parecia tão fogoso que fiquei em dúvida se daria conta de todos os seus fetiches e desejos. Minha mente foi bombardeada de dúvidas.

E se eu morrer do coração antes de transar?

E se eu morrer do coração durante a transa?

Pior, e se eu broxar por causa do nervosismo?

E se o Danton esperar mais do que eu posso oferecer?

E se ele quisesse fazer alguma posição do Kama Sutra que eu não fazia ideia de qual era?

E se ele me comparasse com outras pessoas que já teve na vida?

E se... e se... e se...

Tratei de me arrumar inteiro. Precisava me sentir seguro para lidar com aquela Ferinha, porque ela certamente estaria matando.

Quando estava quase de saída recebi uma mensagem do estagiário.

Jiaer Estagiário

Senhor Julian Osborn, o senhor pode me passar

o endereço para eu saber qual ônibus preciso pegar?

Quantos ônibus aquele garoto precisaria pegar para ir a uma simples festa? Nunca precisei pegar ônibus ou metrô, mas sabia que era como um elevador lotado. Mais uma vez exerci meu papel de trouxa e dei uma carona ao Jiaer.

Ele estava vestido com roupas largas e o cabelo penteado de lado, mas pelo menos estava sem aquele gel com extrato de lambida de vaca. Assim que estacionei na frente do prédio do Vincent, ouvi um comentário curioso de Jiaer.

— Senhor, a sua Ferrari é a 599 GTB Fiorano? — assenti, franzindo o cenho por ele reconhecê-la facilmente. — Desconfiei porque ela tem câmbio manual, é raro hoje em dia.

— Sim, eu gosto de poder mudar a marcha. Você entende de modelos de carro, hein?!

— Claro que sim, senhor Julian, eu sou pobre, mas gosto de carros bonitos e caros. — Começou a rir e, apesar de eu ter tentado segurar o riso, não consegui. Aquele cara era uma figura.

— Um dia você vai poder ter o carro que quiser — falei assim que entramos no prédio.

— Ah, o senhor é rico, é fácil falar isso.

— Acredite, não é. Todos os dias eu tento colocar na minha cabeça que sou capaz de algo, então você deve acreditar que ainda vai poder ter o carro que quiser. Conheço um cara que dizia que, pra ele, só seria prazeroso trabalhar se fosse rodeado do que gostava, e sem um chefe para mandar nele.

— E do que ele gostava, senhor?

— De livros, muitos tipos, de diversos gêneros. Ele gostava até mesmo do cheiro deles e jurava que cada um tinha um cheiro diferente. Desde a adolescência era assim. — Assim que entramos no elevador do condomínio, verifiquei se não estávamos chegando cedo demais.

— E o que ele faz hoje? Quer dizer, trabalhar cercado do que gosta, ainda por cima sem um chefe, é meio difícil.

— Ele tem a sua própria livraria.

— O senhor disse que conhece ele desde a adolescência. É seu amigo?

— Acho que sim — murmurei incerto, adentrando o salão de festas com Wallace Jiaer ao meu encalço.

— Quem é o aniversariante?

— Se chama Nando Davis, se ele disser que você tem uma energia negativa, você está demitido. — Jiaer começou a gargalhar, sem saber que nem era tão brincadeira assim.

Comecei a procurar por Danton, mas não o vi. Ao trocarmos algumas mensagens, disse-me que logo chegaria.

O salão estava lotado, havia uma pista de dança próxima de várias mesas com petiscos e bebidas. Foi lá que vi Theodoro e Rômulo juntos, dançando uma música que estava ecoando no ambiente.

— Aqueles dois são meus amigos, quando acabar essa música nós vamos falar com eles. Vou te apresentar um pessoal da empresa que provavelmente você vai ver pelos corredores, ou se eu te mandar ir em algum setor. Você pode fazer amigos por aqui — avisei, sobrepondo minha voz ao som para o estagiário ao meu lado entender.

— Sim, senhor.

Andamos por pessoas que eu nunca vi na vida, acreditando serem colegas de faculdade do Nando, já que ele tinha voltado a estudar. Reconheci algumas pessoas da HS, e finalmente chegamos até os Tico e Teco.

— Julian! — Rô veio me abraçar, chamando atenção com seu blazer floral. — Fazem três dias que eu não te vejo, quase chorei de saudade, não foi, Theo?

— Percebo... pra vir me abraçar assim, sem se importar com as bactérias — ri, mas ele logo pegou algo no bolso. Nem precisei acompanhar a ação para saber que era o seu álcool em gel.

— E aí, ladrão de melhores amigos, está carregando bem aquele monte de areia no seu caminhãozinho? — Theo falou comigo e antes que eu pudesse responder, sua atenção recaiu sobre o cara ao meu lado. — E você, quem é?

— Ah, esse é o Wallace Jiaer, meu novo estagiário. Jiaer, esses são Theodoro Toussaint e Rômulo Campello — apresentei, o rapaz sorriu e cumprimentou os dois.

— Não deixa ele te explorar, certo? Agora esse aí só quer saber de namorar. — Theo cruzou os braços, sem perceber como estava sendo indiscreto. — Falando nisso, onde está o Danton?

— Danton é seu namorado? — Jiaer perguntou. Eu não podia falar abertamente.

— Não. — No mesmo instante recebi um olhar confuso de Rômulo, e um desconfiado do Theodoro.

Talvez pensando que eu queria negar ter um relacionamento com um homem, mas o meu medo era puramente que alguém que eu mal conhecia soubesse de algo que, não apenas eu, mas Danton também, estava tentando manter em segredo por ora.

— Não somos namorados, mas andamos muito juntos. Ele disse que está vindo. — Tentei amenizar a situação.

— Coração, faça companhia para o assistente pessoal do John filho, enquanto a gente tem uma palavrinha de homem para coelho. — Theo puxou meu braço de uma vez e me arrastou pela multidão.

Esbarramos em algumas pessoas até chegarmos em um canto perto do corredor e próximo das escadas de emergência. O melhor amigo do Danton, com visível irritação na face, me soltou.

— Me explica que história é essa? Você não vai assumir o Dan? — interpelou com as mãos no quadril.

— Calma, não tem nada a ver com isso. Só é melhor que ninguém saiba por enquanto.

— Por quê?

— Porque ele terminou um noivado de um ano recentemente, Jae ainda não superou.

— E daí? Manda ele ir se foder. — Deu de ombros, mas quando viu meu olhar de repreensão, respirou fundo. — Eu sei que ele é o seu titio querido que cuidou de você mais do que o próprio pai e blá blá blá... mas deixa eu te contar uma novidade, o tiozão não vai superar. Sabe por quê? Porque ele é possessivo e manipulador.

— Theodoro, não fale assim, Jae tem defeitos como todo mundo. Concordo que ele não soube se relacionar com o Danton, mas não é por isso que eu vou passar por cima dos sentimentos dele. — Balancei a cabeça para os lados, indignado.

— O Dan pelo menos concordou com isso? — Seu tom de voz era grave e seco.

— Foi ele mesmo quem propôs e eu concordei. Nós só queremos um pouco de paz nesse início de relacionamento.

— Se você magoar ele, eu juro que te mato e guardo o seu pé de coelho pra usar como chaveiro da sorte, certo? — Apontou o dedo para mim, mas eu o peguei e abaixei.

— Pare com isso, Theodoro. Eu fico até feliz que o Danton tenha um amigo que o defenda assim, mas não precisa defender ele de mim. — Não queria me irritar, mas estava ficando difícil manter a calma.

— Você é que precisa se defender de si mesmo, porque não percebe que o tiozão te manipula tanto quanto manipulava o Dan.

— Não vou ficar aqui ouvindo você falar dele.

Eu sabia que o Jae não era perfeito, mas eu também não era. Já senti inveja, desejei o noivo dele, menti, então não podia julgá-lo, nem deixaria outra pessoa fazer isso sem que ele estivesse presente para se defender.

— Posso te dizer uma verdade?

— Não. — Fiz menção de ir embora, mas ele continuou.

— Você está sendo tolo e está enfiando o Dan numa roubada junto com você.

— Theo, pare, eu não quero discutir com você. — Ergui uma mão, pedindo uma pausa.

— Tenho certeza que o Jae suspeita de vocês, e esse plano de esconder que estão juntos só está aumentando a raiva dele.

— Você não conhece ele pra afirmar isso! — Alterei a voz, meus músculos da face já tensionando.

— E você realmente conhece ele? Está sendo tolo demais pra não perceber como ele manipula você se fazendo de desolado pra você sentir pena! Cuidado pra não acabar perdendo o Danton por falta de atitude! — exclamou, irritado.

— Não venha me dizer como eu devo agir com o Danton só porque é amigo dele! Você não tem nada a ver com isso! — vociferei exasperado.

— O que está acontecendo aqui? — Ouvi uma voz inconfundível atrás de mim, Theodoro e eu olhamos em sua direção.

Era Danton que se aproximava de nós sem que percebêssemos.

Theo ignorou a presença do amigo e aproximou-se mais de mim. Tendo minha atenção novamente, tocou o dedo indicador em meu peito e avisou:

— Se você continuar assim, vai cair, e é essa pessoa aí atrás de você que vai amortecer a sua queda. — Eu acreditava que Danton podia ouvir. — Mas quem vai amortecer a queda dele sou eu, então eu tenho sim, "a ver com isso". Já vi o Dan destruído e vou te dizer uma coisa, você

não vai querer saber como é.

Olhou para Danton atrás de mim novamente e se retirou sem dizer um "oi" a ele.

Inevitavelmente, a agrura que antes estava na minha voz, tomou conta do meu peito. Eu estava sendo insuficiente para Danton, mesmo o amando tanto? Se mesmo sentindo tudo isso, eu ainda estava errando, quando eu iria acertar?

Eu definitivamente odiava quando as pessoas falavam comigo como se fossem donas da verdade e eu não soubesse de nada.

— Vocês brigaram? — A expressão de Danton estava totalmente fechada, pelo pouco que devia ter ouvido.

— Sim. — Olhei para baixo por um momento, tentando esconder minha chateação. Apesar de estar mal pela discussão, senti alívio por finalmente ver o Danton. A sua presença me acalmaria, faria eu me sentir menos bosta. — Que bom que você chegou...

Abracei-lhe pela cintura, sentindo sua fragrância floral e cheiro de shampoo, quando meu nariz passou por seu cabelo. Danton não rodeou meu pescoço com seus braços, como geralmente fazia, apenas alisou meus antebraços e me afastou.

— Vou falar com o Theo.

O quê? Agora?

— Danton... fica comigo, por favor — Não tive vergonha de pedir, estava mal com o que ouvi e queria ele ao meu lado.

— Preciso ir falar com ele, já volto. — Passou a mão brevemente por meu braço e saiu, deixando-me boquiaberto.

Eu esperava ter o seu apoio, que me ouvisse contar o que tinha acontecido, não ter sido deixado sozinho depois de eu ter ouvido as acusações de Theodoro.

Minha garganta fechou com um sentimento de amargura. Não queria ser imaturo, mas me senti sendo deixado de lado, quando precisei que Danton ficasse.

Mas mais uma vez em minha vida, algo vinha antes de mim para alguém que eu amava.

Talvez ter ficado muito perto dele tenha me dado a falsa sensação de prioridade, de que ele estaria comigo em todos os momentos que eu precisasse. Mas Theodoro era seu amigo há muito mais tempo do que ele me conhecia, era claro que Danton iria dar preferência a ir consolar o amigo.

Eu já deveria estar acostumado a ser sempre a segunda opção na vida de todo mundo.

Minha mãe, apesar de amorosa, sempre colocou suas viagens a trabalho na frente do tempo que deveria ter me dado na infância, mesmo quando era o meu aniversário. Meu pai sempre estava trancado no seu escritório, no seu mundo de negócios.

Por que Danton me escolheria antes do amigo? Não fazia mesmo sentido. Eu que era um iludido e esperava que ele, tendo se mostrado tão diferente de todos, também me tratasse diferente de todos.

Nunca fui o tipo de pessoa que acha que relações românticas estão na frente de amizades,

mas Theodoro saiu sem dizer nada, já eu pedi que ele ficasse. Mas eu não deveria mesmo esperar tanto. Expectativas apenas nos fazem sofrer quando vemos que, o que esperamos que os outros façam, vai morrer em nossa mente. Porque ninguém é obrigado a cumpri-las, fodido era eu por esperar Danton vir e fazer diferente.

Quem estava amando era *eu*...

Caminhei em direção aonde eu tinha deixado o Jiaer e o Rô, tentando suportar o nó em minha garganta. Eles estavam conversando com o Nando.

Cheguei até o pequeno grupo e forcei um sorriso. O Namastê percebeu na hora. Quando o abracei para cumprimentá-lo, ele me encarou e tremelicou o corpo como se tivesse sentido um calafrio.

— Julian, eu consigo sentir a sua energia pesada daqui. — Pôs a mão em meu ombro e perguntou: — Quer conversar?

— Nada disso, é a sua festa. Inclusive, fiz o pedido de uns livros pra você, só falta chegar. Vai aproveitar a noite. — Virei para olhar o estagiário e falei para os três ouvirem. — Eu trouxe o Wallace pra se enturmar com algumas pessoas da empresa, já que ele vai estagiar lá a partir de segunda-feira.

— Vá, Julian. Eu posso ir apresentando o pessoal a ele, depois dançamos um pouco. Não é, Jiaer? — Rômulo ofereceu, também percebendo como eu estava.

— Rômulo Campello, por acaso você está... me cantando? — Jiaer perguntou na maior cara de pau. Cenho franzido e tudo.

— Por Deus! Não! — Rômulo respondeu de olhos arregalados.

Virei a cabeça para os lados, incrédulo. Até teria rido se não fosse o meu atual humor de cocô.

— Você pode ficar com o Rô, Jiaer?

— Por mim, sim, senhor Julian Osborn.

— Vem comigo. — O Namastê me chamou. — Vamos conversar na rua, tomar um ar lá na calçada do prédio.

Saiu andando e o acompanhei, deixando os outros. Passamos pela porta do salão de festas e ele chamou o elevador.

— Mas e a sua festa?

— Eu estava mesmo querendo uma desculpa pra sair um pouquinho — sorriu, estreitando seus grandes olhos.

— Você é um ótimo amigo, Namastê.

Descemos até o térreo e começamos a andar da portaria para a calçada.

— O que aconteceu?

— Só eu sendo sentimental demais — suspirei. — Discuti com o Theo, porque ele além de falar sobre uma pessoa sem conhecer ela de verdade, veio defender o Danton como se fosse o único a se importar com ele. — Eu não queria pensar muito se estava colocando bem as palavras,

ainda estava muito chateado, pôr para fora me fazia bem.

— São melhores amigos, Julian, é meio natural — riu fraquinho.

— Eu sei, o problema é que discutir com o Theo me deixou tão chateado e eu estava grato pelo Danton ter aparecido. Pensei que ele iria ficar comigo e conversar, como você e eu estamos fazendo agora. Que estivesse disposto a me ouvir, ou só me abraçar... mas ele foi atrás do Theo que nem cumprimentou ele.

— Você está com ciúmes? — perguntou tranquilamente, chutando umas pedrinhas que surgiam no seu caminho, com as mãos nos bolsos.

— Não tenho ciúmes dele com o Theo, mas ele foi a primeira opção que o Danton considerou ouvir. — Estava lá novamente, aquele bloco de concreto na garganta que não descia por nada.

— E você está chateado com o Danton por isso?

— Acho que sim... não sei bem se essa é a palavra. Ele tem direito de fazer o que quiser, mas fiquei triste. — Eu não estava querendo fazer drama, afinal, aprendi a vida toda que eu não poderia reclamar porque era "privilegiado" demais para isso. Mas tinha um amigo disposto a me ouvir e eu me dei o direito de me frustrar. — Eu só me senti sendo deixado pra depois, mais uma vez. É sempre assim.

— Então você não está chateado com o Danton. Está chateado com todos que fizeram isso antes dele. É a primeira vez que o Danton age assim, não fale *"mais uma vez", "é sempre assim"*, atribuindo a ele erros que não foi ele quem cometeu. — Ele me parou e segurou em meus ombros para que eu o encarasse. — Você está sobrecarregado de frustrações, o que aconteceu te trouxe gatilhos de coisas que teve que aguentar a vida inteira. E eu entendo o quanto é ruim, posso até sentir a sua angústia, mas precisa separar as coisas para não ser injusto. Entende?

— Acho que sim...

— Sabe aquele monte de gente que está lá em cima? Eu não chamaria a metade, porque não gosto de ser o centro das atenções, nem de muita gente no mesmo ambiente, mas o Vince não sabe, ainda está me conhecendo bem. Está com um sorriso enorme no rosto por ter conseguido chamar todos em tão pouco tempo — riu da situação e eu também me permiti rir um pouco. — As pessoas erram tentando acertar, Julian. Se você contar ao Danton como se sentiu, não posso te garantir que ele vá fazer diferente da próxima vez, mas vai pensar melhor sobre como você vai se sentir e, pelo menos, vai tentar te explicar o porquê das ações dele, pra que você entenda também e não pense que ele te deixou de canto.

— E o Vince vai chamar menos pessoas na próxima festa — ri, dessa vez me sentindo mais leve. — Obrigado, Namastê. Eu também não estou com raiva do Theo de verdade, só fiquei chateado porque queria que ele visse que eu prezo muito pelos sentimentos do Danton, nunca deixaria que algo prejudicasse ele. Então não gostei do "aviso" que ele me deu, como se eu fosse um moleque que estivesse sendo inconsequente.

— Você está falando sobre o término do Danton com o Jae? — Apenas quando ele perguntou, percebi que não tinha falado ainda o motivo da discussão.

— Sim. Ele basicamente disse para que eu não ligasse para o Jae e nos assumisse, não "escondesse" o Danton. Mas eu só não quero que alguém saia magoado.

— Infelizmente, alguém sempre acaba saindo magoado. — Chegamos ao fim da rua e demos a volta para seguir na direção do prédio novamente. — Mas esperar para contar ou não, só diz respeito a vocês, se os dois estão de acordo, só posso desejar que tudo fique bem.

— Assim eu espero. Obrigado por me ouvir. — Junto das minhas palavras também lhe dei um abraço demorado que de pronto foi retribuído.

Ao me afastar, olhei para a entrada do prédio. A cerca cinco metros de onde estávamos, avistei Danton olhando para os lados, aparentemente procurando algo, preocupado. O vento bagunçava seus fios loiros e era quase criminoso, algo tão simples, deixá-lo ainda mais bonito.

Assim que nos avistou, soltou o ar dos pulmões, fazendo caírem visivelmente. As sobrancelhas contraídas, o nariz vermelho e a boca aberta resfolegando, indicavam que ele parecia ter descido apressado. Danton correu em nossa direção sem esperar que estivéssemos mais perto e, quando chegou até mim, minha única ação foi abrir os braços para recebê-lo, sentindo meu peito abrigar um corpo menor que o meu e um sentimento intenso de completude.

Não existia orgulho que me fizesse rejeitá-lo.

Danton se atracou em meu pescoço como um coala, cruzando as pernas em volta do meu quadril, num impacto tão forte, que quase me fez apoiar um pé para trás, para não desequilibrar.

Nando deu um sorriso discreto, acenou com a cabeça uma vez e começou a andar na frente, deixando-nos.

— Me desculpe... desculpe, não quis te deixar sozinho — falava entrecortado pela própria respiração errática.

— Está tudo bem — murmurei baixo.

Deixei que minha afirmação entrasse também em meu coração. Não quis falar apenas de boca.

Enquanto sentia sua respiração quente em meu pescoço e o seu coração agitado contra o meu peito, deixei vários beijos calmos em sua cabeça.

Eu o amava, era irrevogável.

— Pensei que você tivesse ido embora. — Sua voz saía abafada. Eu o desci do meu colo para que apoiasse os pés no chão.

— Claro que não. — Acarinhei seu rosto com o polegar.

Danton parecia ter chorado, mas talvez, tivesse sido ainda em sua conversa com o amigo, não sabia se era por minha causa. De qualquer forma, não gostava de ver seu rosto vermelho por esse motivo.

Somente naquele momento pude reparar no quanto ele estava estonteante, como não reparei mais cedo, devido a discussão.

A regata preta, assim como a calça rasgada nos joelhos, contrastavam com um blazer branco. Uma linda gargantilha adornava seu pescoço, com um pingente prateado. O delineado rente aos cílios, junto a uma sombra esfumada destacavam seu olhar. Ainda tinha o cabelo repartido ao meio, completando o visual estonteante.

— Você está chateado comigo? — Olhava-me analítico, com seus quasares brilhando.

Catapimbas, cada átomo do meu corpo amava aquele homem. Eu nunca me cansava de pensar isso.

— Não, Ferinha.

— Eu pensei que sim…

— De início, fiquei triste, porque te queria comigo e você foi para o Theodoro. Mas percebi que na verdade, o sentimento de ser deixado de lado, já estava em mim há um tempo, não foi você quem implantou. Então talvez eu tenha aumentado tudo na minha cabeça.

— O Theo só está preocupado por não falarmos que estamos juntos e eu fui pedir que ele não desconte em você porque a decisão foi nossa. — Afastou as mãos do meu pescoço e se colocou do meu lado para voltarmos. — Eu queria falar com os dois, só não sabia como agir. Seja sincero, você está magoado comigo?

— Não estou, você ter vindo atrás de mim, preocupado, já mostra o quanto se importa. Está tudo bem, Ferinha. Vamos esquecer isso e voltar — respondi, sentindo o coração mais leve. — Preciso te apresentar o meu estagiário e falar com o outro anfitrião ainda.

— Não vai brigar com o Vince, hein. Ele está meio doente, prosseguiu com a festa só por causa do Nando mesmo.

— Está me chamando de barraqueiro, que briga com todo mundo? — Ele se posicionou atrás de mim e me abraçou por trás.

— Eu jamais diria isso, meu céu. Você não é respondão, nem um pouquinho. — Ouvi apenas a risadinha do sonso.

Entramos no prédio e subimos para o salão, que já estava ficando vazio de pessoas. Para a nossa sorte, o Wallace Jiaer estava na porta com o Rômulo e o Theodoro. Esse último me olhou por um momento e depois para o estagiário, que começou a falar.

— Senhor Julian Osborn, o senhor se importa se eu voltar para casa com o Toussaint e o Campello? — perguntou a mim, mas olhava para o Danton.

— Não, mas antes de você ir, quero que conheça mais uma pessoa. — Apontei para Danton ao meu lado. — Esse aqui é o coordenador da sala de testes da High Security, Danton Sartori.

— É um prazer, senhor Sartori. — Curvou-se e ajeitou seus óculos redondos no rosto.

— Sem tanta formalidade, apenas Danton — ele sorriu educado para o rapaz como cumprimento. — Sua jaqueta é bonita, combina com você.

— Danton Sartori, por acaso... o senhor está me cantando?

— O quê? — Danton franziu o cenho confuso.

— Não liga, ele é assim. — Revirei os olhos, embora já tivesse esperado aquela resposta.

— Minha nossa, você pergunta isso pra todo mundo? — Rômulo começou a rir.

— Bom, não tem problema algum, até porque o Danton está solteiro, certo?

— Theodoro Toussaint... — Danton o chamou em tom repreensivo.

— Estou apenas dizendo a verdade, por que não chama o coordenador mais bonito da HS para sair, hein, assistente? — sugeriu ao garoto, mas olhou-me como se me desafiasse.

— Você é bonito mesmo... — Jiaer olhou para baixo, mostrando um sorriso tímido, mas Danton não alterou sua expressão impassível.

Eu era grato por Danton não reagir tímido a elogios, ou o estagiário poderia achar que ele estava interessado.

— Vamos logo, até segunda, gente. — Rômulo fez o favor de pegar em um braço do "namoradinho" e em um do estagiário, para levá-los dali.

Theodoro acenou para todos e, antes de sair, deu um sorriso vitorioso, ao me ver com a mandíbula travada.

Em outro momento, talvez conseguíssemos conversar sem farpas. Tentei colocar em minha mente que ele estava apenas preocupado com o amigo, apesar da atitude babaca.

Danton percebeu toda a minha tensão, quando apertou de leve os espaços entre meus ombros e pescoço, e depois acariciou meu rosto. Era o máximo que podíamos fazer no meio de tantos conhecidos.

— Quantos anos aquele estagiário tem?

— Ele disse que tem vinte e quatro, mas parece mais velho.

— Sim, parece ter pelo menos a minha idade.

— Ele disse que teve uma vida sofrida, trabalhou como auxiliar de coveiro, sob o sol — expliquei, mas a careta de Danton só aumentou.

— Auxiliar de coveiro? Isso existe?

— Pelo visto, sim... — Encerrei o assunto no momento em que vi Vincent e Nando vindo em nossa direção.

O diretor parecia um tanto cansado e Nando tinha uma linha de preocupação entre as sobrancelhas quando falou conosco.

— Nós vamos ter que ir ao hospital agora. — Abri a boca surpreso e olhei para o Vincent, imaginando ser por causa dele. — Não é nada emergente, mas o Vince precisa de atendimento. Está com uma lesão no esôfago.

— Achei que você já estivesse ficando bom, Vince. — Danton fez uma cara de desagrado e tristeza.

— Eu passei mal hoje e ardeu muito, melhor eu ir ver isso. O Nando vai comigo, mas eu preciso pedir uma coisa a vocês.

— Pode pedir — assegurei e Vincent fez o pedido olhando para mim.

— Vocês podem pedir ao pessoal que ainda está aqui para irem embora? E se não for pedir muito, recolher meu equipamento de som, e as decorações que não são do salão? A limpeza eu vou contratar amanhã. — Engoliu saliva, fazendo uma careta. — E se eu tiver que fazer exames e demorar, como aconteceu da última vez, você pode tomar conta do apartamento até eu voltar, Danton?

— Claro, Vince. — Danton respondeu e olhou para mim, provavelmente pensando o mesmo que eu. Que a nossa noite no meu apartamento foi por água abaixo.

— Julian, posso falar com você um momento? — Vincent pediu e, mesmo surpreso, eu o segui até um canto um pouco mais distante, para falarmos a sós.

— Você quer pedir mais alguma coisa? — Parei de frente para ele.

— Eu queria explicar à você que fiquei sabendo hoje pelo Nando o motivo pelo qual o Eric foi demitido. Não sabia que ele era um criminoso.

Apenas ouvi calado, esperando ele continuar.

— Sei que você ficou desconfiado de mim porque me viu conversando com ele. Eric disse que conseguiria o contato do Nan para mim. Tive muito medo de saberem do meu interesse nele, porque o chefe dele é horrível e homofóbico, então eu queria agir discretamente.

— Não sabia que o chefe da manutenção era assim. O Namastê nunca reclama de trabalho pra mim.

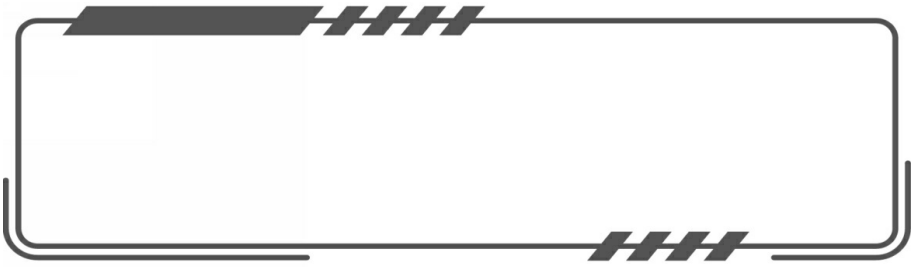
Comecei a me sentir um pouco mal por isso. Se Nando Davis terminasse seu curso e se mostrasse bom, poderia até mesmo ocupar a chefia no lugar daquele cara. Eu iria ficar de olho nisso e apoiá-lo no percurso.

— Fui ao setor do Nando, mas percebi que eu não estava sendo discreto, o Eric chamou minha atenção. Entregou um papel com o número de telefone do setor da manutenção, dizendo que era melhor ligar do que aparecer lá, pra não levantar suspeitas.

Eu acreditava que o diretor estava falando a verdade, batia com o fato de o número do bilhete ser do ramal da manutenção.

— Por que Eric se importaria com os seus problemas amorosos? — Eu não entendia, o cara era totalmente insensível.

— Interesse. Ele queria que eu, como diretor, desse um jeito de colocá-lo para trabalhar na fase de testes. Acredito que estava interessado em se aproximar do Danton, sempre tentava flertar na cara dura quando via ele.



Nota mental:

Criar uma lista com os nomes das pessoas

que querem roubar minha Ferinha.

— Eu entendo, Vince, sem problemas. Eu te julguei... talvez a gente tenha começado com

o pé errado. — Franzi os lábios.

— Sim, mas o que eu puder fazer por vocês, pode acreditar que *eu vou fazer*. O Danton já me ajudou muito, sem nunca cobrar nada em troca, mas eu lembro, e gosto de retribuir. — Engoliu saliva novamente, parecendo incomodado. — Então... preciso ir agora.

Eu assenti, trocamos sorrisos cordiais, ele chamou o Nando, deixou as cópias das chaves com Danton, e nos entregou a missão de "expulsar" as pessoas que ainda estavam lá. Foi cansativo, ter que dar explicações a todos, porém os convidados entenderam e foram embora.

Após arrumarmos boa parte das coisas, colocamos uma playlist para tocar no meu celular, pela única caixa de som que ficou. Havia somente nós dois no térreo, a brisa da noite, as músicas e a companhia, fizeram valer a pena todo o trabalho.

— Ufa, achei que a gente não acabaria hoje. — Danton se jogou em um sofá ali próximo, em seguida fiz o mesmo.

— Não foi assim que eu imaginei que essa noite acabaria — resmunguei ao som da sua risada.

— Eu também não. Pena que não vou mais poder ir com você ao seu apartamento — Deslizou o blazer branco pelos ombros até ficar apenas de regata. Tão lindo, eu tinha vontade de tocá-lo o tempo todo. — Não sei que horas o Vince vai voltar e já vai dar meia noite.

Resignado, apoiei a cabeça no encosto do sofá e fechei os olhos. Logo ficamos em um silêncio tranquilo, mas que durou apenas alguns minutos.

— Juli, o que você pensou quando me viu pela primeira vez? — Abri apenas um olho para ver sua cabeça lateralizada em minha direção, quando também se apoiou no estofado.

— Que você era lindo, óbvio. Mas como era noivo do Jae, eu não me permitia ficar te observando. A gente dava no máximo "bom dia" pelos corredores e era muito raro. — Respirei fundo, lembrando daquela época. — Mas quando te vi no elevador, tudo mudou.

— Por quê? — Virou o corpo todo de lado em minha direção, atento.

— Lá eu te vi sem camisa, né? — Quando dei de ombros, Danton deu um tapinha em meu peito, gargalhando. — Eu não estou brincando, é verdade!

— Fala sério... — ri junto com ele, mas quis lhe dar uma resposta verdadeira.

— Lá eu conheci a sua gentileza, a sua inteligência, uma pitada do seu jeito provocante e, o mais importante, ao te ouvir falar sobre suas vontades, tive anseio de te conhecer mais. Poucas pessoas despertam isso em mim, foi até um pouco assustador, tendo em vista que poderia ser perigoso. E você?

— Eu o quê? — Quando olhei para ele, vi um sorriso bobo em sua face, depois de ouvir meu relato.

— O que você pensou quando me viu pela primeira vez?

— Na verdade, quando eu te vi pela primeira vez, você não tinha me visto ainda. Era uma reunião geral, a primeira que participei, porque eu tinha acabado de virar coordenador. — Olhou para o lado e riu baixinho. — Eu estava sentado ao lado do Jae e te vi atento a tudo o que seu pai falava, na reunião que ele conduzia.

— Há quanto tempo?

— Há uns seis meses, eu acho. Você estava com boca aberta e os olhos brilhando, observando o seu pai. Não foi difícil imaginar que você queria ser como ele. Claro que te achei muito bonito, mas guardei minha opinião apenas pra mim. Então, perguntei ao Jae sobre como você era, já que eu não tinha contato com você.

— E o que ele disse?

— Ah... isso não importa. Vamos dançar. — Arqueei as sobrancelhas ao ouvir sua ideia. — Uma cena clichê não faz mal a ninguém. Jajá vai começar a próxima música, a gente levanta e dança nesse terraço, cheio de copos vermelhos descartáveis pelo chão, sob a luz... — Olhou para cima, procurando a lua que não estava presente, e continuou — Sob a luz dos prédios vizinhos, com o vento bagunçando nossos cabelos, mas a gente fingindo que é tudo mágico.

A música seguinte começou a tocar, e eu já tinha ouvido ela, mas nunca prestei realmente atenção na letra. Danton puxou minha mão, obrigando-me a levantar pela força descomunal do magnetismo que me puxava para ele.

— Eu nem sei dançar, Danton — resmunguei.

— Ótimo, perfeito para completar o nosso clichê. É sempre assim, um sabe dançar e o outro não.

— E você é o que sabe dançar?

— Na verdade, não. — Franziu o cenho para responder, como se estivesse se desculpando.

— Mentiroso.

Danton colocou as mãos na minha cintura, enquanto eu passei as minhas por cima dos seus braços nus, cobrindo-os.

A música falava sobre como é bom ter alguém como um amor e um amigo.

— Eu também sou seu amigo, Danton? — indaguei com um olhar devoto sobre ele.

— Sim — respondeu sem demora, movendo seu corpo junto com o meu. — Eu confio em você e sei que posso contar para o que eu precisar, assim como me sinto à vontade para falar o que for sobre mim.

Ele pegou as laterais do meu blazer preto para tirá-lo.

— Também quero ser um amigo pra você, meu céu.

— Você é — afirmei sem titubear. Abri os braços para ajudá-lo a deslizar a peça sobre meus braços, sem parar de dançar.

Danton começou a cantarolar. Eu o abracei pela cintura e, sem resistir, uni nossos lábios e línguas. Ele entrelaçou suas mãos em meu cabelo e suspirou. Nossas respirações estavam lentas, mas o ósculo se intensificava naturalmente, como sempre acontecia quando tínhamos aquele contato.

Sua boca tinha gosto de suco de groselha, não de bebida. Eu amava o seu jeito prudente. Naquela noite, ele não iria dirigir, iríamos para o meu apartamento no meu carro, mas ainda

assim sua língua não tinha sabor de álcool. O que me levava a imaginar que Danton não tinha bebido pelo mesmo motivo que eu. Ele não queria ter um pingo de álcool correndo nas veias quando fosse se entregar para mim.

Nosso beijo só se tornou mais necessitado, porque eu queria tocá-lo, queria mais dele, queria fazê-lo se sentir desejado como nunca antes foi.

Desci meu rosto por seu pescoço, onde inalei o seu perfume floral e beijei os ossinhos protuberantes da sua clavícula. Trilhei um caminho de beijos até seu ombro esquerdo e arrastei o nariz pela pele desnuda. Minha carne inteira tremia com vontade dele. Danton pôs as mãos em meu peito, sentindo as batidas frenéticas do meu coração.

— Quero tanto você agora... — Ouvi sua voz rouca, no momento em que beijava seu ombro. Então, ergui minha cabeça para encará-lo — Sentir o seu corpo com o meu.

— Eu também quero sentir você inteirinho, Danton. — Apertei sua nuca com força, satisfeito com o seu resfolegar.

Seu olhar sobre mim era quase de adoração. Aqueles quasares acesos me desejavam.

Interrompendo nosso momento, seu celular tocou com uma notificação de mensagem. Ele retirou o aparelho do bolso e olhou para a tela.

— É do Vince. Já foi medicado para dor, mas vai ficar em observação e fazer um exame de imagem. Não vai voltar hoje. — suspirou e jogou o celular no sofá.

— Que bom que ele melhorou — afirmei sincero.

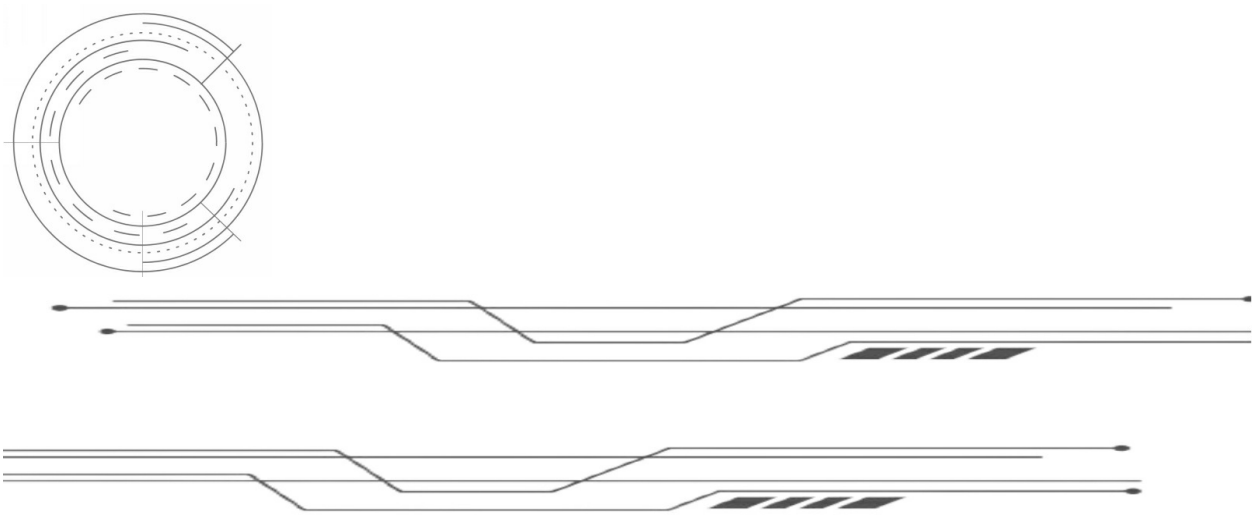
— Sim, mas vamos pensar em nós agora. — Girou a chave entre os dedos. — Eu divido o apartamento com o Vince e ele não vai voltar hoje.

— As coisas que compramos no Sex Shop estão nesse apartamento, não estão? — indaguei.

— Sim. — Danton arqueou uma sobrancelha, antes de me puxar pelo quadril.

— Então acho que nossos planos não foram perdidos.

CAPÍTULO 06



88

Após desligar a caixa de som do salão de festas, saí de lá com o Danton em direção ao elevador. Eu estava quase explodindo de felicidade por constatar que finalmente nós iríamos fazer o que nossos corpos e almas queriam fazia um tempinho.

Entretanto, em pé de igualdade, havia nervosismo. Parecia que o ato de sair do terraço ativou todos os meus nervos.

Eu acreditava que a mesma sensação que me acometia, se fazia presente em Danton também, dado o fato que entramos no elevador em silêncio, e assim permanecemos até chegarmos no apartamento.

— Que sede, você quer água? — perguntou no momento em que tiramos nossos calçados e seguimos até a cozinha.

— Sim, Ferinha.

Caminhamos até a cozinha, onde ele encheu dois copos e me deu um. Bebemos nos encarando, foi quando percebi que a sua mão tremia. Era meio raro vê-lo daquele jeito, tendo em vista que o mais desequilibrado de nós era eu. Danton Sartori ansioso era algo que não se via todo dia.

— Me dá. — Estendi a mão para pegar seu copo já vazio e colocá-lo sobre o balcão. — Tem certeza que você quer ficar comigo essa noite?

— Tenho, e você? — Aproximou-se de mim e passou os braços por minha nuca.

— Claro que eu tenho, faz tempo que eu peço esse milagre a Deus. — Danton começou a gargalhar, abaixando a cabeça e sacudindo os ombros. Era bom sentir o clima ficando mais leve. — Eu sou um homem de fé, Danton Ferinha, só faltei fazer promessa.

— Para, Julian! — Deu um tapinha em meu peito, colocando uma mão na boca quando a gargalhada intensificou.

— É porque você não sabe as batalhas que eu travei. Vou escrever a nossa história, todo mundo vai se compadecer de mim. Vai se chamar *O Belo e o Ferinha*.

— Você é tão manhoso — ri junto com ele, mas meu sorriso foi perdendo força para dar lugar à vontade de beijá-lo.

Corri minhas mãos por sua cintura e o puxei para unir nossas bocas. Danton agarrou minha nuca e recebeu minha língua massageando a sua, explorando cada cantinho de sua cavidade. Antes que eu pudesse aproveitar mais, ele se afastou.

— Vem, vou te levar pro quarto. — Segurou minha mão para me conduzir pelo corredor ao lado da cozinha.

— Onde está o senhor Gray, "*meus gostos são peculiares, você não entenderia*"? — forcei uma voz debochada. — O fetichista quer transar na cama?

— Juli... É a nossa primeira vez, quero que seja na cama, sou romântico também. — Fez um bico lindo ao tempo em que abria a porta do seu quarto. — Depois a gente faz até na poltrona de balanço se você quiser.

— Eu vou cobrar…

Mesmo fechando a porta atrás de nós, ele não acendeu a luz, direcionou-se às duas luminárias de chão perto da cama e as acendeu. O ambiente ficou com uma iluminação quente e agradável, não agredia nossos olhos e deixava o clima mais acolhedor.

— Você gosta assim?

— Está perfeito.

Seu quarto ainda não estava totalmente arrumado, mas era bem a cara do coordenador. A cama era "solteirão", um pouco mais espaçosa que uma de solteiro comum, uma mesinha de cabeceira com os nossos *brinquedos* e uma estante com alguns artesanatos e livros.

O grande guarda-roupa, paralelo à cama, tinha um espelho em todo o comprimento das portas.

— Das coisas que compramos, o que você quer usar hoje? — indagou, pegando o potinho com lubrificante de bolinhas. — Eu já higienizei tudo.

— Podemos usar os lubrificantes, o óleo afrodisíaco... quem sabe as algemas. — Suspirei, tentando não pensar demais para não ficar nervoso.

— O óleo agora não. Quero sentir o sabor da sua pele quando eu te lamber todinho. — Beijou minha bochecha, antes de descer os lábios pela linha da mandíbula, onde sugou a pele até me fazer arrepiar. — Eu tenho tanta vontade de você. — Suspirei ao ouvir sua confissão.

— Eu também, quero você inteirinho — repeti o que eu disse mais cedo, agarrando seus ombros nus.

— Você me tem, não só fisicamente. — Senti seus dedos abrindo os botões da minha camisa.

Estávamos no meio do quarto, entre sua cama e o guarda-roupa. O espelho era capaz de mostrar toda a nossa silhueta, até mesmo quando estivéssemos na cama.

Pude sentir a instabilidade das minhas próprias mãos enquanto o acariciava, mas não queria deixar o nervosismo ditar minhas ações. Era o homem que eu tanto queria diante de mim, minha ansiedade não podia atrapalhar um momento tão esperado.

— Quero que sinta liberdade de me dizer tudo o que quer fazer... tudo que desejar. — Quis deixar claro que comigo as suas vontades seriam respeitadas e seus desejos seriam atendidos.

Era nossa primeira vez, precisávamos bastante de diálogo.

— Uhum...

Ao chegar no último botão, deslizou o tecido por meus braços, em seguida jogou a peça no chão, parecendo hipnotizado. Senti meu corpo esbrasear por onde seus quasares passavam. Abdômen, peitoral, braços, ele me despia com o olhar.

— Você é tão lindo, meu céu. — Acariciou o peito que por ele expandia em busca de ar, e a barriga que abrigava todas as borboletas do mundo.

As pontas dos seus dedos mapeavam meus músculos com suavidade, sensibilizando minha tez. Seus elogios me deixavam mole, eu não sabia lidar.

— Deixa eu te ver também. — Pus minhas mãos na barra da sua regata preta.

Sem receio algum, ele levantou os braços para que eu a tirasse, rindo quando minhas mãos passaram por suas axilas no trajeto. Assim que joguei a peça no chão, admirei mais uma vez seu torso, até que minha atenção recaiu no piercing que tanto mexia com a minha imaginação. Percebendo minha atenção na argola prateada em seu mamilo, Danton sorriu ladino e pegou minha mão, guiando-a ao próprio peito.

Eu nunca tinha lhe tocado tão livremente assim, meu coração até doía de tão forte que estava batendo. Senti a textura da sua pele com meus dígitos e não pude evitar dar um suspiro afetado, afinal, eu não sabia qual sentimento era mais predominante em mim, tesão ou emoção.

Seu mamilo enrijeceu sob o meu toque, assim como seus músculos se contraíram. Usei a outra mão para acariciar e puxar levemente o outro. Sem resistir mais um segundo, curvei-me para senti-lo com minha boca, língua e dentes.

Danton resfolegou no instante em que chupei a região, capturando mamilo e piercing juntos, logo após dando atenção ao outro bico protuso também. Quando suas unhas arranharam na região da minha costela com força, puxei o ar entredentes. Seu desejo era o catalisador do meu.

A cada minuto o nosso desejo ganhava mais vida.

Corri minhas mãos para a sua bunda, onde apertei forte e quis chorar de tesão quando senti sua rigidez contra a minha, ao tempo em que suas unhas subiram das minhas costelas ao peito, castigando a pele.

O calor da pele nua do seu torso no meu, me fez sentir vontade de tirar logo sua roupa, para senti-lo melhor. Em razão disso, separei nossos lábios úmidos de saliva, alcancei o cós da

sua calça e, com as mãos instáveis, desafivelei e retirei o cinto, para jogá-lo sobre o piso.

Danton segurava em meus braços em silêncio, apenas com a respiração ganhando ritmo, assim como a minha. No momento em que abri o único botão, podendo ver sua boxer azul escura, senti suas mãos apertarem mais meus antebraços. Olhei em seu rosto, podendo perceber a tensão despontando em suas feições. Não havia qualquer ação de negação, parecia apenas se preparando mentalmente para o momento em que eu tiraria a peça.

A Ferinha provocadora de sempre tinha dado lugar ao receio que ainda tinha de que eu visse sua cicatriz. Não iria me impedir, mas era visível o quanto o seu corpo travou.

Minhas mãos formigavam, ansiando tocá-lo inteirinho, mas eu só queria se Danton se sentisse animado. Em razão disso, segurei a urgência que ardia em mim. Sem tirar as mãos de sua calça, inclinei-me sobre seu ombro, onde beijei com carinho, fazendo uma trilha de lábios e língua deste este lugar até o ponto alto de seu pescoço. Chegando em seu ouvido, sussurrei:

— Seu corpo é um paraíso, sabia? — rendido, ele inclinou a cabeça para o lado, facilitando meu acesso. — Posso explorar ele? — Recebi um sorriso mais relaxado e satisfeito.

— Claro que pode...

Com a sua permissão, desci o zíper, ainda beijando e lambendo sua orelha, enquanto suas mãos apertavam meus braços. Afastei minha cabeça e o encarei o tempo todo em que puxava sua calça para baixo. Mesmo quando tive que agachar para que ela passasse por suas pernas torneadas, tornozelos e pés, meu olhar não deixou o seu.

Fiquei alguns segundos acariciando seus tornozelos. Enquanto Danton me encarava de cima, eu estudava sua face, de baixo. Até que seus olhos se fecharam com o carinho que fiz em suas panturrilhas.

Minha palma direita percorreu sua perna esquerda e, somente ao chegar na coxa, olhei para ela. A cicatriz na lateral externa era extensa, realmente ia da metade da coxa até o ossinho protuberante do trocanter no quadril. Era uma fina incisão cirúrgica de pele um pouco rosada. Ao lado existiam algumas marquinhas pequenas, como se fossem cicatrizes de antigas escoriações que um dia foram profundas. Parecia até uma pintura abstrata, mas pintada pela vida.

Apesar da minha análise detalhada, ela se fez em poucos segundos, para não deixá-lo incomodado.

Passei minha palma por toda a musculatura, mesmo com um pouco de receio, distribui vários beijos na coxa. Ao não ver qualquer sinal de desconforto, percorri com os lábios em cima da cicatriz até o quadril.

— Você é lindo, Dan…

Quis deixá-lo o mais relaxado possível, porque eu sabia que quando estivesse totalmente à vontade, a Ferinha que existia nele iria despertar.

Enquanto eu fazia o percurso, Danton abriu os olhos para ver a cena. Entregue, entrelaçou os dedos em meu cabelo, sem puxar. Sua boca estava aberta, porém, som algum saía dela.

Beijei sua virilha coberta pela boxer, passei a língua em sua barriga, sentindo seus pelinhos arrepiarem e ele se contorcer. Descobri então, que sua barriga era uma zona erógena,

chupei abaixo do umbigo com um pouco de força até Danton arquejar.

A visão da sua boca rubra me fez sentir mais necessidade dela. Ergui meu corpo e voltei a lhe beijar com certo desespero. Minha calça já apertava porque eu latejava de tesão. Quando me afastei, observei cada parte do seu corpo como o maior presente que eu teria na noite. Ao encarar Danton, vi que já era alvo do seu olhar impetuoso me perfurando.

De pé, com o corpo colado no seu, segurei as barras de sua cueca, mas senti sua mão se fechar num aperto firme rente ao meu couro cabeludo. Ele deu um puxão forte, obrigando meu queixo a inclinar para cima e minha cabeça para trás.

— Ajoelha — ordenou e sorriu oblíquo. Sabia que eu me excitava com sua postura autoritária.

Todo marrento, ainda que estivesse pulsando, tão necessitado de estímulo quanto eu.

Obedeci, ficando de joelhos. Então retirei sua única peça de roupa, contemplando seu corpo desnudo pela primeira vez na minha frente, como muitas vezes fantasiei, adornado apenas com a gargantilha preta no pescoço. A visão era tão linda e eu era tão privilegiado por isso.

— Quer experimentar?

— Quero.

— Então chupa bem gostoso, meu céu.

Fechei minha mão em seu desejo pulsante e o toquei com meus lábios e língua. Conforme eu o estimulava, Danton cravava as unhas em meus ombros e respirava pesado. Seu peitoral subia e descia lentamente, as sobrancelhas se uniam e as pálpebras fechavam e abriam a cada arfar que escapava de sua boca.

— Julian…

Lágrimas se acumularam nos cantos externos dos meus olhos quando ele me puxou pelo cabelo contra o seu corpo, causando um pouco de ânsia. Entretanto, em momento algum repeli sua brusquidão

— Tudo bem? — perguntou com a voz falha, excitada, porém preocupada.

— Sim, já passou.

— Então abre bem pra mim, meu céu.

Com a mão que não estava em minha cabeça, ele segurou meu queixo para imobilizá-lo. Prendi a respiração, empurrei a língua para trás, a fim de proteger a úvula e eu não ter mais espasmos, somente então Danton começou a investir novamente.

Eu estava tão desnorteado, respirava quando dava e me esforçava para encará-lo.

— Seu rosto fica lindo no meio das minhas pernas, mas eu quero você mais pertinho agora. — Apertando minha mandíbula, puxou-me com a ajuda da outra mão, para que eu me levantasse.

De pé na sua frente, vi seus olhos sobre o volume da minha calça e uma sensação de lava vulcânica tomou conta do meu estômago e baixo ventre.

— Tira — pediu, ou ordenou, eu nem sabia. Sem pensar muito, atendi.

Desci minha calça justa junto com a boxer vermelha – escolhida cuidadosamente – por minhas pernas. Conforme eu tirava, fui me dando conta de que estava completamente despido para ele. Era a primeira vez e, apesar de o meu corpo ser uma das únicas coisas na vida que eu não era inseguro, tremi ao imaginar que quando me erguesse e ficasse todo à mercê da sua visão, ele me analisaria.

Tal pensamento não me impediu de prosseguir, mas quando me reclinei e vi suas íris me incinerando, quase tive um curto circuito. Danton conseguia fazer eu me sentir mais nu do que eu já estava.

— Julian, você já se tocou pensando em mim? — Sua voz soava baixa e melodiosa.

— Sim. — A minha, quase não encontrava o caminho para fora.

— Me mostra...

Catapimbas!

Movido pela sua voz que me hipnotizava, comecei a me estimular, ofegando baixinho com a doce tortura.

— Desejei por tantas noites que você me tocasse — confessei. Danton também começou a se tocar, olhando para mim.

Eu poderia morrer feliz com aquela visão insana.

— Eu também...

Aproximou-se de mim e me beijou enquanto me conduzia até a cama. Andei de costas até encostar a parte interna dos joelhos no colchão, e fui empurrado sobre este. A Ferinha subiu também, engatinhando como um felino, parando apenas quando me viu parar também, encontrando-se comigo, no centro da cama.

— Vamos brincar um pouquinho, meu céu. — Deu uma piscadela antes de pegar as algemas e o potinho com as bolinhas lubrificantes. — Estique os braços nas grades da cabeceira.

— Vai me prender? Mas eu quero te tocar — reclamei, levando-o a rir.

— Também quero que você me toque, logo logo te solto. É só pra te deixar um pouco mais excitado.

— Mais? Eu já tô mais excitado do que a população De Álamo inteira.

— Seja paciente, manhosinho, vai valer a pena. — Forçou seu peso sobre mim, e me beijou com vontade até me deixar tonto, o que não estava difícil de se conseguir, dado as minhas condições físicas e mentais. — Posso?

— Pode, mas não me maltrate, se eu pedir para soltar, solte — murmurei, com "medo" de ele me torturar muito. O safado riu mais.

Era um desafio grande para mim, que geralmente tinha resistência a tudo que era novo. Mas até nisso Danton conseguia me encorajar e fazer eu me soltar.

— É você quem manda, manhosinho. — Ergui meus braços e ele os prendeu nas grades da cabeceira. Com um puxão firme, certificou-se de que eu estava bem preso.

— Eu não mando nem no meu próprio pau.

— Ele é lindo como você, quero prová-lo.

— Eu deixo, vem.

No lugar de me atender, o sonso pegou uma bolinha lubrificante e a levou sobre a boca.

Afastou minhas pernas, deixando-me mais exposto. Um calafrio me fez estremecer, quando ele se colocou entre meus joelhos dobrados.

— Não vai me vendar?

— Não, quero que você veja tudo.

Tendo minha atenção para si, mordeu a cápsula entre os lábios voluptuosos, fazendo-a estourar. Sua boca e dedos melaram com o líquido. Com o dedo indicador lubrificado, ele percorreu a linha central do meu peito. O frescor me fez arrepiar e jogar a cabeça no travesseiro, com a respiração desregulada.

Danton queria que eu olhasse, mas nem isso eu me achava capaz. De olhos fechados, senti seu corpo se inclinando sobre o meu, arrastando as mão e unhas por meus gominhos, até a que estava menos melada, e se fechar em minha excitação pulsante por ele. Estimulou-me num vai e vem gostoso, mas parou.

— Danton, por favor...

Puxei minhas mãos contra o couro que me prendia, como se pudesse soltá-las, elas já formigavam com vontade de tocá-lo. Já as suas, subiram do meu ventre para o peito e apertaram meus mamilos sem aviso prévio, no momento em que seu sexo também se friccionou no meu. Gemi surpreso, num estado deplorável de prazer, com uma necessidade violenta me atingindo.

A sensação do lubrificante de morango em minhas auréolas era refrescante, mas conforme ele aumentava a fricção nos mamilos, ia esquentando.

Estimulou com sua boca também, atingindo-me com seu hálito quente.

— Está sentindo a temperatura da *ball level hard supremacy* mudando? — perguntou num sussurro, como se estivesse numa sessão de massagem tântrica.

Estou sentindo a minha alma me abandonando, isso sim.

— Não acredito que você decorou o nome desse troço. — Fechando os olhos novamente, respondi, sentindo também o cheiro de morango atingindo minhas narinas.

— Você gosta da sensação? — Puxou os mamilos com mais força, no momento em que simulou uma estocada mais uma vez.

— Eu quero você. — Ergui a cabeça e respondi num choramingo, enquanto fechava os punhos com força no alto da minha cabeça.

— Como você me quer? Metendo bem gostoso em você, ou sentando em você, já que está tão duro por mim?

— Os dois...

— Que guloso, meu céu. — Beijou minha barriga e passeou com a língua na horizontal, da costela direita à esquerda. — Então vamos na primeira opção primeiro.

Sem me torturar mais, Danton ajeitou a postura, pegou uma fileira de camisinhas na mesinha e a colocou sobre a cama, mas percebi que também havia pego um anel de silicone, sorrateiramente. Tirou mais uma uma *ball do fogo do inferno* do pote e olhou para mim.

— Abra mais as pernas pra mim. — Beijou o meu joelho e, quando o atendi, ele estourou a cápsula e começou a espalhar em minha entrada.

— Posso colocar o anel em você?

— Eu nunca usei isso. — Ao ouvir meu aviso, ele passou a mão na minha bochecha com carinho.

— Eu coloco com cuidado, com a ajuda do lubrificante, e ele funciona como se fosse um torniquete, te impedindo de gozar. Não faz mal, não vamos deixar mais de vinte minutos. Quando você quiser muito se liberar, a gente tira.

— Pode colocar, mas o sem vibração. — Danton sorriu pela confiança depositada nele. Preferi o sem vibrador por ser minha primeira vez usando um. Em outras vezes, poderemos inovar mais.

— Ok, mas antes vou te preparar, tá?

— Me solta primeiro — pedi, apertando as pernas, sem mais controle algum do meu corpo. Nem sabia como tinha chegado a esse ponto.

— Solto sim, meu céu. — Inclinou-se sobre mim e abriu as algemas.

Desesperado, puxei seu rosto para um beijo necessitado, sentindo minhas veias escaldarem com um tesão desesperador. Chupei sua língua, lambi seu rosto, mordi seu queixo até ele gemer de dor.

Quando percorri seu pescoço com a minha língua, Danton puxou meu cabelo. Com ainda mais urgência, suguei sua clavícula com força, antes de descer por seu peito e sugar seus mamilos, sentindo seus arfares no alto da minha cabeça.

— Ah, não faz isso... Eu ainda preciso te preparar.

— Então prepara logo de uma vez.

Danton imediatamente começou a me tocar com seus dedos, a queimação em minha virilha estava me devastando. O suor já começava a escorrer em meu rosto.

— Posso morder você? — O sonso perguntou, depois de já ter me mordido inúmeras vezes. Não que eu estivesse reclamando, era sensacional.

— Pode fazer o que quiser, eu quero também — respondi e imediatamente a Ferinha mordeu a pele que revestia minha costela com certa força, enquanto estimulava com os dedos. — Minha nossa...

Danton desceu a cabeça até a altura da minha cintura, onde mordiscou antes de fazer o mesmo na parte interna da minha coxa, lambendo a região em seguida. Eu suspirava pesado, mas foi quando ele me colocou todo em sua boca que gemi arrastado, sentindo o ar deixar meus pulmões e não querer mais voltar.

Ainda tinha a *ball matadora supremacy* me deixando louco, ela não estava mais geladinha, estava pegando fogo.

— Vou pôr o anel — avisou ao cessar seus toques.

Fechei os olhos e assenti, puxando o ar com dificuldade. Pouco tempo depois, senti o anel melecado de lubrificante, sendo deslizado por minha extensão. A sensação era estranguladora, mas eu iria "sofrer" feliz.

Após isso, colocou um preservativo nele mesmo, posicionou-se entre minhas pernas, dando-me a visão deslumbrante da sua pele suada adornada apenas pela gargantilha.

— Quer me sentir?

— Por favor… — grunhi, perdendo totalmente a minha dignidade, já sentindo minhas pernas tremerem. O poder que aquele homem tinha sobre mim era surreal.

Danton não demorou mais, ou me chamou de manhoso por causa do meu jeito emocionado e descontrolado, apenas me atendeu.

— Agora mesmo, meu céu.

Inclinou-se até que seu peito encostasse no meu, apoiando um cotovelo sobre a cama, ao lado do meu ombro. Olhando-me intensamente, ele se uniu a mim. Depois de tanto ter imaginado como seria, estava acontecendo, era real.

Suas sobrancelhas se contraíram e sua boca abriu, mas som algum saía. Já eu, prendi minha respiração e cravei as unhas em sua pele ao sentir a ardência característica quando ele se forçou mais para dentro.

Danton intercalava beijos entre minha boca e meu rosto, enquanto eu me acostumava com a sensação.

— Respira, meu céu. Daqui a pouco passa o incômodo.

Tranquilo, eu só não lembrava mais como era estar fodido de uma forma boa.

Conforme eu relaxava, pelo desconforto inicial estar dando lugar à satisfação de senti-lo em mim, Danton também distensionava. Sua pele nua e suada contra a minha, dentro de mim, preenchendo-me, era inacreditável. Era surreal seu corpo se permitindo sentir prazer com o meu.

Eu não estava com qualquer pessoa, era Danton Sartori, o homem mais incrível que eu conheci na vida. Aquele que eu nunca imaginei que sequer conseguiria dar um beijo, quanto mais ter um momento íntimo.

— Olha… — Segurou meu rosto e o moveu para o lado.

Nesse momento percebi nosso reflexo no espelho do armário, ao lado da cama. Era possível ver nossos corpos inteiros, ele por cima, olhando para mim através do reflexo.

— Está vendo como você fica lindo me recebendo inteiro?

Era linda e erótica a imagem dos seus músculos se contraindo quando ele investia, mas conforme seus movimentos aceleraram, não consegui mais olhar. Danton, já tendo a informação de que eu ficava excitado quando ele falava comigo, sussurrou diversas obscenidades em meu ouvido.

— Está sentindo como é ser recheado inteiro por mim?

Seu corpo sobre o meu emanava um calor perverso, eu o apertava entre minhas pernas e

puxava seu cabelo para beijá-lo. Com a mão suja de lubrificante, ele começou a fazer uma masturbação lenta e torturante.

— Fica de ladinho pra mim. — Atendi seu pedido de prontidão, quando virei de lado na direção do espelho.

Danton segurou a perna que ergui e, também me encarando pelo reflexo, investiu de uma vez. Vi apenas sua boca abrindo, desfazendo-se num gemido lindo rente ao meu ouvido, porque depois disso, apenas fechei os olhos e senti seus lábios em minha nuca.

Quanto mais seus quadris trabalhavam com destreza, mais o anel parecia ficar apertado. Mesmo com toda a brusquidão dos seus movimentos, sua voz soava doce, dizendo diversas vezes o quanto eu era lindo.

Estava tão gostoso, embora fosse tanta pressão para um corpo só. Meus gemidos escapavam cada vez mais sôfregos, apesar disso nem de longe ser um mau sinal.

— É demais para o manhosinho aguentar? — indagou em um misto de safadeza e satisfação, por me ver daquela forma.

Apesar da sua marra, o suor já escorria por seu rosto, fazendo o delineador derreter no canto dos seus olhos. E eu bagunçava seu cabelo que já estava úmido, e arranhava sua nuca. Tudo conforme a posição de lado permitia.

— Claro que não, eu quero você até ficar exausto.

— Ah, meu céu, foi você que pediu — sorriu maldoso.

Danton segurou meu quadril e, com a força e habilidade que eu já conhecia, virou-me de bruços na cama, deixando nossos corpos atravessados na cama, de frente para o espelho. A imagem dele montado em mim, fez minha cabeça girar, mas não tanto como quando ele se forçou para dentro de uma vez e eu abafei um gemido contra o travesseiro.

— Que vontade de marcar a sua pele com a minha mão, meu céu.

— Então marque.

Com a autorização, ele desferiu um tapa firme em minha nádega. Arfei surpreso com a ardência gostosa da sua palma.

— Fica mais bonita ainda com a marca dos meus dedos — arquejei quando ele estapeou outra vez.

— É uma delícia te ver assim. — Com certa brutalidade, abriu a mão e segurou meu queixo, cravando as unhas em minhas bochechas para inclinar meu rosto para cima.

Quando o encarei pelo reflexo, estocou mais uma vez, sem dó, fazendo meu corpo solavancar para frente e eu me desfazer em um lamento mais alto. Não satisfeito, rebolou lento e sensual.

Eu encarava o nosso reflexo e via o meu rosto completamente vermelho, suado, contraindo a cada nova ondulação do seu corpo no meu. Sua boca explorava minha boca e bochecha de forma desajeitada, lambuzando tudo por onde passava.

— Dan...

— Oi, meu céu... — Mesmo percebendo que eram apenas delírios, ele respondeu e continuou me beijando, devorando-me, judiando da minha pele sob seus apertos. — É gostoso assim?

Impossibilitado de falar, apenas assenti. Minha boca passou a ficar constantemente aberta e apenas aceitei os sons arrastados que rasgavam minha garganta. Eu repetia seu nome a cada instante em que descobria mais de como era a sensação de sermos um só naquele momento.

Meu corpo parecia que não aguentaria, fraco, levado à insanidade, apertei os olhos com força, sentindo lágrimas de tesão escorrendo pelo meu rosto ao tempo em que Danton segurou minhas mãos, entrelaçando nossos dedos, com o olhar travado no meu.

Sua língua lambia minha orelha e seu hálito quente me atingia cada vez que sussurrava o quanto me desejava, o quanto meu corpo lhe dava prazer, o quanto o meu gosto era saboroso. Quanto mais nos entregamos, melhor ficou. Danton descobria o meu corpo, eu desvendava o seu, era uma troca intensa e íntima demais.

Até que os espasmos familiares tomaram conta de mim e minhas pernas tremeram. Danton, percebendo, virou-me para ficar com as costas sobre a cama novamente. Abracei seu quadril com as pernas, sentindo sua mão estimulando meu desejo pulsante, ao tempo em que iniciou um beijo cheio de fogo, com o peito colado no meu.

— Quero que você se libere olhando pra mim. — No instante em que ele deslizou o anel para fora, percebi meu corpo como uma granada prestes a explodir.

— Vem pra mim, meu céu.

E Danton me encarou o tempo todo em que me derramei entre nossas barrigas. Cheio de carinho, ele me beijou, antes de voltar seus movimentos, em busca agora de se liberar.

— Deixa eu jorrar em você? — pediu, apertando minhas costelas com as mãos trêmulas.

— Pode fazer o que você quiser. — O marrentinho sorriu satisfeito, gostava da liberdade que eu o dava. E sempre seria assim.

Ele se retirou tão rápido que me fez ofegar surpreso, livrou-se do preservativo e gemeu mais alto e rouco no momento em que se desfez em meu peito, queixo e parte do rosto.

Em poucos segundos senti suas palmas espalhando o produto do seu prazer em minha pele, como se marcasse território. Era estupenda sua face ofegante, desgastada e, ainda assim, desejando tanto o meu corpo.

— Eu quero mais, mais de você. — Inclinou-se sobre mim e começou a lamber e morder meu peito, fazendo com que seu rosto sujasse. — Quero você dentro de mim, agora. — Subiu para o meu rosto, onde lambeu também, limpando-me.

Sem me dar tempo de responder, desvencilhou-se de minhas pernas, e com urgência, sentou em meu colo.

— Eu tô acabado... — Meu argumento se tornou inválido, ao se perder no gemido de tesão que soltei ao senti-lo ondulando seu quadril contra o meu sexo. Inevitavelmente, comecei a despertar com o estímulo. — Para de ser essa delícia... isso não é justo.

— Claro que é, eu só jogo limpo.

— Você é uma fera mesmo — resmunguei, falso, porque meu corpo respondia facilmente ao seu.

— Então quer dizer que você não quer saber como é se enterrar todinho em mim? — Ondulou o quadril com precisão e riu da careta afetada que fiz. — Meu homem perfeito só aguenta uma vez? — Fez um bico com a inocência que ele não tinha.

— Você está me provocando demais. — O desgraçado sabia como me deixar armado, em todos os sentidos. — O que você quer que eu faça, marrentinho?

— Que você use toda a pegada que eu sei que você tem.

Suas palavras e seus estímulos me fizeram encontrar vigor novamente e deixar o cansaço de lado.

— Então eu vou começar te preparando com a minha língua. — Danton abriu a boca, levemente surpreso, porém, concordou.

Estávamos revezando até mesmo no comando, isso era bom demais.

Após deitá-lo na cama, peguei uma cápsula lubrificante e me pus entre suas pernas, onde mordisquei suas panturrilhas, ouvindo sua risada. Com os dedos melados, espalhei o lubrificante no local onde eu queria tanto estimular e já se contraia em antecipação.

— É geladinha…

— É? Espera só cinco minutos pra você ver — sorri oblíquo e comecei a beijar e mordiscar também a parte interna das suas coxas grossas, ouvindo seus suspiros.

Percorri minha língua em todo o comprimento da sua coxa esquerda, pertinho da cicatriz, antes de subir para a sua virilha.

— Adoro sentir sua língua no meu corpo — suspirou e fechou os olhos, relaxando.

— Eu sei.

Então o preparei com minha língua, experimentando o gosto doce do lubrificante e da sua pele. Danton estremecia e gemia, exatamente como eu amava. Aquele som iria ficar gravado na minha mente para sempre.

Tateei o colchão em busca de suas mãos e as segurei, mas Danton se contorcia tanto que precisei soltá-las e apertar firme sua cintura para imobilizá-lo, e poder levar minha língua o mais fundo possível.

— Meu céu... Eu fico louco quando você me segura assim — balbuciou um pouco mais manhoso.

— Eu sei.

Após algum tempo passei a estimulá-lo com meus dedos também.

— Eu quero sentar em você. — Desvencilhou-se das minhas mãos e, em seguida, afastou meu rosto e me empurrou contra a cama.

Estava demorando para a Ferinha atacar...

Sem perder tempo, montou em meu colo e pegou mais um preservativo.

— Você vai realizar o sonho mais erótico que já tive na vida — revelei, olhando para suas mãos deslizando o látex com destreza em mim.

— Então vou sentar bem gostoso, como você sonhou — riu de mim, mas nem liguei, porque era Danton Sartori que ia sentar em mim.

Sem qualquer inibição, segurou em meus ombros e começou a rebolar no meu colo, enquanto eu deslizava minhas mãos por suas coxas lindas.

— Eu vou explodir antes de você realizar meu sonho — falei quase chorando de tanta vontade.

Sem demorar mais, Danton se pôs de joelhos e começou a sentar em minha extensão. Olhei para o seu rosto, mantendo a conexão visual como ele gostava, como eu também gostava, tendo o privilégio de sentir o calor do seu interior me abrigando.

Estabelecemos um ritmo lento, que me proporcionava o prazer mais completo que já senti na minha vida. A sensação de estar dentro do homem que eu amava, era devastadora.

Distribuí diversos beijos em sua mandíbula e pescoço, confessando o que sabia que ele gostaria de ouvir.

— Sentir o seu calor assim é a melhor coisa dessa vida. — Deixei também um beijo sua clavícula, logo abaixo da gargantilha.

— Meu céu... — sussurrou com a face contorcida.

E me beijou, trêmulo, respirando curto e rápido, com o coração disparado contra o meu. Conforme ele ondulava o quadril, suas pálpebras, borradas de maquiagem, fechavam-se com força. Eu beijava sua testa e acariciava suas bochechas vermelhas constantemente.

— Eu *amo* me entregar a você... — Abriu os olhos e confessou arfando.

— Eu também... e *amo* o seu corpo todo — respondi sem desviar minha atenção daquele âmbar intenso contido em suas íris.

Conforme seus movimentos aceleraram, o som obsceno dos nossos corpos se chocando reverberava em todo o quarto. Eu beijava sua pele, melada eroticamente de gozo, suor e saliva, puxava seu cabelo molhado com força, até vê-lo abrir a boca e grunhir deliciosamente. Sabia que a Ferinha fogosa gostava de brutalidade. Éramos carne, cheiro de sexo, sabor de luxúria e tesão, mas também havia uma emoção que fazia nossos corações baterem feito loucos.

Estendi meus braços para trás e me sustentei sobre minhas palmas, enquanto Danton se apoiava em meus ombros para ganhar velocidade. Em pouco tempo senti meus braços tremerem e falharem em me apoiar. Assim sendo, caí com as costas sobre a cama e, como o espaço na horizontal era pequeno, minha cabeça ficou do lado de fora.

Danton não parou de sentar e rebolar, quando fez uma volta completa com o quadril, perdi o controle da minha própria cabeça e a tombei para trás, fechando também os olhos. O cheiro de morango do lubrificante se misturava ao do gozo impregnado em minha pele.

Quando abri os olhos, minha visão turva me fez enxergar tudo de cabeça para baixo, mas ao conseguir focar no reflexo do espelho, percebi Danton sorrindo devasso para mim. Eu permanecia de boca aberta, devoto à sua existência, sentindo meu corpo recebendo seus

impulsos.

Em dado momento, quando ergui meu tronco, impulsionei meu quadril com força contra ele. Danton cravou as unhas em meu pescoço com tanta força, que arquejei combalido pela sensação de pressão. Passei a investir continuamente meu quadril, com força, no tempo em que ele sentava.

— Assim, meu céu… — Danton encostou a testa na minha, usando-a como amparo.

Aquele calor dentro de mim não era apenas tesão no seu corpo, era a realização de construir aquele prazer absurdo junto com ele. Somente os nossos corpos juntos eram capazes de alcançar tamanho torpor. Era a nossa combinação, nossa intimidade.

Tudo isso somado aos choramingos rentes à minha boca foram responsáveis por eu sentir o orgasmo vindo. O mesmo parecia acontecer com Danton que estremecia querendo alívio.

Dessa forma, quando senti seu corpo tensionando mais, intensifiquei todos os toques, em busca de fazê-lo transbordar todo o prazer que sentia. Então, veio o momento em que todo o seu corpo sofreu espasmos quando ele se liberou.

— Continua... goza também, meu céu. — Ele amoleceu sobre mim, mas continuou me recebendo com a mesma intensidade.

Precisei de pouco tempo, estava no meu limite. Após poucos movimentos, eu me desfiz em seu interior. Então, abracei forte seu corpo mole e nos joguei na cama, onde ficamos abraçados, de olhos fechados e testas encostadas. Eu me sentia tonto de tanta energia que foi drenada de mim.

A Ferinha me destruiu...

Quando nossas respirações encontraram um ritmo normal, retirei-me do seu interior e joguei o preservativo em qualquer canto do quarto, para catar quando eu tivesse o mínimo de força.

— Me abraça — pediu. Sorri com a percepção de que Danton ficava sensível após o sexo.

Voltei a abraçá-lo, de frente para ele, sentindo o seu corpo suado, assim como o meu, e encarei sua linda expressão exausta e satisfeita.

— Você quase quebrou o meu pescoço, mas essa foi a melhor transa da minha vida. — Fiz questão que ele soubesse.

— Eu nunca fiz isso… — Ouvi sua confissão baixa, quase tímida.

— Quebrar o pescoço de alguém?

— Não. Nunca fiz sexo anal sendo o ativo. — Comprimiu os lábios e analisou minha expressão um pouco surpresa. — As experiências que tive com penetração foram apenas com mulheres.

Aquilo queria dizer que em seu um ano de noivado, mais o tempo de namoro com o Jae, Danton nunca tinha transado do jeito que também gostava, apenas como o ex-noivo queria. Àquela altura isso não me surpreendia mais.

— Você pode fazer assim comigo quantas vezes quiser. — Deslizei meu indicador por

sua mandíbula e ele fechou os olhos.

— Obrigado por essa noite, meu céu. Eu nunca vou esquecer. — Segurou minha palma e deixou um beijo nela.

— Eu também não.

Eu não fazia ideia de que o meu corpo pudesse comportar tanto prazer, quanto o amor que carregava no peito.

Nos permitimos ficar um tempo juntos, trocando carícias. Sabíamos que logo teríamos que levantar para tomar banho, mas aquele momento estava gostoso demais.

Porque poderíamos estar cheios de problemas, assim como outros poderiam estar a caminho, mas enquanto nosso elo se fortalecesse com grandes ou pequenos momentos juntos, teríamos força para enfrentar tudo.



CAPÍTULO 07

88

Será possível um homem, ainda que por um momento na vida, se sentir completo?

Eu poderia até não crer, antes de sentir tanto prazer como na noite passada, mas isso mudou. Embora eu tenha acordado com os músculos doendo, a pele ardendo, e diversos hematomas pelo corpo, valeu a pena.

Apesar de ter descansado, lá estava eu, no domingo de manhã, sentindo os efeitos da transa animalesca que tivemos. Quando levantei, minha bunda e quadril doeram tanto, parecia que alguém tinha tentado me esquartejar, ou três elefantes com obesidade mórbida dormiram por cima de mim.

Nota mental:

Ir mais devagar da próxima vez... ou não.

Mexi no estojo da Ferinha, sobre a pia, em busca de alguma base que pudesse esconder os destroços visíveis em minha pele e me surpreendi ao encontrar um produto específico. Era a base de alta cobertura e longa duração que a Jesse tinha nos oferecido na Sex Shop.

Havia outras bases e corretivos na bolsinha. Por que Danton comprou aquela? E o mais curioso, por que não comprou quando estava comigo e preferiu passar lá depois? Sim, porque o produto ainda estava lacrado.

Pensei que ele já se sentisse à vontade comigo. Não sabia como perguntar sobre o seu motivo para comprar a base sem soar julgador.

Acabei não passando nada em meus hematomas, voltei para a cama e me sentei ao lado de Danton. Ele dormia virado para o outro lado, vestia apenas uma cueca boxer e estava coberto com o lençol até a cintura. Tive a visão das suas costas nuas, marcadas por meus arranhões e sorri, lembrando do seu rosto cansado quando fomos tomar banho. Ele ficava extremamente relaxado após fazer sexo do jeito que queria.

Passei a mão por sua perna esquerda, em cima da cicatriz e me inclinei para deslizar meu nariz por suas costas, onde deixei vários beijinhos, percebendo quando seus pelinhos eriçaram.

— Julian... — Ouvi sua voz rouca e sonolenta.

— Pode voltar a dormir, ainda são oito horas, o Vincent e o Namastê ainda nem chegaram.

— Você está lindo usando esse moletom, é do Vince? — Ele se virou em minha direção, vendo-me confirmar com a cabeça. — Preciso de um banho também.

— Quero perguntar uma coisa a você — anunciei quando ele sentou na cama e fez uma careta de desconforto. Levantou da cama sem ligar se estava apenas de boxer, mostrando mais uma vez a cicatriz e as pequenas marcas na pele.

— Tá, mas só depois que eu escovar os dentes e tomar banho. — Deu a volta na cama e beijou o topo da minha cabeça, quando passou por mim.

— Vai, o bafo dos felinos são os piores, Ferinha.

— Você brinca demais com a sorte. — Deu um tapinha no mesmo lugar onde beijou, antes de seguir para o banheiro.

Ouvi o barulho do chuveiro sendo ligado e fui até a cozinha para preparar uma refeição. Enquanto pegava os ingredientes, ouvi o barulho da porta da entrada sendo aberta. Era o urubu bonito do mal e o Namastê, pelo fato de a cozinha ser aberta, foi possível avistá-los.

— Oi, Julian, está tudo bem por aqui? — Vincent perguntou, abrindo passadas até a cozinha. — Onde está o Danton?

— Oi, uru... Vincent. Ele está tomando banho. E você está bem? — Atravessei o balcão para falar melhor com eles.

— Melhor do que o seu pescoço, obrigado.

Ouvi seu comentário por alto, já que fui abraçar Nando e ele cochichou algo em meu ouvido.

— Aproveitaram a noite, né? A energia de vocês está dentro uma da outra. Dá pra sentir.

— Você não sabe o que mais colocamos dentro um do outro — cochichei de volta.

— Sem detalhes, Julian...

— Pode deixar que nós preparamos a comida. — Vincent se ofereceu.

— Ok, então vou lá ver se o Danton terminou de tomar banho.

Ouvi a risadinha deles enquanto eu passava pelo corredor.

Fui até o quarto novamente e dei de cara com a Ferinha saindo do banheiro, vestido com uma camisa branca e um short preto. Secava os cabelos com uma toalha e, quando me viu, abriu um sorriso.

— Você disse que queria perguntar algo, o que é? — Enquanto ele caminhava distraído, secando o cabelo com uma toalha, eu me sentei na ponta da cama e o chamei com o indicador.

— Vem cá. — Assim que veio até mim, puxei-o pela cintura para ficar entre as minhas pernas. — Quando fui ao banheiro, mexi no seu estojo...

Danton comprimiu os lábios, sabia que eu não estava apenas lhe explicando que mexi nas suas coisas, visto que já tínhamos nos dado liberdade para isso.

— E você encontrou a base que vimos na Sex Shop — concordei com a cabeça ao tempo em que fazia um carinho em sua cintura.

— Por que você a comprou? — Meu tom de voz era calmo e cuidadoso para que ele não me interpretasse errado.

— Pra cobrir esse estrago. — Apontou para o meu pescoço e riu, tentando descontrair, mas o sorriso não chegava aos seus olhos.

Ele estava mentindo.

Foi até bom, em certo ponto, porque pude reconhecer como ele se comportava quando mentia. Além do sorriso superficial, ele não conseguia manter o contato visual.

— Se você não quiser falar sobre isso, tudo bem. Só não minta pra mim, por favor. — Danton desfez o sorriso, seus ombros despencaram visivelmente.

— Eu passei lá ontem de manhã, quando fui comprar mais algumas coisinhas... e acabei levando por precaução — explicou, dessa vez me encarando.

— Que precaução?

— Ah, sei lá, Julian. Eu queria ter possibilidades, uma segurança de que se eu ficasse nervoso e quisesse esconder essas marcas, eu teria essa opção. — Suas mãos jogaram todo o cabelo úmido para trás em um gesto ansioso.

— Mas você não usou. — Puxei sua perna esquerda para que ele apoiasse a ponta do pé na cama.

— É. Não usei…

Apoiei minha mão em sua coxa e acariciei a cicatriz coberta pelo short. Ao não ver desconforto da sua parte, inclinei-me e comecei a beijá-la. Danton pôs uma mão em meu cabelo.

— Então você se sente à vontade comigo? — indaguei entre os beijos que lhe dava, enquanto alisava sua panturrilha com a outra mão.

— Agora mais do que nunca. Depois de ontem…

Ao ouvir seu suspiro, decidi encurtar nossa distância e lhe puxei para sentar em meu colo, com suas coxas ladeando meu quadril.

— Eu nunca senti um terço do que você me fez sentir, Dan. — Enterrei o rosto em seu pescoço, sentindo o cheiro de sabonete em sua pele, enquanto ele me abraçava. — Me sinto tão vivo.

— Eu também, a forma como você me toca é diferente de tudo... — Ofegou próximo da minha têmpora, antes de trazer seus lábios aos meus.

Nosso beijo iniciou lento, porém intenso, entretanto, meu celular começou a tocar em cima da cama, interrompendo-nos. No mesmo instante eu reconheci o toque personalizado. Era a música tema do filme Jogos Mortais, então só poderia ser o poderoso John.

Eu não deixei de beijar minha Ferinha por causa dele.

O toque parou e, quase instantaneamente, começou outra vez, o que me fez estranhar, porque meu pai nunca ligava duas vezes, tamanho era o seu orgulho.

— Danton, deve ser alguma coisa importante... me dá só um minuto. — Acariciei seu cabelo e ele se afastou por um momento, ainda em meu colo.

Estiquei o braço para trás, peguei o aparelho e aceitei a chamada.

— Você faltou ao trabalho na quinta-feira, saiu no meio do expediente na sexta e não avisou nada, Julian Osborn? — O homem disparou a falar quando o atendi.

— Bom dia, pai. O senhor ligou só pra reclamar? — Revirei os olhos e quando olhei para o Danton, vi ele fazer o mesmo.

— Desliga — sussurrou, em seguida beijou o meu pescoço. Sorri com o seu jeito de chamar minha atenção.

— Se prepare para apresentar o seu projeto na terça-feira, todos os acionistas e parceiros estarão lá, vai ser a sua oportunidade.

— O senhor não tinha dito que seria depois que a investigação acabasse? Eu preciso de mais tempo.

— Sem desculpas, Julian, é uma oportunidade de ouro, se você tem tempo para faltar ao trabalho, deve estar pronto até demais. Vai ser terça-feira e ponto final.

Danton apertou minhas coxas e succionou minha pele bem no ponto de união entre meu pescoço e ombro.

— Meu Deus! — exclamei esganiçado, sentindo um arrepio violento com o seu toque.

— Chame por Deus mesmo, é melhor que essa apresentação saia perfeita. Era só isso que eu tinha para avisar. E da próxima vez que você faltar, eu vou…

— Ok, pai, obrigado! — Interrompi ele e larguei o celular na cama.

Olhando para o marrentinho com falsa repreensão por ter me desconcentrado por um momento, puxei-lhe para deitarmos na cama, com seu corpo cobrindo parcialmente o meu.

Ficamos naquela posição, meio preguiçosos, enquanto eu alisava suas costas e beijava seu ombro. Até que Danton ergueu a cabeça preguiçosamente e cruzou os braços sobre o meu peito.

— Seu pai ligou pra reclamar de você ter saído na quinta-feira?

— Ele me pediu para apresentar o protótipo na terça. — Danton arregalou os olhos e ergueu o tronco.

— Minha nossa! E como você está com essa notícia? — Olhou-me espantado pela minha tranquilidade ao falar.

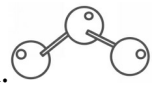
— Normal, não caiu a ficha ainda. Acho que quando eu processar a informação, vou surtar.

— Julian, eu estava pensando aqui... a gente comentou de você falar com o Yuri na segunda, não foi? — Danton estendeu uma mão para que eu me levantasse com ele.

— Sim.

— Será que não é melhor vocês conversarem depois da sua apresentação? Não sabemos o que ele pode dizer. Se algo te desestabilizar, você pode perder seu grande momento.

— Também acho. Se eu tiver que passar mais estresse, que seja depois dessa bendita apresentação. — Enlacei sua cintura com os braços e o conduzi assim até a porta, para podermos sair e finalmente comer. — Obrigado por estar comigo.

— Sempre, meu céu.

Aproveitamos o fim de semana juntos e nos despedimos à noite. Na segunda-feira, eu tinha situações importantes a resolver. A principal era cumprir meu combinado com minha mãe, de desmascarar o poderoso John.

Com uma camada grossa de base no pescoço, fui cedo para o meu escritório e, não tão surpreendentemente assim, encontrei o estagiário de óculos redondos e cabelo arrumado com extrato de lambida de vaca.

— Wallace Jiaer... bom dia. Chegou cedo, muito bom — falei ao entrar na sala e fechar a porta atrás de mim.

— Bom dia, senhor Julian Osborn Roux — curvou a coluna tão exageradamente que fiquei com medo dela travar. Em seguida, passou as mãos na camisa social bege, como se arrumasse seu uniforme de escoteiro. — Pode me chamar só de Jiaer.

— E você não precisa me chamar de Senhor Julian Osborn Roux. — Andei em direção à minha mesa, conferindo no relógio se estava próximo do horário que minha mãe disse que chegaria.

Era 9 horas e logo Nara Roux estaria me procurando.

— Que bagunça — comentei ao passar a mão em minha mesa e ver que tinham algumas coisas fora do lugar.

— Eu pensei em arrumar, senhor, mas não sabia se o senhor iria achar ruim eu mexer em suas coisas. — O rapaz sentou na cadeira em frente à minha mesa.

— Não tem problema, não costumo deixar nada pessoal na mesa, mas você ainda não conhece bem como funcionam as coisas aqui. — Sentei em minha cadeira e comecei a organizar

as coisas superficialmente.

— Eu quero aprender tudo, se o senhor puder me mostrar, eu aprendo rapidinho. — Ajeitou o óculos no rosto, com o indicador e dedo médio, parecendo ansioso.

— Para isso, você precisa ficar grudado comigo direto — respondi distraidamente, mas, como já conheço um pouco o garoto, tratei de me retratar. — E não, eu não estou cantando você.

— Eu entendi, senhor Julian Osborn Roux, até porque o senhor está em um relacionamento com o senhor Danton Sartori, não é? — Eu, que já olhava para o meu computador enquanto o ligava, franzi o cenho e analisei sua face ao falar aquilo.

Jiaer tinha cara de estagiário bobinho e parecia não se importar, ou até mesmo passar aquela impressão intencionalmente, mas eu já havia dito que não namorava no aniversário do Namastê.

Ou o garoto era ruim de memória, o que eu duvidava muito, ou era um sonso.

— O Danton e eu somos amigos.

— Sério? — Ele deu um sorriso cheio de dentes e eu não gostei nada, nada. — Então ele é solteiro?

Nota mental:

Pedir para Deus olhar nos slides do céu, qual foi o

dia que eu blasfemei, para merecer esse intrometido.

— Nem pense nisso que você está pensando. — Apontei o dedo indicador para ele, arregalando os olhos.

— E como o senhor sabe o que eu estou pensando?

Voltei minha atenção ao computador, respirando fundo.

— Eu também sou homem, Jiaer, sei exatamente o que a sua mente está elaborando... O Danton é extremamente focado no trabalho, sua vida é muito lotada, tenho certeza que ele não quer se envolver com alguém.

Tentei soar tranquilo, mas percebi que estava tacando os dedos no teclado com força demais.

— Mas o senhor Sartori é tão bonito, acho que vale a pena tentar conversar com ele — riu e ajeitou o óculos novamente, em seguida passou a mão naquele cabelo lambido, arrumando-o. — Apesar que a forma como ele olha para as pessoas intimida um pouco. Ele tem um olhar intenso, né, senhor Julian Osborn Roux? Mas também é bem gentil e…

— Jiaer, você está conversando demais. — Estendi uma pasta para ele. — Pegue esses dados, analise os resultados obtidos e faça dois relatórios para os gestores tomarem decisões estratégicas.

— Sim, senhor Julian Osborn Roux. — Pegou a pasta das minhas mãos, apressado.

No mesmo momento, meu celular vibrou com uma mensagem da minha mãe. Ela dizia no texto que estava me esperando no corredor da sala do poderoso John.

— Isso mesmo, "senhor Julian Osborn Roux", nada de ficar tomando liberdade de falar de "paquera" comigo. — Fiz um bico contrariado, peguei a maleta com meu protótipo de dentro de uma gaveta e levantei da cadeira. — Estou indo resolver um problema pessoal, não precisa vir comigo. Fique fazendo o que mandei e qualquer recado que a Lisa tiver, receba.

Após descer alguns andares e passar por alguns corredores, avistei minha mãe toda de preto com um salto alto e uma cara de poucos amigos. Fui até ela, que já estava na porta do escritório do meu pai, e recebi um sorriso seu.

Estava tudo tranquilo e vazio ao redor. Obviamente, já que a sonsa da secretária estava com ele.

— Por que a senhora está toda de preto?

— Já estou preparada para o velório do seu pai. Uma mulher prevenida vale por quatro homens. — Ela se aproximou da porta metálica e o reconhecimento fácil não foi feito.

Minha mãe, como uma acionista e advogada geral da empresa, tinha acesso a qualquer sala daquele prédio. A não ser que alguém usasse o botão que trava a própria sala por dentro. Ou seja, meu pai estava trancado mesmo.

— Há quanto tempo ele está aí? E a Eunwa está mesmo com ele? — Encostei o ouvido na porta, vendo minha mãe fazer o mesmo.

— Está muito baixo...

— Estou quase conseguindo ouvir. — Ao me concentrar um pouco, consegui entender alguns murmúrios.

— *Mas que safado.* — Era a voz de Eunwa.

— *Aposto que você não aguenta até chegar de noite.* — Meu pai respondeu e olhei horrorizado para a minha mãe, que estava tão atenta quanto eu.

— Cachorros! Abre isso, filho! — vociferou enfurecida.

Sem perder tempo, acoplei minha chave na porta. Liguei e esperei ela fazer o reconhecimento da porta. Nesse meio tempo, olhei para os lados e constatei que não haveria ninguém para presenciar a briga de família que iria ocorrer dentro de alguns minutos.

Quando a porta metálica abriu, avançamos para dentro da sala tomados de indignação, mas a imagem que vimos nos surpreendeu. Os dois assistiam algo no computador do meu pai.

— Não era pra eles estarem pelados? — argumentei sem entender nada.

— Você está louco? — A secretária abriu a boca, pasma.

— Julian, qual dor de cabeça você veio me arrumar hoje? E por que trouxe a sua mãe

junto?

— O que tem neste computador? Pornografia? — Minha mãe saiu andando em direção aos dois e logo meu pai tentou virar a tela. — Não esconda.

Nara Roux deu a volta na mesa e, ao ficar de frente para a tela, abriu a boca num perfeito "O".

— Por que vocês estão assistindo dorama? — ela questionou, apontando para a tela. — Eu nem sabia que você gostava de doramas, John.

— Acho que não pega bem para o presidente, mas a Cha também gosta, então, toda manhã, a gente assiste uns episódios. — O todo poderoso explicou de cabeça baixa, envergonhado pela revelação que fez para a esposa.

— Não acredito que era isso... — murmurei baixo. — Mas você disse *"que safado"*, e ele disse que você não aguentaria até chegar de noite.

— Estávamos falando que o protagonista é safado, e o seu pai disse que eu não aguentaria esperar o próximo episódio. — A secretária explicou.

— E eu não acredito que vocês arrombaram a minha porta por causa de uma desconfiança dessa. Você sabe o quanto eu sou louco por você, Nara. — John levantou da própria cadeira e a secretária fez o mesmo.

— Vou sair para vocês conversarem. — Cha Eunwa passou a mão nos cabelos escuros, presos num coque, e saiu da sala como uma bala.

Ficamos apenas os três em silêncio, e uma torta de climão. Até minha mãe ser a primeira a falar.

— Por que você não me disse que gosta de dorama?

— Porque você não gosta e eu não tenho tempo para ficar assistindo, só assisto aqui na sala porque a Cha Eunwa me convida pra ver também, quando temos um intervalo. — Ele deu a volta na mesa até ficarmos os três no centro da sala.

— E vocês precisavam se trancar para isso? — questionei ainda estranhando o fato.

— Sim, justamente para ninguém entrar sem aviso e nos ver sentados juntos. As pessoas aqui adoram fofocar, mas eu não imaginava que minha própria esposa e filho iriam desconfiar assim.

— Se não quer que a gente desconfie, não tranque mais a porra da porta, independente do que os outros vão pensar. — Minha mãe estava um pouco mais calma, ainda que não tenha deixado de se impor.

— Tudo bem, mas precisamos conversar. — Ele olhou para a esposa e imediatamente senti que fui o responsável por aquele mal estar. — Nos deixe sozinhos, Julian.

Eu apenas assenti e abracei minha mãe, passando meus braços por seus ombros.

— Desculpa, mãezinha...

— Relaxa ,filhote, a gente se entende. — Ela deu um tapinha em minha bunda, conseguindo arrancar uma risada minha.

— Não briguem — pedi aos dois e caminhei até a porta, já a fechando novamente.

Esta fez meu reconhecimento facial, depois de ter sido destrancada por mim anteriormente e, ao passar para o lado de fora, desgrudei meu protótipo dela e apanhei a maleta do chão.

Quando já andava pelo corredor, meu celular começou a tocar dentro do bolso.

— Por favor, não seja problema, não seja problema... — Ao pegar o aparelho e olhar para a tela, vi que era o Theodoro.

Eu não estava mais chateado com ele, mas também esperava que em algum momento ele viesse falar comigo, então atendi enquanto fazia o caminho de volta até a minha sala.

— Oi, Theodoro...

— *Oi, John filho...* — Fez uma breve pausa, assim como eu. Não sabia bem o que dizer, era estranho estar brigado com ele. — *Vamos almoçar no shopping ao lado do prédio... você quer vir também?*

— Quem vai?

— *Vince, Nando, Danton, o gostoso e eu* — eu ri mentalmente pela forma como ele se referiu ao Rômulo. — *Desculpa, John filho, pela forma como falei com você no sábado.*

Ele se desculpou pela forma como falou comigo, não pelo que falou sobre o Jae, mas para mim era o suficiente, sempre fui coração mole mesmo, não iria endurecê-lo agora com um amigo.

— Desculpo sim, Teco. Eu odeio ficar brigado — suspirei e, chegando na frente da porta da minha sala, passei para dentro, quando ela abriu.

— *Eu também, fiquei super mal quando percebi como agi. Foi mal mesmo.*

— Sem problemas. Estamos bem.

— *Temos que ficar, eu fui ameaçado pelo Dan.* — Theo riu e ouvi a voz da Ferinha ao fundo, mas não consegui entender o que dizia. — *Ele disse que se brigarmos de novo, vai bater em nós dois, e eu não quero apanhar, não. Esse menino é muito agressivo.*

— Sim, eu sei... — comentei, lembrando da agressividade da Ferinha.

— *Sabe, mas, de nós dois, só quem gosta de apanhar dele é você.* — Ouvi o som de várias gargalhadas e inevitavelmente senti meu rosto queimar de vergonha.

— Theodoro Toussaint, esse celular está no viva-voz? — interpelei.

No centro da sala, Jiaer estava com uma marmita de plástico nas mãos e uma cara de cachorro que caiu da mudança. Caminhou em minha direção, ouvindo-me falar no celular.

— *Claro que não, eu nunca faria isso, até parece que não me conhece… mas me conta aí, o que você fez sábado depois da festa?* — Era muito sonso mesmo. Ouvi sua voz um pouco mais distante, falando com o amigo. — *Ai, Dan! Era só uma pergunta.*

— Espera um minuto, Theo. — Afastei o celular da orelha por um momento e encarei Wallace que não tirava os olhos de mim.

— Está indo almoçar? — perguntei a ele.

— Estava, mas acho que a minha comida azedou. — Franziu os lábios e estendi a mão para que ele me entregasse o recipiente.

— Deixa eu ver. — Peguei a marmita nas mãos, enquanto equilibrei o celular entre a orelha e o ombro. Abri a tampa e cheirei a comida. Não estava com cheiro azedo. — Tem refeitório e cantina no prédio, segundo e terceiro andar, você pode ir almoçar lá.

— Eu sei, mas pensei em trazer minha comida para esquentar e almoçar aqui na sala, não tenho amigos ainda, então não queria almoçar sozinho lá.

Respirei fundo. Ele estava mexendo com o meu lado empático novamente, falando daquele jeito.

Por que eu era tão trouxa?

— Quer almoçar comigo e o pessoal que conheceu na festa de sábado? — Ele arregalou os olhos com o convite.

— Adoraria, mas eu ainda não recebi meu primeiro salário, senhor Julian Osborn Roux, e…

— Theo, estou levando o Jiaer comigo — avisei quando voltei a falar no celular. Sem tirar os olhos do estagiário, perguntei: — O que você gosta de comer, Wallace?

— Eu como de tudo...

— Peça macarronada pra mim e pra ele, que já já chegamos aí na praça de alimentação.

— *Certo.* — Ao ouvir a resposta do Theo, encerrei a ligação e devolvi o recipiente ao garoto.

— Se a comida realmente estiver azeda, jogue no lixo, se não, coloque no frigobar e leve de volta para jantar em casa. Não desperdice comida. — Deixei claro que não tinha caído naquela conversa de "comida que azedou".

— Sim, senhor, senhor Julian Osborn Roux. Obrigado pelo convite.

Wallace teve bom senso e guardou a comida no frigobar. A cara nem tremia de ter inventado aquela desculpa para poder se enturmar mais.

Ao chegarmos na praça de alimentação, avistei nosso grupo e caminhei ao lado de Wallace. Não pude deixar de admirar Danton sorrindo ao lado dos nossos amigos, a blusa roxa que usava acentuava mais a sua pele. Ele também segurava uma sacola sobre as pernas.

— Já lavaram as mãos? — Rômulo indagou quando chegamos à mesa. Ele pegou uns três guardanapos, embebedou-os de álcool e passou no espaço da mesa em que iríamos ficar.

Danton sentava em um grande banco estofado, com a cabeça encostada no ombro de Theodoro, que tinha Rômulo ao seu lado. Nas cadeiras do lado oposto, sentavam o Nando e o Vince.

— Sim, na entrada. Oi, gente, acho que vocês lembram do Wallace Jiaer. — Havia uma cadeira desocupada perto do Danton que estava no banco. — Senta. — Sinalizei com a mão para Jiaer sentar na cadeira, mas o metido sentou no banco, ao lado da minha Ferinha!

— Oi, pessoal, é bom ver vocês de novo — sorriu para todos, antes de olhar para Danton, ajeitando o óculos e passando a mão naquele cabelo duro. — É muito bom vê-lo de novo, senhor Danton Sartori.

— Sem formalidade, apenas Danton. — Ofereceu seu sorriso simpático e meu interior revirou vendo aquela interação.

Os outros à mesa olharam para mim instantaneamente, mas eu apenas sentei na cadeira desocupada e fiz minha melhor cara de "não ligo". Para a minha sorte, a atenção foi focada na garçonete que serviu os pratos pedidos.

— Como está sendo o seu primeiro dia de estágio, Wallace? — Vincent perguntou educadamente. Quando começamos a comer.

Não pude deixar de reparar que havia pouca comida em seu prato, mas tinha batata frita, o que mostrava que ele provavelmente estava incluindo comida calórica sem precisar comer escondido depois.

— Fiz uns relatórios que o senhor Julian Osborn Roux me pediu e aprendi bastante sobre algumas coisas na empresa. Preciso apenas aprender a andar no prédio, não conheço nada por lá ainda. — Jiaer comia sua macarronada enquanto falava.

— Você aprende rapidinho, todo mundo que chega tem essa sensação, nós podemos te mostrar nossos setores, se você quiser. — Rômulo ofereceu.

— Eu ficaria muito feliz se pudessem fazer isso. — O estagiário sorriu para Rô, mas se virou na direção de Danton para comentar um pouco mais baixo. — Você pode me mostrar o seu setor, Danton? Fiquei sabendo que lá é o coração da empresa.

Você não quer conhecer o coração da empresa, quer conhecer o coração do coordenador, isso sim.

— Se o seu chefe permitir, sim. — Danton olhou para mim, finalmente parecendo perceber o meu desconforto, ao tempo em que também percebeu que o rapaz estava muito interessado nele.

Quem diria, eu que sempre fugi de assumir relacionamentos com pessoas do mesmo sexo que eu, por causa da minha família, estava louco da vida porque queria assumir um relacionamento com o Danton.

Mais do que isso, queria que existisse um relacionamento sério entre nós, queria ser o seu namorado. Ainda que o que existisse entre nós ultrapassasse os rótulos que poderíamos dar, minha vontade era pregar o seu nome na minha testa.

— Você pode visitar o setor de monitoramento também, vai ser um prazer mostrar como é lá. — Rômulo se apressou em falar, talvez tentando não deixar o clima ficar ruim.

Ele poderia visitar o RH de novo e assinar o contrato de fim de estágio, se continuasse exibindo as penas de peru para o coordenador.

— Obrigado — respondeu simplista, diferente da animação que usou com o Danton.

— Ele vai te fazer trabalhar de graça, certo? — Theo brincou. — Assistente pessoal, você não tem cara de quem ainda está na faculdade. Quantos anos você tem?

— Tenho vinte e quatro, as pessoas me dizem isso mesmo, mas eu trabalhei muito no sol, talvez minha pele tenha envelhecido — explicou o mesmo que me disse quando nos conhecemos.

Dessa vez notei que algo chamou a atenção do Nando, no garoto, e eu estava louco para perguntar. Afinal, o Namastê era o meu controle de qualidade.

— Como estão indo as suas aulas, Namastê? — Já quase terminando de comer, iniciei o assunto, por estarmos naquele tema de faculdade.

— Muito bem, vou fazer estágio na própria HS e daqui a alguns meses consigo me formar. Obrigado, Julian — sorriu para mim, depois direcionou seus olhos grandes e expressivos a Vincent. Era visível o orgulho do diretor e como ambos se olhavam com muito carinho.

— Imagina, o esforço é todo seu. — Usei a brecha na conversa para tentar chegar onde eu queria. — Você pode trocar um papo de estagiário com o Jiaer depois. Já que ele também é.

— Seria legal, Jiaer tem uma energia forte.

Aquilo não me dizia muita coisa.

— Ele é assim mesmo, Wallace, lê todo mundo. — Vincent descontraiu, talvez imaginando que o rapaz iria estranhar.

— É mesmo? — Jiaer pareceu se interessar.

— Acho que o sensitivo aí, pode nos passar a ficha do assistente pessoal, certo?

— Theo, que inconveniente. — Rômulo o repreendeu e eu esperava que ele insistisse, porque eu queria saber também. — E ele é estagiário, não assistente.

— Sem essa, gostoso, todo mundo aqui está pensando a mesma coisa. Querem saber da índole do assistente, certo? — Todos à mesa riram, inclusive Wallace.

— Eu não me importo, você tem algo a falar sobre mim, Nando Davis? — O rapaz mesmo deu a autorização.

— Na verdade, às vezes sinto alguma coisa, às vezes não.

— Ih, o sinal está fraco. — Theodoro interrompeu e eu tive vontade de puxar aquele cabelo rosa, para que ele calasse a boca. Por sorte o Namastê resolveu continuar.

— Geralmente percebo melhor as emoções das pessoas se estou próximo delas ou toco nelas.

Oh, então foi por isso que quando ajudou o Vincent com as pastas que o diretor derrubou no corredor, falou sobre ele ter uma energia negativa, porque tocaram as mãos.

— Então pega aqui na mão dele. — Puxei as mãos de ambos, meio afoito para saber de algo, e as juntei quando se encontraram no meio da mesa. — E aí, o que me diz?

— Não sei, eu não tenho um botão de liga e desliga, Julian.

— Era só o que me faltava, o Namastê com defeito — bufei em meio a um bico resignado.

Todos começaram a rir, mas vi estranheza atravessar o rosto de Nando, quando segurou mais firme a mão do Wallace. Ele estava sentindo algo, eu sabia.

— Você já sofreu bastante... — Então era verdade que o Wallace teve uma vida difícil. Todos ficaram em silêncio, inclusive o alvo da análise. Até Nando falar mais. — Você também guarda segredos.

Ok, isso foi bizarro. Que segredos?

— Todo mundo guarda segredos. — Vincent sorriu condescendente, talvez tentando impedir o estagiário de se sentir acuado.

Ainda assim, fiquei em alerta, mas a última declaração de Nando, tomou a atenção de todos, fazendo até mesmo eu dar uma pausa na minha curiosidade sobre o lance dos segredos.

— ... E você está apaixonado.

A despeito do que eu pensei, o estagiário não olhou para o Danton, com quem flertava há instantes. O sorriso que Wallace deu não parecia um sorriso tímido, por estar ao lado de alguém por quem estava se interessando, mas não conhecia bem ainda, apenas um canto de sua boca curvou e ele olhou para algum ponto no chão. Parecia mais... saudade.

— Aliás, todos nesta mesa estão apaixonados. Nunca foi tão fácil sentir isso. — Dessa vez, Vince, Theo e Rô pareceram meio sem jeito. Eu troquei um olhar muito intenso com Danton, que durou apenas alguns segundos. — Mas alguns já estão amando demais.

Alguns?

— Diz pra gente quem é! — Rômulo estava curioso, se fosse um dos que estavam amando, iria se sentir mais desconcertado, como sempre demonstrou quando algo lhe afetava em Theodoro. Talvez, então, não estivesse amando ainda.

— Pare com isso, coração. Você mesmo falou sobre ser inconveniente, certo?

Theodoro nunca ligou para quem passava vergonha, se estava preocupado assim com a continuação da conversa, era porque provavelmente estava envolvido entre os citados. Estava amando.

Na face de Vincent se desenhava um sorriso tímido, poderia estar amando também.

A de Danton estava muito serena, não dava para especular muito. Na verdade, sempre foi meio difícil arrancar grandes reações dele. Talvez estivesse bem com o assunto, mas não queria dizer nada.

O Namastê apenas ria do embaraço de alguns, já eu, analisava demais os outros para ter qualquer tipo de reação.

— Quem tem que falar isso não sou eu. — Nando se esquivou da resposta.

— Ok, vamos comer de sobremesa, uma torta de curiosidade. — Rômulo comentou e conseguiu arrancar algumas risadas de nós.

— Você diz isso porque é o fofoqueiro do grupo, coração.

— Todos vocês são — resmunguei.

— Ah, você é o fofoqueiro premium, John filho.

— Que calúnia!

O restante do almoço seguiu tranquilo, apesar de infelizmente eu não poder interagir com Danton da forma que eu queria.

Quando estávamos todos de pé para nos despedir, Danton ficou estrategicamente ao meu lado. Escondido da vista de todos, entrelaçou seu dedo mindinho ao meu. Eu sorri bobo.

Pena que durou tão pouco, porque logo os outros viraram em nossa direção e a conexão dos mindinhos teve que ser quebrada.

— Juli, preciso de ajuda sobre um assunto, queria a sua opinião. — Danton balançou a sacola que tinha em mãos, no momento em que Jiaer estava do meu lado, pronto para voltar à HS comigo. — Será que você tem um tempinho pra mim antes de voltar?

— Oh, chiclete do inferno esses dois... — Theo, que estava um pouco atrás de nós, resmungou baixo.

— O que você disse? — Wallace franziu o cenho confuso.

— Você se importa de voltar com o pessoal, Jiaer? — Olhei para ele, meio receoso.

— Você quer conhecer os setores, certo? Posso apresentar a você, assistente. — Theo deu uma piscadela, mascando o seu chiclete imaginário.

— Theodoro Toussaint, por acaso você… está me cantando?

— Ah, não! Não começa, Jiaer. Vá com ele e o restante do pessoal, por favor — pedi, segurando a risada.

— Você é bem assanhadinho, hein, assistente? — Theo deu um empurrãozinho em seu ombro, para que ele andasse na direção dos nossos amigos. — Vai depender se o Rô topar um trisal...

Enfim, todos se foram, deixando apenas Danton e eu. Ele abraçou o próprio corpo, encarando-me com um olhar de quem queria que fosse eu a abraçá-lo. Eu também queria. Nem conseguimos nos falar desde o fim da noite de domingo e a saudade já me espancava. Era tão difícil não podermos nos tocar em público.

— Quero te entregar isso. — Estendeu para mim a sacola que tinha em mãos. — Abra, espero que você goste.

— Estou esquecendo alguma comemoração específica? — Estranhei o presente inesperado, mas abri a sacola, revelando três camisas embaladinhas.

— Não, fica tranquilo. É só um presente para sua apresentação de amanhã.

Não eram três simples camisas. Era uma azul, a minha cor preferida, uma vermelha, a sua cor preferida, e uma roxa. Danton estava sugerindo que eu saísse da mesmice de sempre usar preto, branco e azul. De qualquer forma, não quis me impor isso, visto que entre as camisas tinha uma azul, mas era uma mensagem para que eu não tivesse medo do novo, um incentivo para ousar.

— Use a que você quiser, mas, em algum momento da nossa vida, vou querer te ver usando a roxa ou a vermelha também.

— Obrigado, mas essa marca é muito cara, Ferinha. — Eu uni as sobrancelhas, incomodado por ele gastar comigo.

— Eu sou o coordenador da maior empresa de equipamentos tecnológicos de segurança de Sandin, acho que o que eu ganho dá pra fazer essa caridade à você que ganha tão pouco. — Eu ri e andei um pouco com ele para sentarmos em um banco, ainda próximo da praça de alimentação.

— Obrigado por me incentivar assim. Eu também queria te incentivar, a... voltar a praticar taekwondo ou jiu-jitsu. — Não quis forçar a barra, mas era algo que eu já tinha pensado em sugerir.

— Eu não sei. — Danton respirou fundo e olhou para as próprias mãos sobre o colo.

— Não vou ficar insistindo, é só uma sugestão, mas gostaria que você pensasse. — Toquei sua mão discretamente, até que ele entrelaçou nossos dedos.

— Sabe, eu sou todo danificado em algumas áreas da vida e por um tempo achei que seria sempre assim. E pra mim estava tudo bem, era o fardo que eu teria que carregar por causa do que já passei. Mas você está me fazendo enxergar diferente, e querer viver diferente, Juli.

— Você também me faz enxergar diferente e querer viver diferente — sorri pela constatação.

— Eu... vou pensar sim sobre a sua sugestão. — Separou a mão da minha, antes de endireitar a postura. — Mas te pedi pra ficar um pouco porque precisamos conversar sobre o que vamos fazer com relação ao Jae. Precisamos contar a ele.

— Eu sei, pensei sobre a mesma coisa, não quero mais esconder o que existe entre nós. Assim como também vou contar ao meu pai, independente do que ele vai achar.

— Quero que você se prepare para a apresentação de amanhã, sem pensar nesses problemas. Quando acabar, nós vamos contar, ok? Assim como você vai conversar com o seu amigo.

— Sim. Não vejo a hora.

— É, estou cansado da forma como Jae vem agindo. — Danton soltou o ar dos pulmões, ao tempo em que passou uma mão pelos cabelos.

— Ele fez alguma coisa que eu não estou sabendo?

— Ele foi até a minha sala hoje de manhã... e tentou me beijar.

Ao ouvir isso, meu estômago embrulhou, uma sensação ruim e amarga me tomou por completo. Eu detestava imaginar Jae tocando nele de novo. Pior ainda imaginar Danton se sentindo invadido.

— E como você se sentiu?

— Ele estava desesperado, mas só se aproximou, não me forçou a nada. Mesmo assim, quase revelei que estamos juntos. Não quero mais manter isso em segredo.

— Então vamos contar, ele vai ter que aceitar. — A proximidade me permitia sentir o cheiro do Orange Gold em sua pele, o que me deixava louco para beijá-lo.

Pus minha palma em sua perna e a apertei, sentindo o músculo rígido. Danton fechou os olhos; ele também já estava com saudade, eu sabia. Tal fato se confirmou quando, com a respiração lenta, ele confessou:

— Eu estou com uma vontade louca de te beijar agora. — Abriu os olhos, direcionando-os à minha boca.

— Eu também... pena que a gente esteja em público. — Retirei a palma de sua perna e respirei fundo, tentando conter aquela vontade.

— E se a gente for ali? — Apontou para uma pequena salinha perto da área infantil, onde ficavam os brinquedos quebrados.

— Mas podem pegar a gente, se alguém resolver entrar.

— Não. Todo mundo que acha algum brinquedo com defeito abre com a chave para colocar lá na sala, depois tranca do lado de fora — sorriu travesso. — Podemos fazer o mesmo, mas nos trancando do lado de dentro.

— Boa ideia, Ferinha. Se alguém bater, a gente abre e diz que foi só deixar um brinquedo quebrado. — Comecei a gargalhar quando ele levantou e me puxou pelo pulso.

— Então vamos.

Passamos apressadamente pelo parquinho que havia dentro do shopping. Até chegar à salinha que, como previsto, tinha a chave do lado de fora. Danton cravou os dentes no lábio inferior e me puxou para entrar consigo, trancando a porta em seguida.

O espaço era realmente pequeno e quente, parecia um armário de vassouras, porém com brinquedos. Ele sentou em um unicórnio de brinquedo que parecia ter sido parte do carrossel. Eu deixei a sacola com a roupa no chão por enquanto.

— Vem cá. — Abriu as pernas para me abrigar entre elas, e eu fui de imediato. — Que saudade que eu estava de você... quero o seu beijo.

Deslizei as mãos por suas coxas até repousá-las em seu quadril. Tomei um tempo apenas para admirá-lo, porque Danton merecia ser admirado todos os dias. Entretanto, a Ferinha impaciente entrelaçou os dedos em minha nuca e me beijou. Sua boca tinha um leve sabor de sobremesa de abacaxi.

Como geralmente acontecia, comandou o ósculo com louvor, invadiu minha boca com sua língua habilidosa, deixando-me tonto com sua intensidade. Senti os seus suspiros e murmúrios satisfeitos, que mais pareciam ronronados. Era tão bom perceber, pelas reações do seu corpo, o quanto eu também lhe fazia falta, o quanto nossos momentos compartilhados eram viciantes não apenas para mim.

Sua boca desceu por meu queixo e percorreu pelo meu pescoço até pairar na clavícula coberta pela blusa preta. Abriu os dois primeiros botões, com a respiração quente acertando minha pele, enquanto levei minhas mãos por debaixo da sua camisa, onde arranhei levemente a pele de suas costas.

Mais um botão foi aberto e sua boca viajou pelo pedaço de pele exposto. A maciez do contato me dava arrepios, cada vez que um passava por mim, eu apertava sua carne, descontando a sensação.

— Danton... — chamei em tom de aviso. Eu já estava começando a sentir o calor daquele espaço pequeno, mais o calor dos nossos corpos juntos.

— Só quero sentir sua pele, eu amo beijar seu peitoral.

— Então eu também tenho o direito de fazer o mesmo. — Puxei-lhe sem descê-lo do unicórnio, apenas para colar no meu corpo. Sem demora, fui abrindo os botões da camisa roxa, até que seu peito ficasse visível.

— Ok, só não pode ficar excitado.

— Eu nem sei o que é isso. — Abocanhei sua auréola que tinha o piercing de argola.

— Também não pode me excitar. — Sua voz se desenhou num queixume perfeito na sala abafada.

— A culpa já não é minha se você é uma Ferinha fogosa. — Fui para o outro mamilo, onde beijei com regalo.

Danton afastou minha cabeça para também acariciar o meu torso, que era o seu plano inicial. Beijou cada marca que deixou em meu peito no sábado, antes de me olhar através dos cílios.

— Vou ser mais cuidadoso com você da próxima vez, tá?!

— Em que momento eu reclamei? — Fechei os olhos para apreciar melhor os beijos daquela boca voluptuosa.

— Em nenhum... é verdade. Você gosta que eu te pegue com força — constatou por si só, com rouquidão na voz carregada de desejo.

Catapimbas, que sala quente!

— Você não está me ajudando a não me excitar. — Eu nem estava brincando, o suor já começava a escorrer por minha testa.

— Tem razão. Estamos em um espaço público, a qualquer momento alguém pode bater na porta. Vem cá, deixa eu te vestir. — Enquanto ele abotoava a minha blusa, eu fazia o mesmo com a sua.

— Você é lindo demais, até o meu estagiário ficou babando. E eu me roendo por não poder dizer que a gente está junto.

— Se soubesse o quanto eu estava louco para avançar em você naquele almoço, você não se sentiria assim.

— Queria avançar em mim, Ferinha? Para fazer o quê? — Corri uma mão em seu cabelo, onde dei um puxão moderado que o fez abrir a boca e sorrir.

— Se eu for demonstrar, alguém vai sair grávido daqui. — Afastou minha mão e deu um beijinho calmo nela.

Danton era controlado demais, talvez tivesse essa disciplina toda justamente por saber

que quando se descontrolava, era capaz de destroçar alguém. Felizmente comigo só aconteceu de uma forma boa.

Eu amava cada traço de sua personalidade, seu jeitinho controlado, carinhoso, cuidadoso, gentil, dominante, ciumento, teimoso, temperamental, assertivo, inteligente.

Tudo o que fazia parte de Danton Sartori era precioso. Conhecê-lo de perto era incomparável, porque esse homem era tudo o que eu já tinha visto superficialmente, somado a tudo que eu não fazia ideia que incluía em sua identidade.

A intensidade que eu via no calor âmbar dos seus olhos era coisa de louco...

— Eu amo esses quasares... — comentei espontaneamente, hipnotizado. Ele sorriu.

— Acho bonitinha essa comparação astronômica. — Segurou meu rosto com uma mão e fez carinho com o polegar.

— Sabia que existem *oitenta e oito* constelações reconhecidas pelos astrônomos? — Alisei suas coxas grossas, marcadas pelo tecido. Danton me encarava com atenção e curiosidade.

— Sério? E qual a sua preferida?

— Órion, porque ela tem duas estrelas que eu gosto muito, elas lembram nós dois. Rigel, uma supergigante azul, e Betelgeuse, uma supergigante vermelha.

— Nossas cores preferidas — ele constatou. — Você é a azul, e eu a vermelha.

— Existe outra similaridade entre você e a Betelgeuse.

— Qual? — Curioso, Danton repousou os antebraços em meus ombros, enquanto suas pernas balançavam como se ele fosse uma criança.

— Há pouco mais de um ano, essa estrela esfriou e perdeu parte do seu brilho. Os astrônomos acharam que ela iria morrer... mas foi só "poeira" que ofuscou a sua luz por um tempo. Passou. Hoje ela continua mais brilhante do que nunca.

— Que coisa linda, meu céu. — Danton beijou meu pescoço, causando-me arrepios. Contra a minha pele disse, não pela primeira vez: — Você é lindo.

Ele entendia que a comparação se referia ao que ele viveu e como seu brilho era inapagável.

O que existia entre o Danton e eu sempre foi mais do que prazer. Nossas almas se conectavam e, aos poucos, gradativamente, de forma crescente, estávamos construindo uma relação sólida, mesmo que ela ainda não fosse rotulada. Tínhamos uma conexão que não poderia ser revertida.

Eu sentia isso.

Movido por esse sentimento bonito, eu me vi encorajado a lhe fazer uma pergunta. Uma sala apertada e calorenta poderia não ser o lugar ideal. O fato de ele estar sentado em um unicórnio, poderia não ser o local mais desejado, mas aquela vontade dentro de mim era tão grande, que eu precisava falar.

— Eu sei que as circunstâncias não são as melhores, mas eu não quero esperar até que tudo fique perfeito pra te perguntar...

— Perguntar o quê? — ele sorriu, sem entender o que eu queria.

— Você... quer namorar comigo? — Pude jurar que o meu coração parou de bater após a pergunta.

Danton arregalou os olhos e abriu a boca, então olhou para baixo em silêncio. Claro que ele não iria aceitar, como sempre, estava analisando todas as variantes, poréns e contras de aceitar aquele pedido.

— Você tem certeza? — indagou sério.

Eu nem poderia ficar chateado por sua relutância, talvez fosse equivocado mesmo, eu que era emocionado demais. Entretanto, a pergunta já tinha sido feita, eu não ia voltar atrás.

— Eu quero muito... mas tudo bem, vou entender se…

— Eu quero, meu céu. — Foi a minha vez de arregalar os olhos.

Danton Sartori aceitou namorar comigo?

O sorriso largo que ele abriu, foi catalisador do meu. Eu oficialmente seria o seu namorado, e em breve todos saberiam.

— Me abraça — pediu. Sem perder tempo, eu o abracei tão forte, que senti seus ossos estalarem.

— Que tal a gente ir comemorar a oficialização do nosso namoro? — propus, já com uma ideia em mente, quando me afastei.

— Onde?

— No planetário do shopping. A gente pode ver as exposições das galáxias e constelações que quiser.

— Mas e o nosso turno?

— A gente atrasa só uma horinha.

— Perfeito, meu céu. — Animado, Danton desceu do unicórnio e me puxou para sairmos da sala minúscula e calorenta.

O planetário não estava lotado, como era início da semana, pudemos ver todas as exposições disponíveis com calma. Após isso, visitamos uma plataforma de exposição com curiosidades apenas do nosso sistema solar.

— Vamos ver quanto você pesaria em Marte. — Danton estendeu sua mão para me ajudar a subir na balança marciana, próximo à saída da plataforma.

Eu pesava 68 quilos, por isso, assim que vi o número que apareceu no monitor, abri a boca impressionado.

— Caramba, Juli, se você pensasse mesmo 25,72kg eu poderia te carregar no colo muito fácil.

— Mas você seria bem mais leve também — assegurei, enquanto voltava para o chão. — Qual o seu peso?

— Eu peso 64kg — disse ele ao puxar as mangas da sua camisa até os cotovelos.

— De pura gostosura feroz — elogiei, junto de uma piscadela que lhe arrancou uma risada bonita.

Assim que subiu na balança, posicionei-me ao seu lado. O monitor mostrou que ele pesaria 24,21 kg em Marte.

— Gostei disso. Quanto será que a gente pesaria na lua? — Com um bico pensativo, ele desceu da balança marciana e começou a olhar ao redor do espaço.

— Bem, aí teríamos que procurar a Luciana — afirmei, olhando ao redor, como ele.

— Que Luciana?

— A balança da lua. Se a de Marte é a "Marciana", a da lua se chama "Luciana".

Danton explodiu em uma gargalhada tão forte que levou uma mão à barriga. Era adorável e escandalosa ao mesmo tempo, precisei abraçá-lo para ir acalmando seu impulso de rir cada vez mais.

— Não sei porque eu ri dessa piada ruim. — Ele limpou uma lágrima no canto dos olhos.

— Seu humor deve estar bem quebrado. — Segurei a sua mão e, após deixar um beijo furtivo nela, puxei Danton para o local onde eu mais queria levá-lo.

— Onde vamos agora? — indagou, deixando-se ser conduzido.

— Você vai ver.

Caminhamos até a simulação de nave, localizada dentro da cúpula e, após eu pagar a cabine de casal, entramos na que iria fazer uma viagem pela constelação de Órion.

— O bom é que no nosso espaço de mentira, a gente pode abrir o teto da nave. — Ele apertou o botão de comando e eu, o que reclinava nossas poltronas. Dessa forma, ficamos quase deitados, enquanto tínhamos a visão da minha constelação favorita.

— Preciso inventar uma nave conversível.

— Dê um tempo nessas suas ideias, gênio. — Senti sua cabeça deitando em meu ombro bem no momento em que nossa nave se aproximava do cinturão de Órion.

— Olha, Ferinha, aquela é a Rígel. A supergigante azul.

— É você.

Virei meu rosto para encará-lo quando nos aproximamos de Rígel. Toda a cúpula ganhou um brilho azulado.

— O meu namorado é lindo demais. — Danton fez meu coração disparar com suas palavras.

Enfeitiçado pela sua presença, inclinei-me sobre o seu corpo e o beijei, grato por não ter outras pessoas na cúpula que pudessem ser plateia desse momento. Sua mão se embrenhou em meu cabelo, mantendo-me cativo da sua boca e língua sedenta.

Paramos apenas quando nos aproximamos da estrela Betelgeuse, a supergigante vermelha de Órion, deixando todo o ambiente com uma iluminação quente e atrativa.

— Essa é você, Ferinha. Até fogosa ela é.

Apesar da brincadeira, a visão do seu rosto me fez perder qualquer impulso de rir. Porque o âmbar daquelas íris me encarando, sob a luz quente da Betelgeuse, tornou o ambiente mágico. A nossa magia particular.

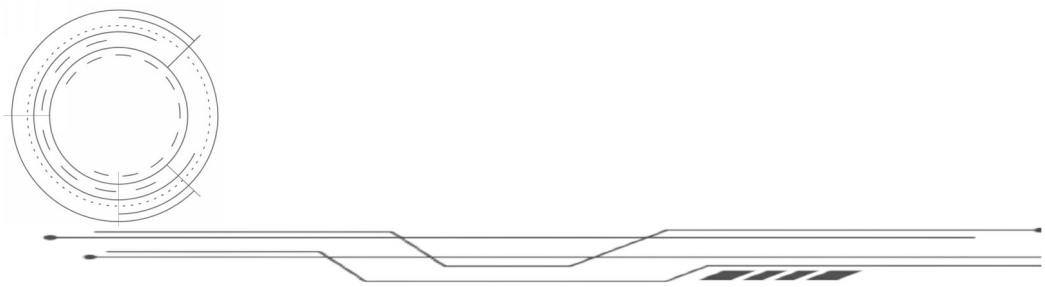
— O meu namorado também é lindo demais — sussurrei ao tempo em que uni minha testa à sua e repousei minha mão em sua nuca.

E repeti tudo outra vez, beijei a sua boca, admirei seu rosto, cheirei a sua pele e ri com a sua risada. Cada célula que existia em mim, admirava o universo que existia em Danton. Por isso, devotei-me a cada pedaço da sua existência, querendo gravar aquele momento com os meus cinco sentidos.

O melhor de tudo, era que o meu sexto sentido, aquele que por vezes me fazia ter medo do futuro, dizia que, apesar de todas as dificuldades que eu estava enfrentando na vida, valia a pena estar com aquele homem.

Valia a pena *amar* Danton Sartori.

CAPÍTULO 08



88

Na noite de segunda para terça-feira, não consegui dormir bem. Eu finalmente teria a oportunidade, que antes foi tirada de mim, e apresentaria o projeto no qual dediquei um ano inteirinho para construir.

Era o meu momento.

Na noite do dia anterior, Danton me ajudou a revisar toda a apresentação, ouviu todas as minhas falas, também ajudou a organizar meus slides e o protótipo. Ficou comigo o tempo todo, após o nosso expediente, e me acalmou quando a ansiedade parecia me dominar. Ele era um namorado maravilhoso.

O meu namorado.

Deu até vontade de chamar um oficial de justiça para fazê-lo assinar um contrato oficial de namoro.

Em meio aos problemas, ele era o meu alento.

No grande dia optei pela camisa vermelha que Danton me deu, por dentro de um terno preto. Tudo parecia estar certo, eu tinha o apoio do homem que amava, a apresentação estava na ponta da língua e o protótipo pronto para demonstração. Nem mesmo meu pai ligou para me encher a cabeça.

Então por que eu estava com uma sensação ruim e estranha de inquietação? Um mau pressentimento que não me deixava ficar tranquilo?

A reunião seria às 8:30. Antes das 8:00, dirigi até o prédio e lá estava eu na recepção principal, esperando o elevador para subir ao centésimo andar.

Deu até uma nostalgia ruim lembrar que da vez passada não consegui chegar ao meu destino, por ter ficado preso no octogésimo oitavo andar. Aquele não era o elevador da recepção dois, no entanto, assim que abriu, vi seu interior vazio, como raramente ficava por ser o acesso principal.

Tive medo de entrar sozinho, afinal, dizem que um raio não cai no mesmo lugar duas vezes, mas é uma puta mentira.

Assim que as portas fecharam, um temor se apoderou de mim, porque dessa vez não tinha um loirinho querendo entrar também. Já no interior, olhei desconfiado para as paredes metálicas, para o interfone, espelho e para números passando os andares no painel. Minha visão capturava tudo muito rápido.

Tentei controlar meus próprios batimentos cardíacos, respirando fundo, apertando a maleta em minhas mãos. Olhei para os meus próprios sapatos, tentando não dar lugar ao pressentimento ruim. E, mesmo assim, senti quando aconteceu.

O elevador parou.

Fechei os olhos com força, sentindo o coração querendo abandonar o meu corpo. Até que ouvi um aviso sonoro de portas sendo abertas e diversas pessoas entrando no elevador também. O que me mostrava que ele tinha parado porque tinham solicitado.

Nossa mente é capaz de pregar diversas peças quando é movida pelo medo.

Após nada ter acontecido, cheguei ao centésimo e último andar. A ansiedade me consumia demais. Todos os acionistas, diretores e coordenadores dos setores tecnológicos estariam lá.

Enquanto andava pelo corredor do centésimo andar, vi Monalisa caminhando em minha direção. Como minha secretária, ela deveria estar cuidando das coisas no andar onde trabalhávamos, e não no andar da sala de reuniões. Por isso, havia apenas um motivo para Lisa estar aparentemente me procurando.

Problema.

— Bom dia, chefinho. — Deu um sorriso amarelo, mirando as íris verdes em mim. Respirei fundo, já esperando algo ruim. — Preciso informar um probleminha a você.

— Qual probleminha, Lisa? — Estávamos parados no meio do corredor, mas comecei a andar para, pelo menos, deixar minhas coisas na sala de reuniões, já que faltavam um pouco mais de vinte minutos para a apresentação. A secretária seguiu ao meu encalço.

— Alguém pegou os documentos que o senhor deveria assinar da minha mesa.

— Os que a Cha Eunwa mandou? Mas você digitalizou, não foi? — Olhei para ela de soslaio.

— Então, é que… sobre isso… Não deu tempo, chefinho.



Nota mental:

Inventar um equipamento tecnológico

capaz de recarregar a paciência.

— Tudo bem, Lisa, não esquenta com isso, deve ter sido ela mesma quem pegou. — Verifiquei a hora em meu relógio de pulso, pela décima vez em cinco minutos.

— Eu perguntei a ela, a Eunwa ficou desesperada dizendo que não foi ela quem pegou, que os documentos eram muito importantes e não poderiam sumir assim.

Se Eunwa estava tão desesperada com o sumiço dos documentos, devia ser porque ela realmente não os pegou e estava com medo de ficar encrencada por eles terem sumido. Mas se não foi ela, quem os pegou?

Chegamos na grande sala de reuniões e as portas fizeram meu reconhecimento facial. Como Monalisa não tinha permissão, seu reconhecimento facial não seria feito. A mulher se encostou em mim, quase me encoxando, para entrar também.

— Lisa, pare com esse roçado, as pessoas vão pensar mal de nós. — No fundo, tive vontade de rir ao ver ela se apressando antes de a porta fechar.

— Desculpa, chefinho, era só para poder entrar.

Ela passou a mão na calça social, em seguida nos cabelos castanhos e encaracolados que sempre iluminavam sua pele bronzeada. Olhou para os lados meio perdida, nunca tinha entrado naquele salão.

— É grande aqui. Você não está nervoso?

— Nadinha…

Já haviam diversas pessoas tomando seus assentos, outras se cumprimentando. Passando a vista pelo local, vi na ponta da grande mesa de reuniões minha mãe e meu pai falando com alguns parceiros. Perto da tela de projeção, vi Vincent conversando com o Danton.

Ele estava tão lindo. Usava um terno azul, a minha cor preferida. Era um tom claro, combinando com a manhã ensolarada do início de Agosto e os seus fios dourados que iluminavam toda aquela sala opaca. Quis tanto correr até ele, que ainda não tinha me visto, e receber um abraço seu ou qualquer toque que me acalmasse, mas era impossível naquele momento.

— Lisa, por favor, ligue para o monitoramento e peça ao Tico e Teco… digo, Rômulo e Theodoro que façam uma busca nas imagens da sua sala para saber quem pegou os documentos. — Ela assentiu. — Apenas a um dos dois, ok? Ninguém mais.

— Sim, senhor.

— Falando em "senhor", onde está o Wallace Jiaer? — Acenei para dois senhores que me encaravam ao lado do meu pai.

— Disse que está vindo, precisa fazer um artigo sobre a sua apresentação, já que é o orientador de estágio dele, então daqui a pouco estará aqui.

— Ok, está tudo sob controle, tudo sob controle… — Esfreguei uma palma na outra e olhei para o relógio outra vez. Já tinha se passado dois minutos.

— Então eu vou agora até o setor de monitoramento. Quando acabar a sua apresentação,

dou um retorno, ou peço para os próprios funcionários ligarem — sorriu amigavelmente e acenou com a mão. — Boa sorte, chefinho.

— Muito obrigado, Monalisa.

Sozinho, no meio de tanta gente, busquei novamente a imagem do meu namorado. Dessa vez, ele me viu.

Ao me ver com a blusa vermelha, que era a sua cor preferida, sorriu daquele jeito que iluminava seus olhos e o meu coração. Fez menção de vir em minha direção, porém, estancou no próprio lugar e seu sorriso foi morrendo, no mesmo instante em que seu olhar recaiu sobre algo atrás de mim. Algo não, alguém.

Kang Jae.

Constatei quando senti sua mão em meu ombro, e me virei em sua direção.

— Julian. Podemos conversar? — Seu terno grafite parecia menos cinzento que sua expressão de olheiras aparentes.

— Oi, Jae. Vou me apresentar dentro de uns quinze minutos, podemos nos falar depois que acabar? — Ele não me abraçou, eu também preferi ficar quieto.

O clima entre nós, evidentemente, ficou estranho desde sexta-feira na delegacia.

— Não vou tomar nem cinco minutos do seu tempo, só quero te mostrar uma coisa. — Cruzou os braços na altura do peito.

Tive tanta vontade de olhar para trás, para Danton especificamente, mas não tive coragem.

— Qual é, vamos, eu também preciso estar na reunião, então sei que não podemos demorar. — Curvou os cantos da boca num sorriso simpático, que não me convenceu.

— Jae, não acho uma boa ideia…

— Julian, não acha que pode me dar um pouquinho do seu tempo, depois de ter me evitado tanto?

Ele não estava errado, eu mesmo quis procurá-lo no dia anterior, mas acabei não fazendo depois de ter ficado um pouco chateado por saber que ele foi atrás do Danton novamente.

Naquele momento, vi Jiaer entrar na sala, buscando alguém com o olhar. Quando me viu, caminhou em minha direção. Esperei até que estivesse à minha frente.

— Senhor Julian Osborn Roux, bom dia.

Quando seus olhos recaíram sobre Jae, percebi que eles demoraram mais ao observá-lo. Pareceu um misto de espanto e nervosismo. Era sutil demais, apenas uma certa inconstância no olhar, o estagiário soube disfarçar bem. Meu tio de criação nem percebeu, mas eu sim. Talvez tenha achado Jae bonito.

— Bom dia, senhor…?

— Kang Jae. Bom dia — respondeu ao rapaz com um sorriso mínimo.

— Jiaer, estou com um pouco de pressa, você pode deixar isso perto do projetor, por

favor? — pedi, estendendo minha maleta para ele.

— Claro, senhor Julian Osborn Roux. Com licença. — Acenou com a cabeça, meio atrapalhado e se afastou para fazer o que eu pedi.

Olhei para Jae novamente, respirando fundo.

— Tudo bem, eu vou, mas seja rápido, por favor, não posso mesmo demorar.

— Claro. — Ele colocou uma mão em minhas costas e me conduziu para fora da sala.

Ao passarmos pelo corredor, Jae apontou para um banheiro que ficava no fim do caminho.

— Por que no banheiro? — questionei.

— Somos meio desprovidos de salas nesse andar, lá é mais vazio. Ninguém usa aquele banheiro.

— Tudo bem. — Eu estava sentindo um certo medo irracional e uma agonia crescente. Talvez fosse parte do nervosismo por ter que me apresentar em poucos minutos.

Olhei novamente para o meu relógio, constatando que tínhamos no máximo dez minutos para conversar, para sobrar pelo menos cinco em que eu pudesse me preparar um pouco.

Jae abriu a porta convencional branca, gesticulando com a mão para que eu entrasse primeiro. Assim que o fiz, ele entrou e trancou a porta.

— Não tranque, por favor. Tenho agonia de porta trancada. — Tentei sorrir, mas devo ter feito uma careta.

— Era só pra não sermos atrapalhados.

— Você mesmo disse que ninguém vem aqui, então não vejo necessidade.

— Tudo bem. — Enquanto ele destrancava a porta, eu me escorei na pia.

Assim que ficou de frente para mim, Jae me olhou por um momento e levou a mão ao bolso de seu paletó.

Meus olhos percorreram do bolso ao seu rosto, que me encarava com seriedade. Minha ansiedade me fazia ver a sua mão em câmera lenta. Meu coração batia freneticamente em expectativa.

O que tinha em seu bolso?

— Queria que você visse isso. — Estendeu o que parecia ser uma foto de papel envelhecido. — Ando com ela em qualquer lugar.

Em silêncio, peguei a foto e a analisei. Nela eu era uma criança, dormindo no colo de um Jae mais jovem, sentados em uma poltrona antiga marrom.

— Quantos anos você tinha aqui? — perguntei, devolvendo-lhe a foto.

— Eu tinha dezoito, e você cinco. Sempre que estava cansado, mas não conseguia pegar no sono, eu colocava um filme pra gente assistir e você dormia no meu colo. Só quando você estava apagado, eu te levava para o seu quarto. — Enquanto me olhava, Jae deixou escapar um suspiro cansado, antes de sorrir nostálgico. — Sua mãe não gostava, dizia que criança deveria

dormir cedo, mas, apesar do método "errado", você mesmo pedia que eu fizesse isso, lembra?

Eu lembrava.

— Por que está me mostrando essa foto, Jae? — Engoli a saliva com dificuldade, temendo o rumo da conversa.

— Porque de todas as pessoas que estão na minha vida, você é quem eu mais amo. — Ele intercalava sua atenção entre a foto e eu, até que estendeu uma mão e fez um carinho em minha bochecha. — Posso não saber como agir o tempo todo, mas o meu sentimento é verdadeiro.

— Eu nunca duvidei — afirmei rápido e convicto, sentindo seu toque deixando meu rosto. — Eu também te amo. Você é até mais do que um tio pra mim, é um segundo pai, sabe disso.

Jae estava sofrendo, eu via isso.

— Eu quero tanto que isso seja suficiente para a nossa relação continuar a mesma. — Começou a fungar, parecia prestes a chorar.

— O que você está querendo dizer? — A mesma sensação ruim que senti desde cedo pareceu aumentar, eu não sabia o que fazer com ela. Apertei uma mão na outra, tentando me manter calmo.

— Quando o corpo sofre uma fratura muito forte, o cérebro anula a dor, sabia? — Jae olhou para os próprios pés, depois a mim novamente. — O ser humano também faz isso com as emoções. Fingimos não ver certas coisas para não sofrermos. Ainda que estejam na nossa cara, ignoramos porque às vezes a verdade dói demais.

Passei a respirar mais rápido, sentindo-me instável sobre o chão, porque estava entendendo o que ele queria dizer. Jae estava suspeitando ou talvez já soubesse sobre Danton e eu, mas estava evitando a dor de saber.

O que eu deveria fazer? Naquele momento, eu não tinha tempo para conversar como ele merecia.

— Eu não sei se você tem algo a me dizer, Juli, mas, por favor… eu só te peço, não me decepcione. — Lágrimas se acumularam nos cantos dos seus olhos. Quando piscou, elas escorreram pelo seu rosto cansado, mas suas mãos foram ágeis em limpar. — Já aguentei muita coisa em nome do amor, mas não suportaria ter que passar por isso com você.

Senti meu corpo pesar mais, gradualmente. Era difícil vê-lo chorar, ainda mais sem fazer questão de parecer forte na minha frente. A inércia me impedia de achar minha própria voz. Precisei respirar fundo para ter alguma ação.

— E preciso muito conversar com você, mas não pode ser agora, a minha apresentação vai começar. — Conferi em meu relógio que faltava apenas cinco minutos para o início da reunião.

— Eu estou te pedindo, Julian. — Segurou meus braços, apertando-os com força, mas eu podia sentir a inconstância em suas mãos, o que mostrava que seu aperto era um gesto de desespero. — Estou te implorando, não me decepcione, por favor. Vai ser melhor pra nós dois.

Melhor para nós dois?

— Jae, eu não sei o que dizer…

O que eu podia fazer quando não podia prometer nada?

— Então não diga nada, meu pedido já está feito. Fique com ela, por favor. — Entregou a foto na minha mão novamente, limpou o rosto e levou uma mão à minha nuca. — Boa sorte na sua apresentação. Estou torcendo por você.

Deu uma última olhada em mim, especificamente para minha camisa vermelha por dentro do paletó preto, depois para foto em minhas mãos e saiu do banheiro, deixando-me com uma confusão de sentimentos.

Jae estava desconfiado. Nunca tinha o visto abatido daquele jeito. Eu não queria ser motivo de sua decepção, mas o que mais temia estava acontecendo.

Quanto mais eu caminhava rumo à minha felicidade, mais o afastava da sua. Primeiro, Jae procurou o ex-noivo, depois me procurou. Quão grande era o seu desespero?

Olhei para a foto em minhas mãos e senti como se estivesse voltando no tempo. Voltando ao momento em que o via me aconchegar em seu colo, a fim de começar a procurar um filme para assistirmos. Sempre deixava que eu escolhesse, ele via repetidas vezes os mesmos filmes porque nunca gostei de assistir filmes novos, para não correr o risco de não gostar.

Jae era paciente como meu pai nunca foi. Quando eu ia dormir, ele deixava o abajur do meu quarto acesso e voltava depois de um tempo apenas para apagá-lo, quando eu já estava dormindo. Contudo, às vezes eu ainda estava acordado e o ouvia se despedir dos meus pais, dizendo que precisava ir porque iria acordar cedo no dia seguinte para ir à faculdade.

Kang Jae guardava uma foto nossa significativa para ele. Aquelas olheiras não eram apenas por sentir saudade do Danton. Ele sentia saudade de mim.

Eu estraguei minha relação com uma pessoa que me acolheu, ajudou, ensinou, quando não tinha obrigação alguma comigo. Ele era treze anos mais velho do que eu. Enquanto eu já tinha completado vinte e quatro anos, Jae, dentro de alguns dias, faria trinta e sete. Ainda assim, sempre tomou as responsabilidades de um pai. Que tipo de pessoa eu era por causar sua dor dessa forma? A culpa estava voltando com mais força do que nunca.

Olhei em meu relógio, percebendo que eu estava com a mão e o braço tremendo. Já era hora de me apresentar e o meu corpo não conseguia parar de tremer, tampouco sair do lugar. Meu peito doía como se mil toneladas estivessem sobre mim.

Ao meu redor, parecia haver inúmeras granadas, onde eu pisasse algo explodiria. Tentei a todo custo ignorar a sensação de sufocamento que sempre me acometia quando a crise de pânico queria me tomar, mas estava difícil. A inquietação e a pressão na cabeça já começavam a me angustiar.

Olhei no espelho, tentei controlar a minha própria respiração, mas meus lábios apenas tremiam.

— Vai ficar tudo bem, vai ficar tudo bem…

Eu estava sozinho, mas queria ter força e motivação para sair daquele banheiro.

— Está na hora, você precisa ir. Mostre que não é um fracassado — sussurrei para a face

quase chorosa no espelho.

Limpei o rosto do jeito que deu, ajeitei o paletó, como se eu estivesse no controle, e me forcei a sair do banheiro.

Andei pelo corredor, suando frio, sentindo uma pressão absurda em meu corpo. Parecia que ia explodir em milhões de fragmentos a qualquer momento. Nem sabia como minhas pernas, tão trêmulas, estavam atendendo aos meus comandos.

O caminho até a sala era tão frio e silencioso. Era errado querer voltar a ser criança novamente e não ter que passar por tudo aquilo?

Eu estava com medo.

Avistei a porta da sala de reuniões e apressei os passos, com medo de desistir. Já estava na frente da barreira que me separava do que eu tanto lutei para conseguir, quando ela fez meu reconhecimento facial.

"Já aguentei muita coisa em nome do amor, mas não suportaria ter que passar por isso com você."

Eu era o responsável…

"Estou te implorando, não me decepcione, por favor."

Jae não me perdoaria.

Olhei para todas aquelas pessoas sentadas, conferi novamente a hora no maldito relógio, constatando que estava na hora.

Hora de provar se eu era capaz de passar por cima dos meus fracassos pessoais e mostrar que eu era um homem de verdade, como meu pai sempre esperou que eu fosse.

John Osborn me olhava com expectativa, Nara Roux me olhava como uma mãe pronta para assistir uma peça apresentada pelo filho no quarto ano. Danton Sartori me olhava ansioso. Kang Jae me olhava sem brilho nos olhos.

E todos os demais, olhavam-me esperando que o filho do CEO fizesse uma apresentação esplêndida, que honrasse o nome do pai, o nome da empresa.

Eu me olhava como um infeliz que precisava maquiar o melhor sorriso para esconder a podridão que via em si mesmo naquele momento.

Meus ossos pesavam, mas tentei um pouco mais, concentrei meus passos e andei pela lateral da mesa de reuniões, sentindo os olhares me queimando, até eu parar na frente da tela de projeção.

Era o momento de falar alguma coisa.

Não olhe para alguém em específico, Julian. Olhe para todos, e vai ficar tudo bem.

— Bom dia. — Forcei um sorriso tão falso que fez meus músculos faciais doerem, ao cumprimentar os presentes. Afrouxei a gravata, tentando melhorar a sensação de sufocamento, mas não adiantou.

Eu já estava fragmentando por dentro, em milhares de cacos, podia senti-los me pinicando. Os calafrios começaram a ficar cada vez mais fortes, e não dava mais para ignorar os

tremores, quando fiz menção de pegar o controle do projetor que Jiaer já tinha preparado, provavelmente com a ajuda de Danton.

— Eu… eu…

Senti a fraqueza me atingir em cheio, por infelizmente constatar que mais uma vez eu não conseguiria.

Quando minhas pernas pareceram vacilar cada vez mais, quando senti o aperto doloroso e esmagador no peito intensificar, assim como a mente martelando um barulho que só havia dentro de mim, quando minha garganta fechou a ponto de palavra alguma ser mais capaz de encontrar o caminho para fora, apenas aceitei que fracassei.

Mais uma vez.

E queria sumir para não ter que lidar com a decepção alheia.

Mais uma vez.

Foi isso o que fiz. Olhei mais uma vez para o meu pai, que àquela altura tinha um olhar duro sobre mim. Levei minha atenção para Danton que me encarava preocupado, como se soubesse da aflição que eu estava sentindo, até que não consegui ficar mais um segundo naquela sala. Estava sufocante.

Tentei pedir "licença", mas nem isso consegui, apenas mirei a porta, que parecia tão distante, querendo que um buraco se abrisse no chão e me engolisse, para que eu não tivesse que fazer todo o trajeto até ela sozinho.

Foi quando senti duas mãos pousando em meus ombros, mãos firmes e já tão conhecidas por mim, que me conduziram para fora da sala. Somente então, o caminho se tornou um pouco mais fácil de suportar, porque Danton estava comigo.

Passamos pela porta e seguimos em silêncio para uma das poucas salas que tinham naquele andar, um pouco mais distante do salão de reuniões.

Ao entrarmos, apenas desabei no pequeno sofá que avistei. Minha cabeça girava, apoiei os cotovelos nas coxas, escondi o rosto nas mãos e comecei a chorar audivelmente, um choro tão doloroso e incontido, que me fazia soluçar.

Colocando-se de joelhos entre minhas pernas, Danton afastou meu rosto das mãos e me abraçou, fazendo do seu pescoço o meu novo abrigo. Eu não conseguia conter, molhava todo o seu terno azul fino de lágrimas e coriza, sem forças para parar.

— Eu sou um fracasso… um fracasso, Danton — eu lamuriava abafado na curva do seu pescoço, entre os soluços.

— Claro que não é, não diga isso. — Ergueu meu rosto para olhá-lo. — Meu céu… — Ele parecia querer chorar também, por me ver daquela forma.

— Tudo que eu faço nessa vida é movido pelo medo de falhar e, mesmo assim, tudo que eu faço é cometer falhas e mais falhas… tudo que eu faço é decepcionar todo mundo.

— Juli, por favor, não faça isso com você. — Começou a chorar junto comigo. Sem se importar, beijou meu rosto banhado de lágrimas, encharcado de derrota.

Ouvimos a porta abrindo automaticamente, era alguém autorizado entrando. Danton se

afastou rapidamente e olhou para trás, eu também levei minha atenção àquela direção.

Era o meu pai. Tudo que eu não precisava naquele momento.

Não devia ter sido difícil saber que eu estava ali, afinal, como Jae disse mais cedo, o andar era escasso de salas.

— Ainda vai apresentar seu projeto, ou vai fugir como um irresponsável? — John endureceu ainda mais a face ao me ver com Danton.

Meu namorado apertou minhas mãos trêmulas, como se quisesse me proteger, ou me poupar do que eu ainda poderia ouvir. Não consegui encarar meu pai, fechei os olhos com força, até que ouvi Danton respondê-lo.

— O senhor não vê que o seu filho está numa crise de pânico?

— Está me afrontando, Sartori? Não esqueça que você trabalha nessa empresa apenas porque é noivo do Jae. — Abri os olhos ao ouvir suas palavras absurdas.

— Se for esse o motivo e não por minha competência, gostaria de informar ao senhor que Jae e eu não estamos mais em um noivado, nem juntos. — A voz de Danton era firme, respondendo seu superior de igual para igual.

Em nenhum momento se afastou de mim. Como se não bastasse, certifiquei-me de que ele não se afastaria, quando segurei firme em suas mãos.

— É por isso que o encontrei dessa forma tão íntima com o meu filho? Quer garantir sua permanência na empresa?

Meu pai sabia que o Danton não estava mais com meu tio de criação, já havia comentado isso comigo, estava dirigindo palavras venenosas ao coordenador por puro prazer de ser cruel.

— Já chega! — gritei e endireitei minha postura. — O Danton não merece ouvir isso, vá embora!

Queria que minha voz tivesse saído menos chorosa, menos rasgada, mais firme e controlada. Porém, eu estava quebrado, não tinha forças nem para me defender, falei apenas porque o insulto era com Danton, e eu nunca mais iria ficar calado perante o meu pai se o seu discurso de ódio fosse direcionado ao Danton, ou a alguém que eu amasse.

Vi uma espécie de compreensão atravessar o rosto de John, ao me ver chorar, mas outra vez a dureza nublou suas feições.

— Espero que você esteja ciente de que essa foi a sua última oportunidade, até me provar que realmente merece ter um equipamento desenvolvido por você, nessa empresa.

Não disse mais uma palavra. Retirou-se da entrada da sala e sumiu pelo corredor.

Danton voltou a me abraçar apertado, ainda de joelhos sobre o chão, entre as minhas pernas. Eu chorava forte, meu corpo se agitava e ele me dizia que ficaria tudo bem. Somente quando o choro cessou um pouco, ele se afastou.

— Por que você ficou assim? Ontem estava ansioso, mas estava controlado. O que aconteceu?

Eu deveria contar sobre minha conversa com meu tio de criação? Não queria preocupar Danton, nem pensar mais sobre o assunto, ou era capaz de outra crise de choro me acometer.

Não consegui responder verbalmente, virei a cabeça para os lados, negando, mas Danton não pareceu satisfeito com o meu silêncio.

— Você disse que eu também sou seu amigo, Julian, independente do que for, sabe que pode contar comigo… conta pra mim?

Danton era inteligente, viu quando eu saí com Jae. Com certeza suspeitava de algo, mas queria me ouvir falando.

— O Jae desconfia, ou talvez até já saiba de nós. — Funguei e olhei para Danton, que se sentou sobre os calcanhares.

— Ele te disse isso?

— Não com palavras exatas, mas pediu que eu não o decepcionasse. Me senti um lixo, porque sei que ele está sofrendo.

— Não acredito que ele te procurou pra falar isso justo quando você ia se apresentar. Ele te conhece, Julian, sabia que você iria ficar mal, por que fez isso?

— Jae está magoado, foi um ato de desespero. Eu sei que temos que falar com ele, mas acho que nunca vou estar preparado.

— Mas temos que falar, meu céu. — Senti o toque quente de sua palma em meu rosto. — Chega de adiar.

Assenti, sabendo que por mais doloroso que fosse, ele estava certo. No mesmo momento, meu celular tocou dentro do bolso e, assim que o peguei, minha mãe apareceu na porta. Como Danton levantou para ir falar com ela, foquei em receber a chamada. Era Rômulo.

— Oi, Rô.

— Oi, Julian, recebi seu pedido pela sua secretária e fui logo procurar, porque poderia ser importante pra você, mesmo que… Está tudo bem? Você está meio calado.

— Está sim, achou alguma coisa? — Engoli por um momento minha frustração. Não era momento para chorar, os problemas não dariam uma pausa porque eu precisava.

Olhei para a porta novamente e vi minha mãe passando a mão nos cabelos do Danton. Pelo que aparentava, estavam tendo uma conversa pacífica. Eu queria muito que ela gostasse dele, amava demais os dois.

— Então, sobre isso. Não houve movimento suspeito desde a sexta-feira em que Monalisa disse que você a pediu que guardasse os documentos, até o momento em que eles sumiram.

Agora mais esse problema, um ladrão fantasma.

— E a própria Lisa? Em algum momento ela mudou esses papéis de lugar nas imagens? — Olhei para os meus próprios pés batendo impacientes sobre o chão.

— Não, Julian. Também observei isso, mas onde ela deixou, ficaram, até o momento em que não estavam mais lá.

— Mas, Rômulo, em algum instante os documentos saíram dessa mesa. Qual foi esse momento? — Mirei na direção da minha mãe e do meu namorado novamente, no momento em

que os dois se abraçavam em despedida.

— *Era isso que eu queria contar. Houve um corte na filmagem em um horário da noite que não era o meu expediente e do Theo, às 21 horas. Ah, e a Eunwa não passou pela sala da Lalisa, garanto. Não sei o que aconteceu, mas essa pessoa que pegou esses papéis é muito esperta.*

Com essa informação, tive a prova de que tal pessoa estava agindo em conjunto com alguém que tinha acesso às filmagens, já que a gravação foi cortada. E eu não queria acreditar que era um dos meus amigos.

— *Se você quiser, posso te mandar as gravações de tudo o que fizemos aqui no setor durante o período em que essas folhas foram entregues, até o momento em que sumiram, pra você ver se acha algo suspeito.*

Se o próprio Rômulo estava oferecendo, não se ofenderia caso eu pedisse. Eu até confiava nele e no Theodoro, mas tinham outros funcionários lá, em turnos diferentes, então eu não poderia deixar passar essa análise.

— Rô, você pode conferir as imagens?

— *Julian, eu prefiro que você faça isso. Eu e o Theo somos funcionários do monitoramento também…*

E, mais uma vez, ele estava sendo cauteloso. Só a sua atitude de querer estar livre de qualquer suspeita já me provava que não tinha sido ele ou o Theo, a quem ele poderia acobertar.

— Tudo bem, Rô, eu mesmo vou verificar… mas saiba que eu confio em você e no Theo.

— *Sei sim.* — Ouvi sua risada através da ligação.

Resolvi deixar as coisas como estavam por enquanto, pior seria se eu tivesse assinado. O que não aconteceu.

— Ok, obrigado, Rô. — Vi Danton caminhando em minha direção, após se despedir da minha mãe, essa que me mandou um beijinho de longe, antes de ir embora.

— *De nada, qualquer novidade te aviso. Como foi sua apresentação?*

Passei a mão pela testa, totalmente cansado, mas fiz um esforço para lhe responder.

— Não apresentei, Rô. Mas depois explico, pode ser?

— *Claro… fique bem, Julian.*

— Obrigado.

Danton me deu um sorriso triste e, ainda de pé na minha frente, abraçou-me. Passei os braços por seu quadril, amassando seu paletó, mas logo me afastei. Aproveitei que estávamos sozinhos, retirei sua blusa social de dentro da calça, a levantei um pouco e beijei sua barriga macia e quentinha. Seu abdômen se contraiu, no momento em que ouvi sua risada.

— Sua mãe estava preocupada, mas como você estava no celular e ela precisava voltar pra reunião, disse que iria falar com você depois. Ela é um amor, me tratou muito bem.

— Porque você também é um amor, e é o melhor namorado do mundo. Obrigado por estar aqui. — Arrastei minha bochecha por sua pele, sentindo seu cheiro, e fui distribuindo beijos

por toda a extensão da sua pele.

Assim que ouvimos a porta abrindo mais uma vez, Danton se pôs ao meu lado para olhar quem era. Wallace Jiaer foi quem passou por ela, puxando a manga da camisa social larga demais, enquanto segurava um copo grande de vidro, cheio de água.

— Oh, desculpe, eu atrapalho? — Seus olhos recaíram na camisa de Danton por fora da calça, até que todos olhamos para a mesma direção, no entanto, somente eu agi no desespero.

— Não, não. Não estava acontecendo nada. — Agitei as mãos, em seguida as levei ao cós da calça de Danton para arrumar a camisa por dentro.

Já era um gesto natural, assim como Danton também arrumava minha roupa depois de algum "amasso". Todavia, quando lembrei que não estávamos sozinhos, afastei-me. Danton, por outro lado, começou a rir do meu embaraço.

— Eu vim só trazer uma água, o senhor parecia meio nervoso. — Jiaer se aproximou mais e me entregou o copo.

— Obrigado, Wallace.

— Senhor Julian Osborn Roux, eu gostaria também de dizer que eu já travei em um momento importante. Foi bem difícil. — Enquanto eu bebia a água, ele olhou para o chão, talvez relembrando algo, porém, logo me deu atenção de novo. — Mas vai passar. Hoje vai ser difícil até mesmo na hora que o senhor for dormir, mas sempre passa.

— Obrigado, mais uma vez.

— Vou deixar vocês sozinhos agora.

No momento em que Jiaer passou pela porta para ir embora, algo que tinha passado despercebido até mesmo por Danton, veio à tona para mim.

— Danton, como a porta tinha o reconhecimento facial dele? — Danton, ao me ouvir, ficou pensativo por um momento.

— Talvez o RH tenha cadastrado em todos os lugares possíveis, para caso você pudesse pedir que o estagiário fosse resolver algo, mas é melhor confirmar.

— Tem razão.

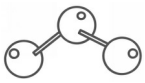
Liguei para o RH e fui informado de que o setor realmente havia feito o cadastro do rapaz. Ao que tudo indicava, não havia nada de estranho.

— Será que é muito ruim se eu te fizer matar o trabalho hoje? — indaguei. Eu não queria que mais ninguém fosse me procurar para falar comigo, o que iria acabar acontecendo se eu ficasse na empresa.

— Você é o chefe, é você quem manda. — Danton piscou para mim, mas, com o humor que eu estava, nem mesmo conseguia rir.

— Chefe… acho que ser chefe só faz o meu fracasso de hoje ter sido maior ainda.

— Eu vou relevar o que você disse, porque sei que está chateado, mas detesto te ouvir falando assim, você sabe. — Suspirou antes de me estender a mão. — Vamos sair daqui, você

está precisando respirar.

Seguimos em direção à avenida após termos decidido ir ao apartamento que Danton dividia com Vincent. Mas após passarmos por algumas ruas, notei que Danton olhava continuamente para o retrovisor.

— Está tudo bem?

— Juli, não surta, mas acho que aquele Creta preto está nos seguindo.

Acompanhei seu olhar pelo retrovisor, realmente constatando que tinha um Hyundai Creta a dois carros de distância de nós.

— Vou tirar a gente daqui. — Andei por entre os carros, apressado, tentando despistar a pessoa, no entanto, esta pareceu ter percebido meu movimento e aumentou a velocidade, encurtando a distância.

— O sinal vai fechar, pisa fundo! — Danton avisou, antes de atendê-lo, conferi se ele usava o cinto de segurança, assim como eu.

Felizmente estava.

Eu era mais rápido, aquele carro não poderia passar de 180 km/h, já eu poderia ir numa velocidade de até 330 km/h se quisesse, mas no trânsito isso realmente não contava tanto. Por isso acelerei no momento em que o sinal estava amarelo e, sem mais ligar para o nosso destino, entrei numa avenida que, por sorte, estava um pouco mais vazia.

Quando estávamos passando por um prédio grande e largo, vi o Creta entrar numa rua paralela a da avenida, passando por trás do prédio.

— Ele quer encontrar a gente lá na frente. — Danton estava um pouco nervoso, eu tentava me concentrar apenas na direção.

— Vamos passar primeiro. — Levei meu polegar ao painel do carro, para ativar o sistema de inteligência artificial. A luz azul acendeu nas bordas do painel, e a voz feminina do sistema falou comigo.

"Sistema de suporte, conectado."

— Rari, mostre os carros que estão mais próximos no mapa. — Dei o comando. Nesse momento um Kia passou na minha frente. Eu odiava ser fechado no trânsito. — Merda!

O mapa que me foi mostrado no canto direito da tela, denunciava que o carro que nos perseguia realmente continuava fazendo o mesmo trajeto que nós. Pude constatar que apenas ele corria em velocidade acima da permitida naquela via. Não havia nenhum movimento suspeito de outros carros, ou seja, era apenas um veículo nos perseguindo. Menos mal.

— Você tem um sistema com nome, que legal. — Danton comentou, mas nem dei atenção, meu coração já começava a descompassar.

— É um carro grande e alto, o cara não faz questão de ser discreto… — constatei.

Fiz de tudo para sair costurando no trânsito, mas não consegui acelerar muito por causa dos carros.

Após a rua onde o Creta se enfiou ter acabado, vimos ele entrando em alta velocidade na nossa avenida. Rapidamente se posicionou ao lado do passageiro e tentou bater na porta de Danton, mas eu desviei.

Meu coração já estava na mão, Danton começou a respirar pela boca.

— Vai, Julian!

Eu ia acelerar mais, ao não ver trânsito à minha frente, preparei-me para isso, mas no momento em que eu ia fazer, o Hyundai conseguiu bater com tudo na lateral da Ferrari, fazendo nossos corpos solavancarem para o lado com força e minha cabeça bater no vidro da janela ao meu lado.

Mesmo tonto, voltei minha atenção ao Creta rapidamente, por isso vi quando sua janela abriu, e um motorista encapuzado atirou em nossa direção, bem na janela do Danton. O barulho estridente me fez arregalar os olhos. Fechei os olhos com força por milésimos de segundos, aturdido com a cena.

Por sorte, meu vidro era blindado.

"Integridade da janela reduzida."

— Meu Deus! — Danton gritou pelo susto.

Apesar de a arma da pessoa ser silenciosa, o impacto no seu vidro fez um som alto. Senti a lateral da minha testa arder e ficar úmida.

O Hyundai acelerou mais, tentando sair da nossa vista, após o cara não ter conseguido o que queria e saber que tinha chamado atenção demais ao atirar. Fiz o possível para me manter na pista após o susto, minhas mãos tremiam no volante, mas eu não podia entrar em pânico.

"Lesão temporal detectada no motorista."

— Detecte a placa do carro — ordenei à Rari, sentindo a cabeça latejar.

Estávamos a poucos metros de cortar uma rua à nossa frente, ainda acelerados, mas naquele instante um caminhão de carga brotou do inferno, ao passar justo naquela rua. Iríamos bater.

Com um olho baixo por causa da dor, avaliei o trânsito atrás de mim e, vendo que tinha apenas um carro distante, pisei abruptamente no freio para evitar a colisão com o caminhão.

Os airbags foram acionados e logo senti o nylon grosso recebendo o impacto do meu rosto e tórax em milésimos de segundos. Meus órgãos pareciam que iam sair pela boca por causa da pressão, mesmo assim, entendi que não estávamos mais sendo perseguidos, porque o Creta tinha ido embora e eu consegui frear a tempo de não bater no caminhão.

Ainda meio tonto, olhei para o lado, quando a bolsa desinflou, e vi Danton com a cabeça enterrada no airbag que saiu da parte superior do porta luvas.

Desesperado, destravei meu cinto e pus as mãos em suas costas, com medo de mexer nele e piorar alguma possível fratura. Ainda que o airbag do seu lado também tivesse absorvido grande parte do impacto.

— Danton… Danton. — Não ouvi sua resposta e minha agonia só aumentou. — Avalie o passageiro, Rari!

"Avaliando estado físico do passageiro"

— Anda!

"O passageiro não possui lesões físicas."

— Então por que ele não responde?

Com os dedos trêmulos, afastei seu cabelo, vendo pela lateral de sua cabeça que seus olhos estavam fechados.

— Danton!

Ele apertou os olhos e respirou fraquinho, sem se mexer.

— Oi, meu céu, que puta batida.

Ao ouvi-lo, expulsei o ar dos pulmões e joguei minha cabeça contra o meu banco, escutando o som de algumas buzinas de carros que passavam por nós.

— Que susto você me deu. — Puxei seu corpo contra mim, sendo tomado de alívio ao beijar sua bochecha.

— Sua cabeça está sangrando. — Ouvi Danton falar quando me apressei em ligar as setas do carro, para sinalizar que ficaríamos parados. Por sorte, estávamos ao lado de uma farmácia. — Você está tonto?

— Um pouco, mas está passando. — Passei a mão na têmpora esquerda, sentindo a textura do sangue. — Rari, faça o reconhecimento do motorista do Hyundai Creta que nos seguiu.

“Sair da via e procurar uma unidade de saúde é o mais recomendado. Unidade mais próxima a vinte quilômetros de distância."

— Faça o reconhecimento logo!

"Sistema de reconhecimento danificado."

— Droga… Ligue para o investigador Marco Stevens.

"Sistema de comunicação danificado."

— O que é que não está danificado?

"O equipamento de som está em ótimo estado."

O carro não podia sofrer uma *batidinha* que tudo falhava. Eu demitiria o infeliz que criou aquele sistema, se não tivesse sido eu.

— Eu ligo do meu, me passa o numero dele. — Danton ria enquanto eu procurava o cartão no porta luvas. Já tinha salvo o número em meu celular, mas não sabia mais onde o aparelho estava, após a perseguição, e abaixar minha cabeça para procurar estava fora de cogitação.

— Você está machucado? — perguntei, entregando-lhe o cartão, então saí tocando em

seu corpo à procura de algum ferimento.

— Não. — Ele digitou o número no seu celular e me entregou. — Enquanto você liga, vou à farmácia comprar alguma coisa para limpar seu corte.

Após verificar se ele não mancava enquanto caminhava até a farmácia, liguei para o investigador.

— Pelo menos o número da placa conseguimos identificar, Rari?

Enquanto chamava, ouvi a voz do sistema fazendo a identificação da placa. Respirei aliviado por isso, ainda que não tivesse certeza de que era verdadeira.

"Placa de número OOA2J88."

Em seguida, Rari nos deixou ao som de uma música ambiente, como se isso fosse ajudar em alguma coisa.

— Procure pela placa no sistema de trânsito. — Esperei um minuto, e foi o tempo em que a ligação era feita.

“Placa não detectada."

— Merda…

— *Hã? Com quem eu falo?* — Nesse momento, o investigador atendeu.

— Desculpe, é o Julian Osborn Roux.

— Julian Osborn Roux… — Testou o nome na própria voz, como se tentasse lembrar. — Ah, sim, do caso do elevador estancado no octogésimo oitavo andar. Posso te ajudar, Julian?

— Eu liguei porque preciso da sua ajuda. Acabei de sofrer uma perseguição por um Hyundai Creta preto, numa avenida perto da High Security, mas eu não faço ideia de quem seja.

— Calma, Julian. Me conte isso direito, onde você está agora? Tem alguém com você?

Ouvi a porta do carro sendo aberta e tive um sobressalto, por ainda estar em alerta, mas era o Danton com uma sacola de farmácia.

— Estou com um amigo do trabalho, Danton Sartori.

— O carro é seu ou dele? — Stevens perguntou aquilo provavelmente para saber quem foi o alvo da perseguição.

— Meu. — Danton embebeu uma gaze com soro e começou a passar em minha testa. — Ai!

— Alguém se machucou?

— Não, porque o meu carro é blindado, mas atiraram.

— Caramba, vocês precisam registrar a ocorrência, Julian. Na delegacia.

Tudo que eu queria era descanso naquele dia tão sofrido. Também detestava a ideia de fazer Danton ter que ir à delegacia. Sabia que ele queria evitar ao máximo esse ambiente.

— É muito necessário, Marco? — Senti Danton colocando um band-aid em minha têmpora, e se esticar para deixar um beijo na região.

Ao mesmo tempo em que não o queria metido nisso, eu era grato por ser ele quem estava comigo.

— Sim. Se atiraram, trata-se de uma tentativa de homicídio. Me diga sua localização, vou pedir a uma viatura para ir até aí, assim vamos poder ver pelos nossos dados qual é a placa, ver se é possível reconhecer qual foi a arma usada, a partir do vestígio do projétil no local do crime. Depois vocês precisam registrar a ocorrência formalmente, para tomarmos os procedimentos cabíveis em geral.

— Eu... eu não sei bem onde estamos. — Eu estava meio desorientado, essa era a verdade.

— Não tem problema, vou rastrear o celular pelo qual você está ligando, e descobrir o endereço para mandar a viatura. Não saiam daí.

— Ok — suspirei resignado. — Marco… você pode vir também?

Eu estava assustado, queria alguém em que eu tivesse um mínimo de confiança presente, e Marco Stevens me passava essa segurança. Podia ser o desespero para sentir que Danton e eu não estávamos tão sozinhos, que teríamos uma orientação amiga naquele momento.

— Posso, procure ficar calmo… Até já, Julian. A qualquer sinal estranho, não hesite em me ligar de novo.

— Obrigado, Marco.

— Não por isso. — Após sua resposta, encerrei a chamada e entreguei o celular ao dono.

— Algumas pessoas lá fora viram a confusão e ficaram preocupadas, mas já avisei que estamos bem e ligamos para a polícia. — Danton me informou e sorriu sem ânimo. — Precisamos ir à delegacia, não é?

— Desculpa…

— Tudo bem, meu céu.

Não estava tudo bem, eu estava causando uma situação totalmente desagradável para ele, mas Danton era um anjo.

— Vi no meu sistema que a placa é falsa, mas precisam confirmar no banco de dados da polícia. Será que eu devo avisar a mais alguém o que aconteceu aqui?

— Acho melhor falarmos com o Marco primeiro.

— Sim, ainda preciso ligar para o seguro do carro também. Me dê só um minuto. — Deitei a cabeça em seu ombro e pus minha mão sobre a sua. — Tive medo de algo ruim acontecer com você e, mesmo quando vi que você estava consciente, tive medo de te ver entrar em estado de choque com o que aconteceu. Me desculpe por essa situação.

Danton sabia que eu me referia ao fato de ele estar envolvido em mais um acidente de carro. Eu sentia culpa por ter lhe feito passar por um acidente, tive medo de perdê-lo, quando o chamei e não ouvi resposta, e medo de desencadear algum gatilho nele.

— A culpa não é sua. Fico feliz por você não ter passado por isso sozinho. — Após beijar minha cabeça, ele arrastou o nariz pelo meu cabelo.

Ficamos em silêncio por um tempo, até que ele o cortou.

— Quem desenvolveu esse sistema que você colocou no carro? O que mais ele pode fazer? E por que ainda não é comercializado na empresa?

— Eu desenvolvi, ele pode fazer muitas coisas, desde reconhecer se alguém da minha lista de contatos está no trânsito comigo, até pedir comida. — Danton riu com minha explicação. — Mas meu pai disse que ele ainda precisava ser aperfeiçoado para lançar.

— Ele diz isso pra tudo o que você cria…

— Ele não está errado, você viu, bastou uma batida e o sistema falhou. — Senti toda a frustração de mais cedo batendo em minha porta novamente.

Quando Danton ajeitou sua postura, negando com a cabeça ao discordar do que falei, ergui a cabeça para olhá-lo.

— Numa situação de perigo, o seu sistema avaliou o trânsito, informou sobre a integridade do seu vidro, do passageiro, avisou que você estava com uma lesão na têmpora, informou a unidade de saúde mais próxima, detectou a placa de um carro, e ainda colocou um som legal pra gente ouvir depois. — Eu gargalhei quando ele citou a última função. — Seu pai não sabe, ou não quer ver o gênio que você é.

— Eu já te disse que você é um namorado incrível?

— Já, mas agora é a minha hora de dizer. — Ele segurou os lados do meu rosto entre suas mãos e disse: — Você é um namorado incrível. O que aconteceu hoje de manhã não diz nada sobre a sua competência, foi apenas um obstáculo, e você vai usá-lo de trampolim para chegar onde quiser.

Logo mais teríamos que fazer a ocorrência de mais um crime, mas dava tempo de trocar um carinho. Beijei sua boca macia, amando cada nuance dela.

Foi impossível não lembrar da sensação desesperadora que senti quando o chamei depois da batida e ele não respondeu. Eu nem conseguia imaginar como seria perdê-lo. Angustiado, puxei seu corpo para mais perto, tomei sua boca com mais urgência, sentindo meus olhos querendo transbordar com a dor dos meus pensamentos.

Como eu conseguiria viver se tivesse causado algum machucado nele, ou pior, sua morte?

Doía tanto, apenas imaginar…

Com a respiração trêmula e as mãos inconstantes, afundei os dedos em seus braços, trazendo-o para colar em mim, como se eu pudesse nos fundir.

— Meu céu… — sussurrou entre o beijo, parecendo perceber meu desespero.

— Se o vidro não fosse blindado…

— Mas é blindado, não aconteceu nada. — Ele apertou minhas coxas, chamando minha atenção.

— Mas poderia, e eu jamais me perdoaria. — Inevitavelmente, o sentimento de que eu não estava sendo o suficiente para Danton me atingiu. — Talvez o Theo tenha razão, eu não deveria te afundar junto comigo.

Eu estava sendo caçado por alguém invisível. Ficar ao meu lado passou a ser sinônimo de perigo, e eu não queria tal risco para o homem que eu amava, ele não merecia depois de tudo o que já passou na vida.

— Não diga isso… — Danton encostou a testa na minha e limpou uma lágrima solitária em meu rosto. — Nós estamos juntos, entendeu?

— Essa pessoa conhece os meus passos, sabe com quem eu ando. Tenho medo de ela tentar te fazer mal pra me atingir… eu não suportaria. — Solucei, sem conseguir mais conter as lágrimas.

— Juli… — Comecei a passar as mãos pelo seu cabelo, tentando nos distrair.

Eu não podia admitir que para ficar comigo, o homem que eu amava tivesse que viver em constante perigo.

— Eu quero que você fique seguro, ainda que pra que isso aconteça, eu não possa te ter ao meu lado. — Como doeu falar aquilo, parecia que eu estava sendo apunhalado por mil facas afiadas.

— Não, não fale isso… Você não pode… não pode fazer isso, entendeu? — Ele parecia indignado e igualmente machucado. — A decisão não é sua.

— Eu nem sei se sou capaz. — Olhei para baixo, não consegui encará-lo ao fazer o pedido que eu deveria. — Mas me prometa que se acontecer mais alguma coisa como o que aconteceu hoje, você vai ser prudente e se afastar de mim.

— Não… — Puxou-me contra si, como se eu fosse fugir.

— Não posso negligenciar a sua vida, não posso te perder, Danton.

— Não pode me perder, e pede pra eu me afastar? Que lógica maluca é essa, Julian? — Algumas lágrimas já manchavam seu rosto bonito.

Parecia que por mais que eu só quisesse fazê-lo feliz, tudo o que eu conseguia era causar dor. Eu não conseguia ser bom nos meus projetos, não conseguia ser bom para os meus pais, meu tio de criação, não conseguia ser bom para o meu namorado.

Parecia que tudo que eu tocava, ruía.

— Me prometa que vai ser racional, Danton.

— Não vou prometer nada, nem você, cale a boca — eu sorri em meio ao choro, porque ele era marrento demais.

Ainda bem.

Então apenas aceitei sua decisão, por ora, torcendo para que nada mais grave acontecesse e eu tivesse que decidir por nós, pela sua vida, que sempre seria prioridade para mim.

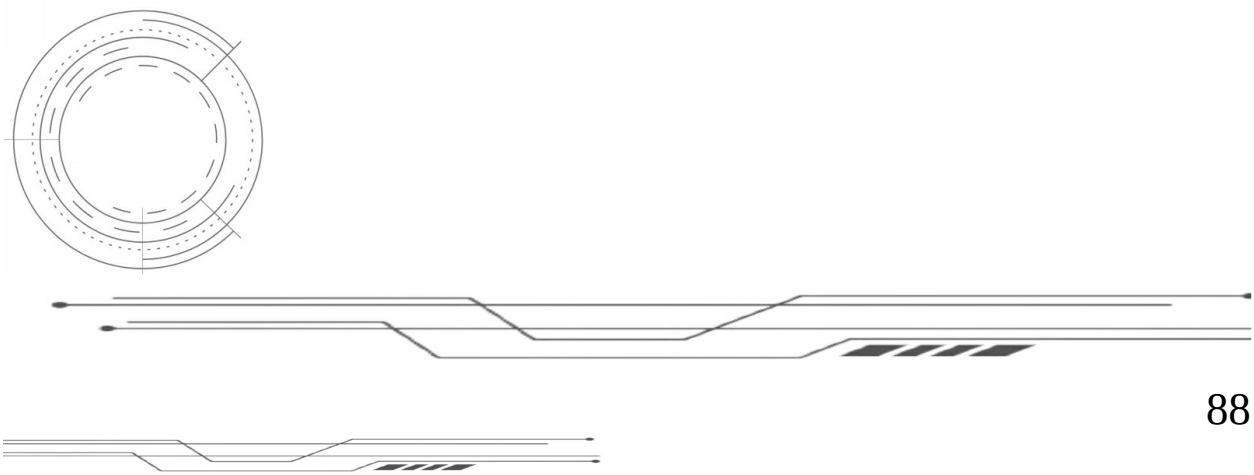
Ficamos abraçados às lágrimas, trocando beijos cheios de ternura e dor, buscando conforto um no outro. Logo teríamos que nos desgrudar, dado que avistei uma viatura se aproximando. Porém estava difícil nos soltamos depois daquela conversa difícil.

Talvez eu fosse egoísta demais para abrir mão dele por enquanto. Contudo, eu deveria me preparar para quaisquer consequências que minhas decisões pudessem causar.

Quando o pedi em namoro, eu esperava que ficar consigo fosse sempre agregador para ambos, e era dilacerante constatar que não estava sendo para ele. Eu esperava com toda a força do meu coração, que o quadro atual mudasse.

Caso contrário, eu teria que deixá-lo.

CAPÍTULO 09



88

Sentindo a cabeça prestes a explodir, as pálpebras pesadas e uma sensação vertiginosa, sentei na cama. Conferi pelo relógio de parede do meu quarto que era meio dia. Eu "dormi" demais.

Era sexta-feira e, assim como não fui trabalhar nos dias anteriores após a terça, não fui neste também. Meu corpo estava sobrecarregado. Voltei a tomar ansiolíticos sob prescrição e fazer terapia online.

Acabei não conversando com o Yuri, resolvi que iria fazer isso quando tivesse o mínimo de estabilidade emocional. Na delegacia, Marco constatou que a placa do carro que nos perseguia era falsa, mas o projétil da arma seria investigado. Ainda tinha o agravante de que Kris Lambert estava foragido e Eric Peterson não entregava os cúmplices.

Eu era grato pelo meu namorado cuidar de mim quando tive febre emocional e ficar comigo o tempo inteiro. Danton estava sendo muito forte, era preocupante o fato de ele não se dar o direito de desabar para que eu não piorasse. Mais uma vez me senti um bosta de namorado por isso.

Enquanto eu sentia seu cafuné em minha cabeça, escutamos batidas na porta do quarto, e eu imaginei ser a Tereza. Ela estava de folga naquela sexta, mas quis ficar na parte da manhã para arrumar a casa, e deixar porções de comida no congelador.

— Entra, tia. — Sentei na cama a tempo de vê-la abrir a porta meio tímida. Mesmo já acostumada com a presença de Danton, Tereza tinha medo de atrapalhar.

— Desculpe, meu filho, só vim avisar que já estou indo. — Arrumou a echarpe em seu pescoço, com os olhos pretos em mim. — Quer que eu deixe algumas marmitas fora do congelador?

— Não precisa, tia. Enquanto a senhora arrumava a casa, fiz uma sopa pra ele. — Danton sorriu orgulhoso e Tereza assentiu, sorrindo.

— Então, até amanhã. — Despediu-se, ainda segurando a maçaneta. — Descanse, meu

filho, e coma direitinho, você está perdendo peso.

— Muito obrigado, quero que a senhora descanse também.

— Julian... — Ela chamou em seguida e falou em português, sua língua de origem. — *Valorize esse rapaz, ele ama você.* — Então acenou para nós dois e se retirou.

— O que ela disse? — Danton franziu o cenho, assim que ela fechou a porta.

— Que a gente deveria casar.

Ele riu, achando que eu estava mentindo, mas minha interpretação estava correta.

— Por que você não toma um banho, e vai pra cozinha? A sopa que eu preparei é levinha, você toma rapidinho — sugeriu esperançoso, porque eu estava comendo mal. Como eu não queria preocupá-lo mais, resolvi concordar.

— Tudo bem, mas coloque só um pouquinho, tá? — Dei um beijinho em seu pescoço e levantei da cama.

Danton saiu do quarto e eu fui para o banheiro. Minha cara estava um caco, reparei ao me olhar no espelho. O arranhão na região da têmpora já estava melhorando, mas a minha cabeça doía por falta de descanso.

Após escovar os dentes, fui para o box e deixei a água morna cair em meu corpo. Poucos minutos depois, ouvi o barulho da porta de vidro sendo aberta e senti duas mãos firmes circulando minha cintura. Segurei-as fazendo o tórax de Danton colar em minhas costas.

— Quer ajuda com o banho? — Desliguei o chuveiro e virei para encará-lo.

— Quero. — Eu não precisava de ajuda, ele sabia disso, mas estive tão triste esses dias, que senti-lo ao meu lado foi o que me sustentou.

Danton lavou meu cabelo, ensaboou meu corpo todo e, quando ligou novamente o chuveiro para me enxaguar, correu suas mãos lentamente em todo o meu torso, olhando-me sem dizer nada. Após isso, colou seu corpo no meu e lavou minhas costas abraçado comigo, deslizando suas mãos com cuidado em cada centímetro da minha pele. Nesse tempo, senti sua ereção se formando contra mim.

Não nos tocamos desde a festa do Nando. Segunda, nosso foco foi preparar a apresentação de terça-feira, que fracassou. Desde então, foi uma semana sem clima para nada.

Danton respeitou a forma como eu estava me sentindo e me apoiou, embora estivesse sensível. Eu conhecia cada olhar desejoso que meu namorado tentava disfarçar.

— Desculpe... — Pôs a mão em sua rigidez, tentando escondê-la de mim.

Eu sabia que não era intencional, porém, era natural que, conhecendo e desejando o meu corpo, ele reagisse ao ter um contato tão livremente como no momento do banho.

— Por que está pedindo desculpas? — Substituí a sua palma pela minha. Danton ofegou necessitado.

— Não precisa fazer isso. — Começou a suspirar quando passei a lhe estimular.

Ainda tentando esconder sua necessidade, fechou os olhos e respirou fundo. Todavia, quanto mais eu impunha firmeza em meu toque, mais ruídos sofridos desenhavam sua voz. Até

que não se conteve ao confessar:

— Sinto falta disso...

— Eu também. — Eu não estava duro, mas ver seu rosto se desmanchando em prazer por causa do meu toque, fez eu me excitar.

Já enxaguado, desliguei o chuveiro e conduzi meu namorado até que encostassem no vidro do box. Beijei seu pescoço, sentindo o sabor da pele úmida que eu tanto amava. Ele arranhou a pele que recobria as minhas costelas e encostou a cabeça em meu ombro, para conter seus gemidos, mesmo estando apenas nós dois no apartamento. Como se achasse errado sentir prazer em um momento como aquele.

Sentir seu corpo contra o meu sempre me acenderia, porque ele era atraente de diversas formas para mim. Quando afastei minha mão e uni meu quadril ao seu, Danton ergueu a cabeça e avaliou meu rosto, talvez querendo saber se eu realmente estava no clima. Sua forma de se importar comigo abalava as minhas estruturas.

No momento em que apertou forte a minha bunda, eu soube o que ele queria, apesar do seu receio de pedir.

— Você já está se imaginando dentro de mim, não é? — perguntei, mas ele cravou os dentes no próprio lábio inferior, temeroso em responder. — Tudo bem... eu quero.

— Mesmo? — Ergueu rapidamente a cabeça, analisando minha expressão. — Não precisa fazer isso só porque eu estou com vontade.

— Eu quero — reafirmei. — Quero me sentir vivo como só você consegue fazer.

Abri a porta, saí apenas para pegar lubrificante e preservativo, no armário da pia. Voltei olhando para o seu corpo nu e seu cabelo molhado.

— Me prepara pra você.

Fechei os olhos e aproveitei todos os seus toques até que estivesse inteiro em mim. Danton era sempre tão intenso e me estimulava de diversas formas, preenchendo-me, com o toque de suas mãos, seus gemidos rentes ao meu ouvido e sua própria existência.

Nossos beijos eram cheios de língua, saliva, desejo e saudade. A perna que me apoiava sobre o chão já tremia, meu corpo se contorcia e minha cabeça tombava para trás, ao tempo em que ele avançava em meu pescoço.

— Sentir você é sempre tão gostoso, meu céu — sussurrou ofegante em meu ouvido.

Eu transbordava com ele. Meu coração acelerava por experimentar diversas formas de prazer com o corpo do homem que eu tanto lutei para ter comigo. Eu não queria perdê-lo. Pensar nessa possibilidade fazia meu peito doer. O misto de sentimentos que vivi nos ultimos dias se acentuou na hora do sexo.

— Então me sinta mais forte, Dan...

Suas investidas ganharam força, apertei sua nuca e seu ombro com tanta força que ele arquejou sôfrego, mas não reclamou.

Meu namorado estava determinado a me fazer chegar ao meu limite, mas quanto mais estimulado era, mais o meu emocional se abalava. Existia alívio por sentir seu corpo, medo de

tudo isso um dia acabar, culpa de pensar que poderia ser por minha causa, por eu não ser bom o suficiente, por ser perigoso estar comigo, como se mostrou ser naquela terça.

Eu queria cada pedacinho dele, a cada minuto que eu pudesse ter. Queria ser bom o suficiente para ele, mas minha mente não me dava sossego.

Lágrimas escorreram em meu rosto, com o pensamento de que eu deveria ser capaz de assumir que não era bom para Danton, mas eu não conseguia abrir mão do que tínhamos.

Minha perna apoiada sobre o chão fraquejou e meu namorado me puxou para que sentássemos sobre o piso molhado, encostando suas costas na parede.

Montei no seu colo, gemendo a cada centímetro que ele entrava em mim. Ainda choroso, colei minha testa na sua, ondulando meu quadril para sentir profundamente o homem que eu amava, sentir que ele estava comigo. Danton se desmanchava em gemidos manhosos embaixo de mim. Seu corpo não me dava apenas prazer, acalentava, consolava e me nutria.

— Não chore — sussurrou ofegante, rente à minha boca, onde deu um beijo molhado, cheio de tesão, carinho e cuidado.

Apoiei minhas mãos na parede, nos lados da sua cabeça e tentei seguir seu ritmo no ósculo. Subindo e descendo com os braços e pernas tremendo, fazendo o som dos corpos ecoar na acústica do banheiro.

— Eu não te mereço... — lamentei ao separar nossas bocas. Aturdido, puxei seu cabelo, inspirei o cheiro dele, lambi sua orelha, seu pescoço, sem conseguir parar de derramar novas lágrimas. — Mas eu preciso tanto de você agora.

Mesmo quebrado, eu sentia meus fragmentos juntos quando estava com Danton, por isso eu não conseguia ser altruísta ao ponto de deixá-lo. Eu podia não merecê-lo, mas queria tanto que ele ficasse, ainda que eu não tivesse nada a lhe oferecer.

Danton seria capaz de um dia me amar, mesmo na minha inutilidade?

Afastei um pouco sua coluna da parede, envolvendo-lhe com meus braços, apertando e castigando a pele em suas costas. Às vezes, eu esquecia que apesar de não parecer, Danton ainda era um pouco menor e mais magro do que eu. Ele parecia não querer que eu considerasse esse detalhe. Fechava os olhos com força, e sorria, descontando toda a sua vontade em mim também.

— Você merece cada pedacinho que existe em mim, meu céu. — Investiu seu quadril com força, levando-me a gemer mais alto, com choque de prazer em meu corpo. Era o meu ponto sensível.

— Então me dê mais de você, amor...

Vi surpresa despontando em sua face, com o chamamento tanto inédito quanto espontâneo. Apenas fechei os olhos, deixando as lágrimas escorrerem sem repressão, sem perceber quando meus arquejos se unificaram aos sons do meu choro.

— Me chama assim de novo — pediu com a voz por um fio, enquanto eu estava prestes a explodir.

— *Amor*...

Estremeci em seu colo, com espasmos intensos, jorrando entre nossos corpos e, nesse

mesmo instante, ouvi seu gemido rouco e manhoso. Ao tempo em que seu corpo estremecia, sua cabeça tombou em meu peito. Percebi que nós nos derramamos juntos, um pelo outro.

Tentei recuperar minha respiração, alisando seus braços, marcados por meus arranhões. Danton resfolegava soltando o ar em rajadas.

Meu coração batia tão forte que fazia o peito doer, ou doía por causa daquele tornado de sentimentos conflituosos. Eu não sabia distinguir, entretanto, mesmo molhado naquele box, o calor que vinha de dentro para fora, por estar com aquele homem, aquecia meu interior.

— Olhe pra mim. — Ouvi o seu pedido baixo e o encarei, ainda em seu colo. — Eu estou com você, estou ao seu lado e é aqui que eu vou ficar, entendeu?

— Sim... — Abracei-lhe mais forte até absorver suas palavras, depois o puxei para levantar junto comigo.

Nos lavamos novamente e, com zelo, passei hidratante em seu corpo, cuidando dele como ele vinha cuidando de mim nesses últimos dias. Danton parecia bem mais relaxado, isso pelo menos me dava a sensação de que eu não estava fazendo tudo errado.

— Você não precisa ser forte o tempo todo só porque namora um chorão — resmunguei, quando Danton estava sentado na borda da banheira e eu passava creme em suas coxas. — Não se sobrecarregue, você não é responsável por fazer eu ficar bem.

— Não vamos falar disso, se dê um tempo, Juli, pare de se preocupar tanto comigo quando é você quem está mal. Se estou aqui te dando força, é porque eu quero e consigo.

Agachado, beijei a sua barriga enquanto acariciava a cicatriz da sua coxa com as pontas dos dedos, onde passei hidratante anteriormente.

— Esse mundo não merece o quão bom você é, Danton Sartori... mas agradeço por você existir nele. — Não é com orgulho que admito que já estava chorando novamente quando ergui a cabeça e o encarei.

Encostei minha testa em sua perna, respirando fundo, tentando me conter, porque minha cabeça não parava de doer de tanto que já chorei. Meu namorado afagou meus cabelos, com toda a sua paciência que não se perdeu em nenhum dos dias que ficou ao meu lado. Ele simplesmente acolhia meu choro, minha dor, como se fossem seus.

Após sairmos do banheiro, fomos tomar a sopa que ele preparou. Comecei a me sentir um pouco melhor quando tomei a primeira colherada daquela gororoba. Estava ótima, ele só esqueceu qual era a utilidade do sal para os alimentos.

— Está gostosa? — Danton me olhava sentado à minha frente, com expectativa. Eu sorri amarelo.

— Eu não sabia que você cozinhava...

— E eu não sabia que você teria coragem de desviar do assunto só pra não falar que não gostou da comida — riu, não dando muita importância para aquilo.

Danton poderia ser muito bom em inúmeras coisas, mas cozinhar não era uma delas. Porém minha satisfação era simplesmente por tê-lo comigo num momento tão simples, ver sua dedicação ao procurar uma receita de sopa na internet, somente para me fazer comer.

— Obrigado por cozinhar pra mim.

— De nada, agora vamos falar sobre outra coisa. — Sua risada aumentou. Era melhor mesmo não falarmos sobre seus dotes culinários.

— Ok, sobre o que você quer falar?

— Você ainda vai conversar com o Yuri?

— Acho que sim, mas estou totalmente sem cabeça. Fico aqui me questionando onde eu estou errando pra que essa pessoa, que me persegue, ache tantas brechas pra tentar me fazer mal. — Suspirei pensativo, levando uma colherada de sopa à boca.

— Meu céu, você precisa tomar cuidado com qualquer pessoa que conhece, não sabemos quem está te vigiando. — Cruzou as mãos sobre a mesa. — O Wallace, por exemplo, sei que você o entrevistou na sua casa porque seu pai colocou pressão para fazer logo isso, e você não queria ir à empresa no sábado. Mas foi arriscado demais, você precisa aprender a dizer "não" também.

— Eu sei que foi impensado, mas o Jiaer não parece ser uma má pessoa. Eu não senti uma intuição ruim com ele.

— Mesmo assim, você se comoveu com a história sofrida dele. E se essa foi justamente a tática dele pra conseguir o estágio, ser chamado pra festa do seu amigo e se aproximar de você? — Arqueou as sobrancelhas, inquisitivo.

— Pelo que eu sei, ele quer ficar perto é de você.

— E se ele quis flertar comigo para tentar arrancar de você alguma reação que o fizesse saber se estávamos juntos ou não?

— Para o conhecimento de quem? A única pessoa que está interessada em realmente saber se estamos juntos é o Jae. Meu pai, apesar de nos ver juntos, não pensa que temos algum relacionamento. Já o Jae está muito desconfiado.

Danton travou no lugar, comprimiu os lábios daquela forma que fazia quando estava incomodado com algo, até que resolveu olhar para baixo e suspirou.

— Justamente...

— O Jae não usaria um estagiário pra saber se eu estou com você. E o que isso tem a ver com alguém estar tentando me matar?

— Eu não sei... também não consigo pensar em tudo sozinho. — Danton bufou, parecendo desgastado.

— Eu não consigo desconfiar seriamente do Jiaer, mesmo ele sendo esquisito. Será que a minha intuição está errada em relação a ele?

— E você sempre confia na sua intuição? — questionou, olhando-me atentamente, enquanto eu seguia tomando a sopa.

— Nem sempre, mas de algumas pessoas eu simplesmente não consigo desconfiar — afirmei, antes de limpar minha boca com um guardanapo.

— Quem são elas?

— Nossos amigos, você, minha família. Por isso fiquei tão chateado quando o Theodoro falou mal do Jae pra mim. Eu depositei minha confiança no Theo em vários momentos e só o conheço há dois meses, mas ele se achou no direito de julgar minha confiança numa pessoa que eu conheço a vida inteira.

Eu não estava mais chateado, apenas foi inevitável não lembrar daquela discussão.

— Ele só estava preocupado...

— Você também se preocupa comigo, nem por isso sai acusando o Jae, que inclusive já foi o seu noivo. Pelo contrário, você nunca falou mal dele pra mim, mesmo até tendo motivos para reprovar alguns comportamentos dele no antigo relacionamento de vocês, e isso é admirável. — Danton deu mais um daqueles seus sorrisos que não alcançavam seus olhos.

Era perceptível como quando eu falava do Jae, ele ficava estranho, mas eu não sabia o porquê.

— Por que essa carinha? O Jae tinha algum comportamento nocivo com você? — Tive que perguntar, ou ele continuaria calado.

— Não, a superproteção me irritava às vezes, não nego, e ele me irritou indo atrás de mim, após o fim do noivado, mas foi só isso. — Olhou para baixo e para a esquerda, talvez lembrando das situações que citou. Não aparentava estar mentindo.

— Por um tempo, eu achei que Jae era perfeito, mas ele é como todo mundo, isso é humano. Nós erramos, às vezes apenas tentando acertar, como o Namastê disse.

— Juli, sabemos que quem cometeu aquele crime, junto com o Eric e o Kris, é alguém próximo de você e, provavelmente, também é quem está te perseguindo agora. E se for alguém muito, muito próximo de você...?

Deixou a pergunta incompleta, imagino que queria saber o que eu faria, o que eu pensaria a respeito. Era bem difícil imaginar aquilo, mas eu tinha cada vez mais que trabalhar com aquela hipótese.

— Honestamente, não sei. Se eu for pensar em cada pessoa muito próxima, tramando algo desse tamanho, vou ficar louco. Se for algum estranho em busca de dinheiro, tentando forjar um sequestro, ou homicídio, ainda consigo assimilar, mas alguém íntimo... eu não suportaria.

Com aquele pensamento nada bom, um arrepio ruim me atingiu do centro da barriga, espalhando-se por meus braços e pernas. Foi sinistro demais, uma sensação pavorosa de que algo ruim me rondava.

E, infelizmente, não era apenas a sensação.

Olhei para Danton que parecia sem rumo, sem saber o que me falar, mas tentei não pensar muito sobre isso.

— Desculpe, você tem passado por coisas demais, vamos falar sobre isso outra hora — sugeriu com um sorriso condescendente.

Sim, era muita, muita coisa, mas eu também tinha recebido algumas boas notícias na terça-feira quando fomos à delegacia. E me pus a lembrar da conversa que tive com Marco em sua sala.

Marco havia me contado que iria tentar ficar com o caso para ele, porque a filha de Changmin estava com câncer e o investigador talvez tivesse que se afastar do trabalho de campo por um tempo, para que ficasse apenas com a parte burocrática dos casos que assumia. Eu recebi aquela notícia de muito bom grado.

"Se for o Kris Lambert, quem perseguiu vocês, nós vamos descobrir. O sobrinho, Yuri Lambert, nos deu uma lista de possíveis lugares onde o tio pode estar se escondendo."

"Ele fez isso?"

"Sim. Acho que você vai ficar feliz em saber que seu amigo está colaborando com a investigação. Não existem elementos suficientes para prosseguirmos tratando Yuri como cúmplice do tio. Logo, ele não é alvo direto de investigação."

"Isso me deixa muito aliviado."

Parecia que um peso tinha saído dos meus ombros.

"E também... novos suspeitos podem entrar na lista, estou trabalhando nisso. Não posso falar nada para não comprometer a investigação, mas vamos solucionar tudo. Confie."

Enquanto eu lembrava da conversa, um toque de celular chamou minha atenção. Era o do Danton, em cima do balcão da cozinha, onde ele havia deixado junto com o seu casaco roxo. Haviam algumas peças de roupas suas na minha casa, deixadas ao longo da semana. Isso aumentava o meu nível de serotonina.

Pegou o aparelho e voltou a sentar de frente para mim, então leu o que parecia ser uma mensagem.

— Eu vou ter que passar na empresa — respondeu sério.

— Como assim? Agora? Por quê? — Afastei meu prato para o centro da mesa.

— Pedi ao Vince que preparasse os papéis da minha demissão, mas antes preciso ajudar ele com algumas coisas no setor, pra não sobrecarregá-lo enquanto treina alguém pra ficar no meu lugar — falou baixo, receoso ao dar a informação.

— Demissão, por quê? Você não pode fazer isso, Danton... por quê? — Fiquei de boca aberta, sem entender se eu tinha ouvido direito.

— Seu pai disse que eu estava na empresa apenas porque era noivo do Jae, também me acusou de ter me aproximado de você por interesse. Não vou ficar lá depois disso, não dá — respondeu algo em seu celular, diante da minha expressão boquiaberta.

— Por que não me contou antes?

— Porque eu sabia que você não iria gostar, e você também já estava com tanta coisa na cabeça...

— Exatamente, estou com muita coisa na cabeça, mas é por contar com você e os nossos amigos que eu estou conseguindo passar por tudo isso. — Segurei sua mão e a apertei, como numa súplica. — Por favor, Danton... sem você na empresa vai ficar ainda mais difícil de a gente se ver, e eu preciso de você nesse momento.

Ele não parecia convencido, mas estava começando a ficar balançado.

— Pelo menos até a investigação terminar e os envolvidos no crime estiverem presos. Prometo que não vou interferir se você quiser se demitir depois disso. — Fiz um bico, apertando sua mão com mais força.

— Você é um manhoso do caralho. — Ele revirou os olhos resmungando, porém, desistente. — Está bem, mas não venha brilhar esses olhos pra mim quando tudo acabar e eu quiser sair.

— Eu prometo. — Puxei sua mão em minha direção e dei vários beijos nela. Danton sorriu, mas logo me puxou para nos levantarmos.

— Mas ainda preciso ir à empresa ajudar o Vince, porque ele ainda vai precisar, ainda mais porque fiquei sem trabalhar desde terça. — Já de pé, circulou meu pescoço com os braços. — Você vai ficar bem?

— Vou, pode ir tranquilo.

Danton tinha a sua vida, não podia ficar vivendo em função da minha. Eu ainda estava um pouco mal, mas não queria que estar comigo fosse exaustivo, já bastaram os dias em que ele parou de trabalhar para cuidar do meu emocional baqueado. Sua vida lá fora também era importante, e ela estava o chamando.

— Tudo bem, mas promete que vai me ligar se precisar de alguma coisa? — Soltou meu rosto e seguiu em direção à minha mesinha de centro para pegar sua bolsa.

— Prometo.

Trocamos mais um beijo cheio de amor e saudade antecipada, então o deixei ir embora. A saudade foi instantânea, passei a mão em meus cabelos ainda um pouco úmidos do banho, e respirei fundo voltando em direção a sala, agora vazia.

Olhei para o meu espelho da sala, que pegava a imagem do meu corpo todo, e percebi que eu estava um pouco mais magro. Decidi que, no dia seguinte, voltaria a treinar na Espartano e tocar minha vida, sem ficar pensando a cada minuto que tinha alguém tentando me prejudicar, como fiz nesses dias.

Olhei para a bancada da cozinha, que podia ser vista de onde eu estava na sala e avistei o casaco roxo que Danton esqueceu. Pelo menos eu teria uma peça de roupa sua para dormir agarrado.

Após cerca de dez minutos que Danton saiu do apartamento, ouvi a campainha tocar. Com certeza voltou por ter lembrado do casaco e me deixaria sem um pedacinho seu.

Fui até a porta e a abri sem sequer olhar no olho mágico para não perder tempo. Todavia, foi impossível conter o espanto que me atingiu, quando percebi que não era Danton quem estava parado me esperando.

Era Kang Jae.

Não que receber meu tio de criação em casa fosse algo raro de acontecer, mas suas visitas se tornaram menos frequentes, então eu não esperava vê-lo. Principalmente depois de terça-feira e da nossa conversa difícil.

— Oi, Julian. Podemos conversar? — Sua face estava dura como poucas vezes já vi.

Não seja o que estou pensando, por favor.

— Jae, desculpa não ter falado com você esses dias, mas é que...

— Mas é que você estava ocupado demais vivendo a sua vida, pra se dar ao trabalho de, pelo menos mais uma vez, dar a desculpa de *"eu preciso conversar com você, mas hoje não"*. — Adentrou no apartamento, esbarrando em meu ombro ao passar por mim.

De costas para Jae, fechei os olhos com força e respirei fundo, imaginando que a conversa não seria fácil. Após deixar a porta fechada, caminhei em direção ao centro da sala, onde ele estava.

— Jae, a semana foi muito difícil, eu preciso sim conversar com você, mas não é...

— Mas não é o momento, acertei? — Seus olhos eram inexpressivos e a sua calma emanava um ar ameaçador. — Não é o momento agora, nem amanhã, e nunca vai ser. Sabe por quê?

Eu nada respondi, apenas engoli a própria saliva como se ela fosse composta por ácido e o esperei falar mais.

— Porque você é um covarde. — Esboçou um sorriso sem qualquer humor. — Eu pedi tanto aos céus, ao universo, a qualquer um que pudesse vir em meu favor, cheguei ao desespero de pedir até mesmo a você, que eu não passasse pelo que estou passando. Que eu não tivesse que carregar tanta dor... mas não adiantou.

Era isso, fui descoberto. Não adiantava me fingir de desentendido quando já sabia bem sobre o que ele estava falando. Só iria irritá-lo mais, caso fizesse.

— Como você soube? — questionei temeroso.

— Isso importa? — Suas feições não demonstravam tranquilidade alguma.

— Jae, eu ia contar pra você...

— É claro que você ia me contar, só tenho um dúvida. — Colocou seu indicador entre os lábios. — Você ia me contar quando se interessou por ele, quando deram o primeiro beijo, ou quando ele terminou nosso noivado por sua causa e você me viu chorar desolado?

Assim que Jae andou em minha direção, instintivamente dei dois passos para trás, ficando perto do meu espelho. Então ele virou a cabeça para o lado, onde avistou o balcão da cozinha, caminhou até lá a passos lentos e voltou com o casaco do Danton.

— Você não usa roxo... — Jogou a peça em minha direção, mas apenas assisti ela cair ao meu lado.

— Eu não queria magoar você, Jae. Não foi arquitetado, apenas aconteceu. — Minha voz estava saindo mais baixa do que eu gostaria. Apertei uma mão na outra para tentar conter o nervosismo.

— "Aconteceu", que bela justificativa para uma traição. — Jogou os braços ao lado do seu próprio corpo, seu olhar endurecido estava se transformando em magoado. Eu odiava vê-lo assim.

— Eu nunca beijei o Danton enquanto vocês estavam juntos... — falei, no fundo sabendo que não adiantava.

— E você acha que faz diferença pra mim?! Faria se fosse com você?

Não, não faria. Eu estava me sentindo horrível novamente, mas o que importava não era como eu estava me sentindo, porque o errado era eu.

— Você pode não acreditar, mas eu tentei evitar, tentei não me apaixonar, tentei não te magoar... — Meus olhos começaram a arder com a vontade de chorar me atingindo, ao ver que quanto mais eu tentava me explicar, mais o rosto do meu tio de criação se contorcia em mágoa.

— Vocês já transaram? — sussurrou a pergunta, como se já estivesse derrotado.

— Não faz isso...

— Assuma, Julian. Vocês transaram?

Minha resposta foi dada quando abaixei a cabeça e fechei os olhos, mas ao ouvir o ar que ele expulsou pelas narinas, ergui a cabeça e vi ele tentando conter o choro. Com uma mão na boca, Jae olhou para cima como se pedisse forças, ou não acreditasse no que tinha acabado de ouvir.

Fungou audivelmente, seus olhos estavam irritados pelo choro preso, eu também lutava para segurar o meu.

— Você traiu a minha confiança, a relação que nós tínhamos, por causa de um homem?

— Eu o amo, Jae... — confessei com a voz trêmula e instável. Porque não era uma aventura, não era um homem qualquer, eu amava o Danton. Por mais que a situação atual estivesse doendo, eu não conseguia me arrepender.

— Amor... essa é a sua desculpa? Que amor é esse que você fala? — Parou a dois passos de mim, e me olhou de cima a baixo. — Que amor é esse que surgiu em meses e te fez destruir o coração de alguém que te amou desde que você nasceu?

— Eu sinto muito, mas se o Danton também não tivesse se apaixonado, nós nunca teríamos seguido em frente, ele fez uma escolha, Jae. — Soltei todo o ar dos meus pulmões ao falar, mas mal consegui puxar de volta, com o peito apertado.

E chorei. Chorei sentindo o rosto quente, querendo desesperadamente que não tivesse sido eu a causar tamanha confusão.

— Como você me diz isso com essa facilidade? — Deixou a primeira lágrima escapar, com o olhar dolorido sobre mim. — Como você pôde fazer isso comigo? Comigo! Eu que seria capaz de abrir mão da minha própria felicidade sem que você a pedisse.

— Me perdoa... — Eu nem conseguia mais olhá-lo, suas palavras eram cortantes demais.

— Mas você preferiu tomá-la, porque o que é proibido é sempre melhor, não é? Foi um capricho?

Aquela conversa estava acontecendo numa péssima semana, ainda por cima, sem a presença de Danton, mas a mágoa que meu tio de criação tinha de mim era tão grande, que me fazia pensar que o maior problema estava entre nós, mesmo que envolvesse o Danton.

— Você faz ideia do que tirou de mim? Faz?! Não faz! — gritou.

— O Danton não é um objeto pra que eu o tome. Você não enxerga a forma como está se

referindo a ele? — Tentei me concentrar nos meus argumentos, mas Jae estava tomado de raiva. — Além do mais, eu não planejei isso, nem ele...

— Pare de falar, não importa! Eu te pedi, Julian, pedi que não fizesse isso comigo! — Passou as mãos em seus cabelos como se não soubesse o que fazer, parecia se segurar para não descontar sua raiva em mim. — Por sua culpa, eu não vou construir uma família, não vou realizar o casamento que tanto idealizei para daqui a alguns meses.

Olhou para o lado, deixando seu choro correr livremente e, com a voz embargada, continuou.

— Eu não vou morar com o Danton numa casa bonita em Washington, não vou ter nada.

— Jae, se fosse a vontade dos dois, vocês com certeza iriam. — As lágrimas embaçaram minha visão.

— Eu não vou mais ouvir ele me dando bom dia antes de sairmos pra trabalhar. Por sua culpa! Você arrancou a minha felicidade, Julian, arrancou um pedaço de mim e eu não vou te perdoar por isso!

— Ele não te ama! — gritei pelo desespero de não ser ouvido.

Minha acusação pareceu ter despertado sua ira. A passos rápidos, ele me alcançou e me empurrou com força, fazendo minhas costas colidirem contra o espelho e meu corpo ir ao chão junto com vários cacos. Para me amparar, meus antebraços se apoiaram contra os estilhaços do espelho no piso. As lâminas cortaram a pele em meus braços.

— Você acha que eu não sei?! Mas com ele, eu tinha uma família! — Avançou sobre mim, furioso e eu encolhi o corpo, levando minhas mãos ao rosto. Achei que naquele momento, Jae iria me bater, mas apenas permaneceu agachado na minha frente. — Uma família que eu demorei tanto pra poder chamar de minha! Você me tirou isso!

Eu não tinha força mental para reagir, só sabia chorar de olhos fechados, e aceitar que talvez minha relação com meu tio de criação estivesse quebrada em um nível que nunca mais fosse possível voltar a ser consertada.

— Você me tirou a possibilidade de estar com uma das poucas pessoas que eu amei nessa vida... — Jae afastou meu ombro para que eu deixasse de me encolher. — Olha pra mim! Olha pro rosto daquele que você traiu!

Olhei em sua direção, sentindo um gosto ferroso de sangue no canto da boca, até então, não tinha percebido que caí de mal jeito. Com a respiração curta, por causa da dor nas costelas, observei o momento em que Jae se levantou. Ele parecia atordoado com a forma que me deixou no chão.

Os dias que passei sem me alimentar bem mostraram suas consequências. Todo o meu corpo doía, mas meu coração doía mais.

— Então por que você não me bate, por que não me dá uma surra?! — gritei choroso. — Disse que quando soubesse quem era o cara, ele iria se arrepender de ter nascido! Então me bate! Anda!

Tentei desafiá-lo, talvez se ele descarregasse um pouco de toda a sua revolta, um dia me perdoasse.

— Por que eu não sou tolo. Se eu te der uma surra, vou perder completamente a razão. — Olhou para cima, respirou fundo e não conseguiu mais me encarar de volta, as lágrimas caindo no seu rosto intensificaram. — Eu não posso deixar vocês ficarem juntos, Julian, espero que esteja ciente de que não vai ter esse caso com o Danton por muito tempo.

— O quê...? — sussurrei.

— Você está com ele por capricho. Não pode dar o que ele precisa. Danton precisa de um homem ao lado dele e você não se mostrou ser isso ao agir de forma tão baixa.

Caminhou para longe de mim, em direção à porta e murmurou algo que eu não entendi devido ao meu estado emocional abalado. De soslaio, o vi passar pela porta e deixá-la aberta.

Meu ombro doía, minhas costelas também, meus braços cheios de cortes. Senti um filete de sangue escorrendo em minha bochecha e minha cabeça parecia que ia explodir.

Entretanto, a dor não era apenas física, então, não foi escolha minha ficar no chão, permaneci nele por falta de forças para levantar. Doeu muito. Doeu como eu nunca pensei que doeria, porque era Kang Jae. Eu nunca quis magoá-lo, porém, não podia deixar o Danton.

Como eu poderia me arrepender do que de melhor me aconteceu nessa vida?

O que fiz foi tão imperdoável assim? Eu merecia?

Independentemente de estar certo ou não, eu senti vergonha. Uma profunda vergonha por ter sido mais uma vez responsável pela decepção de alguém que eu amava. O problema era que, com a decepção do meu pai, eu já sabia lidar, mas com a de Jae, não sabia se conseguiria.

Não queria que, ter achado alguém para amar, significasse perder outra pessoa que eu amava.

Encolhi meu corpo dolorido no chão, sentindo frio, sentindo a solidão me abraçar. Ao meu lado estava o casaco de Danton, olhei para ele e o choro intensificou.

Seria bom sentir o abraço dele, mas eu estava envergonhado de ser aquela pessoa estúpida largada no chão. Teria vergonha se meu namorado me visse assim, com o corpo e a mente fodida, fraco, incapaz, com medo. Detestaria que qualquer pessoa me visse assim. Queria ficar sozinho, precisava ficar sozinho, eu merecia ficar sozinho.

O ar saía de meus pulmões, mas eu não o sentia voltar. Minha cabeça latejava doendo, meus olhos já estavam inchados e pesados de tanto chorar. Minha mente esvaziava por um momento, como se quisesse dar um escape para tanta dor e eu mirava qualquer ponto à minha frente, com o olhar perdido. Mas quando o choro voltava, era mais forte, fazendo-me estremecer e o corpo reclamar de dor.

Sem saber se eu estava sonhando, ou apenas tendo uma memória, repassei imagens em minha mente de um dos meus momentos com Kang Jae.

— Que livro é esse, tio? — eu perguntava sentado no sofá da sua casa, estávamos assistindo um filme.

— Se chama "Mentes Geniais", ele foi meu por um bom tempo, mas hoje quero que fique com você. — Entregou-me o livro grosso que tinha em mãos.

Ao abri-lo, comecei a ler as primeiras frases, que diziam: "Aprenda a extrair as

melhores ideias da sua mente. Todos podemos ser geniais, basta acreditar que somos."

Ainda na mesma página, estava escrito: "Exercite seu cérebro para que ele trabalhe ao seu favor, assim, criará os melhores projetos da sua vida."

— Uau!

— Gostou? — assenti, olhando impressionado para o livro, ainda que não fosse algo que chamaria a atenção de uma criança comum de sete anos. Não possuía gravuras e as letras eram pequenas.

— Posso ler? — indaguei.

— É pra você.

— Mas ele não é seu?

— É seu agora, faça dele o seu Guia, leia-o sempre, inclusive nos intervalos da escola e, antes de dormir, revise o que aprendeu — sorriu amoroso e deu um tapinha no meu rosto. — E aí, um dia, você vai pensar num projeto tão grande que não vai caber na sua cabeça e você vai ter que passá-lo para um papel, depois para fora dele.

— Como o meu pai fez?

— A mente dele nem se compara com a sua — eu sorri pelo elogio, ainda que eu não acreditasse de verdade.

— Hoje é o seu aniversário de vinte anos, eu que deveria dar um presente, não o senhor. — Abracei o livro enorme, meio envergonhado.

— Quer me dar um presente?

— Sim, o que o senhor quer?

— Que você nunca esqueça que esse tio babão te ama, independente do que aconteça — concordei com a cabeça, mesmo sem entender bem. — E que escolha um filme melhor da próxima vez, porque eu estou quase dormindo com esse.

Funguei, tomado pela primeira lembrança que tive de uma das inúmeras vezes em que fui incentivado por Jae. Foi ele quem acendeu em mim a vontade de fazer algo extraordinário. Mais do que isso, acreditou que eu era capaz disso.

Assim como no dia daquela recordação, lembrei que essa visita do Jae, cheia de decepção, também aconteceu no seu aniversário. Ele estava completando trinta e sete anos e eu esqueci, preso nos meus próprios conflitos, enquanto ele nunca esqueceu um aniversário meu.

Eu era tão miserável.

Miserável por ter desejado, desde o início, alguém que não podia ser meu.

Encolhido em posição fetal, despejei mais derrota em formato de lágrimas, gemi de dor, ficando assim até quase dormir. Quando estava entre uma dimensão e outra, ouvi o barulho da porta.

Minha cabeça pesava demais para que eu pudesse levantá-la, então apenas fechei os olhos com força, já esperando ser Jae. Ele tinha deixado a porta aberta, talvez tivesse mudado de ideia sobre me dar uma surra e voltado para me fazer pagar caro.

A porta foi fechada e passos rápidos vieram em minha direção. Talvez não fosse ele. Eu só não queria que fosse o Danton. Meu amor não podia me ver daquela forma, ele desabaria, eu também.

Levei minhas mãos trêmulas ao rosto e meu choro intensificou apenas por pensar nessa possibilidade. Poucas vezes me senti tão sem rumo como naquele momento.

Por favor, Deus, poupe-o de me ver assim, eu suplico.

Por favor.

Com a mesma pressa que os passos chegaram até mim, senti duas mãos pequenas segurarem meus ombros.

Então relaxei imediatamente, quando ouvi aquela voz inesperadamente familiar, até mesmo reconfortante, me chamando.

— Playboy…?



CAPÍTULO 10

88

Yuri Lambert me achou jogado no chão.

Eu apenas consegui olhar para o seu rosto preocupado. Mesmo vestido de branco, não se importou em se sujar de sangue quando me ajudou a levantar.

Levou-me pela casa que já conhecia como a palma da sua mão, para tomar um banho de banheira, onde me ajudou a limpar os machucados. Não me fez questionamentos do porquê eu estar daquela forma, talvez imaginando que eu não estava em condições de conversar sobre o ocorrido.

A única pergunta que fez foi se eu queria passar em um hospital para ver os ferimentos que os cacos do espelho fizeram. Eu neguei, na verdade, a pressão em minha cabeça estava pior, essa já me atormentava há dias. Tinha aliviado pela presença do Danton, mas voltou com força total após a "visita" de Jae.

Desabei no choro ainda na banheira e Yuri me abraçou apertado. Acabou se molhando junto comigo, mesmo assim não me pediu explicações, deu-me espaço. Eu nem sabia o que pensar sobre ele estar em meu apartamento, também nem perguntei por ora. Estava tão fragilizado que não tive forças para nada além de fechar minhas pálpebras doloridas.

Na noite daquele dia, o Felis Catus esquentou um pouco da comida que a Tereza deixou pronta para nós e, somente então, consegui desabafar sobre a apresentação do meu projeto ter sido um fracasso e a tentativa de homicídio. Menos sobre Jae.

Danton ligou durante todo o fim de semana, mas eu lhe garanti que estava bem e que segunda iríamos nos ver. Não queria que meu namorado soubesse como eu estava acabado.

Todavia, na segunda-feira, não fui para a empresa na parte da manhã, fui para a Imagine com Yuri no meu carro, já com o painel trocado. Tremi ao ter más lembranças da tentativa de homicídio, mas meu amigo fez de tudo para me distrair.

Pelo menos, aquele fim de semana péssimo serviu para me reaproximar do Felis Catus.

Tínhamos tanto assunto pendente, por causa do tempo que ficamos sem nos ver, que ainda naquela manhã, sentados, olhando o pouco movimento do estabelecimento, usamos nosso tempo para conversar. Foi então que ele me contou sobre seu drama de ter descolorido o cabelo e seu funcionário não ter percebido porque era um acromata.

— Você está apaixonado, não está? — eu sorri ao constatar.

— Eu não sei… acho que sim. Nós passamos tanto tempo juntos, que é meio inevitável não participar da vida um do outro. Isso nos aproximou demais, e quando estamos separados eu sinto muita falta. — Começou a mexer na corrente em seu pescoço. Eu já o conhecia bem, estava embaraçado.

— É, você está arreado.

— Vai se ferrar. E você com o Sartori, hein, Playboy? Disse que ele terminou o noivado e vocês estão juntos agora. Você é que está bem arreado. — Cutucou meu braço com o seu cotovelo.

— Eu chamei ele de "amor" — contei, ignorando sua repreensão. O catus abriu a boca, tomado de surpresa, e deu dois tapas em meu ombro.

— Uau, você nunca foi emocionado assim com nenhum cara.

— Eu sei — suspirei com a frustração apertando meu peito. — Amar é muito bom, mas também dói tanto.

— Valeu por avisar, porra. — Ele revirou os olhos antes de pegar meu braço e levantar a manga da camisa azul para olhar os cortes cicatrizando. — Você ainda está com um roxo aqui perto do cotovelo.

— Não me refiro a ele, me refiro às adversidades… — Continuei o assunto anterior. — Meu pai foi super grosso com ele e o Danton quis sair da empresa, mas eu me desesperei e pedi que ele não fizesse isso agora.

— Ah, não fode, você vai poupar ele de ouvir mais besteira, por acaso?

— Eu nunca vou ficar calado se alguém ofender o Danton, nem mesmo o meu pai. E se o clima pesar mais do que isso, não vou mais impedir que ele vá… talvez seja até mais fácil, caso eu tenha que deixar ele…

— Não vai deixar ele coisa nenhuma.

Ficamos em silêncio por um momento, afinal, não era um assunto fácil de debater.

— Eu ainda acho que era o Kris no carro, o cara te ameaçou de morte numa ligação anônima, depois aparece alguém metendo bala no seu carro.

— Também acho, inclusive é o momento perfeito pra gente falar sobre o seu titio problemático. — Puxei meu braço de volta, cruzando ambos sobre o meu peito.

— Parece que não temos muita sorte com tios… — Yuri jogou todo o seu cabelo para trás e bufou, mas não me olhou.

*Pelo menos o meu não era um criminoso***.**

— Eu não quero discutir de novo, mas você é o meu melhor amigo, caramba, como pôde me esconder tantas coisas? — Não alterei meu tom de voz, estava mesmo querendo entender. Se discutisse, era capaz de voltarmos à estaca zero.

— Eu queria de verdade poder te falar tudo, mas eu realmente…

— Não faz isso de novo, por favor — interrompi seu discurso. — Alguma coisa você tem que me dizer.

— Ok, talvez algumas coisas eu possa falar, mas não se trata só de mim, Playboy, tem mais gente envolvida.

— Quem? Quem é tão importante assim pra você se negar a falar sobre algo grave pro seu melhor amigo?

— A minha mãe.

Eu emudeci. Ficamos em silêncio enquanto eu tentava entender o que aquilo queria dizer. O que a mãe dele tinha a ver com a história?

— Por favor, não me pergunte sobre isso, eu não posso mesmo te contar por enquanto. Mas prometo que quando eu achar uma solução pra isso, te falo tudo o que eu sei.

— Então me fala o que você puder agora, já é um começo. Seu tio, eu já sei que não tinha contato com você, mas, em algum momento, ele te perguntou qual era o meu doce preferido?

— Não. — Pegou sua xícara de café sobre a mesa e bebeu um gole.

— Yuri, não minta, por favor. — Pus minhas mãos em cima da mesa.

— Eu juro, ele nunca me perguntou isso. Como você já sabe, eu nem tinha contato com ele, só sabia da existência desse tio, mas Kris nunca quis saber de nós, nem sei como ele entrou nessa história. — Dessa vez, ele me olhou. — O que eu não puder responder, vou ficar calado, mas não vou mais mentir.

Yuri estava assumindo que da primeira vez que conversamos mentiu para mim. Mas eu poderia passar uma borracha em tudo, se dessa vez ele fosse sincero.

— Tudo bem. Você pode me dizer de onde conheceu o Eric e o Vincent? — questionei, mesmo não desconfiando mais do Vince e já sabendo que o Eric estava preso. Queria conseguir notar se o Catus mentiria novamente.

— Conheci o Eric na empresa, quando estava querendo saber mais sobre uma pessoa…

— Você não pode me dizer quem é? — Yuri negou com uma cara murcha, então gesticulei para que ele prosseguisse.

— Conheci o Eric e até nos adicionamos nas redes sociais, assim como o Vince e algumas poucas pessoas que conheço na empresa, mas depois descobri que ele vendia medicamentos ilícitos e me afastei.

— Como você descobriu que ele vendia? Ele já vendeu para o Vincent?

— Não.

— Quem, então?

— Não posso…

— Se eu citar alguns nomes você pode confirmar se são ou não?

— Não sei… — Ele estava outra vez com aquele jeito acuado que eu detestava, mas eu precisava tentar, então fui perguntando.

— Seu tio?

— Não.

— Sua mãe? — negou novamente. — Alguma pessoa que trabalha na manutenção de elevadores, ou sistema de monitoramento da empresa?

— Não.

Ok, com essa resposta já descartei Theodoro, Rômulo e Nando.

Intuitivamente, me vieram dois nomes à cabeça, duas pessoas que Yuri sabia quem eram, mas não conversava. Seria difícil receber um "sim" como resposta para qualquer uma das duas, mas minha intuição me mandou perguntar.

— Danton Sartori? — Senti meu estômago dar uma cambalhota apenas por citar o nome dele e mesmo que Yuri não tivesse demorado a responder, para mim, pareceu uma eternidade.

— Não.

Ok, agora a segunda pessoa.

— Kang Jae?

— Playboy, existem coisas realmente relevantes que você pode me perguntar agora. Eu ainda não te contei como conheci o Vince, por exemplo.

Ali estava a minha resposta. Meu tio de criação era a pessoa que comprava medicamentos com o Eric. Como Yuri descobriu isso?

Que tipo de medicações Jae comprava?

Eu não podia negar algumas evidências sobre Jae, só porque eu o amava. Ele já se mostrou ser uma pessoa possessiva com o ex-noivo e, o fato de ter me dito que Danton e eu não ficaríamos juntos, mostrou certo desequilíbrio de sua parte.

— Você sabe que desviando o assunto assim, já me deu a resposta, não sabe? — Lancei-lhe um olhar sério e ele ficou em silêncio, apenas por um momento, em seguida declarou:

— Sei…

Yuri queria que eu soubesse, mas nas entrelinhas. Com a informação em mãos e, sabendo que eu não poderia comprometê-lo mais do que já fiz, resolvi mudar de assunto e buscar descobrir mais em outro momento, por conta própria.

— Então, me conta de onde você conhece o Vincent e o porquê de ter se recusado a me contar naquela vez — pedi.

— Ele faz tratamento na mesma clínica que a minha mãe, referente a bulimia. Não contei porque o Vince tinha muita vergonha, mas depois que começou a se relacionar com um rapaz da empresa, que eu esqueci o nome agora, teve mais coragem pra encarar os problemas que esse transtorno alimentar causa nele.

— É o Namastê — respondi automaticamente.

— Nama o quê? — Seu rosto se contorceu em uma careta confusa.

— Nando Davis.

— Esse mesmo.

— E… você pode me falar quem te disse pra eu pegar o elevador que foi sabotado?

— Desculpa… — Olhou para os próprios dedos pálidos, que batiam sobre a porcelana da xícara.

— Yuri, isso é importante! — Tentei incitá-lo a falar.

— Eu sei… mas não posso. Ainda não… Minha mãe tá envolvida, Playboy. Até eu

conseguir tirar ela dessa história, não posso falar muita coisa. Assim que puder vou te falar, por favor, acredite em mim.

Era impossível ficar com raiva do meu amigo, ainda que eu quisesse muito saber. Se a minha mãe estivesse envolvida em qualquer problema, eu teria a mesma cautela para protegê-la. Esperava apenas que o que ele tivesse de pendente, resolvesse logo, pois cada dia que passava poderia custar a minha vida.

— Tudo bem, eu acredito — ele sorriu aliviado ao me ouvir falar.

— Ela fica alguns finais de semana comigo, mas por causa da depressão forte precisa ficar mais tempo na clínica, e eu não posso visitar todo dia. Também não confio em todo mundo que trabalha lá. Uma pessoa quando quer e tem poder pra isso, tem olhos e ouvidos em todos os lugares. — Bagunçou o cabelo descolorido enquanto franzia o cenho. — Eu juro que não vou descansar até ter certeza de que ela está segura. E aí, quando isso acontecer, te conto até os pecados do papa.

— Os seus estão de bom tamanho.

Enquanto nós ríamos, seu celular começou a tocar, enquanto ele atendia a chamada, peguei o meu também para visualizar uma mensagem que recebi quando estava à caminho da Imagine.



Ferinha

Oi, meu céu. Conseguiu descansar melhor

no fim de semana? Estou com saudade.

Não era como se Danton não tivesse ligado no sábado e no domingo, mas ele parecia querer se certificar. Eu apostava dizer que, também esperava que eu dissesse se iria trabalhar ou não naquela segunda-feira.



Você

Descansei sim, Ferinha. E senti sua

falta o fim de semana todo! 😢🤦‍♂️❗



Ferinha

Então por que não quis me ver? Você vai trabalhar hoje? Se não for de novo, passo no seu apto quando meu expediente acabar.

Visualizei sua última mensagem e guardei o celular, deixando para pensar em como responder mais tarde.

— Sim, Sukinho… claro, entre. — O Felis Catus ainda na chamada, sorriu todo bobo em direção à porta, e desligou o aparelho.

Segundos depois a porta abriu e o funcionário de cabelo acobreado e roupa sofisticada entrou por ela, mudando o sinal de "semáforo" da entrada para vermelho.

— Ele já estava na porta? — indaguei confuso.

— Estava chegando, foi comprar o nosso almoço, perguntou se podia entrar porque não queria atrapalhar nossa conversa. — Seu sorriso alargou quando o rapaz se aproximou de nós.



Nota mental:

Beber um litro de gasolina se

um dia eu me tornar emocionado

demais como o Felis Catus.

— Boa tarde, Julian, almoce com a gente. — Lee MinSukinho convidou, com três quentinhas nas mãos, uma destas estendeu para mim.

— Ah, não precisa. Eu não estou com fome. — Abanei as mãos, negando.

— Vai comer sim, Playboy. Você mal comeu no fim de semana, e quando comeu foi porque eu soquei no seu rabo. Hoje não vai ser diferente.

O funcionário apenas deu uma risadinha e, com o indicador, coçou a têmpora rente à sobrancelha bem delineada. Já devia estar acostumado com o Catus boca suja. Até olhava para o meu amigo com muito carinho, isso aqueceu meu coração.

Comemos em silêncio por um tempo, ouvindo a playlist de indie rock que ecoava na Imagine, até que o funcionário elegante se pôs a falar.

— Julian, lá na faculdade onde eu estudo vai ter um evento gastronômico hoje à noite, o Gatinho vai comigo. Você quer ir e levar o seu namorado?

— O "Gatinho" vai? — Desatei a rir daquele chamamento direcionado ao Catus, eles estavam mais envolvidos do que eu pensava.

— Vai pra casa do caralho, seu Playboy metido. — Yuri deu um tapinha na minha cabeça e o "namoradinho" dele começou a rir, sem parecer constrangido.

— Obrigado pelo convite, MinSuk, mas eu não estou muito em clima de sair — expliquei e ele arqueou as sobrancelhas grossas enquanto assentiu.

— Tudo bem… Lá vão ter várias barracas com degustação gratuita. A minha tenda vai ser de doces, é o que eu gosto de fazer. Se você mudar de ideia, será muito bem-vindo.

— Obrigado — murmurei, bebendo meu suco.

— Falou em comida de graça, é bem capaz de a alma de pobre dele se sentir tentada a ir.

Apenas revirei os olhos. Verifiquei as horas em meu relógio de pulso e percebi que eu deveria ir para a empresa.

— Preciso ir agora — suspirei, olhando para o meu amigo. Ele sabia que eu estava evitando o Danton.

Depois de não ter sua mensagem respondida, ele não mandou mais outras. Meu namorado era preocupado e cuidadoso, mas até onde recebia retorno, não era do tipo que ficava em cima, insistindo. Eu me orgulhava da sua personalidade e esperava que ele me perdoasse por não ter lhe respondido.

As palavras de Jae ainda rondavam na minha mente, se Danton me visse ainda tão mexido com o que aconteceu, iria perceber que eu não estava melhor coisa nenhuma. E a última coisa que eu queria era uma discussão sua com o Jae, por minha causa.

Eu também não queria ver o meu tio de criação. Meu presente de aniversário para ele foi uma torta de decepção com molho de traição. Entretanto, depois que passou toda a confusão, percebi que eu também fiquei magoado por Jae achar que meu amor por ele e por Danton era uma mentira.

Eu estava uma bagunça. Só queria trabalhar no meu canto, fingir que eu era forte, que era um homem de negócios, que minha vida pessoal era perfeitamente administrável, depois voltar para casa e chorar em paz.

Yuri me acompanhou até a porta e, após dar uma última checada se a maquiagem que fizemos ainda escondia o corte na maçã do meu rosto, me abraçou.

— Foi o Jae? — murmurou abraçado à minha cintura. Talvez ele estivesse apenas esperando o momento de nos despedir para arrancar a informação. Eu apenas assenti e vi sua mandíbula travar.

— Foi só um empurrão…

— Se ele fizer qualquer outra coisa me fale.

— Pedi ao meu porteiro que tirasse o nome dele da lista de pessoas que poderiam subir sem autorização.

— Ótimo. Se ficar mal, vá pra casa e me ligue, que eu fecho aqui a hora que for e vou ao seu apartamento encher seu saco, o Suk vai entender. — Afastou-se, desfazendo nosso abraço. — E se mudar de ideia, a gente sai mais tarde. Talvez seja bom pra te distrair.

— Eu te amo. — Senti tanta falta daquele abraço, eu era muito grato por nossa reaproximação. Mais grato ainda por ela ter acontecido num momento em que tanto precisei.

— Eu também te amo, Playboy. Agora vai colocar essa bunda murcha pra trabalhar.

Saí da Imagine, pronto para tentar retomar minha rotina. Deixar de mandar tarefinhas para o meu estagiário por e-mail e orientá-lo de verdade. Quando cheguei na minha sala, vi Jiaer sentado à mesa que pedi para providenciarem para ele.

Assim que me viu, deixou o livro de estudos que tinha em mãos sobre a mesa e levantou, curvando-se ao tempo em que eu passava para o interior da sala. O cabelo, lambido como sempre

— Senhor Julian Osborn Roux. Que bom que o senhor chegou. Seja bem vindo de volta.

— Obrigado, Jiaer — Caminhei até minha cadeira e sentei nela, com o olhar um tanto perdido.

— Está tudo bem?

— Sim, obrigado — respondi da forma que aprendi para responder à maioria das pessoas.

— É impressão minha ou o rosto do senhor está machucado? — Ajeitou os óculos grandes em seu rosto, tentando enxergar melhor. Respirei fundo, tentando ser paciente com o estagiário curioso.

— Hoje não, Jiaer. Como você sabe, faltei por motivo de doença.

— Sei… — Entendi seu comentário apenas fazendo leitura labial.

— O que você sabe?

— O que o senhor acabou de dizer… que faltou porque estava doente — respondeu simplista, sem se intimidar.

— Estou de olho em você. — Comprimi meus olhos, desconfiado. — Venha sentar ao meu lado, vou te explicar como a gente intervém no processo de aprovação de novos equipamentos.

— Senhor Julian Osborn Roux, imagino que o senhor, como filho do CEO, deva ter criado muitos equipamentos para essa empresa, não somente aquele que o senhor ia apresentar semana passada, não é? — indagou, caminhando em minha direção. Sentou ao meu lado, mas preferi olhar para o meu computador ao respondê-lo.

— Meu trabalho oficial aqui é administrar o sistema, não criar.

Engoli minha própria saliva, com dificuldade. A verdade era que o meu maior talento era criar, minha mente explodia em ideias, mas para o meu pai nenhuma delas era boa, e Jae, apesar de me apoiar, não enfrentava o amigo.

— Mas aquele seu projeto, o da chave, parecia tão bom. Eu li sobre o funcionamento dele no manual que os acionistas da empresa receberam, eu ia até fazer um relatório.

— Sim… — Abri a aba no computador que mostrava as planilhas que eu queria lhe mostrar.

— Ouvi as pessoas comentando na reunião que era a segunda vez que o senhor iria apresentar, por causa de um problema que deu no elevador. Os elevadores daqui não são conhecidos por nunca falharem? — Alisou seu próprio braço, deu um bocejo quase natural, provavelmente tentando passar para mim a impressão de que estava relaxado, apenas fazendo uma pergunta casual.

Acontece, bobinho, que eu sou quase perito em linguagem corporal. Se eu não estivesse apaixonado, é claro, aí eu não conseguia perceber quase nada.

Aquele santo queria reza, e eu não estava a fim de rezar o terço.

— Acho que você está sabendo mais do que eu, se descobrir alguma coisa me conte. — Pisquei um olho para ele. — E eu não estou flertando, ok?

O estagiário começou a rir. Nesse momento, porém, outra coisa chamou minha atenção. O telefone fixo da sala tocando. Já imaginando que era a minha secretária, atendi, e coloquei no viva-voz por estar digitando.

— Oi, chefinho, tem uma pessoa querendo te ver aqui fora.

Torci para que não fosse o Jae, ou o Danton. Por motivos diferentes, eu não queria ver nenhum dos dois naquele momento.

— É o Danton Sartori.

— Não… — sussurrei baixinho.

— O senhor não quer ver ele? — Wallace perguntou. — Posso ir ver ele, então? Queria passar meu número.

— Calado, Jiaer. Meu humor não está dos melhores, se você não percebeu ainda — reclamei, olhando para o lado quando o repreendi. — Diga que eu não estou, Lisa.

— Mas eu digo que estou falando com quem, então? Se você "não está" na sala.

— Diga que você falou com o Wallace Jiaer. — Olhei de soslaio para o estagiário. Ele suspirou, talvez farto do meu dilema, antes de levantar da sua cadeira. — Ei, onde você vai?

— Passar o recado pessoalmente. — E abriu passadas em direção à porta.

Mas que sonso! Ele não ia fazer isso, ia?

Ouvi Monalisa falar mais baixo, passando a informação para Danton de que eu não estava.

Minha face continha tanto espanto, que nem ao menos consegui ter alguma ação. Vi o estagiário chegar até a porta, mas no lugar de passar para fora, quando esta fez seu reconhecimento facial, estancou na passagem, impedindo que ela fechasse. Aquilo permitia que qualquer pessoa que estivesse do lado de fora, visse o interior dela, ou seja, eu.

Evidentemente, para o meu azar, Danton me viu. Congelei ao ver sua face endurecida, perfurando-me apenas com o olhar âmbar mortífero.

— Merda — praguejei baixinho.

Toda a sua intensidade se mostrava também quando algo o desagradava. Seu corpo adquiria uma postura tão ameaçadora que eu sentia mesmo de longe. Em um gesto desesperado, conferi meu reflexo na tela do celular, para ver se a maquiagem ainda cobria bem o corte em meu rosto.

— Oi, Danton. — O sonso do estagiário cumprimentou o coordenador e se afastou da porta para dar mais visão ainda do interior da sala.

O que o Wallace queria com aquilo, causar briga?

— Oi. — A fera cumprimentou o rapaz sem de fato olhar para ele. — Pode me dar licença pra eu conversar com o seu orientador?

Não soou como um pedido, todavia, como se já esperasse por aquilo, Wallace murmurou um "é claro" e deu passagem para o coordenador irritado.

Danton avançou para dentro e eu me levantei imediatamente para, pelo menos, ganhar altura e não me sentir tão intimidado, apesar de já prever minha morte iminente. Passei para o outro lado da mesa, deixando o caminho livre de empecilhos entre ele e eu, observando o momento em que a Ferinha parou de frente para mim.

— Oi, Julian Osborn Roux, chefe de operações tecnológicas, viu o meu namorado por aí? — Cuspiu as palavras cheias de ironia, os quasares energéticos fixos nos meus olhos.

— Eu… eu ia conversar com você. — Tentei segurar sua cintura porque sabia que se lhe tocasse, pelo menos parte da sua raiva cederia, mas *o temperamental* se esquivou.

— Não. Não ia não, porque você nem na sua sala está, não é mesmo? — Colocou as mãos na cintura. — O que aconteceu? Por que você repeliu a minha presença? — Seu olhar parecia um pouco magoado dessa vez.

Apesar de tentar esconder, eu já o conhecia bem melhor, então pude notar.

— Não foi nada… — Virei minha cabeça para o lado, tentando não entregar muito minhas reações. Foi o meu erro.

— O que é isso no seu rosto? — A maquiagem não conseguiu esconder o corte dos seus olhos peritos.

— Cortei quando fui me barbear.

— Deixa eu ver…

Tentei me afastar para disfarçar, mas ele segurou meu antebraço, bem em cima de um dos cortes que não estava totalmente sarado. Puxei o ar entredentes e Danton rapidamente começou a desabotoar os dois botões em meu pulso, para levantar a manga.

— O que aconteceu? Quem te machucou assim? — perguntou assustado, analisando a pele que revelava os cortes.

— Eu esbarrei… no espelho e… foi isso. — Eu era péssimo mentindo na maioria das vezes, então não foi com surpresa que vi sua face incrédula me julgando.

— Fale a verdade. Desde sexta, quando eu saí do seu apartamento, você me evitou, por quê? Foi você que se machucou assim?

— Não!

— Alguém foi lá depois que eu saí?

Olhei para baixo, totalmente sem ação, sem saber o que fazer para me livrar daquela conversa. Contudo, sabendo que Danton não desistiria tão fácil, torci para que ele não fizesse confusão quando respondi:

— O Jae…

Sua face, já endurecida, ganhou um aspecto letal.

— Filho da puta! — Sem me deixar terminar, disparou em direção à porta. Entrei em desespero por saber onde ele iria. Procurar o Jae na sala dele.

— Calma! — Por trás, envolvi seu corpo com meus braços, contendo-o, antes que chegasse à porta.

— Como você pede calma depois do que ele fez? — Danton impôs mais força para se afastar, com a respiração ganhando ritmo por causa da ira, mas permaneci lhe segurando. Ele poderia ser um furacão, mas não usaria nenhum golpe em mim num momento como aquele. — Me solta, mas que droga!

— Ele não me bateu!

— Ahã, e eu não vou bater nele, só levar meu punho pra conversar com o nariz dele — vociferou enraivecido.

— Danton, não vai… eu preciso de você. — Tudo que eu não queria naquele momento era mais confusão.

— Tudo bem, eu dou na cara dele e volto pra te consolar. — Segurou meus dois antebraços, tentando me fazer soltá-lo, e a pressão de sua mão nos ferimentos por baixo da manga me fez arquejar.

— Você só vai me machucar assim, porque eu não vou soltar. — Percebendo que eu falava sério, a Ferinha parou de lutar e girou o corpo em meus braços para ficar de frente para mim.

— Você é um idiota! — Sua respiração estava desregulada, por causa do esforço e da raiva.

— Eu sei, mas não fique irritado.

— Eu não estou irritado! — gritou ele, irritado.

Parecendo perceber que estava perdendo seu habitual controle, Danton respirou fundo, tentando se acalmar para não estender a discussão.

— Ok, eu não vou agora — enfatizou o "agora". — Mas você vai me contar o que ele fez.

Concordei, sem relaxar no aperto, por medo de ele fugir sorrateiramente, como era profissional em fazer.

— Ele foi me ver, já sabendo de nós, não sei quem contou. Perdeu a razão por um momento e me empurrou… eu bati contra o espelho, que quebrou, e caí de mau jeito em cima dos cacos.

— Mas que verme de cpf! — Eu me permiti rir um pouco do seu xingamento.

Apesar de sua evidente revolta, passou o polegar em cima do machucado na maçã do meu rosto, retirando intencionalmente a camada de base para ver melhor.

— Julian, você não percebe? Ele faz isso porque sabe que você o respeita e nunca revidaria.

Apenas abaixei minha cabeça, pensando no ocorrido. Talvez meu namorado tenha razão. Jae queria que eu terminasse com Danton, simplesmente porque a notícia o deixou mal?

— Como aconteceu? — Fez um carinho com sua palma quente em minhas costas.

— Eu não quero ficar lembrando… — Fechei os olhos, tentando me livrar das palavras que ouvi naquele dia.

— Tudo bem, mas, por favor, quando acontecer alguma coisa assim, fala pra mim. Eu quero estar perto, quero ser o primeiro a ser chamado quando você precisar. Por que não fez isso? Você disse que confiava em mim… — Seu tom era manso, quase sussurrado.

— Eu estava com vergonha… — murmurei cabisbaixo, segurando a barra da sua camisa com ambas as mãos.

— Meu céu… — Sua voz soou embargada. Eu quis tanto evitar lhe ver assim por minha causa, mas foi o que aconteceu.

— Deixa isso pra lá, por favor.

— Não me peça pra deixar pra lá, se alguém te machuca, dói em mim também… você não entende? — Segurou meu rosto com uma mão e, com a outra, deu um aperto firme em minha nuca.

— Eu não deveria ser sinônimo de tristeza pra você, mas tudo que tem relação com a minha vida tem te feito sofrer… não foi isso que eu planejei quando quis ficar com você.

— Eu também não planejei, mas planejei ficar ao seu lado independente dos problemas. — Encarava-me o tempo todo, até que seus quasares pairaram sobre a minha boca. — Eu nem sei mais ficar sem você, nem quero.

Sua confissão foi tão sincera e frágil, que não resisti. Cheio de saudade, eu o beijei. Apertei as laterais do seu corpo, na região das costelas e tomei seus lábios de forma urgente e saudosa. Ouvi seu suspiro e a carícia recíproca que fazia em minhas costas. Sua boca sugava a minha, mordiscava meus lábios e, entre eles, sussurrou:

— Eu senti tanto a sua falta… tanto.

— Eu quis muito você comigo. — Beijei seu pescoço que se inclinava, dando-me mais acesso, recebendo minha saudade. — Só quis te poupar…

— Precisamos conversar — ele murmurou, sentindo meus lábios em sua pele, naquele tom rouco, de quem quer me repreender, mas não conseguia fazer isso enquanto eu lhe tocava.

— Está bem. — A muito contragosto, o soltei e me sentei no sofá da sala, próximo de nós.

Danton se aproximou, mas no lugar de deixá-lo sentar ao meu lado, puxei-lhe para sentar no meu colo, de lado, com as pernas entre as minhas.

— Gostei disso, mas e se alguém entrar e nos ver? — Beijou minha testa, arrastando os fios pretos e ondulados com o nariz.

— Não me importo mais. — Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso com minha ousadia. — Como você está? Como foi o fim de semana? — perguntei, porque ficamos dias sem nos ver, eu não queria que apenas ele se preocupasse comigo e eu não estivesse por dentro da sua rotina.

— Estava preocupado… Como o Vince foi passar o fim de semana com o Nando, fiquei sozinho no sábado, e no domingo fui para o apartamento do Theo e do Rômulo.

— Desculpe… não vou mais fazer isso, sumir assim. — Encostei minha cabeça em seu peito.

— Espero mesmo. Não deixe mais o Jae te encurralar desse jeito, ele está completamente errado. — Apertou minha nuca, levando-me a sorrir com seu jeito de repreender. — Não é porque você o respeita que ele pode fazer o que bem entende. Nossas decisões não podem ser tomadas de acordo com o que ele acha certo ou não. Deixe de ser tão influenciado pelo que ele pensa, meu céu.

Danton parecia um pouco mais irritado a cada frase que falava.

— Enquanto você se culpa por tudo e por todos, ele acha que pode brincar de ser um deus e decidir sobre as nossas vidas. — Segurou meu rosto em suas mãos e intercalou seu olhar entre meus olhos e minha boca. — Eu estou apaixonado por você e quero só você. Foi você quem eu escolhi, cabe ao Jae aceitar, não a você se culpar.

— Tem razão.

Aquelas palavras me fizeram tirar um pouco mais o sentimento de culpa dos meus ombros.

— Eu não vou mais permitir que ele me trate assim.

— Isso. — Danton abriu um sorriso cintilante, junto de um suspiro aliviado.

Era assim que eu gostava de vê-lo e, percebi na prática, como o que me machucava o fazia mal e o quanto o que me fazia bem lhe deixava feliz. Trocamos alguns carinhos em silêncio, até que ele resolveu iniciar outro assunto.

— Como você está se sentindo com relação à sua apresentação que não deu certo?

— Meu pai não falou comigo depois daquela terça, só recebeu recados pela minha mãe de que eu estava bem depois do atentado. Acho que ficou envergonhado na frente dos parceiros da empresa — comentei, alisando as suas coxas, enquanto sentia seu cafuné em meu cabelo. — Acho difícil ele me dar outra oportunidade.

— Sabe o que eu acho? Que você deveria abrir sua própria empresa e vender nela tudo o que já criou até hoje e não teve o devido reconhecimento.

— Eu sou herdeiro de uma empresa, Danton, não preciso de outra. Não vejo sentido nisso. Além do mais, não se abre uma empresa do nada, requer muito trabalho.

— Trabalho você vai ter de qualquer jeito, porque se duvidar, até mesmo quando assumir a presidência seu pai vai ditar o que você deve fazer.

Eu sabia que o meu namorado estava chateado pelo fato do meu pai ter dito que ele era um aproveitador, realmente foi muito errado, e eu não tirava sua razão de falar mal dele.

No entanto, eu não via motivos para abrir uma empresa, passar por toda a dificuldade de fazer um novo nome no mercado, quebrar a cabeça começando um negócio do zero, quando havia uma empresa que seria minha futuramente. Até porque, meu pai precisava de alguém para contar, alguém que pudesse deixar os negócios da família quando a sua velhice chegasse. A sede em processo de abertura em Washington, era grande e já ficaria sob o comando de Jae, ele não daria conta de cuidar da de Sandin também. Jae mesmo já me disse que preferia qualidade de vida do que muito trabalho.

Tendo isso em mente, mas também não querendo diminuir a opinião de Danton, procurei uma saída estratégica do assunto.

— Isso não é algo que eu queira pensar agora. No momento, quero focar em conseguir uma nova oportunidade.

— Talvez consiga… se você apresentar algo que seu pai não espera, se surpreender a todos. Estou dizendo isso não porque quero que você continue se cobrando a ter o reconhecimento do seu pai, mas justamente para passar na cara dele o quanto você é bom.

Comecei a gargalhar de como Danton tinha aquela personalidade forte, de quem era um profissional sério, mas também atrevido e temperamental o suficiente para dar sua opinião sincera para mim. Passar na cara do meu pai algo que ele não esperasse seria incrível, mas o que seria essa tal coisa?

— Vou tentar elaborar algo que possa chocar na apresentação. Mas, já que estamos falando do poderoso John, decidi que vou falar sobre você e eu na próxima vez que eu ver ele. Não quero contar por ligação.

— Por mim, tudo bem, não tenho medo de ser demitido mesmo, pelo contrário, só estou aqui ainda por causa de você. Já liguei o foda-se — ri junto com ele, dando um apertão na sua coxa. — Mas faça no seu tempo, você tem passado por problemas demais.

— Nós temos passado — corrigi. — Ah, o funcionário, vulgo, namoradinho do Felis Catus, nos chamou pra um evento gastronômico que vai ter na universidade em que ele estuda. Eu disse que não estava com cabeça, mas, se você quiser ir comigo, posso reconsiderar o convite dele.

— Espera, você disse funcionário do Yuri Lambert? — assenti. — Você conversou com o seu amigo?

Só então percebi que ainda não tinha falado aquela parte para Danton. Então expliquei tudo o que aconteceu desde que Yuri foi até o meu apartamento, amenizando bastante o estado de choque em que ele me encontrou. Foi me procurar no intuito de tentar conversar mais uma vez comigo, e acabou sendo o meu escape.

Danton pareceu ficar mais tranquilo quando soube que não fiquei sozinho depois que Jae foi tomar satisfação comigo. Impressionou-se com a história do Minsuk ser um acromata, mas não com o fato de ele estar se relacionando com o chefe, afinal estávamos numa situação parecida dentro da empresa.

— Eu perguntei algumas coisas ao Felis Catus, mas ele disse de novo que não podia me falar.

Enquanto conversávamos, Danton começou a vagar seus olhos pelo chão, pensativo, até que sua vista pairou sobre uma parte da sala em específico. A estante.

— Não vou mais ficar chateado com ele, eu sinto que ele não tem nada a ver com o crime, talvez a mãe dele esteja sendo…

Inesperadamente, meu namorado começou a tossir, impedindo minha fala, mas a tosse era falsa. Não pelo som, mas pelo fato de Danton ter colocado o indicador entre os lábios ainda quando tossia, como se me pedisse silêncio.

— Desculpa, a minha garganta coçou. — Sem entender nada, o vi pegar o próprio celular e digitar algo. Mas não enviou a alguém, apenas me mostrou o texto, que dizia:

“Sua estante está grampeada"

Arregalei os olhos e os mirei na direção do móvel, mas não percebi nada. Provavelmente para não interrompermos a conversa, Danton continuou a falar.

— Já passou, mas você pode pegar um copo de água pra mim? — Abriu a mão em sinal de "pare", sinalizando que era apenas para não levantar suspeitas.

— Claro. — Peguei seu celular, depois de ele ter digitado algo a mais, e li.

"Tem uma pulseira em cima da estante, nela piscou uma luz vermelha, muito discreta, mas deu para perceber."

Ao olhar novamente na direção do móvel, notei. Era uma pulseira masculina, azul escuro, com detalhes prateados e retangulares no centro. Era mesmo uma escuta.

— Esqueci até do que estávamos falando, que tosse chata. — Ele continuou enquanto eu digitava uma mensagem no mesmo celular, antes de o entregar.

— O que acha de ouvirmos um pouco de música, então? Não tenho que trabalhar agora mesmo — falei, mas Danton fez uma careta estranhando, até ler o que escrevi.

"Vou colocar o celular para tocar lá perto, assim podemos conversar mais distante. Próximo da janela."

Pus o aparelho para tocar no último volume sobre um vaso de planta, alto, próximo da estante.

Segurei a mão do meu namorado, que relutou um pouco e, após apertar o botão em minha mesa que desativava as câmeras da sala e trancava a porta, conduzi ele até a janela mais distante daquele local. Assim que ficamos um de frente para o outro, Danton sussurrou como se gritasse.

— Você está louco? Temos que tirar aquela escuta dali agora! — Fez menção de voltar, mas o segurei mais firme, mesmo recebendo seu olhar indignado.

— Não adianta — sussurrei de volta.

— Nossa conversa foi toda gravada, qual o seu plano? Quer contar com a sorte de pegar a pessoa no flagra quando ela estiver pegando esse troço de volta pra ouvir tudo? E se ela for mais esperta e fizer isso quando você não estiver vendo, em algum ponto cego das câmeras? — Tentou se desvencilhar de mim, mas o prendi contra o vidro da janela.

— Dá pra ficar quieto e me escutar, marrento?

Seu peito já subia e descia com força, temperamental como era, ele detestava ser impedido de algo. Todavia, mesmo se sentindo contrariado, concordou com o bico mais lindo do mundo.

— Nem toda escuta grava, muitas fazem transmissão em tempo real, acredito que seja o caso dessa, ou ela não estaria disfarçada de pulseira e sim escondida. Temos que lidar com a hipótese de a pessoa querer saber de cada conversa minha sem levantar suspeita, sem ter que ficar tirando e colocando a escuta o tempo todo para ver as gravações, mas sim escutar em tempo real. Se tirarmos agora, a pessoa vai saber.

— Tá, mas então quer dizer que tem alguém, em algum lugar do prédio, escutando o que você fala aqui dentro? Quer dizer, deve ter um alcance até onde ela possa captar, né? Me diz, já que você entende dessas coisas tecnológicas — questionou mais relaxado e atento, por isso o soltei.

E uma playlist tocava em seu celular, nos dando cobertura.

— Ela pode ter alcance fora do prédio também. Temos que raciocinar… Quem a colocou aqui, sabe que não pode ficar ouvindo minhas conversas, mas tem acesso a essa sala,

obviamente, ou não teria conseguido colocá-la na estante.

— É uma pulseira masculina. Está pensando na mesma pessoa que eu?

— Wallace Jiaer — cochichei ainda mais baixo e Danton assentiu à minha suspeita.

— O que a gente faz?

— Sempre que estou com alguém na sala, ele procura a Lisa pra ela dar alguma tarefa pra ele, então deve estar ocupado agora, mas quando você voltar para o seu setor, ele vai voltar para cá de novo.

— Mas se você perguntar se a pulseira é dele, vai ficar muito óbvio que descobriu — acusou, levando-me a revirar os olhos porque, sinceramente, até Danton me subestimava.

— Claro que não vou fazer isso. Vou observar se ele pega de volta, se não pegar hoje, amanhã finjo que vou pegar algo na estante e vi sem querer. Então pergunto se é dele. Se negar, digo que não vou atrás do dono e sim jogar no lixo. Um equipamento disfarçado assim, é caro, alguma reação ele vai esboçar.

— Boa ideia. Mas não deixe ele ter a oportunidade de pegar antes de você perguntar.

— Deixa comigo, vou ficar muito mais atento e pedir ao Tico e Teco mais atenção nessa sala. Também vou trabalhar com a hipótese de não ser ele, mas qualquer um que entra aqui. Ou posso focar muito nele e deixar algo passar.

— Sim… — Levou uma mão à sua boca volumosa, parecendo pensativo.

— Ainda bem que não cheguei a falar sobre a mãe do Yuri. Você viu a pulseira bem na hora. — Automaticamente fiquei tentando lembrar de tudo o que já conversei nessa sala. Para o meu benefício, os assuntos mais pesados foram falados em meu apartamento, não na empresa.

— Juli, e se tiverem mais pontos na sala?

Danton tinha razão. Eu iria procurar cada canto daquela sala atrás de mais pontos, mesmo que durasse o dia inteiro.

— Temos que pensar na possibilidade de ele usar alguma escuta no corpo, disfarçada de algum outro objeto… — comentei, mas não consegui lembrar de nada estranho além do cabelo duro do estagiário.

Para o meu benefício, eu tinha um namorado muito inteligente e esperto, que raciocinava junto comigo com facilidade.

— Os óculos. — De olhos arregalados, Danton lembrou. — São muito grandes para o rosto dele. Pode ser isso.

— O seu cérebro me dá muita tesão… — murmurei, mordendo meu lábio inferior. Danton desferiu um tapinha em meu peito, rindo de mim.

— Se for tudo isso que estamos pensando, esse estagiário de bobo não tem nada. Mas qual seria o objetivo dele? — indagou.

— Não sei, mas, como eu disse, também vou lidar com a hipótese de que seja qualquer pessoa que entra aqui. E que carregue uma escuta no próprio corpo também — murmurei desconfiado, pensando em todo mundo que entrava em minha sala.

— Quer me revistar? — A Ferinha perguntou com um sorriso safado.

— Quero…

Eu, que não perdia uma oportunidade, agarrei o cós da sua calça e o puxei contra mim, fazendo ele desencostar do vidro e segurar em meus ombros.

— Parece que vou mesmo ter que revistá-lo, Danton Ferinha, você é muito suspeito. Será que está na fivela do seu cinto?

— Vai ter que tirar pra saber…

Desafivelei seu cinto, puxei para fora dos puxadores da calça, assim como puxei também a sua camisa social vermelho marsala, que contrastava perfeitamente com sua pele. Adentrei com as mãos, por dentro dela, sentindo sua pele quente na região das costas. Danton fechou os olhos, quando me aproximei do seu ouvido para dizer baixinho:

— Ou será que é esse piercing que você usa? — Passei uma mão para frente, correndo de seu abdômen ao peito, por baixo da camisa, sentindo o relevo do adorno.

Suas mãos correram por minha nuca e me puxaram para um beijo intenso e afoito. Aos poucos nossos corpos esbraseavam, querendo mais proximidade, mais carícias. Com uma mão, consegui abrir dois botões da sua camisa, antes de serpentear minha palma até a sua intimidade, que já dava vida ao seu desejo por mim.

Nossos toques tinham sabor de saudade, de emergência. Abafando suspiros e gemidos na curva do meu pescoço, Danton foi estimulado por mim até se derramar de prazer em minha mão. E, quando fomos ao banheiro nos limpar, ele quis retribuir o agrado.

— Não posso te deixar com uma ereção agora. — Aproximou-se mais de mim, após trancar a porta, e apertou a dureza que denunciava o quanto eu necessitava do seu toque também. — Quando você fica duro, dá pra perceber até se você estiver de costas, no escuro.

Eu ri do seu exagero, mas quando suas mãos ágeis desceram o zíper da minha calça, meu riso foi morrendo e o tesão nublando minhas feições.

— Então resolve o problema do seu namorado… — Com o quadril encostado na pia, espalmei as mãos nela, ao tempo em que ele se ajoelhava sobre o piso.

Catapimbas de homem gostoso!

Sem muita enrolação, afinal, não estávamos em casa, Danton me fez delirar pelo prazer de sentir o calor dos seus lábios e a habilidade da sua língua. Entre suspiros e gemidos curtos, me derramei em sua boca.

O alívio que tomou conta do meu corpo, ao me liberar, foi tão grande que minhas pernas tremeram. Danton as apertou e sorriu satisfeito, como se tivesse recebido uma prova do seu potencial de me desmontar.

Ele fazia isso só por existir.

— Vou usar seu banheiro por um minuto — avisou após uma breve higienização, e ter abotoado minha calça.

— Fique à vontade. — Dei-lhe um selinho demorado, em seguida, privacidade.

Novamente na sala, pus as mãos em meu quadril e respirei fundo. Estava feliz por, no meio de toda a bagunça em minha vida, ter Danton comigo. Poucos minutos se passaram até eu sentir seus braços alisando minhas costas. Virei em sua direção e lhe dei um beijo intenso, com toda a paixão que havia em mim. Senti gosto de enxaguante bucal de menta em sua boca e baguncei o cabelo que ele gastou minutos arrumando. Porque eu tinha um instinto primitivo que me fazia sentir necessidade de tirá-lo da linha, por todas as vezes em que o vi se conter comigo.

Eu nunca iria deixar de admirar o quão honesto Danton se mostrou comigo, ao me revelar que, em todas as vezes que precisou se afastar de mim quando não podíamos ficar juntos, na verdade o que queria era se entregar ao sentimento que tinha por mim.

Então, foi super consciente o modo como conduzi o ósculo, sugando tudo dele que eu podia para mim, como um desentupidor de pia apaixonado. Separamos nossas bocas apenas pela falta de ar conjunta.

— Julian — sussurrou, ainda com os lábios roçando nos meus e a testa na minha. — Às vezes me assusta, como em tão pouco tempo eu já te…

— Você já…? — incentivei, de olhos fechados, sentindo meu coração desenfreado.

— Como eu já me sinto tão seu.

— Eu também sou seu, amor — repeti o chamamento que ele tanto gostou de ouvir.

Danton me abraçou com força e assim ficou comigo por segundos que se estenderam até o momento em que me afastei para olhar em meu relógio de pulso, lembrando do evento gastronômico ao qual fomos convidados.

— Você vai comigo na feira da faculdade do Minsuk? Eu queria usar a oportunidade para que você conhecesse melhor o Yuri. — Alisei suas costas, tendo sua atenção. — Você sabe, ele é meu melhor amigo, e você…

— E eu?

É o homem que eu amo.

Meu coração gritava isso, mas só de pensar em externar me dava uns tremeliques, taquicardia, uma fraqueza nos ossos e cartilagens. Era louco demais.

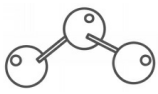
— Você é o meu digníssimo namorado.

Danton sorriu, satisfeito com a resposta. Talvez nem imaginando o quanto poderia ouvir uma muito melhor.

— Sim, podemos ir, meu céu, mas antes precisamos procurar onde mais essa sala pode estar grampeada.

— Vai demorar muito, essa sala é grande e os pontos de escuta podem ser muito pequenos, além de estarem bem escondidos — argumentei, mesmo sabendo que era necessário.

— Então dispense o estagiário mais cedo e chame as pessoas que podemos contar.



Após arranjarem substitutos em seus respectivos setores, Theodoro, Rômulo, Nando e Vincent chegaram até minha sala, então tranquei novamente o acesso dela para ninguém nos perturbar.

Estranharam um pouco o som tocando no celular, mas explicamos tudo. Logo estavam prontos para ajudar, cada um no seu estilo.

— Que deselegante, me tirar da minha cadeira confortável de diretor pra vir brincar de esconde-esconde, Julian Osborn Roux.

— Namastê, pessoal. Já estou aqui atento a qualquer energia negativa que esteja deixando essa sala sobrecarregada.

— Então vamos nos dividir, vou começar procurando debaixo da mesa, certo? Mas não olhem pra minha bunda, o Gostoso é ciumento.

— Cala a boca, coisinha desleixada. Mas que lugarzinho bagunçado, aqui deve ter bactérias desconhecidas até pela ciência. Essa sala já foi higienizada hoje?

Olhei para o meu namorado, dando um suspiro junto com ele, o qual eu acreditava estar pensando o mesmo que eu. O processo ia ser longo com aqueles quatro seres humanos tão diferentes.

Entretanto, eu não teria amigos melhores do que eles para me ajudar. A vida da gente é cheia de *conexões inesperadas*. Graças a isso formei, com aqueles caras, uma família do coração.

— A sala é grande mesmo, vocês nem imaginam o quanto vão trabalhar, bobinhos.

Antes de qualquer ação, pedi aos Tico e Teco que procurassem depois o momento em que colocaram aquela pulseira na minha estante. Não estava muito confiante, porque provavelmente a pessoa teria dado um jeito de não ser pega, mas eu precisava checar.

— Na próxima vez que forem fazer promiscuidades nas dependências da empresa, desliguem também o sensor de calor do banheiro — falou Rômulo, apenas para Danton e eu ouvirmos, enquanto vasculhava entre as pastas da estante. O que não diminuiu a vontade de morrer que me tomou naquele momento. Já o sonso do Danton começou a gargalhar.

— Não. Podem deixar ligado, foi como assistir um pornô artístico. — Theodoro, que, estava ao lado do Rô, comentou. — A temperatura de vocês estava tão alta que, no lugar de aparecerem laranjas na minha tela, apareceram vermelhos.

— Que vergonha… — sussurrei.

— Quando cheguei na sala de monitoramento, o Theo estava assistindo como se tivesse vendo uma live, tomando café e tudo. — O urubu bonito do mal entregou o primo.

— Eu disse que ele não deveria ver. — Rômulo cruzou os braços, reprovando o comportamento do outro.

— Vai me dizer que você também não assistiu, Rô? — Danton acusou, segurando a minha mão, para me dar apoio naquele momento constrangedor.

— Claro que não. Mas, sinceramente… não ajoelhe em piso de banheiro, Danton. É altamente contaminado, me deu agonia.

— Eu não fui chamado aqui pra ficar ouvindo safadeza não, né? Vocês desalinham meu

chakra. — Nando bufou. — Estão todos precisando girar as rodas de energia de vocês.

— Calma aí, *Namastreta*, cada um cuida da sua roda. — Theodoro ergueu as palmas na defensiva. — Quer dizer, da sua roda o Vince pode cuidar, certo?

— Não brinca com ele hoje, Theo. Como você bem lembrou, hoje ele está *Namastreta*. — Vincent escorou o cotovelo no ombro do Nando enquanto acariciava o cabelo ralo dele. — Não se estresse, esses aí são o seu karma, mas mais tarde eu te faço chegar ao nirvana, tá?

— Ora, ora, o urubu já está até aprendendo cantadas budistas. — Bati duas palmas para ele.

— Não começa, Julian Osborn Roux, não se esqueça que quem estava recebendo um agrado no banheiro era você.

— Não que a gente esteja achando ruim, podem continuar, certo?

— Já chega, vamos ao trabalho, antes que o Juli se converta em um pimentão. — Meu namorado interviu. Graças aos céus.

Passamos a tarde procurando qualquer coisa suspeita naquela sala. Quase acreditamos que não tinha nada além da pulseira encontrada, até que Vincent, vulgo Urubu bonito do mal, encontrou algo suspeito.

— Gente, isso aqui estava debaixo da cadeira do Julian. — Mostrou um chip grande e preto, entre seus dedos indicador e médio. Aquele era do tipo que apenas gravava, não fazia transmissão. — Tem algumas iniciais, mas são muito pequenas.

Vincent forçava as íris cinzentas, tentando enxergar. Até que Nando se aproximou e, delicadamente, pegou o chip de seus dedos para conferir.

— J.W.J. Será que são iniciais de algum nome? — Nando franziu o cenho ao falar.

— Deve ser alguém com o nome grande, certo?

— Talvez sejam dois nomes — sugeri pensativo.

— Ou, talvez não seja nome algum. — Rô deu de ombros.

— Ah, gente, pode ser tanta coisa… mas estamos suspeitando do Wallace Jiaer e as letras podem ser iniciais do nome dele. — Danton comentou, sentando no sofá, aparentemente cansado.

— Sim, mas tem um "J" sobrando. Será que é o nome de outra pessoa? — questionei, mas ainda não passava de uma suposição.

— Tipo, a inicial de quem mandou o Jiaer ficar de olho em você? — Danton direcionou as íris âmbar a mim.

— Não dá pra ficar especulando, certo? Isso não prova nada, melhor só descartar depois que você ouvir o que foi gravado e, quando ele estiver aqui, comente com ele que fizeram uma limpeza geral na sala, assim o assistente vai pensar que o chip se perdeu nesse momento. — Theo argumentou.

De fato, era a opção mais eficaz para que eu pudesse continuar vigiando o estagiário.

— É bom que ele não desconfie, assim vamos estar um passo à frente dele. Se pensar que

está conseguindo nos enganar, não vai mudar as estratégias dele — respondi.

Nando me entregou o chip e, em seguida, coloquei-o no bolso para me livrar dele depois que escutasse tudo o que foi gravado em minha sala.

— Bom, já acabamos com a caça ao tesouro sem tesouro, então, se me permitem, vou voltar porque logo acaba o nosso turno e eu ainda nem fiz a limpeza terminal dos meus pertences. — Rômulo falou, olhando para o seu celular.

— Pela décima vez, né, coração?

— É melhor a gente se dispersar mesmo, ou alguém pode desconfiar que estão os seis aqui. — Namastê, racionalmente apontou.

— Quê isso, logo agora que começou a tocar uma música sensual no celular do Dan? Se a gente organizar direitinho, dá pra cada casal usar um espaço da sala e se divertir um pouco. Todo mundo fica feliz. — Theo deu uma piscadela com aqueles olhos de lentes dele.

— Eu gostei da ideia. — Surpreendentemente, foi o "namoradinho" dele quem respondeu.

— Rômulo? — Nando chamou de olhos arregalados. — Eu conheci você diferente.

— Esse gostoso só me dá orgulho. — Voltou a falar, mascando seu chiclete imaginário.

— Jajá o expediente de todo mundo aqui vai encerrar, então é melhor vocês irem mesmo. — Danton falou, levantando do sofá, mas sem fazer menção de sair da sala, como os outros faziam.

— Ah, sexta-feira vai ter aula de teatro para visitantes de novo lá no meu curso, certo? Quero todo mundo lá.

— Ok, Teco — respondi. Pelo menos dessa vez eu poderia fazer par com o meu namorado sem ser torturado.

— Você não vem com a gente, Danton? — Vincent perguntou na porta, com o restante do pessoal, depois que eu os agradeci.

— Não, Vince. Daqui a pouco vou sair com o Julian.

— Vão transar, certo, safados? — Theo gritou passando pela porta.

— Minha nossa, por que eu não tenho amigos normais? — resmunguei.

— Nem você é normal, Coelho Psicodélico, quer vir cobrar a gente?

— Theo, vamos logo, metido. — Rô puxou Theo para fora.

Por fim, saíram com o mascador de chicletes imaginários ainda murmurando um "usem camisinha", e depois deixando apenas o coordenador e eu.

— Estou muito feliz porque vou passar mais tempo com você — comentei, apertando sua cintura com força, percebendo seu corpo se distensionando.

— Pra quem nem queria me ver, você está bem carente. — Fez questão de lembrar sobre eu ter dito que não estava na minha sala, mas eu colei meu peito no seu, enquanto uma música qualquer ainda tocava no celular.

— Vamos esquecer isso, por favor, amor? — Beijei seu pescoço, chupando a pele de leve.

— Covarde… — sussurrou, respirando pesado ao pender a cabeça para o lado.

— Acho que quem está carente é você, Ferinha. — Deslizei minha boca por seu pomo-de-adão, e senti o momento em que este subiu e desceu. Danton arranhava meu peito por cima da camisa, deslizando suas palmas quentes por todo o meu torso.

— Estou mesmo, desde sexta-feira não nos vemos, e você ainda me chama de amor…

Afastei o rosto para olhar em seus quasares, sempre sendo minha fonte de energia, e pensei no quanto eu também estava totalmente carecido do seu carinho, seu abraço, de ficarmos um tempo só nós dois. Dado isso, segurando o seu rosto, disse uma verdade.

— É porque você é o meu amor.

Danton me tirou a visão dos seus quasares energéticos, mas me deu a visão do seu rosto mais iluminado ainda, quando fechou os olhos e sorriu, absorvendo minha declaração.

Cada vez menos as barreiras que me faziam ter medo de me confessar completamente, caíam. E a expectativa para um simples passeio com meu namorado, aumentou minha vontade de, em algum momento, achar uma brecha para falar o que eu tanto queria que ele ouvisse.

Que eu o amava.

CAPÍTULO 11

88

A pressa é inimiga da perfeição, mas um homem de verdade não foge dos seus inimigos.

Foi isso que eu disse ao Danton, após o expediente de segunda-feira ter acabado, quando ele foi comigo até o meu apartamento para tomar um banho comigo. Eu queria me dedicar ensaboando seu corpo gostoso e a Ferinha estava apressada.

— Se a pressa é inimiga da perfeição, a calma é amiga da enrolação, Juli — resmungou enquanto ria das minhas mãos maliciosas passeando pelas suas coxas.

— Não diga isso, a pressa é sua inimiga também. — Puxei-lhe para colar seu corpo no meu. — … porque você é perfeito.

— Que cantada barata! — Deu um tapinha em meu peito. — Não podemos fazer nenhuma saliência… vamos atrasar, meu céu.

— Só um pouquinho… — Minhas mãos apertaram sua bunda com vontade.

Eu beijava seu pescoço, apelando para as regiões onde ele era mais sensível. Precisávamos realmente ser rápidos, porque Yuri estava nos esperando passar na Imagine, a fim de irmos todos juntos à universidade onde o funcionário estiloso estudava, mas eu não resistia ficar nu junto de Danton Ferinha.

— Não existe só um pouquinho… — balbuciou enquanto eu enxaguava seu corpo.

— Existe sim, eu coloco só trinta centímetros. — Então ele gargalhou.

— Menos, Julian, menos…

— Vinte?

— Já chega, vamos terminar logo esse banho, porque se a gente demorar demais, eu não vou ter misericórdia de você. — Foi a minha vez de cair na risada.

— Vai colocar mais de trinta centímetros, Ferinha? — Desliguei o registro do chuveiro.

— Vou colocar um metro e ainda vou usar todos os brinquedos que compramos… aqueles que você ficou com medinho de experimentar.

— Sabe nem brincar. — Revirei os olhos e alcancei as toalhas, assim que abri a porta do box.

— Medroso…

— O medroso aqui encomendou uma poltrona de balanço para o meu apartamento e outra para o seu, sabia, Ferinha? Pode esperar que vai chegar lá.

— Eu não acredito que você comprou uma poltrona de balanço pra mim. — Ele balançou

a cabeça incrédulo, ainda bem humorado.

— Sim, e aí você vai ver quem não vai ter misericórdia.

— Ok, vamos ver, meu céu. Agora chega de enrolação e vamos logo.

Game over para mim. Sem rapidinha no banho.

Saímos do banheiro, meu namorado vestiu uma blusa social preta e eu uma branca. Ao chegarmos na frente da Imagine, Yuri e Minsuk nos esperavam.

De dia, meu amigo percebeu meu desconforto ao dirigir pelas ruas de Vineyard, quando estava no carro comigo. Depois do atentado que sofri fiquei realmente um pouco nervoso, e o Felis Catus achava que se eu lotasse meu carro de gente, seria mais fácil de lidar com o pequeno trauma que adquiri. E não estava errado. Fiquei aliviado por ele ter deixado sua moto para, ele e Minsuk, irem de carona comigo.

— Playboy, Danton… — Ele nos cumprimentou, com sua habitual irreverência, assim que entrou no carro.

— Oi, pessoal, fico feliz que vocês decidiram ir. — Lee Minsuk se curvou, entrando no carro em seguida também.

— Nós que agradecemos o convite, Suk. — Danton sorriu na sua costumeira forma de ser gentil.

— É, obrigado pelo convite, Minsuk. Nem jantei pra ter mais espaço na barriga e caber bastante comida — brinquei.

— Não falei que esse pobre ia aproveitar a comida de graça? — Yuri acusou, fazendo todos rirem.

O que tem de mau numa boquinha livre?

— Ele eu não sei, mas eu vou sim aproveitar porque também não comi nada, e minha glicose já está baixando. — Danton comentou, então eu o olhei preocupado.



Nota mental:

Andar com um kit de primeiros

socorros composto por barrinhas

de cereal para alimentar a Ferinha.

Após as coxinhas, comemos brigadeiro e eu amei.

— Nossa, é muito doce! — O Felis Catus fez uma careta de gato tomando banho. — Como — Está tudo bem? — balbuciei, acariciando sua coxa.

— Está sim, meu céu — Pôs sua mão sobre minha e a levou até seus lábios, deixando um beijo com sua boca macia.

Comecei a dirigir pela via que nos levava à faculdade do Lee, este que deu o endereço, mas nem foi preciso ligar o GPS, afinal, descobri que era a minha antiga faculdade. A Universidade Nacional de Sandin.

— E aí, Playboy, sei que você não apresentou o seu projeto, mas ele já está todo elaborado, não é? Só precisa que o seu pai te dê outra oportunidade.

Iniciou aquele tópico sensível, e já vi a careta do Danton por reprovar as atitudes do meu progenitor. Eu nem sabia se o poderoso John me daria outra oportunidade, depois de ter arruinado tudo. Teria que esperar sua raiva passar um pouco para voltar a insistir. De qualquer forma, não fazia mal falar sobre aquele assunto.

— Elaborado e pronto também. Danton e eu adaptamos e testamos nas caixas metálicas e cofres da empresa.

— Caixas e cofres? Como eles funcionam? — Minsuk indagou.

— As caixas e os cofres fazem reconhecimento da mão da pessoa cadastrada no sistema, para que apenas quem tiver cadastro de digitais, ou da mão inteira, tenha acesso. De início, o meu dispositivo iria atuar só na fase de testes, mas eu o modifiquei pra que ele atenda o cliente também, como um sistema de comandos, expandindo a utilidade dele, como o poderoso John pediu.

Ouvi a risada do meu amigo, já sabendo como era o meu pai, mas ao olhar pelo retrovisor, percebi o momento em que Minsuk arqueou as sobrancelhas. Após alguns instantes, ele comentou:

— Desculpe, Julian, sei que não trabalho na sua área, mas vejo que a High Security é uma empresa tão grande, mas possui uma falha. Ela não trabalha com acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência. Isso sim seria expandir a utilidade de um equipamento.

Yuri sorriu, parecendo satisfeito com o posicionamento de Minsuk.

Meu primeiro pensamento foi: "Mas o que isso tem a ver?", porém, antes de debater qualquer coisa, deixei que ele continuasse. Esse era um dos princípios de um bom líder, ouvir primeiro as ideias e críticas, para depois ver se eram infundadas ou não.

— E se o cliente de vocês for uma pessoa com deficiência física e não tiver as mãos, por exemplo?

Ele tinha um ponto, mas eu tinha outro.

— Isso se aplica aos equipamentos como eles são hoje, mas futuramente a minha chave vai poder comandar todos de uma forma padronizada. Ela indica cada processo de ação, mostrando uma luz vermelha, se não decodificar, e uma azul enquanto decodifica. Ainda emite um aviso sonoro quando reconhece o sistema da porta, cofre ou caixa.

— Tá, mas o aviso sonoro é apenas no fim? No decorrer da operação a pessoa depende do visual? E se o seu cliente for cego, ou tiver dificuldade de enxergar e reconhecer todas as cores? Como vai distinguir as cores que a sua chave mostra? — Lee Minsuk continuou.

Eu estava começando a entender porque o Felis Catus tinha se admirado daquele cara. Ele sempre gostou de pessoas instigantes, e Minsuk era questionador.

— Bom ponto, mas a verdade é que desde o primeiro equipamento que meu pai criou naquela empresa, as coisas são assim. Porque ele trabalha com o que dá dinheiro. — Eu não estava criticando-o, apenas explicando como o mundo dos negócios funcionava.

— Como ele sabe se só o método dele dá dinheiro, se nunca tentou de outra forma? Só pode fazer comparações quem tem com o que comparar. — Felis Catus saiu em defesa do namorado, e Danton permanecia em silêncio ao meu lado, apenas ouvindo.

Meu namorado me defendia em vários momentos, contudo, não deixava sua paixão por mim interferir na sua visão sobre as coisas. Não que eu precisasse de defesa, era apenas uma observação sobre mais um detalhe seu que eu achava lindo.

— Julian, o que você quer? — Lee perguntou e eu o olhei pelo retrovisor, mas franzi o cenho confuso. Então ele reformulou a pergunta. — Qual o seu objetivo profissional, o que você almeja?

Eu tinha meus objetivos profissionais traçados desde muito cedo em minha vida. Junto com eles havia o desejo de ser reconhecido por meu pai, todavia, eu desejava algo muito maior do que isso, então não demorei a explicar.

— Eu quero usar a minha criatividade pra fazer os melhores projetos que o mercado da tecnologia já viu.

— E do que você precisa pra conseguir isso? — Ele continuou a pequena entrevista.

— De uma empresa que me forneça esses recursos e suporte para criar meus próprios equipamentos.

— E você tem isso?

— Em partes… — respondi, não tão certo.

— Talvez seja por isso que até hoje, apenas "em partes" — fez aspas com os dedos —, você conseguiu.

— Como assim?

— Julian, você se acostumou com o que é oferecido a você. Geralmente, pessoas odeiam mudanças. Nós ficamos almejando coisas, mas na hora da pressão, preferimos ficar na nossa zona de conforto, com os problemas que já somos acostumados a enfrentar.

Apertei o volante com força, desconfortável. Aquela universidade tinha se arrastado para o Pólo Norte? Por que ainda não chegamos? Só porque eu queria sair daquela conversa. Não foi porque provavelmente Minsuk pegou meu histórico com o meu melhor amigo, que isso fazia dele um especialista na vida alheia.

— Zona de conforto, eu? Não me leve a mal, Minsuk, eu sei que você tem suas próprias dificuldades, mas o que você pode falar sobre enfrentar grandes problemas? De qual zona de

conforto você já teve que sair?

Eu estava me chateando e acabei fazendo com ele, o que tantas vezes fizeram comigo: julgar alguém pela aparência.

Minsuk tinha um corpo alto, magro e perfeito, mesmo para Álamo, um país miscigenado que tinha diversos padrões. Seu cabelo era hidratado, estudava na melhor universidade de Sandin, usava roupas, relógios e sapatos caros. Qualquer um que o visse diria que sua vida era perfeita.

Mas a vida de ninguém é perfeita.

— Eu não enxergo as cores que você conhece e que são tão naturais pra você, Julian. Eu nem mesmo enxergo um palmo à minha frente se não for com a ajuda das lentes que uso, e elas ainda irritam meus olhos às vezes. Por isso, quando não estou de lentes, uso óculos escuros, porque a luz do sol é minha inimiga.

— Foi mal, eu não quis…

— Está tudo bem. Eu até prefiro pessoas que me julgam como privilegiado, do que as que sentem pena.

Ele fez uma pausa, como se ponderasse o que deveria falar a seguir.

— Não estou querendo diminuir o que você já fez até aqui. Estou tomando a liberdade de me meter porque o Gatinho vive falando sobre você, e eu me identifico muito, porque também criei uma mentira para mim, por um tempo. Uma autora de quem eu gosto muito, e também é acromata, disse que temos que aceitar que existem algumas coisas que nunca poderemos fazer — ele riu, parecendo bem humorado dessa vez. — Mas o meu sonho é ser um confeiteiro renomado, fazer doces gostosos e coloridos. Por um bom tempo acreditei que tinha tudo o que precisava quando deixava meus pais tomarem decisões por mim. Era mais cômodo.

Era perturbador como sua fala complementava os conselhos que Danton já me deu, e que meu melhor amigo já me deu também.

— A mentira que você conta pra si mesmo é a de que você depende do que o seu pai acha para conseguir seus objetivos. — Ele continuou a falar.

— Mas eu nunca fui acomodado, nunca me beneficiei de ser filho dele pra conseguir espaço na empresa. Sempre fiz meus projetos por mim mesmo, sem intervenção nenhuma dele no processo de criação, ou depois — rebati, dessa vez me sentindo meio injustiçado.

Danton ainda permanecia em silêncio, meu melhor amigo também.

— E eu acredito em você, mas… se você nunca dependeu dele, por que seus projetos ainda não fazem parte da empresa?

— Porque a High Security é dele, é ele quem decide. — Assim que falei, Minsuk sorriu como se eu tivesse chegado exatamente onde ele queria.

— Você mesmo disse que é ele quem te impede. Por que não tentar de uma forma onde seu pai não possa te impedir?

— Abrindo sua própria empresa, por exemplo… — O Felis Catus sugeriu.

Danton riu. Riu não, gargalhou. Aquele sonso. E eu sabia exatamente o motivo. Foi a

mesma sugestão que ele me deu outrora.

— Se juntaram os três em um complô contra mim, não foi? Agora eu tenho certeza.

— Não, meu céu, apenas nos importamos com você. — Ele alisou minha coxa, onde também deu um apertão gostoso, então eu amansei um pouco.

— Ok, eu posso até pensar nisso futuramente. — Nem sei se falei mais para não me sentir tão coagido, ou se cogitaria mesmo em pensar sobre o assunto depois. — Mas antes quero mostrar que posso sim apresentar o projeto que tanto trabalhei pra concluir, o que mais me deu trabalho até hoje, porque foi feito para testar equipamentos que não falham, ou não falhavam.

Aquilo era realmente importante, eu queria mostrar para mim mesmo que eu era capaz. Desde criança sempre fui duramente criticado pelo meu pai. Meu foco desde muito novo foi sobreviver a tantas palavras negativas e, mesmo murcho, tentar continuar.

Minha psicóloga já me explicou uma vez que uma criança que não recebe o direito de fazer besteiras tão comuns nessa fase, cresce com as palavras negativas guardadas no subconsciente. E, quando vira um adulto, toda vez que vai tentar fazer algo novo, desde criar algo, iniciar um projeto, trabalho, até entrar em um relacionamento, onde é preciso se expor, ter autoconfiança, essas críticas vêm à mente.

"Você não dá conta."

"Isso que você fez não é bom o suficiente."

"Você não é bom o suficiente."

"Se continuar assim, ninguém vai gostar de você."

De tanto o meu pai repetir que eu não era bom o bastante, acabei acreditando. Só quem é inseguro entende de verdade o que isso significa, somado a doses de ansiedade. O que eu fazia para sobreviver era me apegar às poucas pessoas que eu sentia que acreditavam em mim de verdade, que dirigiam palavras de apoio a mim. A primeira de todas elas foi Jae, a segunda Yuri e a terceira Danton.

— Agora é torcer para o seu pai te dar outra chance… — O Felis Catus apontou, respeitando meu objetivo inicial.

— O senhor Osborn deve ser muito resistente a novas ideias. — Lee comentou.

O poderoso John era mesmo, e eu não queria ter a mente fechada daquela forma. Admirava a sua genialidade, entretanto, sua forma de enxergar o mundo não era como eu enxergava. Assim sendo, cheguei a uma conclusão que estava em meu subconsciente há algum tempo, principalmente depois que conheci Danton, mas que eu nunca tinha trazido à tona. Eu não queria mais ser como o meu pai. E minha resposta deixou isso claro.

— Ele é, mas eu não sou igual ao meu pai… — Danton, que até então estava quieto, olhou para mim e seus lábios desenharam um lindo sorriso, que foi se abrindo aos poucos, ao me ouvir falar aquela frase.

Porque, desde que me conheceu, esse homem que agora era meu namorado, sempre lutou para que eu enxergasse que não deveria desejar ser igual ao John Osborn.

— Talvez esteja aí, a diferença que você disse que eu poderia fazer, Danton.

— No que você está pensando? — perguntou-me e, os outros lá atrás, ficaram em silêncio para ouvir.

— Transformar meu protótipo em um aparelho acessível para pessoas com diversos tipos de deficiência. O primeiro equipamento de segurança inclusivo da High Security.

— Essa é uma boa ideia, meu céu. É uma pena que a empresa ainda não tenha compradores desse público.

— Não compramos esses produtos porque não são feitos para nós. — Suk ergueu as palmas no ar, e eu batuquei o volante, pensativo.

— Pode dar certo, mas preciso de apoio, e clientes. Se eu procurar a parceria certa, os acionistas da empresa vão investir.

— Julian, eu conheço várias ONGS que prestam serviço a pessoas com deficiência, abrigos institucionais acolhedores de crianças e adolescentes, com ou sem deficiência, e meu pai trabalha com a divulgação de micro empresas que vendem produtos pra pessoas com deficiência. — Lee falou levemente empolgado. — Essas empresas vendem e revendem todo tipo de produto inclusivo.

Passei por uma rotatória, que me indicava que já estávamos perto da faculdade. Continuei pensando, até que tive uma ideia.

— Minsuk, e se eu fizer uma parceria com essas instituições? Tipo um projeto onde a cada produto de segurança que o cliente compra, uma parte é destinada a essas ONGS. Isso já é uma forma de divulgação.

— E os parceiros da HS vão querer investir, porque sempre que se coloca uma causa social no meio de algo, as pessoas são levadas a ajudar. — Danton observou.

— Eu posso pedir ao meu pai pra entrar em contato com as empresas inclusivas que ele conhece, pra descobrirem, apoiarem, e revenderem o seu produto. E aí, você já vai ter um público inicial. — Minsul sugeriu.

— Você tem consciência de que vai ser mais trabalhoso ainda? — Danton pousou sua mão em meu ombro. — Desde modificar mais uma vez o seu protótipo, até correr atrás dessas empresas, dos acionistas, das ONGS, e ainda convencer seu pai a te dar uma chance pra algo diferente.

Eu já conhecia meu namorado o suficiente para saber que sua fala não foi para me desmotivar, pelo contrário, era um teste para ver que postura eu teria diante da dificuldade. Sem medo algum, dessa vez, respondi:

— Eu consigo.

— E eu acredito em você, meu céu.

Eu me derreti com o seu apoio. Pela primeira vez, eu realmente estava confiante, sem que alguém tivesse que me espremer muito para extrair aquele sentimento de mim.

— Se eu conseguir criar um equipamento do zero, posso muito bem transformá-lo na perfeição.

Agradeci ao Minsuk por ter feito aquela crítica. Ela abriu minha mente.

Lembrei que quando fiz o meu primeiro projeto, ainda na adolescência, Jae disse que eu poderia melhorá-lo, que eu nunca fosse acomodado. Era engraçado como mesmo nossa relação estando um fiasco, eu continuava lembrando das suas falas e ensinamentos que se estenderam até a minha vida adulta. No entanto, eu não queria ficar pensando em Jae.

Ao chegarmos na universidade, percebi que o prédio estava como eu me lembrava, com vidraças azuis, árvores nos arredores e alunos transitando pelo local. Entre eles encontrei um que não demorei a reconhecer. Wallace Jiaer.

Eu poderia dizer que parecia que o estagiário estava me seguindo, mas lembrei que no dia da entrevista em meu apartamento, ele informou que estudava nessa universidade.

Olhei para Danton, que franziu o cenho, assim como eu. Juntos, encaramos o rapaz que falava com outro aluno quando nos viu. Acenou com o braço todo esticado e veio até nós.

— Já reparou em como a forma como ele se veste, não combina em nada com a aparência dele? — Danton cochichou para mim. Minsuk e o Felis Catus ficaram ao nosso lado quando paramos na entrada da universidade. — Ele é todo musculoso…

— Está reparando nos músculos dele, Ferinha? — Estreitei os olhos para meu namorado.

— Ah, não seja ciumento, meu céu. — Começou a rir e deu um beijinho em meu ombro, sem parecer se importar por Jiaer já estar nos olhando.

Jae já tinha descoberto sobre nós, logo eu conversaria formalmente com meu pai também, assim que o visse, não tínhamos mais nada a esconder. Se ele buscava se beneficiar de alguma forma com alguém, por saber informações da minha vida, estaria perdendo tempo.

— Senhor Julian Osborn Roux, e Danton. Não esperava ver vocês aqui. — Ajeitou os óculos grandes e redondos no rosto, e passou a mão naquele cabelo mais duro do que a cara de pau dele. Em seguida, o casal ao meu lado. — Oi.

Wallace usava um macacão jeans meio despojado, sem deixar aquele seu jeito nerd.

— Oi, Jiaer, esses aqui são Yuri Lambert e Lee Minsuk. Viemos pra feira gastronômica, o Minsuk também estuda aqui.

Yuri sorriu para Jiaer, já Minsuk semicerrou os olhos, analisando-o.

— Você também estuda aqui? Nunca te vi… — comentou, mas o estagiário não se abalou, apenas ajeitou as alças do próprio macacão jeans, despretensioso.

— Existem muitos cursos e muitos alunos, é normal você nunca ter me visto. Eu também nunca te vi.

— Faz sentido. — O Catus respondeu e Jiaer olhou para ele.

— Você não é o proprietário daquela livraria colorida perto da High Security?

— Sim, a Imagine — respondeu Yuri.

Jiaer olhou do meu amigo para mim, depois de mim para o meu amigo novamente, até que pareceu ligar alguns pontos.

— Senhor Julian Osborn Roux, esse é aquele amigo que o senhor disse que adorava livros e abriu a própria livraria? — Levou as mãos para trás do seu próprio corpo, esperando uma

resposta.

— Sim. Você tem a memória boa, né? — Eu estava bem desconfiado, parecia que ele apenas queria confirmar algo que já sabia. Mas a troco de quê?

O Catus sorriu para mim, parecendo feliz por eu ter falado dele para alguém.

— Se quiser pode visitar lá depois, posso te indicar uns livros, dentro do que você gosta de ler. Você vai gostar. — Felis Catus sorriu convidativo e meu cérebro praticamente antecipou o que Jiaer diria.

— Yuri Lambert, por acaso você está… me cantando?

— É melhor entrarmos! — Danton bateu uma palma, chamando a atenção de todos. — Não queremos perder o evento todo, não é mesmo?!

Minsuk e o Catus apenas fizeram uma careta sem entender o jeito tosco de Jiaer.

— Tchauzinho, Jiaer, nos vemos por aí. — Virei, já segurando no braço do Danton para que ele me seguisse junto com os outros dois.

— Eu vou com vocês!

— Carrapato…

— O que o senhor disse, senhor Julian Osborn Roux?

— Que tem uma pedra no meu sapato.

Entramos no espaço aberto da entrada da faculdade, já podendo avistar diversas tendas, cada uma com uma especialidade gastronômica. Algumas até mesmo de países diferentes. Itália, Japão, Brasil, Argentina, México, Índia, Marrocos, Tailândia, Costa Rica… inúmeros. Pude identificar porque os toldos eram estampados com as bandeiras referentes às nacionalidades.

— Daqui a pouco preciso trabalhar na minha barraca, mas vou visitar a primeira com vocês. Que tal a tenda brasileira? — Minsuk sugeriu.

— Vou adorar — assegurei. — Tenho uma funcionária brasileira, a Tereza. Ela cozinha algumas coisas de lá às vezes.

— Tudo bem, Brasil, então. — Yuri falou e andou na frente com Minsuk. Segui eles junto com Danton e o estagiário carrapato.

— Senhor Julian Osborn Roux, onde o senhor conheceu sua funcionária brasileira? No Brasil?

— Não, Wallace, ela já morava aqui há algum tempo, quando a conheci. — O rapaz andava quase se esfregando em mim e em Danton.

Fiquei me perguntando o que ele estaria fazendo, ou com quem estaria se não tivesse nos visto, porque parecia que não havia nada melhor para fazer do que ficar no nosso pé.

— Jiaer, quando eu disse que você deveria andar grudado comigo, era só na empresa, não em todo lugar. — Sacudi o meu braço.

— Desculpe, senhor Julian Osborn Roux.

— Vem, pode ficar do meu lado, Jiaer. — Danton sorriu todo sonso quando paramos em

frente à barraca brasileira.

Eu o olhei boquiaberto com o seu flerte descarado com o estagiário. Ele, com toda a naturalidade, apenas piscou um olho para mim, e sussurrou para eu ouvir:

— Mantenha os amigos perto, e os inimigos mais perto ainda.

Revirei os olhos e observei o garoto da altura dele, e de cabelo duro, sorrindo satisfeito por estar ao seu lado. Por sorte, outra pessoa chamou minha atenção.

Era uma mulher atrás da barraca, alta, de pele negra, cabelo volumoso e loiro, esbanjando um lindo sorriso, cheio de dentes brancos e simpatia. No crachá em sua roupa estava escrito "Mentora".

— Boa noite! Que tal experimentarem nossos petiscos? — Ela gesticulou para a mesinha e duas meninas ao seu lado mostraram alguns petiscos do Brasil, que eu não conhecia. — Temos coxinha, brigadeiro, cuscuz… algo em específico chamou a atenção de vocês?

— O que você quer, Danton? — O carrapato de macacão perguntou.

— Jiaer! — Chamei sua atenção para deixar de ser metido. Em seguida virei para Danton. — O que você quer, Danton?

— Minha nossa, vocês parecem crianças. — A Ferinha penteou o cabelo com os dedos, antes de se dirigir à professora. — Queremos as coxinhas.

Foi-nos entregue os salgadinhos, comemos e adoramos. Tinha frango desfiado dentro com um creme muito gostoso. Minsuk disse que o nome era "capituri", ou "capiroto". Algo do tipo, não entendi bem. Devia ser coisa de aluno de gastronomia.

os brasileiros gostam disso?

— Talvez eles comam só de vez em quando. — Danton deu de ombros.

— Esse a Tereza já fez pra mim.

— Senhor Julian Osborn Roux, preciso conhecer sua funcionária. — O carrapato já lambia os dedos sujos de brigadeiro. Se Rômulo estivesse conosco, daria uns tapas nele pela falta de higiene.

— Eu que não vou te apresentar ela, é capaz de a mulher te tratar bem e você perguntar se ela está te cantando. Emocionado.

— Eu vou pra banca do Sukinho com ele, fica no segundo corredor, quando quiserem, é só aparecer lá. — Yuri nos avisou, Minsuk também confirmou com a cabeça, e se retiraram.

— Muito obrigado pelos petiscos — agradeci à mentora.

— Vocês podem dar uma nota de avaliação pra nossa banca? É só marcar um dos número de um a dez, e jogar nessa urna. — Apontou para uma caixinha no canto da bancada.

— Claro. — Danton pegou os papéis e nos entregou.

— Que nota você vai dar? — Jiaer perguntou baixinho, muito perto do Danton.



Nota mental:

Me livrar desse carrapato antes que

eu gaste meu réu primário, puxando

esse cabelo duro até desgrudar do crânio.

— Wallace, por que você não está com seus amigos da faculdade? — indaguei, sem conseguir esconder minha reprovação por ele estar conosco.

— Eu não combinei nada com ninguém, vim sozinho.

— Ah, é, você não tem amigos. — Dei um dez de nota, quase furando a folha com a caneta, depois coloquei o papel na urna.

— Julian, tadinho. Não precisa ficar lembrando. — Danton pegou nos ombros do garoto e girou o corpo dele em direção às outras tendas que iríamos visitar. — Conta um pouco da sua vida pra gente, Jiaer. Amigos sabem da vida uns dos outros, certo?

Ah, pronto, encarnou o descarado do melhor amigo dele. Até o "certo?" usou. Eles se mereciam.

— Há quanto tempo você mora em Sandin? Com quem e onde?

— Eu vim pra cá muito cedo com a minha zumu… minha avózinha — explicou para que Danton entendesse.

— Legal, e quem são seus vizinhos? — As perguntas eram bem casuais, Jiaer não parecia incomodado em respondê-las.

— Eu não falo muito com os meus vizinhos, sou muito fechado, e eles escutam música em volume muito alto.

— Entendo. E que lugares você gosta de frequentar?

— Minha rotina é ir do trabalho pra faculdade. Quer dizer, agora, do estágio pra faculdade.

Enquanto sentamos à mesa para tomar suco, a conversa "casual" que Danton levava com Wallace, continuou.

— Parece que você não gosta muito de adornos, né? Eu adoro brincos, anéis, pulseiras e cordões, você não usa nenhum tipo? — Danton bebia seu suco no canudinho, como se

perguntasse apenas por perguntar. Eu sabia, no entanto, que a pulseira grampeada estava passando pela sua cabeça.

— Ah, não. Não uso nada.

— E nunca usou? — indaguei, para ver se ele teria a cara de pau de dizer "não". Já que tinha furos nas orelhas.

— Já usei, mas para quem ainda está querendo se inserir no ramo que eu quero, não é muito aconselhável. Para o senhor e o Danton, que já trabalham há mais tempo, não faz diferença. Mas para mim, sim.

Para o meu pai, nem quem trabalhava há um milênio podia usar adornos.

Visitamos mais algumas barracas, enquanto Jiaer explicava que gostava de uma pessoa, mas nunca namoraram. Minha intuição, dizia que a pessoa de quem ele gostava era conhecida por mim, mas o pensamento era ridículo, posto que eu não sabia nada sobre seu ciclo de amizades.

Em dado momento, o celular do estagiário tocou e, como se sua vida dependesse disso, ele se apressou em atender. Pediu licença e seguiu rumo ao primeiro corredor que achou perto de nós.

Instantaneamente, olhei para o Danton que me encarou de volta. Era um momento perfeito para ouvirmos uma conversa do estagiário e, quem sabe, descobrir algo de importante.

— Vamos? — chamei apenas.

— Isso parece errado.

— Tem uma pessoa que eu não sei quem é tentando me matar e talvez o Jiaer esteja me vigiando pra ela. Acho que isso me dá uma "licença" pra ouvir as conversas dele.

— Tá bem, vamos.

Andamos como duas crianças que aprontam até a parede do fim do corredor que nos permitia ouvir, ainda que com muito esforço, a conversa do rapaz.

— E você tem alguma novidade?

Ele colocou sua mão livre no bolso do macacão, ganhando uma postura atenta.

— Com quem será que ele está falando? — sussurrei, mas Danton continuava com o cenho franzido, concentrado.

— Estou na universidade… Imaginei… Você pode me esperar aí?

Seu tom era um pouco mais sério do que quando falava comigo. Com quem ele falava, se não tinha amigos? Poderia ser seu chefe do trabalho de auxiliar de coveiro, mas se eu era apenas seu orientador de estágio e o rapaz me chamava de "Senhor Julian Osborn", ele não trataria o próprio chefe por "você".

— Eu também estou… — Levou uma mão à nuca, olhando para os pés enquanto tentava conter um sorriso. *— Claro, sem problemas… então vou agora mesmo… outro pra você.*

Pareceu ter encerrado a chamada quando guardou o celular no bolso e ajeitou os óculos no rosto.

— Vamos voltar pra perto da mesinha. — Danton cochichou e, antes que Jiaer nos visse, saímos dali sorrateiramente.

Já perto da barraca onde estávamos anteriormente, Danton e eu começamos a conversar, fingindo naturalidade até o rapaz chegar.

— Sim, é um absurdo não ter Kinako mochi aqui…

— Senhor Julian Osborn Roux e Danton, preciso ir embora agora — disse o estagiário carrapato, ao se aproximar de nós.

Não é como se a sua presença fosse bem vinda para que ficássemos tristes com aquela notícia.

— Está tudo bem com a sua avó? — Danton perguntou.

— Está sim, ela só está um pouco gripada e precisa que eu volte.

E você trata a sua avó como "você"? Mentiroso.

— Entendo. Melhoras para ela, então. — Dei um sorriso mais falso do que o próprio Wallace.

— Obrigado, senhor Julian Osborn Roux… até amanhã. Obrigado pela companhia de vocês. — Acenou com a mão e girou seus tênis impecavelmente brancos, de garoto certinho, até que saísse da nossa vista.

Com as mãos na cintura, Danton passou a mão pelos fios loiros, suspirou audivelmente e me encarou.

— O quê? — indaguei.

— Você precisa urgentemente aprender a disfarçar suas reações. É bonitinho quando se trata de nós dois, mas qualquer erro que a gente cometa pode custar a sua vida, ou a nossa, sei lá…

Ao ouvi-lo falar aquilo, minha garganta fechou de tal maneira, que nem saliva passava. Danton estava certo de me lembrar que sua vida estava em risco também, simplesmente por estar comigo, mas isso fazia o peso em meus ombros ser tão maior.

— Desculpa… — Minha expressão murchou totalmente e ele percebeu.

— Não fica assim, meu céu, eu só estou preocupado com algum deslize que a gente possa cometer. — Segurou minha mão, antes de dar um beijo no dorso.

— Eu sei, você está certo. — Beijei sua mão também, sentindo a textura macia de sua pele, o que me passou algum conforto.

Resolvi engolir aquele pensamento, que ultimamente martelava minha cabeça, de que ter Danton comigo era um ato egoísta. Todavia o pensamento poderia retornar no futuro e fazer um estrago.

— Será que é muito arriscado se a gente seguir ele? — Colocou um dedo na frente dos lábios, inquisitivo.

— Só se a gente for seguir um ônibus, ele não tem carro.

— Pelo menos vamos saber onde ele vai. E aí, vamos?

Aquela era uma boa opção, no entanto, antes que eu respondesse, meu melhor amigo brotou e sorria animado.

— Vocês precisam visitar a tenda do Suk antes que fiquem parecendo uma cobra depois de engolir um boi.

— Eu não aguento mais nada… — Danton resmungou.

— Ah, não, ele está todo empolgado pra que vocês visitem lá, por favor. — Felis Catus insistiu.

— Claro que vamos, está decidido — confirmei, observando a Ferinha arquear as sobrancelhas quando olhou em minha direção.

— Você não responde por mim, hein, Julian Osborn.

— Não precisa fazer essa cena na frente do Felis Catus, meu amor, ele já sabe que eu mando nessa relação. — Revirei os olhos, com um riso mal contido, só para ver sua cara incrédula com a minha audácia.

— É claro… ele só falta usar uma coleira e dar a patinha. — Aquele amigo falso me desmoralizou sem dó.

— Ele não dá só a patinha… — disse, Danton, todo sonso.

Catapimbas!

Ao pararmos de frente para a barraca do Lee Minsuk, percebemos que algumas barracas vizinhas começavam a ser desmontadas. Estava chegando o fim do evento.

— Que bom que vieram, eu estava esperando vocês. Querem experimentar meus doces? — Ele apontou para pequenos bolinhos, do tamanho de um sushi, que chamaram minha atenção pelo fato de serem todos brancos.

— São todos brancos? — questionei, com certo medo de ele achar que eu estava julgando seus doces, mas o rapaz apenas riu.

— Sim, são todos brancos por fora, mas coloridos por dentro. O meu projeto gastronômico são os bolinhos dos sentimentos. — Minsuk explicou.

— E o que eles têm a ver com sentimentos? — Danton ao meu lado questionou no momento em que Lee nos entregou dois palitos médios, para espetar o doce que queríamos.

— Bem, eu aprendi desde criança que as cores representam sentimentos para as pessoas, então eu quis atribuir significados próprios às cores dos meus doces. Por isso criei esses bolinhos onde você mastiga e a língua fica de uma cor diferente. Cada cor representa um sentimento bom que eu quero que fique em vocês, seja referente a si mesmos ou ao outro.

— Tem os significados aqui. — Meu amigo completou, apontando para o pequeno cartaz onde estava escrito o significado que o "chef Suk" atribuiu a cada cor que estava por dentro dos seus doces. — Estão esperando o quê, peguem!

Após eu pegar um bolinho e Danton também, observamos os significados escritos por canetas coloridas.

Vermelho: Confiança

Laranja: Cuidado

Roxo: Amor

Verde: Resiliência

Azul: Fé

Amarelo: Admiração

Eram, de fato, significados próprios do confeiteiro. Porque pela "lógica", vermelho deveria significar paixão, não confiança. Honestamente, qualquer uma daquelas cores representava o que eu sentia por Danton, e o que eu sentia fazer parte do seu ser também.

Quando olhei para o meu lado direito, vi Danton começando a comer seu bolinho branco, fazendo suas bochechas estufarem. Nem parecia uma Ferinha que ameaçava o próprio namorado.

A barraquinha do Minsuk era a última do corredor, o que nos dava uma certa privacidade, algumas pessoas passavam por ali, no entanto, a grande maioria se concentrava na entrada da universidade, onde estavam as primeiras tendas.

Pus o meu bolinho na boca também. O sabor era muito bom, parecia uma mistura de baunilha com tutti-frutti. Abri a boca e passei meu dedo indicador na ponta da língua, então vi o corante da cor vermelha em meu dedo. A cor preferida do Danton.

Mais coincidência ainda foi olhar para o meu namorado e perceber, enquanto ele gargalhava com a minha ação, que sua língua estava azul. Minha cor preferida.

— Eu azul você, Juli. — Seus lábios esboçavam um sorriso singelo, enquanto caminhava para mais perto de mim. Eu sabia o que significava no cartaz, mesmo assim, ele falou. — Eu tenho fé em você.

Danton era uma das poucas pessoas que tinha fé em mim, mesmo quando eu não mostrava ser digno dela. Quando eu apenas parecia falhar em tudo. Aquela era a fé genuína, porque ela não se baseava em circunstâncias.

— Eu aprendi um pouco sobre as supergigantes. E a Rigel, a estrela azul, realmente parece você, além da cor.

Ao olhar de esguelha, vi meu melhor amigo indo para trás da barraca, para ficar ao lado de Minsuk e me deixar a sós com Danton.

— Ah, é? Por quê? — Achei bonito ele ter ido pesquisar sobre as maiores estrelas de Órion, apenas porque eu as citei uma vez.

— A Rigel pode ter uma atmosfera instável, mas nada pode tirar dela o posto de maior estrela da constelação inteira de Órion — ele riu divertido, fazendo sua própria comparação. — Independente de qualquer insegurança, você é o maior, meu céu. É a sua natureza.

— Você não existe — murmurei encantado. — Eu também azul você, Dan. Acredito que você é capaz de fazer, ou voltar a fazer o que quiser.

— Hoje eu também acredito, grande parte por influência sua. — Meu namorado levou uma mão até o meu rosto, onde acariciou minha bochecha com o polegar.

Fiquei olhando-o, admirado e grato por fazer parte da sua vida, da sua história, até que lembrei que ainda faltava a minha cor.

— Agora vamos à cor da minha língua.

O vermelho daquele bolinho significava confiança, e Danton era uma das poucas pessoas em que eu confiava. De início ela veio de forma instintiva, mas logo ele me mostrou com suas atitudes que aquela confiança tinha fundamento. E me trazia alívio ao peito ter alguém do meu lado que me passasse essa tranquilidade.

— Eu vermelho você, amor. — Danton mantinha a feição serena, todavia, ao me ouvir chamá-lo daquela forma, fechou os olhos. Aproveitei para fazer um breve carinho em seu queixo e sussurrar: — Eu confio em você, minha estrela Betelgeuse, luminosa, supergigante vermelha de Órion, que parece possuir um núcleo de ferro, de tanta força que tem.

Era verdade, em contrapartida, seus olhos sozinhos já tinham um poder massivo, estonteante e devorador. Os quasares mais intensos da minha galáxia.

— Eu quero tanto te beijar agora — confessou de frente para mim, quase encostando em meu peito. Apenas seu olhar me domava inteiro. — Se eu pudesse, avançava em você.

Por favor, Ferinha…

Completamente instigado por aquelas palavras, olhei para o lado, vendo que Minsuk e o Felis Catus estavam entretidos comendo doces. Era a oportunidade perfeita de sairmos sem fazermos desfeita com o estudante de gastronomia.

— Vocês se importam se a gente… sair um pouquinho? — pigarreei, falando com os dois, enquanto ouvia a risadinha do Danton.

— Sigam naquele corredor da direita, depois do bebedouro tem uma sala destrancada, eu que estou usando ela hoje pra guardar os cartazes e bandejas. Ninguém vai perturbar, mas não demorem muito.

— Obrigado. — Comecei a caminhar lado a lado com Danton, sem nos tocar.

Passamos pelo corredor indicado num silêncio cheio de tensão guardada, por ansiamos tanto ficar sozinhos.

Achei a tal sala logo depois do bebedouro e a porta estava entreaberta. Senti a mão de Danton pegar a minha e, sem que eu pudesse reagir, ele me puxou para dentro da sala iluminada apenas pela porta que deixamos entreaberta. Empurrou-me contra a parede e, como a Ferinha que era, colou nossas bocas com pressa, dando-me o prazer de sentir o calor da sua língua e da sua respiração se confundindo com a minha.

Segurei suas coxas e impulsionei seu corpo para que envolvesse meu quadril com as pernas. Assim que fez isso, separando nossas bocas, sentei ele no birô e me posicionei entre suas pernas.

— Você está ficando muito confiante — sorriu ladino, pondo seus antebraços em meus ombros.

— Por sua causa. — Arrastei meu nariz em sua bochecha, sentindo sua respiração em meu pescoço. — Você é um bom professor.

— Fico feliz por isso… — Sua mão deslizou por meu peito até espalmar na região do meu coração. Ainda sem me olhar, declarou: — Quero tanto te ver bem, se eu pudesse te pouparia de tanta coisa e te protegeria.

— O engraçado é que eu sinto como se você realmente fosse capaz disso.

Afirmei porque realmente era verdade. E nem era uma segurança física, mas emocional. No entanto, apesar de o meu namorado ter força para me ver desabar em meus momentos mais difíceis, ele não era inabalável. Demorou a transparecer, mas, desde que percebi isso, minha maior preocupação foi a de que ele não se achasse no dever de me fazer ficar bem.

Danton respirou fundo, ergueu o olhar até o meu e levou uma mão até a minha face, na altura do corte na maçã do rosto, onde fez um carinho. Até que se aproximou do machucado e o beijou, enquanto eu alisava suas coxas.

Pude sentir todo o seu carinho sendo entregue naquele toque, suspirei cheio de sentimentos transbordando em mim por aquele homem que sempre que me tocava, fazia eu me sentir a pedra mais preciosa do mundo, sendo que era ele a minha.

O momento foi quebrado quando ouvimos o ranger da porta sendo mais aberta e, antes que eu me assustasse de fato, percebi que era o Felis Catus e o funcionário-namorado-estiloso dele com uma caixa nos braços.

— Foi mal pombinhos, mas tá na hora de ir. — Yuri nos chamou.

— Vou deixar essa caixa aqui e, se vocês quiserem mais uns minutinhos, podem ficar, contanto que tranquem a porta ao sair e me entreguem a chave. — Minsuk entrou e colocou a caixa perto de umas cadeiras empilhadas. — Eu e o Gatinho vamos esperar lá fora.

— Obrigado, Minsuk. — Danton falou com uma piscadela. — Os doces estavam divinos, parabéns.

— É, parabéns, Minsuk, e obrigado por nos chamar.

— Falando nisso, qual as cores que vocês pegaram? — Lee perguntou.

Como duas crianças animadas, mostramos as línguas ao mesmo tempo, esquecendo por um momento que Lee não podia distinguir as cores. Ele, parecendo não se importar com nosso vacilo, apenas olhou para seu *chefe-namorado*, com uma pergunta muda para que ele o dissesse quais cores eram.

— Roxo, as duas.

— O quê? Não, a minha cor era azul, e a do Julian vermelha.

— Acho que quando a gente se beijou misturou a cor dos corantes.

— E vocês lembram o significado da cor roxa? — Minsuk indagou.

Amor.

Danton que, até então, tinha sua atenção nos outros, virou o rosto para me encarar, porém, logo abaixou a cabeça com um sorrisinho tímido, muito raro de se ver, mostrando-me que não foi apenas eu que lembrei do significado. Eu também estava um pouco embaraçado, ainda mais por estarmos na presença de outras pessoas, por isso me mantive em silêncio.

— Bem… vamos agora. — O acromata avisou, antes de vir até mim e entregar a chave da porta. — Vamos esperar no estacionamento, até daqui a pouco.

Assim que saíram, afastei-me do Danton apenas para trancar a porta, para não sermos interrompidos, e acender uma das luzes da sala. Assim, voltei a ficar de frente para ele, que ainda estava sobre o birô.

— Nossas cores viraram uma só — comentei na tentativa de esconder o nervosismo que surgiu em mim.

Danton me encarou, com a intensidade daqueles quasares vibrantes, por longos segundos. Meu corpo arrepiou e quase não consegui manter a conexão visual, parecia que meu namorado queria me desvendar.

Deslizei minhas palmas trêmulas por suas pernas, por causa da atmosfera recém estabelecida entre nós. Até que ele falou com certa ansiedade na voz.

— Eu roxo você, meu céu.

Danton estava dizendo que me amava?

Parecia que o ar tinha fugido dos meus pulmões e Danton nem tinha falado explicitamente. Eu só sabia olhá-lo abobalhado. Ele sorriu, talvez não esperando resposta, mas aquele sentimento também estava dentro de mim, eu precisava externar, ou enlouqueceria.

— Eu também roxo você. Eu amo você, Danton.

O alívio em meu peito foi imediato por ter conseguido falar. Meu namorado sorriu, com fascinação despontando em seu rosto bonito e o meu coração parecia que ia se desmanchar de amor. Então, sem que eu esperasse mais nada vindo dele, Danton, deixou claro mais uma vez o que sentia, agora de forma mais explícita.

— Eu te amo, meu céu.

Finalmente seus lábios desenharam aquelas palavras que juntas deram um significado tão grande ao meu coração e entendimento. E disse mais.

— Eu vou crer em você, confiar em você e amar você por quanto tempo eu respirar.

— Acho que tenho uma nova cor preferida — afirmei em meio a um sorriso tímido.

Não consegui pensar em mais nada, rompi a barreira entre meus lábios e os seus novamente, para um beijo cheio de amor, com a certeza de que eu era amado também. É claro que eu era, tudo em Danton mostrava o quanto ele me amava, minha insegurança que não me deixou enxergar antes. Tudo que aquele homem fazia, transbordava carinho, cuidado, entrega. Não tinha como não ser amor.

No entanto, diferente de todos os outros beijos em que meu namorado sempre demonstrou atitude, e certa agressividade que eu amava, nesse momento, limitei seus movimentos quando pus minhas mãos sobre as suas, em seu colo. Massageei seus lábios com os meus, sua língua com a minha, devagar, com calma e intensidade em pé de igualdade. Meu estômago se tornou pequeno para tantas borboletas fazerem morada nele. Eu queria entregar todo o meu amor e devoção naquele beijo.

Corri minhas palmas por seus braços, até chegar em sua face, onde apreciei a textura

macia da pele. O contato dos nossos lábios e línguas era como deitar na grama fresca de um jardim e admirar o céu, enquanto se ouvia o bater das folhas nas árvores. Tranquilo e cheio de paz.

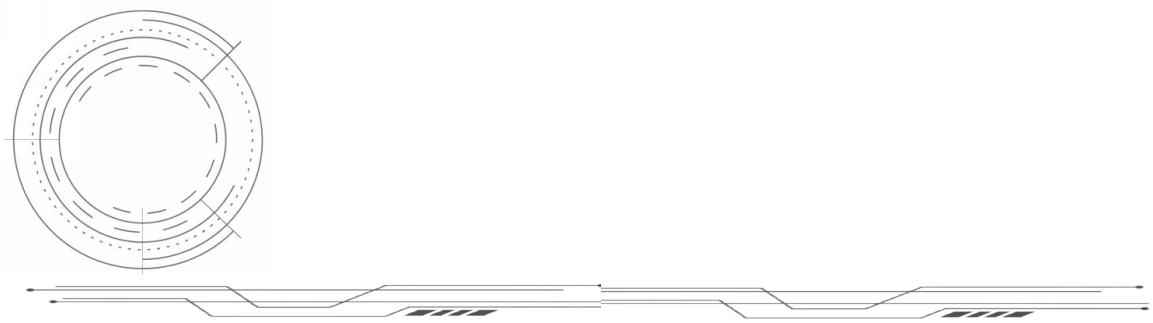
Eu sentia o calor que emanava do seu corpo, a vibração dos nossos toques que me tornava cativo, o sabor doce da sua boca, com resquícios do bolinho. E, sentia além de tudo, aquele imã que sempre me atraía para tudo o que fazia parte de Danton.

Quem diria que uma feira gastronômica que eu nem cogitava aparecer, fosse me dar o momento perfeito para confessar a Danton que eu o amava. Certamente, a cor roxa, a qual o Suk atribuiu seu próprio significado, ajudou aquela frase — que eu tive tanto receio de falar — a sair.

Finalizei nosso beijo com um selinho demorado, suspirando, enquanto corria minhas mãos para os fios do seu cabelo rente à nuca. Sentia meu coração disparando por ele, e admirava sua face que parecia se devotar a mim da mesma forma que eu era fascinado por ele. Então o ouvi falar, algo que eu nunca teria a prepotência de pensar.

— Lembra quando falamos do "melhor por vir"? Você disse que eu reconheceria quando o encontrasse. E eu reconheço, meu céu. Mesmo em meio a tanta loucura, eu sei que é você, o melhor que poderia me acontecer

CAPÍTULO 12



88

Pela primeira vez nos últimos dias, eu acordei muito bem. Ter voltado a falar com o meu amigo e ter o namorado mais incrível do mundo ao meu lado era revigorante. Além de que eu tinha novos planos para melhorar ainda mais o meu projeto, o que me fez desfocar um pouco de todo aquele drama de crime não solucionado que eu estava vivendo.

Como combinei com Danton, terça-feira era o dia de perguntar a Jiaer se a pulseira que estava em minha estante era dele. E para que a bendita não sumisse, como tudo que poderia ser prova de algo sumia dentro daquela empresa, tranquei minha sala e pedi aos Tico e Teco que não relaxassem na vigilância para que ninguém desativasse as câmeras, nem os sensores de calor, como havia acontecido com os documentos que dei à Monalisa.

A escuta que Vince achou debaixo da minha mesa não tinha gravado muitas conversas relevantes, o que me deixou mais aliviado.

Também perguntei a Danton se Jae usava medicamentos de uso contínuo, mas ele disse que nunca viu. O que era uma informação curiosa, afinal, os dois tiveram um relacionamento por mais de um ano. Se Jae realmente tomava, fazia de forma escondida até mesmo do, até então, noivo.

Quando eu estava na minha sala, o estagiário entrou com aquela postura encolhida de cachorro medroso, usando um suéter marrom que deveria ser da sua avó. O cabelo continuava lambido, mas com o agravante de estar repartido ao meio.

— Bom dia, senhor Julian Osborn Roux! — O garoto me cumprimentou e eu mantinha a atenção em meu computador, fingindo desinteresse em sua chegada.

— Bom dia…

— O senhor tem alguma atividade pra mim? Eu gostaria de começar a elaborar minha apresentação de fim de estágio, se o senhor permitir. — Aproximou-se e sentou na cadeira à minha frente.

— Pode fazer o que quiser, hoje, em especial, preciso desatolar o trabalho e começar um projeto novo que tenho em vista.

— Oh, tudo bem. — Ele levantou e seguiu em direção à estante para pegar seus cadernos de estágio.

— Essa pulseira na estante é sua? — Dessa vez fiz questão de olhá-lo, a fim de notar qualquer embaraço, mas ele se mantinha tranquilo ao observar o objeto.

— Não, senhor Julian Osborn Roux. Eu não uso pulseiras. Achei que fosse sua porque parece ser bem cara.

— Não, não é minha. E se não é minha, nem sua, ela vai para o lixo.

Jiaer poderia ter três reações prováveis. A primeira era se apavorar e deixar isso nítido, por perder um objeto caro que provavelmente não foi ele quem comprou. Isso o faria se encrencar com quem ele estivesse trabalhando. A segunda era tentar me convencer a não jogar a pulseira, por meio de perguntas como "o senhor não vai tentar achar o dono?". E a terceira era fingir completo desinteresse com o rumo do acessório, para que eu não desconfiasse dele.

Qualquer uma das reações seria suspeita, mas dependendo de qual seria, eu poderia analisar sua forma de falar, bem como se comportar, e tentar enxergar algo por trás.

— É uma pulseira masculina, não é? Já perguntou se é do Danton, ou algum dos amigos do senhor? — indagou enquanto abria seu caderno.

— Sim, não é de nenhum deles, então vai para o lixo — ele assentiu e começou a fazer suas atividades, enquanto eu joguei a pulseira no cesto vazio.

Minha intenção era pegar a pulseira, quando o carrapato não estivesse na sala, e entregá-la ao Marco.

Jiaer não parecia ser mau, parecia ser só um cara atolado até a cabeça de coisa errada. Deixei-o fazendo as atividades da faculdade, enquanto eu trabalhava em formas de melhorar o sistema da minha chave, para que ela se adequasse à proposta que o Suk me fez. Inserir efeito sonoro foi fácil, pois eu já tinha feito algo assim na inteligência artificial do meu carro; Rari.

Consegui achar espaços no equipamento onde eu poderia inserir peças finas nas laterais dele, para se ejetarem para fora como se fossem pernas. Então, meu protótipo contaria com comandos de voz, avisos visuais, sonoros e de tato.

Quando o Wallace foi para o almoço, peguei de volta a pulseira. Em seguida, fui encontrar com Minsuk para elaborarmos uma estratégia de abordagem com as ONGS e empresas que ele e seu pai conheciam. Depois de resolvermos nosso assunto principal, ficamos conversando um pouco mais.

— Sabe qual a primeira coisa que eu fiz quando descobri que tinha acromatopsia? — neguei com a cabeça e ele explicou: — Procurei pessoas iguais a mim. Ter recebido um diagnóstico não fez eu me sentir menor do que os outros. Pelo contrário, isso me empoderou, porque eu passei a fazer parte de uma comunidade de pessoas que têm os mesmos desafios que eu.

— Deve ser bem legal.

— Você também pode se sentir assim. — Cruzou os dedos longos em cima da mesa.

— Eu não tenho deficiência. — Dei de ombros sem entender onde ele queria chegar.

— Mas pertence a um grupo. Você me disse que é gay e demissexual, não é? — Arregalei os olhos, finalmente entendendo o que ele estava querendo dizer. — Se todos que não fazem parte dos héteros negassem sua orientação, não teríamos força, representatividade. Não teríamos alcançado um direito sequer, porque não seríamos vistos, seria como se não existíssemos.

— Isso é verdade, mas é estranho ainda, sentir que eu faço parte de uma comunidade quando esse grupo não se reúne pra fazer festa do pijama.

— Você que pensa. Já percebeu que você atrai a amizade de pessoas que são como você? É só lembrar dos seus amigos da empresa. — Ele verificou as horas no seu relógio caro. — Inclusive, quero conhecê-los qualquer dia desses.

— Sim, não tem um ali que não seja "do vale"..

Era isso o que Lee queria me dizer, que além de eu não ter mais vergonha de assumir minha orientação sexual, eu deveria me orgulhar de ser quem eu era. Afinal, era um direito meu pertencer a um grupo. Com aquela reflexão, me despedi de Minsuk e estava pronto para voltar à empresa.

Caminhando pela rua do *Amor Cafeinado*, um caminho um tanto estreito e vazio, tive a sensação de que alguém caminhava atrás de mim, no entanto, eu não ousei olhar para trás. Poderia ser apenas minha mente criando aquele cenário, já que eu andava constantemente com medo. Como não dava para contar com a sorte de ser apenas coisa da minha cabeça, apressei os passos.

Tentei respirar com calma para não alarmar meu consciente, dizendo a mim mesmo que estava tudo bem, era apenas o medo que adquiri depois de tantos acontecimentos.

Todavia, assim que dobrei a esquina da empresa, tive a certeza de que estava sendo seguido. Os passos me acompanhavam com mais afinco. Meu coração acelerou e minhas pernas pareciam gelatinas de tão instáveis. Apertei uma mão na outra em busca de algum conforto, que não vinha. Minha respiração já fazia meu peito doer por causa do pavor. Estanquei em meu lugar, e deixei de ouvir os movimentos alheios. Olhei para trás por cima do ombro e não vi ninguém. Um arrepio fez minha coluna arrepiar inteira e meu corpo gelar.

E se fosse o Kris?

Eu não podia deixar o medo me dominar, precisava sair daquela rua iluminada pelo dia, porém estreita e deserta, para que eu pudesse encontrar um lugar seguro. Decidi seguir como se estivesse despreocupado, mesmo me borrando de medo e, quando a pessoa provavelmente achou que eu não estava atento à sua movimentação, virei abruptamente e tive uma surpresa.

Era Kang Jae.

Com olhos arregalados, tentei processar aquela situação. Jae estava me seguindo, ou eu criei toda aquela cena na minha cabeça? Ele usava um terno cinza e óculos escuros, o que não me dava a menor pista de como me olhava.

— Podemos conversar? — pediu, cruzando as mãos atrás do corpo, alguns fios lisos se desalinhando com o vento.

— Da última vez que me pediu isso, nossa conversa não foi muito amigável. — Alisei

meu antebraço, tentando me acalmar, visto que meu nível de estresse estava alto.

— Não quero discutir, só entender algumas coisas, pra ver se eu consigo digerir.

— Ok… — murmurei apenas, Jae gesticulou com a mão para que andássemos o caminho juntos até a empresa.

O trajeto até o prédio foi silencioso, frio e desconfortável, assim como quando pegamos o elevador da recepção principal. Eu daria tudo para evitar que aquele encontro não acontecesse, justo quando consegui um pouco de paz.

— Na minha sala ou na sua? — perguntou.

Obviamente, eu escolheria a minha sala, por ser um território conhecido onde eu me sentiria menos intimidado. Todavia, eu tinha outros planos. Decidi investigar por mim mesmo se Jae tomava algum medicamento e, ainda que não fosse uma informação tão relevante, o fato de existir algo sobre meu tio de criação que eu não sabia, incomodava.

— Entre… — Jae fez um gesto com a mão para o interior da sala, assim que a porta foi aberta.

Adentrei o espaço mais sofisticado do que a minha sala e o esperei entrar também, ansioso para que ele falasse logo o que queria e me liberasse. Assim que ouvi seus passos atrás de mim, entrei em alerta. Jae passou por mim, deu a volta em sua mesa e, quando sentou, gesticulou na direção da cadeira à sua frente.

— Prefiro ficar de pé, obrigado. — Coloquei as mãos nos bolsos, tentando não evidenciar meu nervosismo.

— Como quiser, Julian. — Era estranho não ouvi-lo me chamar de "Juli". — Sabe… o Danton está muito mudado depois que vocês começaram a ter um caso.

— Nós não temos um caso, estamos namorando.

Quando Jae tirou os óculos escuros, percebi o porquê ele decidiu removê-lo do rosto apenas em sua sala. Havia um hematoma roxo abaixo do seu olho direito, era possível notar, mesmo por baixo de uma camada de base. Fechei os olhos e suspirei triste, por já assimilar o que tinha acontecido. Meu namorado bateu no meu tio, mesmo eu tendo pedido que ele não fizesse nada.

— Eu não esperava que você fosse contar ao Danton que eu fui até o seu apartamento. — Cruzou os braços na superfície da sua mesa.

— Ele bateu em você?

— Bater foi o de menos, o Danton foi até a minha sala pela manhã e disse que se ele dormisse e sonhasse que eu encostei um dedo em você, iria perder todo o respeito que tinha por mim — falou com desdém. — Meu pequeno não era assim, ele era uma pessoa doce e calma.

Abaixei a cabeça com um sorriso mínimo e bem humorado, apesar da situação. Jae não conhecia o ex-noivo de verdade, chegava a ser engraçado. Quando ergui a cabeça, vi sua expressão confusa, sem entender a piada que foi para mim a forma como ele se referiu a Danton.

— O Danton odeia ser chamado de "pequeno". Ele é carinhoso, mas não de um jeito doce.

Estava mais para um carinho bruto, mas eu não iria humilhar Jae falando dessa forma.

— E, calmo? Danton é centrado, focado, assertivo, analista, mas calmo não… Ele é bem temperamental, inclusive. Acho que essa parte você já percebeu. — Apontei para o seu machucado abaixo do olho. — Ele às vezes é irritante de tão marrento e teimoso que consegue ser. Mas quer saber? Até os defeitos dele eu amo, porque se ele os mostra a mim é porque se sente confortável pra ser ele mesmo.

Enquanto eu falava, o ambiente se tornava menos opressor e eu sentia mais leveza, mais confiança. Jae já não conseguia me fazer ter medo de falar algo errado, porque eu amava Danton, não tinha como eu me sentir mal em falar do meu amor. Não tinha como o ato de falar dele ser errado.

— Se ele se comporta assim com você, é por influência sua. — Com a expressão endurecida, argumentou.

— Influência minha? É o Danton quem tem me motivado a desafiar meus próprios limites, a arriscar mais, confiar mais.

— Palavras bonitas, mas no fim de tudo pessoas que mais arriscam são as que mais perdem. — Ele levantou da cadeira, antes de dar a volta na mesa e andar em minha direção. — E, às vezes perdem coisas e pessoas preciosas demais. — Quando chegou perto o suficiente, pôs as mãos em meu rosto e me deu um costumeiro tapinha na face esquerda. — Nós dois sabemos que você não pode dar o que o Danton precisa, ainda que você seja um bom garoto.

Jae estava usando o meu medo de ser insuficiente contra mim. No entanto, tentei ser forte e fazer o que pessoas espertas faziam, jogar a batata quente para ele.

— E o que você já perdeu por ter se arriscado demais e poder falar assim com tanta propriedade?

Sem oscilar com o olhar, ele ignorou meu questionamento.

— Eu até entendo esse sentimento de novidade, de aventura que ele sente, que você também sente. São jovens, é normal, mas a experiência é uma virtude, Julian, eu sei como isso acaba.

— Como assim…? — indaguei baixo, sentindo minha confiança vacilar, ao tempo em que Jae se aproximou mais.

— Com você, o Danton sente a adrenalina de cair em queda livre e isso é bom… — Acariciou minha bochecha com o polegar, com a outra mão arrumou alguns fios de cabelo em minha testa. — Mas uma hora ele vai chegar ao chão.

— Não é verdade… — Minha respiração se tornou pesada, levando-me a engolir seco.

— Você sabe que é. — Jae sussurrou pausadamente, parecendo a voz da minha própria consciência.

Então, chegou próximo do meu ouvido, onde senti o cheiro do seu perfume forte me cercando, e acrescentou:

— O Danton pode adorar o sabor da jovialidade que você dá a ele na cama, mas na vida, é de um homem maduro que ele precisa. Você sabe disso.

No instante em que senti o toque do seu indicador em minha mandíbula, espalmei minhas mãos em seu peito e o afastei. Eu precisava de distância para pensar, portanto, virei de costas e respirei fundo. Não podia deixar que Jae visse o quanto estava conseguindo me abalar com suas afirmações.

— Até mesmo depois de você ter me traído, eu estou aqui abrindo seus olhos.

Ao ouvir aquilo, virei em sua direção, com um olhar contrariado, como ele ainda não tinha visto.

— Não fale comigo como um tio que aconselha o sobrinho, não é para o meu meu bem que você está despejando essas palavras.

Eu finalmente estava entendendo o que Danton quis dizer no dia anterior. Eu não merecia ter sido encurralado como Jae fez em meu apartamento e como estava fazendo agora.

— De qualquer forma, eu não preciso te aconselhar sobre isso mesmo. O próprio Danton vai perceber que você ainda é só um menino, não está pronto pra cuidar dele.

— O Danton não é um filhotinho que precisa de cuidado. Ele precisa de alguém… aliás… — corrigi. — Danton *quer* alguém que o enxergue como ele é.

— Ok — suspirou parecendo exausto de discutir, e eu também estava. — Vamos ver quem está certo no final.

— Se você já tiver terminado… Preciso ir.

Avisei, porém, não esperei resposta. Saí da sua sala e passei pela pequena recepção que havia ali próximo. Jennifer estava lá, era a minha oportunidade.

— Oi, Jennifer. — Ofereci um sorriso cordial quando ela me percebeu na sua frente.

— Ah, oi, Julian. Precisa de alguma coisa?

— Eu passei pra ver como o Jae está e você sabe… Ele não gosta de preocupar as pessoas, então vim saber com você se ele está se cuidando, tomando as medicações dele direitinho.

Jennifer era a secretária, com certeza era quem mais entrava na sala de Jae e fazia favores a ele, assim como a Lisa fazia para mim. Porém, eu como sobrinho postiço, teoricamente deveria saber bastante sobre a vida particular dele. Era esperado que Jennifer caísse na minha conversa e pensasse que eu estava a par de qualquer detalhe da vida do diretor de operações.

— Jae se entope de analgésicos, está sempre com dor de cabeça, mas não sei se ele usa outras medicações. — Ela franziu o nariz, pensativa.

— Hum… na verdade eu também não sei se ele está usando atualmente. — Dei uma palmada e suspirei, indicando que já tinha terminado o que eu ia fazer lá. — Bem, quem souber primeiro conta ao outro, beleza?

— Está certo — sorriu, confirmando com um acenar de cabeça.

— Jennifer… não comenta sobre isso com ele não, tá? Jae está com a cabeça bem cheia, o que eu puder saber dele por você acho melhor. Pode ficar de olho na saúde do seu chefe por mim? — Fiz minha melhor cara de bom samaritano.

— Claro, nem sou de fazer muitas perguntas a ele mesmo. Vou observar.

— Ok, você vai ser meus olhos naquela sala. — Apontei para o escritório de Jae. — Olha a responsabilidade, hein?!

— Vou pedir um aumento. — A secretária revirou os olhos.

— Essa empresa só tem funcionário mercenário. — Fingi horror e me aproximei dela para cochichar. — Posso fazer melhor…

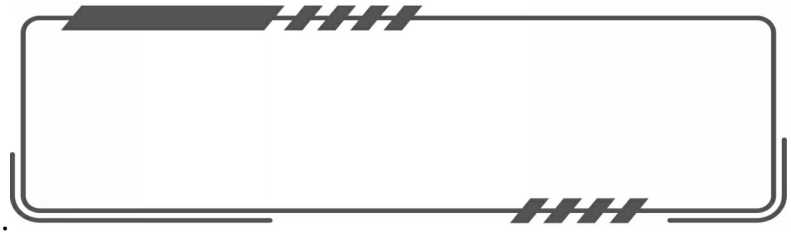
— E o que é melhor do que um aumento?

— Ajudar você a se dar bem com a Monalisa. Eu sempre vejo vocês indo almoçar juntas, bem bobinhas.

— Ah não, pode esquecer. Ela tá interessada na Jesse, uma garota que está trabalhando no monitoramento, que eu nem sei se gosta de mulheres, mas a Monalisa está toda encantada por ela. — Deu um sorriso resignado.

— Que pena…

— Tudo bem, sem problemas, um aumento também me faz feliz. E estou conhecendo um carinha que entrou há pouco tempo na empresa, ele é meio desengonçado, mas parece ser gente boa. Já veio umas duas vezes na sala do Jae, e eu aproveitei para conhecê-lo um pouco.

Sexto sentido apitando… 

Nota mental:

Conversar mais com a secretária do titio.

— É mesmo? Qual é o nome dele? — perguntei, quase antecipando a resposta que sairia dos seus lábios.

— Wallace Jiaer.

Ouvir aquele nome foi quase como levar um tiro que eu já esperava.

— Eu preciso ir agora, Jennifer. Você sabe… muito trabalho — sorri meio mecânico, engoli a própria saliva com dificuldade e acenei com a mão para mostrar que estava indo embora.

— Até mais.

Mal ouvi sua resposta, comecei a andar no modo automático por todo o caminho de corredores brancos e portas metálicas até a minha sala, enquanto pensava no que poderia significar Jiaer ter feito visitas ao meu tio de criação. Lembrei de quando Danton disse que Jiaer poderia estar flertando com ele para arrancar alguma reação minha.

Também lembrei de uma fala de Jae.

"Você ia me contar quando se interessou por ele, quando deram o primeiro beijo, ou quando ele terminou nosso noivado por sua causa, e você me viu chorar desolado?"

Jiaer estava tentando sondar se eu estava em algum relacionamento com Danton. Depois Jae me procurou sabendo que eu estava com Danton. Eu precisava apenas juntar algumas peças, entretanto, minha mente bagunçada se recusava a pensar que Jae tomaria atitudes tão baixas. Contratar um estudante, humilde, que precisava de dinheiro, oferecer um estágio numa boa empresa em troca de informações. Ele não faria isso, faria?

Teria sido Jae, quem fez a cabeça do meu pai para que eu fizesse uma entrevista com Jiaer ainda no sábado da festa do Nando? Para que o garoto se infiltrasse onde Jae não podia, por não estar mais com Danton. Mandar Jiaer colocar escutas em minha sala, que ele, como diretor de operações, sabia mexer. Não. Jae não faria isso…

Faria?

Eu queria constantemente enganar minha mente. Jiaer podia ter ido na sala de Jae apenas para lhe perguntar alguma coisa referente ao trabalho, mas eu nunca o mandei ir lá, não havia qualquer necessidade de ele ter contato com Kang Jae.

Eu ia ficar doente com tantas dúvidas, entretanto, talvez eu estivesse me ferrando tanto por ignorar tantas coisas. Eu não podia mais deixar passar nada.

No fim da tarde, sentei na poltrona da minha sala e liguei para Danton.

— *Oi, meu céu…*

Tão carinhoso, nem parecia que tinha batido no ex-noivo.

— Eu já estou sabendo o que você fez, Ferinha. — Apertei minhas pálpebras com os dedos, ouvindo o suspiro de Danton na linha. — Já ouviu a frase "Não se combate violência com mais violência"?

— *Lembro vagamente, mas se você está levando essa frase muito ao pé da letra, está vivendo do jeito errado.*

Arranjei um namorado sonso demais.

— Eu tinha te pedido pra esquecer esse assunto, meu amor.

— *E você sabia que eu não ia deixar barato. Não tinha como ver o Jae agir como se você fosse um pedaço de bosta, e eu não fazer nada. Não é o meu estilo.*

— Ah, não é o seu estilo? — ri incrédulo, achando engraçado, mas me esforcei para ele não pensar que eu aprovava o seu feito. — Amor, eu sei que você teve a melhor das intenções, obrigado por querer me defender, mas não precisa agir por mim desse jeito, ok?

Embora eu amasse a sua forma de se importar comigo, não significava que ele poderia agir conforme o que achava ser o melhor para mim, sem me consultar antes. Como um adulto que precisava constantemente afirmar a própria maturidade a todos à minha volta, eu me sentia desconfortável que outra pessoa tomasse as rédeas da situação por mim. Esperava que ele entendesse isso.

— *Desculpa…*

— Não estou chateado. Vamos esquecer isso, tá? Que tal a gente se ver daqui a pouco?

Meu horário já está acabando… o seu também — propus, mudando o assunto para não permitir que qualquer clima ruim se estabelecesse entre nós.

— *Acho ótimo. Só preciso passar antes em casa, combinei com o Vince de desintoxicar o apartamento das porcarias de alimentos industrializados que ele ainda tem por lá. Não quero que ele volte atrás se eu não for.*

— Claro, fico feliz em saber que ele está progredindo, e você é maravilhoso por estar ajudando. Quer ir ao meu apartamento? Se quiser, pode dormir lá… tô morrendo de saudade.

No dia anterior tivemos que nos despedir sem grandes emoções, devido ao horário e a quantidade de trabalho que eu tinha no dia seguinte, todavia, eu estava sentindo muita falta do corpo gostoso do meu namorado, e não iria deixar de externar meus pensamentos.

— *Também estou morrendo de saudade, meu céu. Te aviso quando eu estiver indo.*

— Tá. Não coma nada, vou fazer um jantar pra gente. — Encostei o topo da caneta entre meus dedos, na boca.

— *Tudo bem, adoro sua comida. Adoro quando você é a comida também, ou quando eu sou.* — Ouvi sua risada sapeca do outro lado e não pude evitar rir também.

— *Calma, Ferinha, primeiro vamos realmente comer, pra você aguentar o tranco.*

— *Pra eu aguentar?* — Dessa vez ele gargalhou, mas para falar a frase seguinte, desceu vários tons na voz. — *Boa sorte pra você, chefe.*

Catapimbas!

Danton conseguia fazer todos os meus pelos se eriçarem, apenas com suas palavras. Aquela fera era perigosa, e eu adorava o perigo.

Fui para casa, chegando a tempo de encontrar Tereza saindo do serviço. Perguntou se eu iria querer que ela cozinhasse, todavia, dei-lhe um beijo na testa e disse que eu dava conta.

Cerca de uma hora depois que cheguei em casa e Tereza saiu, Danton tocou na campainha. Jantamos o cozido bovino que eu fiz, com calma, conversamos sobre eu ter perguntado à Jennifer se Jae tomava algum medicamento de uso contínuo. Após isso, ficamos abraçados no sofá.

De início, apenas carinhos despropositais, enquanto a comida digeria, porém, como sempre acontecia, nossos toques se tornaram mais urgentes e, em pouco tempo, Danton já estava em meu colo.

Eu mordiscava seu queixo e o puxava contra mim, cravando as unhas nele. Meu namorado, tirava os fios que grudavam em minha testa e beijava minha pele totalmente febril por ele.

— Quer ir pra cama? — perguntei com a voz entrecortada pelos suspiros, enquanto apertava sua bunda, encaixando-a em minha rigidez desperta.

— Pra quê? Eu adoro o sofá… — Deu uma piscadela que quase me fez infartar.

Eu o olhava de cima a baixo, querendo entender como mesmo depois de já termos intimidade, eu ficava tão abobalhado com tudo que ele fazia. Olhava para o seu rosto, seu torso, suas coxas, perguntando se aquilo tudo era meu mesmo.

— Vou pegar lubrificante e camisinha no seu quarto. — Levantou e seguiu para o cômodo.

Sozinho, aproveitei para tirar toda a minha roupa. Quando Danton voltou, ficou boquiaberto ao ver eu me tocando.

Eu o ajudei a se livrar da sua roupa também, um tanto apressado, porém cuidadoso. Quando pus minha mão em seu volume e apertei, ele se desfez num gemido agudo e surpreso. Afobado, segurei firme em seu quadril, com as mãos já tremendo de tesão.

— Quer sentar? — Minha voz quase não saiu de tão ofegante.

— Quero… — Sem esperar qualquer outra palavra, o puxei para que ele me sentisse inteiro.

— Que saudade de ficar assim com você, amor — confessei, sentindo arrepios que iniciavam em minha coluna e irradiavam por todo o meu corpo.

E nos amamos daquela forma, em total entrega, com movimentos únicos que surgiram da necessidade de tentar fazer parar o tempo para que nossos corpos e corações nunca deixassem de apreciar as sensações e sentimentos que faziam parte de nós, apenas de um para o outro.

— Eu te amo tanto… — declarou entre um gemido e outro, fazendo tudo dentro de mim se revirar.

— Eu te amo mais…

Minha vontade era de nunca mais soltá-lo. Em meu peito não cabia tanto amor para apenas uma vida.

— Eu amo o seu corpo, Ferinha…

— Pode amar, ele é seu — respondeu entre queixumes baixinhos.

Nossos corações praticamente se empurravam nas caixas torácicas, nossos olhos não se deixavam e nossas mãos não cansavam de explorar um ao outro. A reciprocidade de Danton sempre me desmontava. O mundo à nossa volta poderia estar caótico, mas nós nos amávamos com tudo o que tínhamos.

Terminamos no quarto o que começamos na sala. E nos derramamos juntos, tremendo, arfando, gemendo e confessando mais uma vez o nosso amor.

— Toma um banho comigo? — Após regular nossas respirações, convidei, beijando a linha da sua mandíbula.

— Só se você me levar no colo.

Ele estava cansado, então o peguei no colo, e o levei para o box do banheiro. Tomamos um banho relaxante, onde não resistimos e fizemos amor novamente, daquele jeito único que descobrimos ser tão intenso, onde nada ao redor importava, lugar ou posições, apenas nossos corpos, nossas sensações.

Ao sairmos, Danton quis vestir uma roupa minha. Ficamos sentados no sofá, vendo um filme, com risadas frouxas, enquanto eu recebia um cafuné gostoso.

Estava tudo perfeito demais se tratando da minha vida.

Foi então que eu escutei meu celular chamando em cima da mesinha de centro e, franzindo o cenho por não esperar ligações tarde da noite, peguei o aparelho. Pude perceber que o número era desconhecido, então ativei meu programa de identificação de números no canto esquerdo da tela. Após isso, sob os olhos curiosos de Danton, atendi a chamada.

— Alô… — murmurei, com certo medo devido meu histórico nada bom com chamadas privadas.

— *Julian Osborn Roux.* — Uma voz grave ecoou, ao ouvi-la senti um arrepio ruim. — *Faz um tempo desde a última vez…*

— *Kris…?* — Foi o primeiro nome que veio à minha mente. Danton arregalou os olhos ao meu lado.

Pedi ao Danton apenas com o movimento dos lábios: "Liga para o Marco". Assim que entendeu, ele pegou o celular e tomou certa distância.

— *Até que você é esperto, reconheceu que sou eu, mas não banque o espertinho de novo de tentar me rastrear. Esse celular vai para o lixo assim que eu finalizar nossa conversa.*

O desgraçado sabia que eu tinha descoberto seu número e entregue para a polícia a fim de rastrear ele. Meu namorado me olhou e fez um gesto negativo de cabeça. Marco devia estar dormindo, era meia noite.

— O que você quer?

— *Só te entregar um presentinho* — riu totalmente sádico. — *Por que não vai até a sua janela pra ver?*

Minha respiração acelerou, combinando com meu ritmo cardíaco. Chamei Danton com a mão, ele veio rapidamente e eu abaixei o celular por um momento.

— Ele pediu que eu fosse até a janela receber um "presente".

— Não vá — balbuciou, arregalando os olhos.

— *Eu não tenho todo o tempo do mundo, moleque.* — Kris vociferou tão alto que foi possível eu ouvir mesmo com o celular afastado.

— Eu não vou… não vou receber nada — respondi, encarando Danton que concordava com a cabeça.

— *Você que sabe.* — Ouvi o barulho de motor e pneus. Em seguida, ele falou com alguém que não era eu. — *Pode deixar a encomenda.*

— O que você está fazendo?! — gritei desesperado.

— *Se quiser saber, vá até a janela, moleque, ou deixe sua empregada morrer. É só uma amostra, da próxima vez eu ferro com você e com quem estiver perto.* — Kris, impaciente, encerrou a chamada.

Andei a passos rápidos em direção à janela, tomado de pavor, mas Danton segurou meu pulso com força, assim que me alcançou.

— Me solta, eles pegaram a Tereza!

— O quê?

Não me detive em explicar, soltei-me de seu aperto e corri em direção à janela. Meu abdômen foi parado pela barra da varanda. Um barulho alto de pneu cantando me fez olhar para a avenida a alguns andares abaixo. Ela estava lá, jogada no chão. A dona Tereza, minha funcionária de anos, que sempre cuidou da minha casa e de mim.

— Tereza! — gritei com o peito dolorido, começando a chorar por não ver ela se mexendo.

Virei na direção de Danton, que estava com a face tão espantada quanto a minha. Pegamos o elevador e, ao sairmos dele, corremos pelo térreo em busca da senhora estendida sobre a pista. Minhas pernas mal me obedeciam, se não fosse Danton me puxando, eu cederia e cairia no chão, de tanto pânico.

Quando chegamos no meio fio da rua pouco movimentada, percebi que ela se mexia, mas tinha marcas de agressão e sangue na roupa.

— Dona Tereza? — Danton chamou, enquanto eu me ajoelhei ao lado dela. Tereza apenas abriu os olhos com dificuldade. — Vamos levar a senhora para o hospital, vai ficar tudo bem.

Ao ouvi-lo falar a palavra "hospital", peguei imediatamente meu celular e liguei para a emergência. Eu poderia levá-la no meu carro, mas eu não sabia se ela tinha alguma fratura que pudesse piorar, caso eu a erguesse. Dado isso, chamar socorristas profissionais foi a melhor alternativa.

Como eu ainda não tinha tido tempo de avisar ao seu marido sobre nada, acompanhei Tereza até o hospital e Danton fez questão de ir comigo. Assim que cadastramos a internação dela e nos sentamos na recepção, respirei fundo e peguei meu celular para ligar para o seu esposo.

— Quer que eu faça isso pra você? — Danton colocou uma mão sobre a minha que segurava o celular. — Suas mãos estão tremendo.

— Não precisa, obrigado — respondi meio rápido e alheio. Não era por mal, mas minha mente já pensava em tudo que a "encomenda" que Kris me deu implicava.

"É só uma amostra, da próxima vez eu ferro com você e com quem estiver perto."

Só vinha um nome à minha mente: Danton. E apenas uma frase na minha cabeça: Danton está em perigo. Só havia uma conclusão em meu juízo: Eu precisava deixá-lo.

— Deixa eu fazer isso por você — ele insistiu. Meu olhar perdido estava fixo em minhas mãos que não paravam de tremer.

— Não quero que você faça nada… — murmurei num fio de voz, sentindo o ar pesado e o ambiente de paredes brancas me esmagar com aquela áurea impessoal.

— Juli… eu sei o que você está pensando, mas, olha, eu…

— Não consigo conversar agora… — sussurrei, temendo que minha voz fraquejasse. Disquei o número do marido da Tereza, que estava salvo em meu celular para caso de emergências, e fiquei em silêncio perante Danton.

Avisei ao homem, que ficou altamente preocupado e nervoso, fazendo um monte de

perguntas das quais eu não tinha respostas, o que fez eu me sentir muito culpado. Quando ele me deu sua palavra que ficaria de acompanhante da esposa, finalizei a chamada e fiquei em silêncio até o homem chegar.

Vê-lo entrando na recepção, levando os olhos irritados de choro para todos os lados, fez meu coração apertar.

— Onde está a minha esposa? O que fizeram com ela? — Puxava os próprios cabelos e gritava desesperado. — Foi assalto? Alguém me explica, por favor!

— Calma, senhor Donghae, ela foi instalada na enfermaria agora. Não se preocupe, eu vou pagar todas as despesas.

— Eu não quero saber! Quero saber quem machucou a minha esposa!

Eu podia ver o pavor em seus olhos. Era compreensível o seu abalo por receber uma notícia grave como aquela tão tarde da noite. Troquei um olhar com o meu namorado, preocupado, sem informações suficientes para alegar qualquer coisa.

— Machucaram muito ela? — Ele chorava desolado e eu franzi os lábios para não chorar também, sem saber o que dizer para amenizar a sensação de desamparo que ele devia estar sentindo.

— Ela já está sendo cuidada, senhor. Logo vai se recuperar. — Danton foi quem falou. — Vou levá-lo até o quarto dela.

Então, saiu com o homem de meia idade na direção da enfermaria. Sozinho, sentei no sofá e me pus a refletir.

Poderia ter sido eu a chorar desesperado por Danton. Eu me sentia culpado por terem machucado a Tereza, e me sentiria dilacerado, massacrado, se tivesse sido o homem que eu amava.

Estava sem psicológico para fazer uma denúncia naquele momento, sabendo que Kris provavelmente tinha se livrado do celular que usou para falar comigo. Era também muito tarde para falar com Marco, mas mandei uma mensagem para seu celular com o número que meu programa tinha reconhecido, ainda que não fosse dar em nada.

Fora isso, eu não tinha coragem de submeter Danton a estar mais uma vez num lugar que lhe despertava inúmeros gatilhos. Na época do acidente com seus pais, ele teve de comparecer várias vezes na delegacia, já havia me dito isso.

Meu namorado estava comigo no momento da ligação do Kris, a polícia iria querer sua versão como testemunha. Por tudo isso, decidi registrar a ocorrência pela manhã e poupá-lo daquele ambiente.

Após deixarmos o marido de Tereza com a médica, que foi chamada para lhe dar explicações, voltei com Danton para o meu apartamento em um silêncio ensurdecedor dentro do táxi. Ele mexia no meu cabelo, pedindo que eu ficasse tranquilo, porém, tudo o que eu sentia era medo e dor antecipada, por saber o correto a se fazer com relação a nós dois.

Até aquela noite, eu pensei que Kris estava acuado, com medo da polícia achá-lo, por isso não tentaria nada. Lógico que eu estava enganado.

Sentei no sofá de casa, virado para Danton, tentando criar coragem para tomar a atitude mais dolorosa que eu já tive que tomar.

— Não me olhe assim, por favor. Nós vamos passar por isso. — Meu amor tentou soar firme, eu sei que tentou, mas ele mesmo sabia que não iria conseguir argumentar muito dessa vez.

— Não dá mais, Danton… — Eu estava sufocado a ponto de mal conseguir respirar. — Você viu o que aconteceu… não posso esperar que aconteça com você.

— Não diga isso, você vai contratar um segurança e vai ficar tudo bem. Já era pra ter contratado, eu te falei. — Ele passava as mãos de forma ansiosa pelas pernas.

— Um segurança comigo não impediria de terem pego a Tereza, não impediria de pegarem você. Eu posso colocar um segurança ao seu lado também, a partir de hoje, mas ainda é muito risco e muito caos pra você ter que aguentar comigo. Você não tinha que estar passando por um problema desse tamanho. A culpa, mais uma vez, é minha.

A primeira lágrima marcou a minha face. Minhas mãos ainda tremiam, juntas no meio das minhas coxas. Danton parecia fazer algum exercício de respiração para não desmoronar, eu nem podia imaginar que um dia eu seria tão importante para ele a ponto de fazê-lo passar por tanta coisa e ainda insistir em mim, em nós.

— Eu já disse que se estou com você é porque aguento — afirmou com a voz embargada, a primeira lágrima escorreu pelo seu rosto.

Era torturante vê-lo chorando, machucava-me profundamente. Eu não podia ver seu sofrimento. Segurei seu rosto em minhas mãos e ele se arrastou pelo sofá para ficar o mais perto possível, buscando um contato que estávamos incertos se era viável naquele momento.

— Amor, escuta, ok? Você é uma pessoa absurdamente forte. Eu sei disso, quem te conhece sabe também. Isso é incrível, mas tudo tem seu lado ruim. Suportar não significa deixar de sentir. — Acariciei suas bochechas com os dedos e seu choro intensificou, por saber que minhas palavras se aplicavam muito bem à vida dele. — Eu não vou te submeter a suportar qualquer pancada pra gente poder ficar junto. Você está exausto, não está?

— Julian… — Não conseguiu murmurar mais do que o meu nome, carregado de angústia. Eu sabia que ficar comigo ficava cada vez mais difícil.

Eu não podia mais ser egoísta. Viver fingindo que estava tudo perfeito. Kris estava querendo me matar e permanecia foragido. Ver o marido da Tereza abalado por causa da esposa, foi aviso o suficiente para mim. Um choque de realidade que eu estava precisando.

— Está tudo bem, amor — beijei seus lábios trêmulos. — Você também pode sentir medo, pode chorar. Não é sua função aguentar tudo, e eu não vou deixar.

— Por favor, meu céu… não termine as coisas assim. — Danton segurou as minhas mãos sobre o seu rosto, encostando a testa na minha. Eu não sabia quem chorava mais àquela altura. — A gente se ama…

Sim e era um amor maior do que eu um dia achei que meu coração comportaria. Eu nunca me perdoaria, poderia doer como o inferno ficar longe dele, mas nunca doeria mais do que perdê-lo para a morte, no pior dos cenários.

— Eu não posso mais fazer isso com você. Por favor, tenta me entender. — Desencostei de sua testa e tentei tirar minhas mãos da sua face, mas ele segurou mais firme, soluçando em meio ao choro.

— Nós fizemos amor, Julian… — Sua fala sofrida foi perfurante. — Eu nunca fiz amor com ninguém.

— Eu também não, meu amor, só com você.

— E você quer jogar tudo isso fora?! — Danton gritou, eu sabia que era puro desespero. Eu não estava diferente, meu coração parecia sangrar.

— Claro que eu não quero jogar tudo fora, mas a sua vida e paz são mais importantes pra mim do que te ter do meu lado e fazer você se atolar em problemas por minha causa. — Afastei-me de vez de suas mãos.

— Não decida por mim, droga! — Ele passou as mãos pelo rosto, resfolegando.

Levantei do sofá e tomei um pouco de distância, de costas para ele.

— Facilita pra mim, Danton, por favor. — Tombei a cabeça para trás, e encarei o teto em busca de força. — A última coisa que eu quero é te ver passando por aquela porta…

Meus olhos ardiam com mais lágrimas por cair. Foi quando senti seu corpo quente atrás de mim e fechei os olhos, com o toque de suas mãos envolvendo meu abdômen.

— Então não me manda embora, me leva pra sua cama e faz amor comigo de novo — beijou meu ombro, roçando seu rosto ali, fazendo-me sentir sua respiração rarefeita em minhas costas.

Ele não me ajudava, sabia que o contato físico me desmontava inteiro, que seus toques associados ou não às suas palavras, tinham o potencial de me fazer agir como um primitivo.

— Toca em mim, deixa eu te tocar e esquece o mundo… — Deslizou as mãos do meu peito a barriga.

— Pare… — arfei aflito.

— Eu te amo…

Danton provavelmente falou, na tentativa de me fazer perder as defesas, mas o efeito foi reverso. Lembrei do quanto eu mesmo o amava e deveria ser o mais racional naquele momento. Poupá-lo. Em razão disso, recobrei minha determinação e, delicadamente, afastei suas mãos de mim, antes de andar alguns passos à frente. Então, virei em sua direção.

— A culpa que eu senti pelo que aconteceu com a Tereza, o sentimento ruim de preocupação, de impotência e dor, não foi um terço do que eu sentiria se fosse com você, o homem que eu amo.

— Juli… — Danton pôs uma mão na boca, tentando conter o soluço causado pelo choro.

— Eu já decidi, amor… por favor, vá — pedi, a voz quebradiça entregava a minha dor.

— Não…

— Por favor, não me faça pedir de novo. — Eu não conseguiria. — Me perdoa, por ter insistido tanto pra você ficar comigo e, no fim, não poder ser o que você merece.

Danton soltou todo o ar que prendia, fazendo suas bochechas inflarem e os ombros caírem. Pôs as mãos no quadril, e olhou para o lado. Após isso, encarou-me com o semblante angustiado.

— Eu vou, mas de forma alguma estou desistindo de nós, como você está fazendo. Se eu estivesse sendo rejeitado porque você não me ama mais, eu aceitaria.

Impossível eu deixar de amá-lo.

— Mas você só está com medo, Julian. Então, eu te garanto que vou descobrir quem está por trás de tudo, mesmo que eu pague caro por isso, e depois sua decisão de me deixar seja definitiva.

Respirei fundo e balancei a cabeça para os lados, incrédulo com como ele ainda estava tomando responsabilidades para si. Danton não me tocou mais, direcionou-se até a porta, e a abriu.

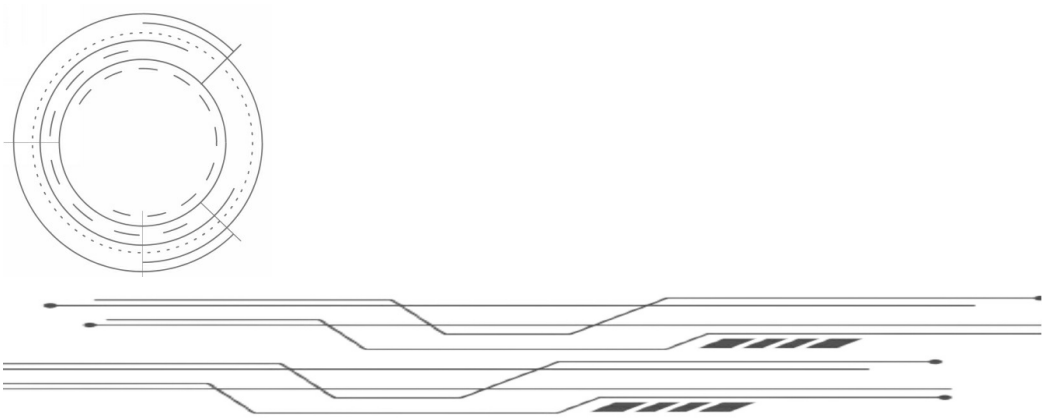
Antes de sair, olhou para mim novamente, e declarou:

— É uma promessa.

Ainda ia doer muito, eu sabia que ia, porque já estava me dilacerando, rasgando os limites do meu coração. Entretanto, a única forma que eu tinha de poupá-lo naquele momento era essa.

Vendo o homem da minha vida indo embora.

CAPÍTULO 13



88

Não foi com felicidade e conforto que os dias que se seguiram, após eu ter terminado com Danton, se passaram.

Já era sexta-feira, desde aquela terça-feira em que o vi indo embora. Foi dilacerante, tive que me segurar para não ligar, ou mandar mensagem querendo saber como ele estava. Apesar de Danton ter saído do meu apartamento sem aceitar o término, não ligou também, ou mandou mensagem. Talvez fosse melhor assim, com o tempo ele entenderia que foi a melhor saída.

Mas estava doendo tanto, que a sensação chegava a ser física.

Foi difícil deitar de noite e não sentir o seu corpo quentinho no meu e seus fios loiros fazendo cócegas na minha bochecha, como acontecia quando tínhamos a oportunidade de dormir juntos.

Pelo menos, a quarta-feira foi toda dedicada a prestar assistência à Tereza e ao seu marido. Ela não soube dizer quem a agrediu, e a sua internação foi protocolada como se tivesse sofrido uma tentativa de assalto. Todavia, eu sabia o motivo e a culpa não me deixava por isso. O ocorrido não foi perto do meu apartamento, afinal, Tereza não estava em seu horário de trabalho, entretanto, o fato de terem a deixado em minha "porta" levantou suspeitas.

Seu marido disse que não queria mais a esposa trabalhando para mim, e eu não podia tirar sua razão, tampouco discordar, apenas prestei todo auxílio que pude. Eu iria sentir muita falta da Tereza e chorei o dia inteiro até dormir de cansaço, porém, se eu consegui abrir mão do amor da minha vida, não podia ser egoísta com Tereza também.

Após ter recebido minha mensagem informando o número que me ligou, Marco retornou a minha ligação. Assegurou-me que logo aquilo iria acabar, que Kris devia estar muito desesperado para ter agido daquela forma, por isso estava sendo cada vez mais descuidado.

Entreguei as escutas espiãs em suas mãos, sem dizer que eu desconfiava de Jiaer. Era apenas uma suspeita. Se eu acusasse o estagiário sem provas, poderia complicar alguém que já tinha a vida tão difícil. Optei por continuar lhe observando.

Quando contei aos meus pais sobre o ocorrido, os dois fizeram questão de entrevistar um

segurança pessoal para mim. Seu nome era Kim Chan, ele ficou encarregado de me acompanhar onde eu fosse, menos dentro da empresa, por opção minha.

Na sexta-feira, o estagiário carrapato fez suas atividades sem puxar papo, por causa da minha cara nada amigável.

Quando deu meio dia, recebi uma ligação de alguém que eu jamais imaginava que ligaria, o urubu bonito do mal. Meu coração deu uma disparada violenta, apenas pelo fato de o diretor trabalhar com o Danton.

— Vincent? Está tudo bem? Aconteceu alguma coisa com o Danton? Por que você ligou? — lancei as perguntas rápido demais.

— Calma, está tudo bem com ele sim, pedi seu número ao Danton. Não aconteceu nada — ele riu ao explicar.

— Desculpa, é que... — suspirei e deixei minha frase incompleta.

— Eu já sei o que aconteceu.

— E por que está me ligando? Não era pra você estar com raiva de mim, por ele? — Girei em minha cadeira para ficar de frente para a janela, enquanto também falava mais baixo. Apesar de Jiaer ter saído brevemente da sala, logo voltaria.

— Não estou com raiva de você, apesar de não ter gostado nada nada de ter visto o Danton triste. Na verdade, vim te fazer um convite.

— Que ligação estranha pra fazer um convite é essa? — expus a minha desconfiança.

— Eu só quero te chamar pra almoçar com o Theo, Rô e Nando, agora. No refeitório da empresa mesmo. Não precisa ser tão desconfiado.

— Mas por que é você quem está ligando?

— Porque eu me comprometi a ajudar vocês, e sei que os dois estão mal nesse momento.

— Não, pode parar. Eu até já sei o que vai acontecer. O Danton vai estar lá também, você está mentindo igual ao sonso do seu primo.

— Não sou um garoto, Julian, estou falando a verdade. O Danton vai estar meio ocupado hoje. E eu chamei o Yuri, acho que a companhia dele vai te fazer bem.

Vincent se tratava na mesma clínica que a mãe de Felis Catus, lá se conheceram. Não era difícil imaginar que ele tinha chamado Yuri para um almoço na empresa.

— Ok. Daqui a pouco vou, urubu. — Levantei da cadeira e verifiquei a hora em meu relógio de pulso.

— Ei, eu não sou a Lei Áurea pra te dar essa liberdade, seu deselegante.

Encerrei a chamada, rindo como não consegui a manhã inteira. Quando me preparei para sair da sala, a porta abriu, revelando o estagiário carrapato.

— Oh, senhor Julian Osborn Roux, está indo almoçar? — indagou, esfregando uma palma na outra.

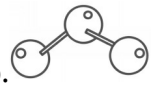
— Sim — respondi enquanto tentava passar por ele, que fazia barreira com o próprio

corpo.

— Que coincidência, eu também estava indo...

Sonso.

— Que legal! — Dei um sorriso propositadamente forçado, antes de lhe dar um pequeno empurrão para o lado. — Bom almoço, agora me dê licença.

Vai almoçar sozinho, bobinho.

Assim que cheguei ao refeitório, vi Nando e Vincent sentados lado a lado, Yuri perto do Vince, com Minsuk também ao seu lado, e Rômulo e Theodoro sentados do outro lado da mesa. Além de eu não ter minha Ferinha para me fazer companhia, ainda teria que servir de castiçal e segurar vela para três casais.

Nota mental:

Na próxima vida, nascer menos azarado.

— Já apresentei o Yuri e o Minsuk para todo mundo. — Vincent informou ao me ver. — Senta aqui com a gente.

Depois que cumprimentei os casais apaixonados, sentei no grande banco entre o urubu bonito do mal e o Felis Catus, que me deram espaço. Não muito animado, comecei a comer enquanto eles conversavam.

— Sinto que o cargo de direção do monitoramento está mais perto do que nunca de mim. — Rômulo comentou. — Parece que o atual diretor vai sair e a vaga vai ficar em aberto.

— Você vai conseguir ser o próximo Hokage, coração, mas não comente mais com o Osborn pai que a gravata dele está torta, certo? O homem não suporta críticas.

— Mas gosta de criticar que é uma beleza. — Não pude deixar de complementar.

— Deve ser difícil para você, principalmente. — O Namastê sorriu condescendente para mim.

— E como é a energia do poderoso John, Nando? — Rômulo perguntou.

— Prefiro não comentar...

É, meu pai amedrontava e afastava todo mundo.

— Eu contei a vocês que pedi o Rô em namoro e ele recusou? — Theodoro piscou

aqueles olhos de lentes azuis como se fosse um cachorro abandonado.

O Felis Catus riu e se aproximou do meu ouvido para cochichar:

— O bom é que ninguém tira sarro dele, porque ele já faz isso.

— Ele não tem vergonha de nada, tudo que fala é pra deixar o Rômulo com vergonha — cochichei de volta.

— Theo, pelo amor de Deus! Isso é assunto pra falar do meio de todo mundo? — grunhiu o não-namorado, pelo visto.

— Não falei? — Arqueei as sobrancelhas para o meu melhor amigo.

— Eu não tenho estrutura pra namorar com você, Theo. Você bagunça demais, bagunça as suas coisas e as minhas.

— Ué, mas quando cheguei aqui com o Gatinho, vocês disseram que moravam juntos. Estão quase casados. — Minsuk comentou.

— Acho que estamos casados mesmo, não transamos, dividimos contas, só faltamos nos matar em casa, coisas de casados, certo?

— Vocês me dão licença, que eu vou pegar uma faca na cozinha do refeitório, porque essa aqui não é afiada o bastante para o que eu quero fazer. — Rômulo jogou o cabelo castanho dourado para trás e fez menção de levantar, mas Nando, de frente para ele, segurou seu braço enquanto caía na risada.

— Seja sincero e admita que você não me ama de verdade, que está só se aproveitando do meu corpinho lindo. — Theodoro continuava com a encenação.

— Deixa de ser idiota. — O não-namorado riu, depois falou um pouco mais baixo. — Você sabe que eu gosto de você.

— "Gosta"? Que tipo de gostar? Gosta de mim como pessoa? — indagou, mascando seu chiclete imaginário.

— Não, como animal. — Rô revirou os olhos.

Despretensiosamente, olhei para o Felis Catus, a fim de comentar como o casal Tico e Teco era briguento. Todavia, percebi que meu amigo olhava para alguém que passava pelo corredor. Olhei na mesma direção, percebendo que era Kang Jae, andando ao lado do meu pai.

A mandíbula do Yuri ficou tão travada que seus músculos faciais contraiam.

— Ei... algum problema? — Toquei em seu braço, para tirá-lo do transe.

— Não — respondeu após pigarrear.

Se não estivéssemos em um almoço com outras pessoas, eu com certeza perguntaria o motivo do seu incômodo, apesar de imaginar que ele não me diria nada.

O restante do horário do almoço passou de forma tranquila, com mais conversas, mais risos de todos, porém minha cabeça nunca conseguia desligar dos pensamentos que eu tinha sobre Danton. O que ele estaria fazendo? Onde? Será que ele tinha chorado? Eu não queria imaginar isso, era insuportável.

Quando estávamos nos despedindo, Theo deu um aviso.

— Hoje, depois do expediente, vai ter aula para os visitantes do meu curso, vocês lembram, né? Quero todos lá, certo? Até vocês. — Apontou para Yuri e Minsuk.

— Eu não vou, Teco — avisei de antemão. Primeiro porque não estava no clima, e segundo porque eu sabia muito bem que o seu melhor amigo estaria lá.

— Ah, não, John filho, todo mundo vai, você tem que ir também — argumentou mais sério do que eu esperava, colocando a bandeja vazia no suporte do refeitório.

— Justamente porque todos vão estar lá, que eu não vou. — Arqueei as sobrancelhas, mostrando-lhe que eu sabia das suas intenções.

— E qual o problema? — Rômulo indagou, sem entender nada, como sempre.

— Ele não vai estar lá... — Theo bagunçou seu próprio cabelo, mascando seu chiclete imaginário.

— Não minta pra ele, Theodoro. — Foi Vincent quem falou, pondo-se ao meu lado, para a minha surpresa.

Os outros apenas observavam nossa conversa, nenhum se despediu, esperando o desfecho.

— Ok, ok, ele vai estar lá, certo? Mas preciso de todos vocês, quem levar pessoas vai ganhar pontos. E as atividades vão ser num espaço bem maior porque vão acontecer em grupo, as pessoas que eu levar vão ser o meu grupo.

Pelo menos, atividades em grupo pareciam menos mal.

— Eu vou pensar, não prometo nada. — Ainda relutei, porque a desconfiança brotava em mim quando se tratava das afirmações do sonso do Theodoro.

— Vocês não precisam ficar sem se ver de jeito nenhum. São adultos, podem se ver sem se atacarem, certo?

Errado.

Éramos dois primitivos que não podiam estar em contato um com o outro, que num instante jogavam tudo para o alto, começando pelas peças de roupa.

— Já disse que vou pensar, Theodoro Toussaint.

O problema sempre foi o meu coração mole. Yuri tinha poucos amigos, apenas o urubu e eu. Achou a oportunidade perfeita para se enturmar, porém, disse que só iria com o Sukinho se eu fosse também. Eu não queria ser estraga prazeres, queria vê-lo sendo amigo dos meus amigos também.

Quando o segurança Kim Chan me deixou no prédio, direcionei-me à sala onde acontecia a aula. Andei descalço pelo espaço, percebendo que não tinha tanta gente, considerando que o espaço era enorme. Assim que avistei meus amigos, também vi ele.

Como ele conseguia ficar irresistível até com uma camisa de algodão preta, calça jeans e pés nus?

Murmurei um "oi, pessoal" e percebi os quasares de Danton me engolindo, ao me

observar debaixo para cima, demorando-se mais no presente que me deu, a camisa que eu vestia. Fingindo não ligar, prestei atenção ao que a professora de tranças explicava, enquanto eu entrava na roda e ficava entre o Yuri e Vincent.

— Hoje nós vamos fazer dinâmicas de preparação corporal, e exercícios interativos e práticos. Vocês terão um momento para trabalhar sua expressão, suas ansiedades e se cuidar terapeuticamente.

— Acho que fiz bem em vir — comentei, olhando para o Felis Catus. Enquanto a mulher continuava a falar.

— O teatro não trabalha com a noção de julgamento, já que cada um de nós tem algo a contribuir. Esse espaço é libertador, aqui vocês podem ser quem são em perfeita harmonia com todos, e entender que são vocês mesmos que criam suas próprias barreiras e suas próprias vergonhas. Então, vamos fazer algumas atividades em grupo, e outras em duplas.

— Retiro o que eu disse... — Fiz uma careta ao ouvir a palavra "dupla", e me esforcei ao máximo para não olhar para Danton.

— Ah, não fode, somos oito pessoas, a probabilidade de você fazer dupla com o Danton é mínima. — Yuri murmurou, com as mãos no bolso da calça rasgada.

— A probabilidade é enorme, acredite. Principalmente quando se tem um sonso na roda, chamado Theodoro.

— Se quiserem te colocar de dupla com ele, eu te protejo, pode deixar.

Até Yuri sabia que a fera era perigosa. Levei meu olhar até Danton, sentindo-me instável sobre o chão, apenas por ser alvo do calor âmbar dos seus olhos inexpressivos, porém intensos, analisando-me daquela forma que escondia suas intenções.

— Primeiro vamos fazer uma dinâmica rápida, só para ir aquecendo. Se chama gato e rato. — A mulher de tranças falou, e o Teco começou a rir, achando alguma coisa engraçada. — Cada grupo escolhe duas pessoas para saírem do círculo. Uma será o gato e ficará do lado de fora da roda; a outra será o rato e ficará do lado de dentro da roda. O gato tem que pegar o rato, e a roda formada pelas demais pessoas vão ajudar ou atrapalhar esse pega-pega. Podem começar.

Universo, se um dia eu nasci para vencer, não deixe que escolham a Ferinha e eu.

— Acho que deveriam ir o Dan, e o John filho, certo?

— Mas essa brincadeira parece legal, eu queria ir. — Rô comentou, ingênuo, e o sonso de cabelo rosa lhe fuzilou com o olhar azul artificial.

— Ou não... posso ir na próxima.

— Vocês estão brincando comigo — neguei com a cabeça, incrédulo. Meu ex-namorado apenas ria.

— Acertou, é uma brincadeira mesmo. — O Namastê entrou na conversa, ao lado de Danton. — Vamos lá, Julian, vai ser legal.

— Pra não dizer que eu sou ruim, vou deixar você escolher, Juli. Quer ser o gato, ou o rato? — Danton perguntou, de braços cruzados

Todos olharam para mim, esperando que eu escolhesse o rato, porque, francamente, na

vida eu era mesmo a presa, e Danton o predador. Principalmente na circunstância em que estávamos, eu tinha todos os motivos para querer fugir dele. Contudo, contradizendo as expectativas de todos, respondi com o nariz espetado no ar:

— Vou ser o gato. — Surpreso ou não, a Ferinha não esboçou espanto algum ao me ouvir falar. Talvez imaginasse o quanto eu estava me sentindo desafiado por estarem brincando comigo.

Eu iria acabar rapidinho com aquela dinâmica. Pegando o ratinho.

Vi a Ferinha caminhar para dentro da roda, elegantemente como um felino se passando por um rato. Ele me desafiou com os olhos e, para mostrar que eu não me intimidava com desafios, resolvi sair da roda na direção em que eu passaria por ele. Quando cheguei bem do seu lado, murmurei com falso desdém:

— Boa sorte, ratinho...

Caminhei do lado de fora do círculo, até passar por todos os seis homens que o compunha. Todos deram as mãos, e eu comecei a perseguir o "ratinho". No primeiro movimento que fiz para tentar romper o círculo, Nando e Rômulo uniram os braços, impedindo-me de invadir o espaço interno.

Ainda caminhando, bolei mentalmente, uma estratégia, enquanto encarava sério o sorriso prepotente de Danton. Se eu tentasse invadir o círculo na parte em que Theodoro segurava a mão do Vince, com certeza eu conseguiria acabar logo com aquilo. O sonso certamente queria que eu pegasse seu amigo.

Foi o que fiz, sem aviso, caminhei mais rápido, na direção de Theo e Vince. Com um impulso meu corpo avançou sobre os braços deles, mas ao contrário do que pensei, os dois fizeram força contrária.

Danton se assustou, o que o fez se jogar para trás, e colidir com as costas no peito do Yuri.

Aproveitando o momento de distração, corri, ainda por fora do círculo, na direção onde Danton estava. Minha ideia era me abaixar para tentar passar entre Minsuk e Yuri. A Ferinha me viu chegando e virou-se tão rápido que caiu de bunda no chão. Agachei-me rapidamente e tentei lhe pegar pelo tornozelo, entretanto, ele conseguiu puxar o pé antes que eu o tocasse.

Naquela altura, meu coração já estava acelerado pela adrenalina, Danton não estava diferente, seu peito subia e descia rápido e nossos amigos riam. Arregacei as mangas, em todos os sentidos, e comecei a correr para tentar pegá-lo de qualquer forma.

Todos no círculo começaram a usar mais força para me parar. Sempre que eu tentava invadir o círculo, eles suportavam meu impacto, e Danton sempre se jogava contra quem estava no lado oposto ao que eu tentava atravessar.

Até que, em um determinado momento, quando tentei invadir com força total, do lado onde Theodoro e Vincent estavam, Theo soltou a mão do primo, fazendo-me praticamente mergulhar de cabeça para dentro do círculo.

E o pior, em cima de Danton.

Até que ele arregalou os olhos, quando eu colidi contra o seu corpo levando-o ao chão, no

momento em que caí por cima dele. Consegui apoiar sua cabeça com a minha mão, quando ele tentou sustentá-la, mas não conseguiu. Enquanto o encarava, sentia seu peito empurrando o meu.

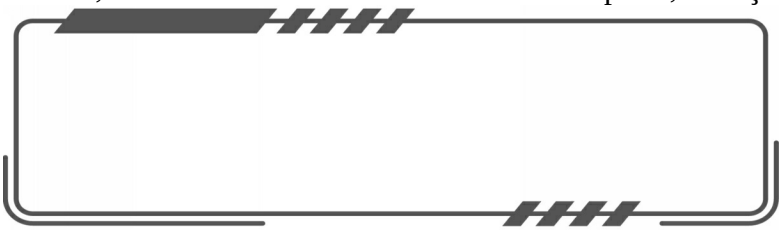
— Peguei você — balbuciei, resfolegando, devido ao esforço físico.

— Agora não solte mais...

Catapimbas!

Sua língua fez uma breve aparição entre os lábios, quando seu olhar recaiu em minha boca. Apertei os olhos para sair daquela hipnose, lembrando que ainda estávamos em um círculo de pessoas e a aula tinha que continuar. Fiquei de joelhos sobre ele e o puxei pelos antebraços para levantar junto comigo.

— A próxima dinâmica se chama jogo do espelho, essa é em dupla. Sentem de frente, um para o outro, e um dos dois vai fazer movimentos livres, enquanto ooutro vai imitar. É simples mesmo, é uma atividade de consciência corporal, atenção, concentração e companheirismo.



Nota mental:

Esganar o Theodoro Toussaint após

essa aula, se eu sobreviver.

— A gente vai ter que sentar no chão? Que anti-higiênico, da outra vez tinha tapete. — Ouvi o Rô reclamando, ao lado do Theo.

— Eu peço um pra você, coração.

— Fica de dupla comigo, Felis Catus, eu faço o que você quiser. — Juntei as mãos, suplicando para o meu amigo, que estava do meu lado.

— Faço, calma, Playboy.

Mal pude respirar aliviado e Danton se aproximou de mim com um sorriso ancorado no canto da boca.

— Quer fazer dupla junto comigo, Juli? — convidou, mas minha reação foi segurar o braço do Felis Catus, mais forte do que o necessário.

— Eu já tenho uma dupla. — Danton fez um bico, mas longe de desistir, dirigiu-se ao Yuri.

— Libera o seu amigo pra ser minha dupla, por favor?

O Catus olhou para mim, comprimiu os lábios, e voltou sua atenção ao Danton

novamente.

— Foi mal. É que a gente combinou antes.

I*sso amigo, me proteja da fera!*

— Yuri... por favor. — Passou as mãos pelos braços do meu amigo, com um olhar pedinte. — Faz isso por mim...

— Ei, você não pode encantar o meu amigo assim — resmunguei, porque o Felis Catus já estava fazendo uma careta de quem estava perdendo a determinação.

— Eu não fiz nada. — A Ferinha sonsa se defendeu com falsa inocência.

— Quer saber, eu vou fazer dupla com o Sukinho, vocês que se entendam. — O amigo traidor saiu de perto de nós e andou em direção aos outros que já começavam a se espalhar pelo salão, procurando espaços sem muito movimento para sentarem.

Fiquei boquiaberto com tamanha covardia de Yuri. Quando olhei para Danton, seu rosto todo resplandecia a sua vitória por ter conseguido que eu fosse o único a ficar sem dupla, visto que todos os outros estavam de par com seus respectivos "namoradinhos".

— Vem, meu céu, vamos sentar ali. — Apontou para um espaço perto da janela, vazio de pessoas.

— Por favor, não me chame assim. — Meu coração vacilou apenas por ouvir aquele chamamento.

Danton apenas sorriu, certo de que estava me desconfigurando com sucesso. Sentamos um de frente para o outro, em pose de lótus, tão perto e ao mesmo tempo tão distante do que eu queria.

Seguindo a orientação da mulher de tranças, Danton começou a mover as mãos enquanto me encarava. Eu era o seu espelho, então, comecei a imitá-lo. Primeiro, levou as mãos em conchas para apoiarem seu rosto, como se posasse para uma foto. Batucou os dedos nas bochechas, até me fazer sorrir ao imitar sua imagem fofa.

Foi então que ele desceu as palmas pelo pescoço, antes de jogar a cabeça para trás e girar ela em um alongamento lento. Detido naquela imagem, eu não consegui repetir, apenas observar. Quando voltou à posição inicial, encarou-me ao tempo em que correu as palmas por seu peito, deslizando-as lentamente em direção ao abdômen. Fiz o mesmo percurso, sentindo minha respiração pesando uma tonelada. A forma intensa como Danton me encarava, fazia-me sentir como se suas mãos me tocassem.

Meu corpo aqueceu sob o meu próprio toque, porém, não parei, mesmo percebendo que ele descia as mãos em direção à sua pélvis. Não se deteve ali, rotacionou as palmas para os lados, e as deslizou sobre as coxas, onde apertou ambas e fechou os olhos ao se deleitar com o próprio toque.

Eu nem sabia mais respirar, meu peito doía, lembrando-me que eu precisava de oxigênio. Puxei o ar para meus pulmões, notando que Danton fez todo o percurso de volta, deslizando as palmas das coxas a virilha, abdômen e peito, acompanhando com afinco cada movimento que eu copiava.

— Queria que fossem as suas mãos me tocando... — murmurou baixinho. Correu suas mãos para as laterais do pescoço novamente e enterrou os dedos em seu cabelo.

Ao fazer o mesmo, fechei meus olhos e lembrei de como seus carinhos me faziam falta. Para a minha sorte, a oradora começou a falar, interrompendo a dinâmica para seguir com a próxima.

— Foi bom? — Ela questionou, olhando para ninguém em específico.

Sim... não... não sei.

— As duplas podem se juntar ao grupo maior. A próxima dinâmica vai ser em grupo novamente. Se chama "roda de conversa", e eu vou explicar como funciona.

— Vem. — Danton estendeu a mão para mim, como sempre fazia em diversas situações, mas dessa vez era para literalmente me ajudar a levantar. Porém, eu neguei com a cabeça, estava tão atordoado que não podia sentir seu toque, ou eu iria desmaiar. — Não consegue nem pegar na minha mão?

— Danton, por favor, me dê uma colher de chá... — grunhi.

— Hoje não, meu céu. — Repetiu o chamamento propositalmente.

Respirei fundo, tentando tomar o controle da minha própria sanidade, e segui para o nosso grupo, já em um círculo.

— Para essa atividade, formem duas rodas, uma dentro da outra, com o mesmo número de pessoas. Vou ligar uma música. — Apontou para uma caixa de som ao seu lado. — E aí, a roda de dentro anda para uma direção, e a roda de fora anda para a outra, conforme a música. Quando a música parar, formem duplas, com uma pessoa da roda de dentro e outra de fora. De frente uma para a outra, conversem e, quando a música voltar a tocar, vocês voltam a rodar. E assim por diante.

— Quem vai ser da roda de dentro? — O Namastê perguntou.

— Vamos organizar. — O único aluno de verdade do curso, se achou no direito de pegar na mão de cada um, e organizar as rodas.

Ficaram: Vincent, Nando, Yuri e eu no círculo de dentro, e Theodoro, Danton, Minsuk e Rômulo na roda de fora, também virados para dentro. Eu só esperava que quando a música parasse, eu não me deparasse com a Ferinha, ao me virar.

Começou a tocar uma música e as rodas começaram a girar. O Felis Catus estava de um lado meu e o urubu bonito do mal estava do outro. Quando a música parou, fechei os olhos com força e virei para o círculo de fora, ao abri-los, meu sangue subiu à cabeça.

— Você é muito sonso, Theodoro Toussaint! — Apontei o dedo para ele. — Não venho mais a essas aulas pra visitantes, seu mentiroso.

— Calma aí, Coelho Terrorista. — Ergueu as mãos em defesa. — Eu não sabia que teria dinâmicas em dupla. Mas já que tem, eu não podia perder a oportunidade de te ver todo vermelho. — Começou a gargalhar, aumentando minha vontade de esganar ele.

Quando estendi minhas mãos para sacudi-lo, a música começou a tocar e eu fui empurrado para um lado, enquanto ele foi para outro. Nós da roda de dentro continuamos virados

na direção dos outros do lado de fora. Vince ao meu lado dançava como se estivesse numa balada. Cada vez que eu passava por Danton, a Ferinha piscava o olho e eu franzia os lábios, tentando não reagir. Até que a música foi pausada novamente.

Dessa vez, Danton parou de frente para Yuri que estava ao meu lado, e eu parei de frente para o Rômulo, que estava ao lado de Danton.

— Yuri, por favor, diga ao cabeça dura do seu amigo, que não adianta ele me evitar, porque eu não vou desistir de ficar do lado dele. — Danton olhava para o Catus, mas falava alto para que eu ouvisse.

— Você já está do lado dele... literalmente. — O Felis Catus respondeu entediado.

— Rô, o que você faria se estivesse de mãos atadas? — Com os olhos esbugalhados, perguntei ao rapaz à minha frente, alto o suficiente para Danton ouvir.

— Não faria nada, ué. Quem consegue fazer alguma coisa com as mãos atadas? — Rômulo deu de ombros.

— Exatamente! — exclamei e, olhando de soslaio, vi a Ferinha revirar os olhos.

— Eu não entendi nada. Então pra quê a pergunta, Julian? — Rômulo questionou.

O Teco que estava do outro lado de Danton, gargalhou tão alto que chamou a atenção de todos.

— Vocês estão precisando fazer mais uma dinâmica de dupla. Na próxima vão ficar juntos de novo, certo?

Antes que eu tentasse esganar aquele falso novamente, a música voltou a tocar, fazendo-nos ter que girar de novo. Não demorou tanto a ser pausada dessa vez. E para o meu azar, parei de frente para Danton.

— Finalmente...

— O que você quer conversar? — Resolvi encarar logo o diálogo.

— Eu quero te dizer que a poltrona de balanço que você pediu pra mim, já chegou. Ela é bem acolchoada e confortável pra nos acomodar. — Ele mantinha as mãos cruzadas atrás do corpo no momento em que se inclinou até quase encostar em mim. — Você escolheu bem, agora é só inaugurar comigo.

Um arrepio percorreu toda a minha coluna ao lembrar do nosso primeiro beijo em sua sala e, mais especificamente, na sua poltrona de balanço. Danton queria acabar comigo, despertando tais lembranças.

— Pare de falar essas coisas... por favor. — Fechei os olhos com força. Quando os abri, a mulher de tranças encerrou a atividade, felizmente.

— Ok, podem voltar ao círculo original. Gostaram das interações?

Sim... não... Eu quero a minha mãe.

— Eu sei que você gostou. — O provocadorzinho marrento se pôs ao meu lado.

— A dinâmica que vamos fazer agora vai ser em dupla, e se chama "jogo do silêncio". O objetivo dela é trabalhar a concentração e a atenção de vocês.

— Ouviu, Danton Ferinha? Ela disse, jogo do silêncio.

— O jogo é o seguinte, cada pessoa vai ficar com três clipes de papel na mão. De frente para a sua dupla, você vai fazer algo como cócegas, contar algo engraçado, e o outro vai tentar não se comunicar com você de forma nenhuma. Caso haja algum tipo de comunicação, riso, careta, o integrante que riu ou que conversou, paga uma "moeda" para a dupla. Ou seja, um clipe. Revezem, primeiro um, depois o outro. Quem ficar sem moedas primeiro, vai ter que fazer algo que o outro pedir. Pode ser alguma prenda, vocês que decidem.

Eu estava muito, muito ferrado.

Olhei para o lado e chamei a primeira pessoa que vi, para tentar salvar a minha vida.

— Minsuk... vamos fazer dupla juntos? — Meu pedido foi quase desesperado.

— Desculpa, Julian, mas o Theodoro já me chamou. — Ele passou o dedo indicador na sobrancelha grossa, um gesto que eu já tinha me acostumado a ver.

Passando a vista pelo grupo, vi que todos já tinham formado duplas. Que *inesperado*.

Antes que eu tentasse mais alguma saída, senti duas mãos apertando meus ombros por trás, o calor de uma respiração me acertando na nuca, e um sussurro em meu ouvido.

— Parece que restou apenas nós dois... meu céu. — Sua voz fez arrepiar até onde não deveria ter arrepiado.

A dinâmica é para trabalhar a concentração, Julian, trabalhar a concentração. Mostre que você é capaz, ou vire presa da Ferinha.

— Vem sentar comigo — chamou, já me guiando com a sua mão segurando a minha.

No instante em que sentamos no chão, um de frente para o outro, uma aluna veio até nós e entregou três clipes para cada um.

— Quer começar? — Ele exibia um sorriso travesso, brincando com os clipes em sua mão.

— Sim.

Após decidirmos que eu começaria, ficamos em silêncio, enquanto eu pensava no que fazer para arrancar alguma reação dele.

A dinâmica foi toda feita de piadas sem graça que nos faziam rir e ir perdendo nossos clipes para o outro. Até que chegamos em um momento decisivo onde cada um ficou com apenas um clipe.

— É a sua vez de se concentrar. O que quer dizer que, se você reagir, perde o jogo. — Danton avisou.

— Ok. Pode contar suas piadas horríveis. Dessa vez, não vou rir.

Sua boca se desenhou numa risada prepotente, quando ele levantou e me olhou lá de cima. Deu a volta até sair do meu campo de visão, fazendo-me engolir a própria saliva e me arrepender de ter lhe provocado.

Danton agachou atrás de mim e colou seu peito em minhas costas. Em seguida, senti suas mãos em meus ombros quando ele sentou sobre as próprias pernas, deixando-as uma em cada

lado do meu quadril. Por fim, raspou os lábios em minha nuca, quando murmurou:

— Não é uma risada que eu vou arrancar de você.



Nota mental:

Pedir a Deus que olhe nos slides do céu,

se alguma vez eu disse que era masoquista!

Danton correu as mãos por meus ombros e braços, enquanto aquele maldito Orange Gold que impregnava perfeitamente em sua pele, invadia meu olfato. Meu coração já dava cambalhotas com aquela proximidade, todavia, tentei ao máximo controlar minha respiração que quase entregava meu estado abalado.

Recebi um beijo suculento em minha nuca, ao tempo em que senti o deslizar das suas palmas até minha cintura, onde ele apertou forte na carne. Os toques combinados me fizeram gemer, num misto de surpresa, dor e satisfação.

— Parece que eu ganhei — sussurrou, em seguida mordeu o lóbulo da minha orelha.

Minha lucidez estava me abandonando, assim como a minha alma.

— O que você quer? — Entreguei a minha última "moeda", derrotado.

— Um beijo.

Arregalei tanto os olhos que eles até doeram.

— Não precisa se desesperar, Juli. — Pela minha visão periférica o vi revirar os olhos e deixar seus clipes sobre o piso, assim como eu. — Pode ser um beijo no rosto.

— Ok, isso eu acho que posso fazer.

Posso catapimbas nenhuma!

Danton deu a volta e, como eu, sentou em pose de lótus, tão perto que suas pernas encostaram nas minhas. Segurei em seus braços de músculos suaves, parcialmente desnudos, onde a camisa de algodão não cobria. Endireitei minha postura, umedeci meus lábios e os aproximei de sua testa, ansioso ao ver que Danton fechou os olhos, esperando por minha ação.

Deveria ser um contato rápido, para a própria proteção do meu coração. No entanto, ao encostar meus lábios em sua testa, bem em cima de uma pintinha cuidadosamente escolhida, não consegui me afastar rápido. Seu cheiro, a textura da sua tez, a ligação dos meus lábios por apenas um pequeno pedaço de pele, fazia meu corpo reagir sozinho, e ele sempre escolheria ficar perto de Danton Sartori.

Apertei os olhos quando senti as mãos do meu amor tocando minhas coxas, num aperto carinhoso que por si só funcionava como um pedido. Ele queria mais, eu também, apesar de na minha cabeça existir um milhão de conflitos.

Entretanto, a oradora interrompeu o momento, porque já era tempo de encerrar a dinâmica.

Afastei-me dele e o encarei por alguns segundos antes de levantar, percebendo que sua face estava tão séria quanto a minha, totalmente desprovida da sua provocação anterior. A tensão fazia isso conosco.

— Gostaram da dinâmica? Conseguiram se concentrar? Vamos para a próxima!

Já de pé, ficamos lado a lado, sem nos preocupar em pegar os clipes do chão. Não consegui me concentrar nem em respirar, quanto mais em não reagir ao homem que eu amava.

— Podem continuar com a mesma dupla, essa é a última atividade. Se chama Luz Negra. Cada pessoa vai receber um refil com cinco compartimentos cheios de tintas de luz negra coloridas. Não se preocupem, ela é de secagem rápida. Vocês vão sujar os dedos, ou as mãos, e pintar a pele da sua dupla. Quem quiser pode tirar a camisa. O objetivo é trabalhar a percepção espacial, criatividade e expressão corporal.

— Eu não vou tirar a camisa — avisei, amassando minha roupa, ao puxá-la para o centro, como se Danton já estivesse tentando tirá-la, apenas por me olhar.

— Ah, Julian. Minha camisa tem mangas curtas, só não tiro por causa disso, mas a sua tem mangas longas. Nem vou conseguir te pintar.

— Lembrem que somos nós quem fazemos nossas vergonhas, aqui é um espaço livre de julgamentos, onde fazemos tudo em nome da arte. Isso é teatro. — A oradora explicava mais uma vez.

— Tudo pela arte... — Danton ergueu as palmas em defesa. — Você pode pelo menos abrir os botões? Não precisa tirar.

— Posso... — respondi, derrotado.

Dessa vez, foi um rapaz que nos entregou duas caixinhas retangulares de plástico, com cinco compartimentos redondos, onde cada um continha uma cor de tinta. As cores eram: azul, amarelo, vermelho, verde e roxo. Dei a minha tinta para Danton segurar, enquanto eu abria os botões da camisa.

Desde o primeiro ao último botão, Danton me observou. Seus quasares queimavam minha tez, entretanto, mesmo com as mãos trêmulas, fui até o fim.

— Quando terminarem, cada dupla pode ir em num daqueles provadores. — A professora apontou para alguns compartimentos com cortinas que eu já tinha notado quando cheguei no salão. — Lá dentro, vocês podem apagar as luzes e ver as cores que as tintas deixaram no corpo da dupla. Legal, né?

Não! Sim! Não sei.

Meu ex-namorado olhou para baixo e deu um sorriso totalmente oblíquo. Ao subir novamente as orbes, fez o caminho todo observando descaradamente cada centímetro de pele que

eu expus, ainda que a camisa não estivesse tão aberta. Grunhi, sentindo uma fisgada em meu baixo ventre e tentei afastar aquela sensação de calor, esfregando minhas mãos em meu rosto.

Estendi a mão para pegar as tintas que estavam com Danton, e ao tê-las em minhas mãos, comecei a pensar que eu não queria sujar a camisa que ele me deu, por isso, propus:

— Eu tiro a camisa, se você tirar também. — Nem era malícia que rondava na minha cabeça. Eu queria apenas naturalidade entre nós, e não me sentir exposto sozinho.

— Por mim tudo bem. — Deu de ombros.

Sem demora, colocamos as tintas no chão e retiramos as camisas. Eu me senti menos envergonhado por não ser o único a retirar a peça, além do mais, muitos à nossa volta estavam fazendo isso. Até mesmo as mulheres que usavam top por baixo da blusa.

Embora eu tenha me arrependido quando vi seu peitoral e abdômen expostos à minha vista saudosa, tentei me concentrar em fingir que eu não me abalava por ser algo costumeiro entre nós. Pura mentira.

Assim que Danton traçou um percurso, com seus dígitos sujos de tinta, do meu peito ao abdômen, fechei os olhos. Lembrei do seu toque em mim, sempre tão devoto, tão intenso ao mínimo contato.

Minha pele arrepiava sem intervalos e, cada vez que eu puxava o ar, sentia seu cheiro suave e floral, denunciando o quão perto nossos corpos estavam.

Minhas mãos ansiosas percorreram sua silhueta exposta para mim, de baixo para cima, marcando as laterais do seu quadril, em direção à cintura e depois as costelas. Até que contornaram seu peito, clavícula e pescoço. O marrentinho suspirou e agarrou minha cintura como se ela fosse seu amparo.

Havia necessidade em cada pedaço de pele que se sujava de tinta. Todavia, eu tomei a decisão de deixá-lo e não podia lhe confundir, fazendo-o acreditar que esse momento significava que nós voltaríamos.

— Vamos para o box? — Sua voz saiu frágil como um fio.

— Eu sei o que você está fazendo, não vamos simplesmente nos entender, e reatar, Danton. É perigoso.

— Eu não disse nada sobre isso — falou naquele tom de falsa inocência.

A guerra dentro de mim estava acirrada demais. Eu sabia que se entrássemos naquele box, sozinhos, eu não iria me segurar, Danton tampouco. O que eu deveria fazer?

Minha convicção de que mantê-lo longe de mim era o melhor a se fazer, continuava de pé, firme e forte, todavia, ter o homem que eu precisava manter afastado, tão perto de mim, fazia meu peito gritar enlouquecido por mais dele.

— Eu vou, mas só pra gente ver a luz negra da tinta, depois a gente volta — decidi.

— Nem você acredita nisso.

— Danton...

— Ok, como você quiser, Juli.

Ele segurou meu pulso e me guiou até um dos provadores do outro lado do salão. No caminho, percebi que algumas outras duplas já tinham ido também, enquanto outras ainda estavam se pintando. Pelo visto, tempo não era problema.

Quando Danton trancou a porta, percebi que o espaço, iluminado por uma lâmpada, mal cabia duas pessoas. Através do espelho grande que tinha ali, vi Danton atrás de mim e senti o calor do seu torso nu em minhas costas. Seus quasares queimavam com tanto desejo que fiquei sem reação. Por um momento, apenas me encarou pelo reflexo, enquanto repousou as mãos em meus ombros. Até que, numa lentidão torturante, abaixou a cabeça e roçou os lábios no ponto de união entre meu pescoço e ombro, onde sua respiração quente me acertou em cheio.

— Dan... — choraminguei seu nome. O calor do seu corpo me domava inteiro.

Minhas pálpebras pesaram até que as fechei. Eu não podia tocá-lo e colocar tudo a perder. Precisava lembrar dos motivos que me fizeram ter que afastá-lo.

— Eu sinto a sua falta... — A pontinha da língua percorreu minha nuca. Meu corpo poderia convulsionar se ele continuasse com aquela provocação.

Suas mãos apertaram os meus ombros, e as minhas apertaram as laterais da minha calça, tentando descontar as sensações que me devastavam por dentro.

— Me diz, Juli... como é a sensação de querer me tocar e não poder? — perguntou, no tempo em que deslizava uma mão pelo meu braço esquerdo.

— Familiar — balbuciei. Não fazia tanto tempo desde que passei pela tortura de querer tanto ele e não poder.

— Dessa vez o que te impede é você mesmo, porque eu estou aqui cheio de saudade do seu beijo. — Arrastou o nariz pelos fios de cabelo perto da nuca. Meu corpo estava amolecendo, cedendo aos poucos. — Volta pra mim, meu céu.

— Eu te pedi pra não me chamar assim. — Tombei minha cabeça para o lado.

— Meu céu... — sussurrou mais uma vez.

Com uma mão ele desligou a luz do provador. No escuro, pude ver a luz negra da pintura que Danton fez em meu peito e abdômen. Ele deu a volta, até ficar de frente para mim e cessou todo e qualquer contato físico que tinha comigo.

— A minha boca sente falta da sua. — Sobre o meu rosto repousou sua mão. — Vem matar essa saudade, vem?

Na mesma medida em que eu queria jogar tudo e dar lugar à saudade que rasgava meu peito, minha mente lembrava do ocorrido com Tereza, uma mulher tão dócil, que não foi poupada por alguém egoísta que queria apenas me atingir. Assim como lembrei do desespero do seu marido. Se fosse com Danton, eu não iria suportar.

— Eu não posso ficar com você, Danton, não agora. — Engoli minha saliva como se fosse um bloco de concreto.

— Tudo bem, eu sou paciente. Mas eu quero pelo menos um beijo... por favor, não negue isso a nós.

Encarar seus olhos cheios de expectativa, com a pouca iluminação por debaixo da porta,

foi o estopim para mim. Embrenhei minhas mãos em seus cabelos, e o puxei para unir sua boca à minha.

Senti seu suspiro arrastado e seus lábios trêmulos, mas tão vorazes. As mãos seguraram minha nuca como se fosse sua tábua de salvação e seu corpo se deixou ser conduzido de bom grado pelo meu, até que, com certa rudeza, suas costas bateram na parede ao nosso lado.

Arrastei minha língua contra o céu da sua boca, explorando cada cantinho daquela cavidade sedenta, enquanto suas mãos contornavam minhas costas, onde deixou arranhões que me fizeram estremecer.

— Eu te amo... tanto... tanto, meu céu — Havia angústia em cada sílaba proferida pelos aqueles lábios roçando nos meus.

— Eu te amo mais do que o universo pode ser revelado ao ser humano, Danton Sartori. Queria tanto que fosse o suficiente.

— Você sabe que é. — Uma lágrima que escorreu por seu rosto também umedeceu o meu.

Como eu conseguia carregar tanto sentimento dentro do peito por apenas um alguém? Como a ciência podia explicar tal conexão entre duas pessoas?

— Volta a ser a minha Rigel, Julian… a maior estrela da minha constelação.

As palavras do Kris voltaram a me assombrar.

"Da próxima vez, eu ferro com você e com quem estiver perto."

— Eu nunca deixei de ser seu, meu amor, mas agora não dá.

— Por favor, pare de fazer isso com a gente.

Quando sua voz soou embargada, eu soube que era hora de encerrar aquela conversa. Vê-lo chorar me causava uma dor insuportável. Tomei distância, até que não tivéssemos mais nenhum contato físico. Ainda que me quebrasse em mil fragmentos, eu deveria fazer o correto, ter responsabilidade com o homem que eu amava. E, para que Danton entendesse, eu sabia que havia apenas uma forma: fazê-lo se colocar no meu lugar.

— Seja sincero, se alguém tentasse te atingir, fazendo mal a quem você ama, se eu estivesse em perigo apenas por estar ao seu lado, você me faria correr tamanho risco?

Danton quebrou qualquer conexão visual comigo e não me respondeu. Não precisava, ele sabia; eu sabia a resposta. O homem que eu amava, amava-me com a mesma intensidade, era tão fácil ver e sentir.

— Não me peça pra fazer o que você não faria, Danton.

Ele suspirou antes de balançar a cabeça para os lados, com seus adoráveis quasares se fechando em sofreguidão.

Eu não sabia explicar, o quanto aquele loiro marrentinho já estava impregnado na minha vida, ocupando cada espaço que a ele pertencia, que por ele foi criado e cultivado. Sabia apenas que ser dele, por livre e espontânea vontade, era algo irremediável. Isso doía tanto, porque fazia tudo ser mais difícil e conflituoso ainda.

Eu o amava com tudo o que tinha, essa era a verdade absoluta do meu coração, todavia, havia tanto medo de perdê-lo e existir em um mundo sem o meu Danton.

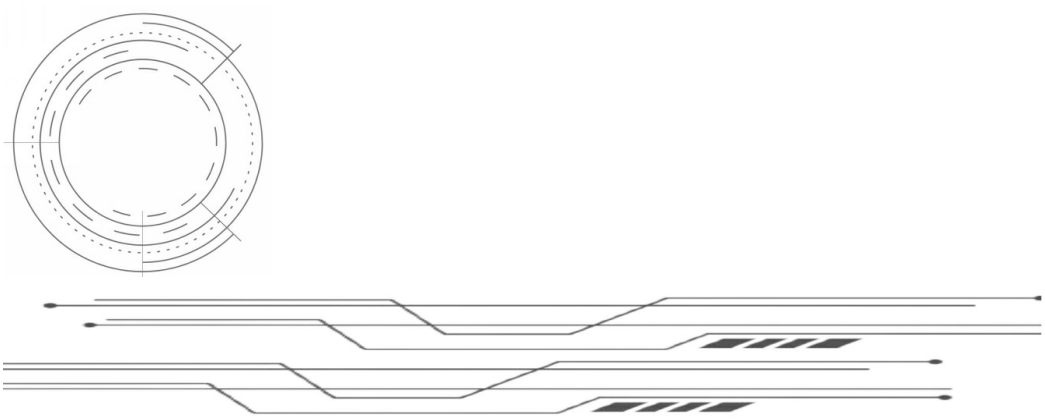
— Desculpa... Espero que entenda, que te afastar agora é a melhor forma que eu encontrei de demonstrar o meu amor por você.

Sabendo que eu não conseguiria mais segurar uma crise de choro violenta, abri a porta do provador e saí sem olhar para trás. Danton não foi atrás de mim, no fundo, sabia que meu amor por ele era forte o suficiente para que eu fosse determinado dessa vez.

Deixei ele para trás, na esperança de que a situação que eu estava vivendo se resolvesse urgentemente e eu pudesse voltar a ter a oportunidade de fazer Danton feliz, ao meu lado.

Eu não fazia ideia de que estávamos apenas no início dos desafios que ainda enfrentaríamos.

CAPÍTULO 14



88

Quem alegou que onde há amor, não existe medo, com certeza nunca esteve na minha pele, porque em mim habitava os dois sentimentos.

Desde a sexta-feira em que fui à aula de teatro e acabei cedendo aos encantos do Danton Ferinha, tive medo de que Kris tivesse nos visto, posto que aquele demônio parecia me vigiar o tempo inteiro. Eu me sentia responsável pela segurança do Danton. Mandei uma mensagem a ele, quase implorando para que me deixasse contratar alguém para fazer a sua segurança também. O que ele respondeu? "*Só aceito se o segurança for você*".

Infelizmente, passei o fim de semana cheio de uma saudade que massacrava meu músculo cardíaco. E, felizmente, moldar todo o meu projeto novamente demandou muito trabalho e muito tempo. O que fez com que parte da minha cabeça fosse preenchida com algum assunto importante, ao ponto de eu não ter chorado o tempo inteiro.

Yuri passou o domingo comigo, enquanto eu trabalhava na transformação da minha chave. Ele contou como foi sua experiência de conhecer meus amigos da empresa. Foi legal ver que ele fez amizade não apenas com Danton, mas com o quarteto fantástico.

Eu queria continuar naquele clima suave que sempre me banhava quando eu estava com os meus amigos, todavia, algo me dizia que eu iria ter mais estresse na segunda-feira. E esse "algo" se chamava John Osborn.

Desde o dia da minha apresentação arruinada, não falei pessoalmente com meu pai, porém, uma hora ou outra eu teria que falar com ele sobre o meu projeto e a minha orientação sexual, tudo de uma vez.

Após treinar na Espartano, pedi ao segurança Kim Chan que me deixasse na empresa. Assim que cheguei na pequena recepção em frente a sala do poderoso John, vi a secretária Cha Eunwa mexendo em seu computador.

— Bom dia, senhor Julian, está procurando o seu pai? — sorriu educadamente quando as íris negras recaíram em mim, mas eu sentia o cheiro da falsidade a quilômetros.

— Sim. Ele está? — Não fiz questão de devolver o cumprimento. Estava farto de ter que

ser agradável com todo mundo.

— Está, mas o senhor marcou horário com ele?

— Eu não preciso marcar horário, sou o filho dele.

Só me faltava essa. Eu mal via essa secretária e, geralmente quando ia falar com meu pai, sempre entrava sem cerimônias.

— Eu sei, era só para o caso de o senhor Osborn estar ocupado, resolvendo algum outro problema.

— Bom, pelo menos eu já sei que assistindo dorama com a secretária, ele não está. — Dei um sorriso seco e segui em direção à porta da sala da presidência.

Assim que ela abriu, avistei o CEO mexendo em sua própria estante, parecendo separar livros de pastas. Quando me viu, inclinou a própria cabeça para baixo, a fim de angular seus olhos na altura dos óculos.

— O que você quer, Julian? — Então voltou a dar atenção ao que fazia.

— Preciso conversar com o senhor sobre dois assuntos importantes.

Segui em direção à cadeira de frente para a sua mesa, mas não sentei. Apenas coloquei minhas mãos sobre o apoio dela. Estar com as mãos ocupadas me ajudava a controlar minha ansiedade.

— Seja rápido, Julian. Estou sem tempo.

Sempre está…

— Preciso apresentar meu projeto, eu modifiquei algumas coisas e…

— Pode esquecer, você não vai me fazer passar vergonha novamente.

— Pai, eu vou conseguir dessa vez. O senhor sabe que eu tenho inteligência o suficiente pra mostrar um projeto bom pra essa empresa. Por que sempre dificulta as coisas pra mim? — Apertei o acolchoado entre minhas mãos, já começando a ficar nervoso.

— E por que você acha tanto que merece mais uma chance depois de eu ter te dado e você ter desperdiçado?

Eu não ia ficar justificando que foi porque tive uma crise de ansiedade, sendo que ele já mostrou que achava uma frescura. Com John Osborn, eu precisava mostrar minha competência.

— Porque eu sou um gênio em criações de tecnologia avançada e inteligência artificial. Por isso. — Cruzei os braços, com a confiança que havia nascido em mim depois de um longo processo, saindo por cada poro meu.

John Osborn pouco fez caso da minha afirmação, contudo, eu já estava acostumado com aquela sua postura. Dei a volta na cadeira, sentei-me sobre ela e descansei os cotovelos nos apoios para os braços. Procurei ficar o mais relaxado possível.

— Sabe aquele livro de capa azul, o "Tecnologia Aplicada à Física"? — Meu pai olhou na direção que eu gesticulei com a cabeça, e assentiu. — Eu estudei e memorizei ele todo esperando que o senhor aceitasse minha participação no projeto de inovação tecnológica da empresa.

— Você não memorizou um manual mais grosso do que a Bíblia. — Ele moveu a cabeça para os lados, incrédulo, mas pegou o livro e se escorou na estante.

Se ele soubesse que não foi o único livro que eu memorizei…

O poderoso John abriu o manual, deixando-o em pesos iguais em suas mãos. Feito isso, começou a se gabar, que era o que fazia de melhor.

— Essa empresa ganhou o prêmio de inovação com as nossas portas, quando Jae e eu nos baseamos nesse livro, que não é qualquer um que entende. Ninguém hoje em dia conseguiu colocar a tese dele na prática. Nós conseguimos.

— Poderiam ter ganhado o prêmio de inovação e o de destaque do ano, se tivessem observado melhor quando Anthon fala dos macetes usados na tecnologia infravermelha, para personalizar o sistema. Assim o sistema das portas seria mais superior ainda. Também poderia ter um suporte na estrutura geral que unificasse todos os sistemas dos equipamentos. Pense comigo, a High Security iria diminuir essa quantidade massiva de material que gasta em cada equipamento, e ainda iria poupar o meio ambiente. — Girei na minha própria cadeira de rodinhas, imerso no meu raciocínio. — Mas essa última sugestão saiu da minha cabeça mesmo, não da de Anthon. — Bati o dedo indicador na têmpora.

Meu pai abriu a boca, mas logo a fechou, ele nunca se dava por vencido.

— Muito ilusório, não vejo como unificar todos os sistemas que temos aqui. São muito complexos.

— Pois eu vejo. Seria como um sistema comandado por uma inteligência artificial, como o que eu programei no meu carro. Aquele que o senhor não quis levar a sério.

— Já que você se acha tão bom, vamos remarcar sua apresentação. Não falhe dessa vez.

— Não vou. — Um sorriso mínimo brotou em meus lábios.

— Qual é o outro assunto?

Seu genro.

Ex, futuro, nem sei. Posso nomear apenas como*: "O homem da minha vida"*.

Meu coração gelou e a minha pressão, com certeza, despencou naquele momento. A questão era que eu ainda tinha muito medo da sua reação, porém, não tinha mais vergonha de ser quem eu era. Dado isso, aquela conversa estava se tornando cada vez mais inevitável.

— Eu estou amando uma pessoa. — Respirei fundo e endireitei minha postura na cadeira. — Quando eu digo, uma pessoa, quero dizer… um homem. E quando digo um homem, quero dizer que é o Danton.

John travou a mandíbula com o bombardeio de informações, mas se eu demorasse perderia a coragem. O homem me encarou com tanta frieza, achei que seria engolido por aquela atmosfera pesada.

— Você está brincando, não está?

— Não. — Foi o que consegui responder, focando em manter o ritmo da minha respiração normal.

— É claro que você está brincando. Eu não tenho um filho gay, e você não faria isso com o seu próprio tio. — Sua expressão não era tão incrédula assim. Ele saiu de perto da estante e se apoiou com as palmas na mesa.

— Eu não armei nada contra o Jae, apenas aconteceu de eu me aproximar do Danton e me apaixonar por ele.

— Se apaixonar, Julian? — Inclinou-se em minha direção, cuspindo as palavras com nojo. — Aquele puto seduziu você pra subir na vida!

— Não fale assim dele! — vociferei ao me levar da cadeira, enfurecido.

— Não altere o tom da voz pra mim, moleque! Eu sou o seu pai! — Apontou um dedo para mim e eu permaneci quieto. — Ouça bem, você vai esquecer essa história de gostar de outro homem. Você só está confuso e é jovem, isso passa.

— Eu não estou confuso, pai. — Havia apenas a mesa de madeira maciça entre nós e, naquela distância, eu o encarava. — Eu me atraio por corpos masculinos, sempre foi assim, eu só não tinha coragem de falar. Porque nunca fui o suficiente para o senhor, e nem espero mais ser. Se nunca fui bom como filho, quando era supostamente hetero, agora é que não vou ser mesmo. E está tudo bem, sabe por quê?

Toda a sua expressão mostrava desprezo e evidenciava o quanto reprovava cada palavra que ouvia.

— Porque tentar ser o que o senhor quer que eu seja, cansa. É um patamar inatingível. — Joguei meus braços no ar, demonstrando a minha desistência. — Hoje estou consciente de que eu sou bom o suficiente, independente se o senhor acha isso, ou não. Então pode pensar o que quiser, eu não sinto mais essa necessidade de lhe dar orgulho, não quero mais ser como o senhor.

Nunca vi meu pai sem reação como nesse momento. Lógico, ele nunca precisou. O filho submisso nunca havia lhe respondido.

— Eu não estou reconhecendo você. — O volume da sua voz diminuiu.

— Pois eu me reconheço. — Espetei meu nariz no ar. — E tenho orgulho de ser quem eu me tornei, mesmo com tanta pressão em cima de mim.

— Eu não acredito nisso, e não aceito. Ouviu? Eu não aceito! — Bateu com força na mesa, mas não me espantei.

— E por que o senhor aceita que um amigo que considera um irmão seja gay, mas não aceita o seu próprio filho? — Pus as mãos nos bolsos e vi sua expressão vacilar. Ele não tinha argumentos plausíveis para retrucar, mas ainda assim tentou.

— Porque o Jae é maduro, soube levar uma vida profissional normalmente, mesmo estando noivo daquele lá…

— Danton. Já disse que ele tem nome.

— Você nem foi comemorar o aniversário de trinta e sete anos do Jae, lá em casa conosco. Mas quando você completou vinte e quatro, ele cancelou uma viagem, em que iria fechar um negócio importante, para estar com você. Não lembra? Ingrato!

Era lógico que eu lembrava, fazia apenas alguns meses que se passou o meu aniversário.

Naquele primeiro de Maio, Jae virou a noite conosco, na casa dos meus pais. A presença dele fez toda a diferença, como sempre. Contudo, isso agora me parecia uma lembrança um tanto distante, devido aos últimos acontecimentos.

— Isso é mais um exemplo de como seu tio faz o que quer sem deixar as obrigações de lado, já você não é centrado como ele, infelizmente — vociferou entredentes. — Pode ter certeza que o Jae vai ficar sabendo que você esteve aqui para dizer que ama o noivo dele.

— Ex! — corrigi enfático. — E pode me comparar com ele o quanto quiser. Eu não me importo mais. Aliás, sabia que o seu protegido foi ao meu apartamento e me agrediu?

Falei no impulso, mas não imaginei que meu pai ficaria tão impressionado como se mostrou. Abriu a boca e uniu as sobrancelhas, à espera de qualquer sinal de que eu estava fazendo alguma brincadeira de mal gosto.

— O Jae nunca faria isso com você…

Meu pai parecia surpreso até demais. Talvez ele era a pessoa que mais colocasse a mão no fogo pelo amigo.

— Pois ele fez. Já vim contar o que eu queria, não vou mais atrapalhar o senhor, que está sempre tão ocupado. — Caminhei em direção à porta. O poderoso John estando em estado de choque era o momento perfeito para eu sair. — Até mais, pai.

Andando pelos corredores da HS, pensei no quanto a reação do poderoso John poderia ter sido pior. Ele poderia ter me renegado como filho, ter dito que eu não iria mais apresentar projeto nenhum, entretanto, pareceu chocado demais com o comportamento do Jae para ter dado prosseguimento a qualquer repreensão. Melhor para mim.

Passei o restante do expediente delegando atividades para o estagiário carrapato. Também recebi uma ligação do investigador Marco, que me disse que a polícia já estava analisando as escutas espiãs que eu entreguei. A parte ruim foi saber que Eric ganhou o direito de responder o processo em liberdade, todavia, tentei não me desesperar.

Às 17 horas, pus o meu protótipo em minha maleta, pronto para ir embora. Como o dispositivo estava em constante modificação, eu o levava sempre comigo.

— Estou indo, Jiaer, obrigado por ter ficado até tarde hoje, ajudou muito a adiantar algumas coisas.

Apesar de não confiar nele, foi inegável a ajuda que recebi de sua parte, quando ele nem tinha obrigação de ficar mais do que o período da manhã.

— Não foi nada, senhor Julian Osborn Roux, hoje eu não tinha aula mesmo, foi bom que adiantei algumas horas do estágio. — Ele arrumou os óculos no rosto e levantou da sua cadeira. — Posso ir com o senhor até lá embaixo?

— Pode.

Desci até o térreo com Jiaer tagarelando ao meu lado, sobre como a sua avózinha estava feliz com o seu desempenho na universidade. Até que avistei o Namastê parado na entrada da recepção principal.

Assim que nos viu, o sensitivo acenou, esperando que chegássemos até ele, mas sem

animação naqueles olhos grandes e sempre tão expressivos em sua face.

— Namastê, Julian, Jiaer, tudo bem com vocês? — cumprimentou-nos, com as palmas das mão juntas, assim que paramos à sua frente.

— Tudo bem, Nando, e com você? — Jiaer acenou com a mão.

— Acho que sim… Eu estou indo esperar o Vince no estacionamento, estão indo pra lá também?

— Tem alguma coisa te preocupando, Namastê? — indaguei, já conhecendo meu amigo o suficiente para imaginar que havia alguma coisa errada.

— Eu não sei dizer… tem uma sensação ruim me cercando desde hoje cedo, mas piorou agora no fim da tarde.

Enquanto ele falava, começamos a caminhar na direção do estacionamento.

— Deve ser o cansaço… — Jiaer opinou.

— Acho que não — respondi ao carrapato, em seguida me dirigi ao Nando. — Agora que você falou isso, me deu até uma sensação ruim também.

Nem era brincadeira, um calafrio ruim perpassou pelo meu corpo, fazendo-me apertar o puxador da minha maleta com força.

E, para completar, quando chegamos cada vez mais perto da minha Ferrari, o Namastê estancou no próprio lugar e encarou o veículo.

— É o seu carro… — Ele parecia não saber o que dizer além disso. — O seu carro…

— O que é que tem o meu carro? Eu pedi que o meu segurança estacionasse ele ali.

— Tem alguma coisa errada…

— Será que não é melhor eu ir ver, então? Se tiver algo errado, eu vou perceber. — Mal dei dois passos e o estagiário me impediu, segurando-me pelo pulso.

— Senhor Julian Osborn Roux, talvez seja melhor não ir lá. — Jiaer olhou na direção da parte baixa do automóvel enquanto falava. — E se der algum problema antes de entrar no carro?

— Você sabe de alguma coisa? — Cruzei os braços, virando-me de lado para encarar o garoto.

— Não, mas se o seu amigo está com um pressentimento ruim e o senhor também, não é melhor deixar o carro pra lá?

Isso era verdade, no entanto, eu não podia deixar o carro estacionado ali para sempre, sem saber qual era o problema de fato.

— Já sei o que eu vou fazer…

Sob os olhos atentos dos dois ao meu lado, agachei-me e abri minha maleta, para retirar o protótipo e o controle remoto de dentro dela. Uma das primeiras alterações que fiz foi implantar "perninhas" robóticas no equipamento, para que ele andasse de acordo com as instruções do usuário.

Pus o protótipo no chão e observei que as poucas pessoas presentes no estacionamento,

estavam longe de nós. Era um momento perfeito para testar antecipadamente como a minha chave atenderia uma pessoa com deficiência visual.

— Faça o reconhecimento do cenário à sua frente. — Dei o comando com o controle próximo da boca. Ele tinha a opção de a informação aparecer em forma de texto para quem não tivesse deficiência visual, ou a opção falada. Foi essa última que ativei.

A câmera, recém implantada na chave, fez um pequeno giro para captar as imagens à sua frente e ser os meus olhos. Jiaer e Nando se agacharam ao meu lado para observar também. Até que a informação foi dita com uma voz artificial parecida com a da Rari, o sistema do meu carro.

"Automóvel da marca Ferrari, na cor preta, com placa de número JJ 4848, localizado a três metros à sua frente. O caminho não possui obstáculos."

— Acople na porta do motorista. — A chave, que mais parecia uma aranha gigante robótica, caminhou até o carro e grudou na porta.

— É melhor tomarmos um pouco mais de distância, estou com medo. — Jiaer colocou todos os dedos de uma mão na boca.

— Ele tem razão. — Nan concordou.

A ideia não era ruim, por isso nos afastamos até chegarmos próximo da fileira de carros do outro lado da pista de saída de carros. Eram uns dez metros de distância. Eu estava apreensivo, mesmo não estando sozinho. Mesmo assim, dei a ordem:

— Abra. — Dessa forma, o protótipo fez o reconhecimento da porta, ficando azul e depois verde.

Então aconteceu. No momento em que a porta abriu, vi dois pontos de luz vermelhos acendendo debaixo do carro. Ouvi um barulho de explosão ensurdecedor e um clarão ofuscando a minha vista. A Ferrari explodiu e atingiu os automóveis vizinhos a ela, fazendo-nos pôr as mãos no rosto, ao tempo em que gritamos assustados.

Meu carro estava em chamas.

E a única coisa que consegui pensar foi que poderia ter sido eu e quem estivesse do meu lado. Poderia ter sido um dos dias em que eu dava carona para o Namastê. Poderia ser um dos dias em que eu estivesse saindo do trabalho com o Danton, para irmos namorar um pouco em meu apartamento.

Permaneci sentado no chão, escorado em um carro, em choque por um bom tempo.

Não tive reação quando Nando e Jiaer perguntaram se eu estava bem, ou quando os seguranças do prédio vieram até nós para saber o que tinha acontecido, junto de alguns funcionários curiosos. Muito menos quando algum tempo se passou e eu ouvi as sirenes dos bombeiros e da polícia ecoando no local.

Fiquei em choque, acompanhando o que se passava à minha volta somente de forma superficial. Era como se minha consciência estivesse longe do corpo. Só consegui ter alguma reação quando senti braços calorosos contornarem meu corpo, em um abraço protetor. Era a minha mãe, ajoelhada ao meu lado, preocupada comigo.

— Meu filhote, olhe pra mim, responda a mamãe. Você está bem agora?

Olhei para o seu sorriso caloroso enquanto sentia o cheiro de queimado no ambiente. Ainda que os bombeiros já tivessem apagado o fogo da pequena explosão, ainda havia fumaça no local.

Um pouco distante de onde estávamos, meu pai conversava com o investigador Marco Stevens. Assim que me viu, ele veio até mim, e se agachou na minha frente.

— Ei, campeão, como você está? — Um sorriso surgiu no centro do rosto de pele retinta.

— Vivo, eu acho… — murmurei apenas, abraçando meus próprios joelhos.

— Posso tomar um minuto do seu tempo? — Marco pediu, mas na verdade olhava para a minha mãe.

— Você está bem pra conversar com ele, filho? — eu assenti e ela confirmou para o investigador com um gesto de cabeça. — Fique bem, filhote. Qualquer coisa vou estar aqui por perto, amo você. — Então, Nara Roux me deu um beijo no topo da cabeça e saiu.

— Onde está o Jiaer e o Nando? — questionei, sem nem saber mais quanto tempo tinha se passado.

— Estão na viatura, relatando o que aconteceu.

Concordei com a cabeça, ainda com o olhar vago, entretanto, o que ele falou a seguir ganhou minha atenção.

— Nós pegamos o Kris.

— Pegaram? Como? Foi ele que tentou me matar de novo, não foi?

— Sim, o cara tentou fugir de Sandin agora de noite, com alguns explosivos no porta malas, mas nós já estávamos de olho na movimentação dele.

— Marco, você viu o que aconteceu, por que o Eric está solto?

— Veja bem, Julian. Por mais que tenha sido comprovado a participação do Peterson na sabotagem do elevador, ele conseguiu o direito de responder o processo em liberdade, já que não apresenta ameaça, segundo o argumento do advogado.

— Mas olha o que o Kris fez…

— Até agora estamos tratando como crimes separados, ainda que não descartemos a possibilidade de estarem vinculados. — Sentado sobre os calcanhares, ele apoiava os cotovelos nos joelhos e estalava os dedos de uma mão. — Sua mãe, como advogada da empresa, tinha solicitado a prisão preventiva do Eric, mas o advogado dele recorreu. No decorrer do processo, o juiz entendeu que a prisão antes do julgamento não era necessária e revogou a decisão.

— Então, mesmo que o Kris tenha sido pego agora, ele pode responder em liberdade também? — Senti uma agonia crescer dentro de mim.

— Calma. Na época em que o Eric foi preso, eu não estava assumindo nada, e tudo o que foi feito ficou na responsabilidade da autoridade policial do caso. — Ou seja, ele estava falando do seu colega de trabalho, Jang Changmin, que pouco fez a respeito da investigação. — No caso do Kris, ele ameaça uma pessoa. O próprio querelante pode requerer a prisão preventiva.

— E quem é esse cara? O querelante? Vamos pedir a ele, então. — Eu sugeri e o

investigador riu.

— O querelante é você. Você é quem está sendo ameaçado. É quem presta a queixa. Vou me certificar da prisão preventiva dele, levando você para requerer isso.

— Você é um anjo na minha vida, Marco. — Praticamente balbuciei, esticando as pernas sobre o asfalto do estacionamento, antes de tombar a cabeça contra a porta do carro. Eu estava exausto.

Minha mãe era uma advogada muito boa, eu poderia pegar inúmeras informações com ela. Mas a mulher viajava tanto, vivia tão ocupada quanto o meu pai, que eu acabava preferindo falar de assuntos familiares quando estava com ela.

— Eu também já pedi as imagens das câmeras do seu condomínio, da sua rua e adjacências para investigarmos o que aconteceu com a sua empregada, e se teve algum movimento suspeito. — Stevens, deu um leve aperto em minha canela esquerda e, antes de se levantar para seguir com seu trabalho, falou: — Descanse um pouco.

— Obrigado, Marco.

E o restante daquela segunda-feira passou, tão atormentada como foi o seu início. Na terça-feira de manhã, recebi uma mensagem do Yuri.

Felis Catus

Playboy, preciso falar com você.

Assim que puder, chega aqui na livraria.

Você

Pode deixar...😮📣

Eu estava com a cabeça muito cheia, não sabia quando teria tempo para ir até a Imagine para conversar, de qualquer forma respondi. Assim como respondi brevemente o Tico e Teco quando ligaram no fim da manhã perguntando se eu estava bem.

Depois do meu almoço, fui à sala de testes, onde escolhi os materiais para construir uma nova chave, já que a minha se foi com a explosão do carro. De vez em quando olhava para o corredor onde ficava a sala "anti estresse" de Danton, com uma esperança irracional de vê-lo pelo menos de longe. Eu ainda lembrava do nosso primeiro beijo naquela sala.

Enquanto eu sonhava, escorado em uma coluna um pouco escondida, vi o diretor do setor se aproximando de mim.

— Julian… — Vincent cruzou os braços assim que parou à minha frente. — O Nando me falou sobre o que aconteceu ontem. Você está bem?

— Sim. — Respirei fundo, com as lembranças ainda muito vivas em minha cabeça. — Por sorte ninguém se machucou, os carros ao lado do meu estavam vazios.

— É, mas todos ficamos muito preocupados.

Quando ouvi a palavra "todos", inevitavelmente me perguntei se Danton fazia parte daquela abrangência. Não estávamos mais juntos, porém, se eu soubesse que o homem que eu amava poderia ter morrido, eu o ligaria imediatamente. Contraditoriamente, Danton não fez isso. Eu podia apenas imaginar que ele não estava sabendo de mais essa tentativa de homicídio.

— Vincent… o Danton também soube o que aconteceu?

— Soube sim. O Danton está na sala dele agora, se quiser ir conversar…

Eu deveria?

No momento em que ele me fazia a sugestão, avistei Danton, todo de preto, caminhando em nossa direção. Apesar de estar de frente para mim, não me viu, por estar entretido com uma prancheta na mão e a cabeça baixa.

— Vince, você pode assinar essa… — Ergueu a cabeça e, quando me percebeu ali, emudeceu.

— Oi, Danton. — Meu ser inteiro parecia mais feliz apenas por receber a sua atenção, ainda que fosse um olhar um pouco assustado.

— Oi…

— Eu vou deixar vocês conversarem. — Vincent apontou os dois indicadores para nós, girou sobre os calcanhares e saiu da nossa vista.

Danton olhou para os lados, parecendo desconfiado, ou incomodado com algo. Não entendi bem, mas resolvi lhe fazer a mesma pergunta que fiz a Vincent.

— Você soube do que aconteceu ontem?

— Sim — respondeu, antes de olhar para os próprios pés.

"Sim"?
Só isso?

Danton nunca foi monossilábico comigo, o que estava acontecendo? Ele parecia tão retraído. Eu não sabia explicar, mas havia algo errado. O homem que eu amava nunca deixaria de mostrar sua preocupação comigo.

— Está tudo bem? Você parece tão... distante.

— Está sim. Preciso falar um assunto importante com você. — Ele mal mantinha conexão visual comigo e apertava a prancheta contra seu peito, aparentando desconforto. — Posso passar no seu apartamento mais tarde?

— Pode sim, mas é alguma coisa grave? Por isso você está estranho assim?

— Eu prefiro conversar no seu apartamento, estou um pouco ocupado agora. — Ele

comprimiu os lábios e olhou para os lados mais uma vez, como se visse um trem passar.

Danton parecia tão obstinado em me reconquistar, e agora estava me tratando sem o carinho que eu já estava tão acostumado a receber. Eu não podia esperar que ele continuasse insistindo em nós, mas em uma situação como a que eu passei, definitivamente não era assim que ele agiria.

— Tudo bem — concordei meio murcho.

— Eu já vou, então. — Apertou mais a prancheta entre os dedos e fez menção de ir embora, todavia, antes mesmo que se virasse, o chamei.

— Danton… posso te dar um abraço?

Dessa vez, ele olhou nos olhos, notavelmente receoso, ainda assim assentiu, apesar de permanecer imóvel. Eu fui até ele, envolvi seu corpo com meus braços e aproveitei para inalar o cheiro do seu cabelo, enquanto apreciava, de olhos fechados, aquele contato que eu tanto queria todos os dias. Seu calor parecia ter propriedades medicinais, aquecia completamente o meu coração e juntava todos os meus pedacinhos.

Ele não me abraçou de volta, continuou com os braços encolhidos, agarrando a prancheta. Mesmo que não tivesse me repelido, era muito estranho vê-lo agir assim.

— Eu amo você, quando tudo isso passar espero que me aceite de volta e me dê uma chance de ser bom pra você — sussurrei, sentindo um temor desconhecido se apoderar do meu peito. Danton pareceu tensionar mais, até que me afastou com uma mão.

— Até mais tarde, Julian. — Fechou os olhos por um momento e, quando os abriu, pude perceber a angústia contida neles.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Danton se apressou para longe de mim. Meu coração se atormentou por toda aquela conversa, que nem parecia um diálogo meu com o homem que eu amava.

Como foi horrível esperar até o fim do meu turno e poder ir para casa e aguardar o Danton chegar. Quando ouvi a campainha tocar, sem aviso nenhum do porteiro, soube que era o Danton. Com muito esforço abri a porta e o vi com um sorriso desanimado. Ele parecia cansado. Eu não sabia se aquele era o momento certo para recebê-lo com um abraço, como sempre, por esse motivo, apenas falei com um sorriso igualmente contido:

— Entra…

Danton se sentou no sofá comigo em silêncio e observou o ambiente ao seu redor, antes de pousar seus olhos em mim.

— Como você está? Se machucou com o que aconteceu ontem? — Repousou suas mãos nas pernas, e nelas ficou tamborilando com os dedos.

— Agora estou bem. Você disse que tinha um assunto importante pra falar. Por favor, você sabe como eu sou ansioso, amor, me diz logo de uma vez.

Danton parecia estar tentando criar coragem para falar o que queria. Após um minuto que mais parecia um dia, ele revelou:

— Eu… eu sei que tinha dito que não ia desistir de nós, mas eu estou com medo, Julian.

Apesar de um pouco surpreso, apenas assenti com a cabeça, disposto a lhe entender e lhe ouvir.

— Eu pareço ser corajoso, mas existem situações que são demais até pra mim. Não tenho conseguido dormir direito, trabalhar direito, preocupado o tempo todo com o que pode acontecer daqui pra frente. E mesmo que eu queira te apoiar nisso tudo, eu estou com medo de verdade dessa vez. — Ele olhava para mim o tempo todo. — O que aconteceu no estacionamento foi muito grave. Você poderia ter morrido e eu também, se estivesse com você.

— Eu sei, acredite, eu sei. Foi por isso que eu quis te afastar de mim, você entende agora. — Pus minha mão sobre a sua, mas ele a retirou de forma sutil. — Eu sinto muito que você esteja com medo e que isso tudo tenha mexido tanto com você. Eu sabia que mesmo você sendo forte, uma hora isso iria acontecer…

Ele olhou para as próprias mãos e bufou. Parecia não saber mais como conduzir a conversa.

— Está tudo bem, meu amor. Eu entendo de verdade que você faça o que é melhor pra você, porque eu sempre vou querer o seu melhor também.

Danton negou com a cabeça várias vezes e suspirou. Estava doendo ter aquela conversa, mas eu entendia de verdade o seu lado.

— Não quero que fique mal por isso, eu entendo mesmo. Quando tudo isso passar, a gente conversa de novo e…

— Não vamos mais voltar, Julian. Foi isso o que eu vim dizer. — Dessa vez ele me olhou. — Eu não quero mais você.

O quê? Ele estava mesmo dizendo aquilo?

— Eu sei que o momento é assustador, mas isso tudo vai passar, amor. Inclusive, eu finalmente falei com o meu pai sobre nós. — Tentei segurar suas mãos novamente, mas outra vez ele as afastou de mim.

— Eu não acho que ficar com você seja o melhor pra mim. Eu quero sossego, Julian, quero alguém que seja bom pra mim. — Deslizou um pouco mais o corpo no sofá, para mais longe de mim.

Meu corpo entrou em estado de alerta e minha mente trabalhou com diversas teorias para eu estar ouvindo aquilo do homem que outrora disse que me amava.

— Por que você ficou tanto tempo ao meu lado pra só agora decidir que eu eu não sou bom pra você? — Danton nada respondeu, continuou a encarar qualquer coisa na altura da sua face, mas não o meu rosto. — Você não me ama mais? Por favor, olhe pra mim e responda.

Finalmente ganhei sua atenção, carregada de desânimo e tormento.

— Eu te amo, Julian, mas você ferrou demais com a minha cabeça.

— Eu te fiz tanto mal assim?

Tudo aquilo de certa forma era coerente, contudo, havia algo muito estranho no seu comportamento. Caso eu não o conhecesse bem, não notaria.

— Não é culpa sua, eu que me envolvi tanto com você, sabendo que a gente tinha uma

grande chance de não dar certo.

Ele me encarava sem desviar, no entanto, àquela altura eu só conseguia lhe devolver um olhar incrédulo. Porque eu poderia até ligar essa afirmação ao Danton Sartori que eu conheci antes de ele ter aceitado seus sentimentos por mim, mas eu não conseguia imaginar o Danton que foi meu namorado, que disse que ficaria ao meu lado em qualquer adversidade, falando que já imaginava que a gente não daria certo.

— Você está estranho…

— Não estou, eu só enxerguei que você ainda é muito imaturo pra mim, ainda tem muito o que aprender na vida. Não pode me dar a segurança que eu preciso.

Encontrei o erro.

— Esse discurso não é seu. O Jae te procurou, foi isso?

Sua respiração profunda, somado com a sua ausência de resposta, me deixou ainda mais convicto de que existia algo por trás das suas ações.

— Eu sabia que tinha alguma coisa errada. O que ele te disse?

— Ele só me mostrou o que eu não estava enxergando, Julian. — Danton levantou do sofá e começou a andar pela sala, agoniado.

— E desde quando você se importa com o que ele pensa? — Levantei também e andei até ficar de frente para Danton. Segurei em seus braços e o vi fazer uma careta como se algo lhe doesse profundamente na alma. — Você prometeu que nada iria nos separar contra a nossa vontade.

— Contra a nossa vontade. Mas a minha vontade é ir embora.

— Eu não acredito nessa mudança tão repentina. Por favor, converse comigo, seja o que for, nós vamos resolver juntos. — Tentei puxá-lo para um abraço, mas Danton se soltou até que não tivéssemos mais nenhum ponto de contato.

Eu já estava me desesperando por tentar e não conseguir fazê-lo ceder. Eu sabia o quanto Danton era obstinado quando tinha um objetivo e era isso que me desesperava. Ele parecia irredutível.

— Julian, não insista, por favor. Eu já falei o que tinha que falar, preciso ir embora agora.

— Não… — grunhi com o coração cheio de dor e a vista embaçada por lágrimas que seriam derramadas a qualquer momento.

A ponto de quebrar, senti minhas pernas fraquejarem e caí de joelhos aos seus pés, resfolegando em puro medo. Desesperado, abracei suas pernas, encostando minha testa em sua coxa, tremendo da cabeça aos pés, com o pavor de vê-lo ir embora da minha vida tomando cada pedacinho de mim.

Era tudo o que ele significava, mais tudo o que vinha acontecendo, que me fez agir dessa forma. Minha vida estava de cabeça para baixo.

— Julian… por favor… — Sua voz estava embargada.

Então ele me empurrou levemente pelos ombros, antes de se ajoelhar também. Não perdi

tempo, abracei-lhe com uma força que nem consegui medir. Senti as batidas violentas do seu coração contra o meu. *Danton podia mentir, mas o seu corpo não*. Ele estava sofrendo também, eu sentia.

— Por favor, não desista de nós… — Sim, agora eu estava pedindo isso, porque imaginar o resto da minha vida sem a minha Ferinha era cruel demais. E, não apenas minhas palavras pediam, meus olhos imploravam.

Senti nossas lágrimas se misturarem e a nossa tristeza também. Eu o afastei minimamente para tentar beijá-lo, mas ele não deixou. Sabia que se tivéssemos um contato como aquele, iria ser mais difícil ir embora.

— Eu preciso ir… — Suas mãos trêmulas tocaram o meu rosto.

— Por favor, se tiver alguma coisa errada, me mostre de alguma forma — supliquei, puxando o tecido do seu moletom.

Danton ficou de pé sob os meus olhos atentos, respirando fundo. Parecia mais ferido à medida que se afastava de mim. Limpou as lágrimas do rosto, tentando esconder de mim, como se eu já não tivesse percebido. Em seguida, abriu passadas até a porta, enquanto eu chorava no chão, derrotado. Ele não tinha prazer em fazer aquilo, eu sabia, mesmo assim, abriu a porta. Entretanto, antes de sair, olhou para mim e falou:

— Por favor, fique bem, *meu céu*.

E foi embora...

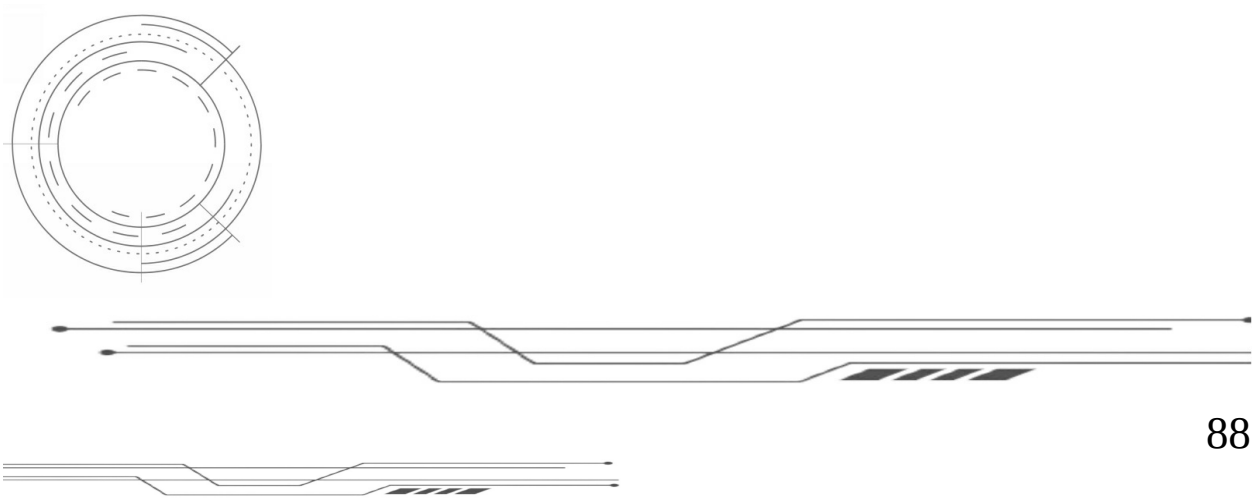
Danton passou o dia inteiro sem me chamar de "meu céu". Era contraditório ele dizer que não me queria mais e na hora de se despedir me chamar daquela forma carinhosa.

Foi o sinal que eu pedi?

Danton provavelmente estava tentando me dizer nas entrelinhas que não estava me deixando por sua própria vontade. Foi assim que eu entendi. E, era baseado em tudo o que vivemos, que eu iria agir.

E trazer o homem que eu amava para perto de mim novamente.

CAPÍTULO 15



88

Estava eu, de manhã, parado em frente a porta automática da sala da coordenação, batendo e esperando que o dono autorizasse a minha entrada.

Pela terceira vez, desde terça-feira.

Faziam cinco minutos que eu estava ali, eu sabia que ela não iria ser aberta. Ainda assim, eu não me via fazendo outra coisa que não fosse ansiar uma oportunidade de falar com Danton, depois de tanto ter lhe ligado e ter sido ignorado com sucesso.

Alguns poderiam achar que eu estava me humilhando, mas nada tirava da minha cabeça que tinha algo de muito errado com a sua decisão de desistir de nós.

— Ele não está aí, Julian. — Ouvi a voz do diretor do setor logo atrás de mim. Deixei minha mão escorregar pela porta metálica e me virei, encostando a cabeça e as costas contra ela.

— Nunca está, Vince... — respondi, encarando sua gravata preta, assim como o terno. — Já é sexta-feira e há três dias o Danton me evita. Não atende minhas ligações, inventa de trabalhar fora da empresa...

— Talvez ele precise de um tempo. Não é legal ficar em cima, Julian, ele pode estar confuso.

— Não... Tem alguma coisa errada. Se Danton tivesse terminado comigo porque não me quer mais, a primeira coisa que teria feito era sair dessa empresa, afinal, ele só não tinha feito isso ainda porque eu pedi. — Esfreguei minhas mãos no rosto, exausto. — Se fosse em qualquer outra circunstância eu deixaria ele em paz, mas tem alguma coisa que ele não está me contando.

— Você acha mesmo? — Uma linha se formou entre as sobrancelhas do Vincent, no momento em que cruzou os braços e levou uma mão à boca, pensativo.

— Tenho certeza. Se eu pelo menos conseguisse falar com ele. — Sem saber mais o que fazer, e sem me importar com o lugar onde eu estava, deslizei as costas pela porta, até sentar no chão. Apoiei os cotovelos nos meus joelhos dobrados, e olhei para o diretor, acima de mim. — Me ajuda a falar com ele, Vince?

— Na verdade... não sei como te dizer isso, mas... o Danton se mudou há dois dias do meu apartamento. E não me disse o motivo.

— Como assim?

— Ele não quis falar sobre isso, então eu respeitei.

Passei as mãos pelo cabelo, desnorteado, com a cabeça já estourando de tanto tentar resolver minha situação com o Danton, e as coisas só contribuírem para o contrário. Meus olhos ardiam, por causa das noites mal dormidas, e o meu pescoço pesava de tão tenso.

— Você está acabado.

— Ah, você notou, foi? — bufei e o urubu se agachou na minha frente, fazendo uma mecha do seu cabelo preto e alinhado sair do lugar.

— Nem pra mim o Danton explica as saídas dele do setor, só diz que vai resolver um problema. Mas acho que tem alguém que sabe de alguma coisa, melhor até mesmo do que eu que morava com ele.

Encarei sem entender nada por um momento, até que lembrei de quem sabia tudo sobre o Danton.

— Theo... — Meus olhos foram aumentando gradualmente de tamanho. — Com certeza o Danton deve ter desabafado alguma coisa com ele.

Levantei num sobressalto, esperançoso, e o diretor fez o mesmo, confuso com a minha afobação. De frente para o Vince, segurei suas bochechas e dei um beijo em uma delas.

— Obrigado, urubuzinho lindo.

Andei a passos rápidos para fora do setor, ouvindo o diretor me chamando de "deselegante". Quando cheguei ao monitoramento, percebi que ele parecia revirado e vazio demais. Poucos computadores ligados, folhas pelo chão, um porta canetas revirado e silêncio demais para um setor em pleno horário de funcionamento.

Até algumas luzes estavam apagadas. E se alguém invadiu o setor e rendeu os funcionários?

Minha teoria se desfez assim que passei por uma divisória metálica e vi Rômulo Campello de pé e inclinado sobre um computador.

— Ufa, ainda bem que tem alguém aqui.

No instante em que me ouviu, ele virou num pulo assustado, em minha direção.

— Julian?

Seu peito subia e descia com força, enquanto ele se apressava em alinhar o cabelo castanho dourado. No momento em que meu olhar recaiu sobre a sua camisa social semi-aberta e o cinto desafivelado, sua boca e bochechas que já pareciam tão vermelhas, pegaram fogo.

— Tudo bem por aqui? — Olhei para os lados com o cenho franzido. — Onde está o Theo?

— Ele... ele... foi ao banheiro — respondeu depois de pigarrear.

Havia apenas os dois ali; um no banheiro, o outro na minha frente, todo amarrotado e suado. Só consegui pensar em uma coisa.

— Vocês estavam transando?

— O quê? — De repente toda a cor pareceu sumir do seu rosto. Rômulo agitou as mãos e tentou fechar os botões e afivelar o cinto ao mesmo tempo. — Não! A gente só...

No meio daquela tentativa de explicação fajuta, Theodoro apareceu no fim do corredor.

— Pode ir tomar seu banho agora, coração. — Caminhou em nossa direção, passando uma toalha de rosto no cabelo úmido. Quando me percebeu, sua expressão pouco se alterou.

— Então, eu já vou... depois eu volto, Julian. Se precisar de alguma coisa, peça ao Theo. — Com outro pigarro, Rômulo apontou na direção do banheiro, arrumou o cabelo do jeito que pôde e saiu tão apressado que tropeçou nos próprios pés.

— Está tudo bem com ele? O que aconteceu aqui? Por que o setor está vazio?

Theodoro jogou a toalha sobre o ombro e gesticulou com o indicador para uma cadeira perto dos computadores. Sentou de frente para mim e começou a explicar.

— Todo mundo do setor está num treinamento, mas o monitoramento das câmeras foi desviado pra lá por enquanto. Quanto ao Rô... acho que ele tá com vergonha.

— Vergonha por quê? Theo... vocês realmente transaram aqui no setor? — Abri a boca, abismado.

— Você não está em posição de nos julgar, seu Coelho Transante.

— Por isso você foi tomar banho, e agora ele foi também?

— A gente não fez quase nada. Ele detesta ficar suado, detesta amassar a roupa, bagunçar o cabelo... essas coisas. E ainda tem o fato de que ele nunca se relacionou com um homem. O gostoso ainda tem muitas questões pra resolver até se sentir confortável. Algumas são por causa de certas coisas que ele já passou, outras pela novidade de se descobrir bissexual.

— O Rô me pareceu tão descontraído naquele dia que fomos procurar as escutas na minha sala.

— E ele está mesmo, só que quando estamos a sós, ele morre de tesão, mas não consegue ter iniciativa. E, quando eu tenho, a gente faz pouca coisa e ele pede pra parar. — Dava para perceber como o Theo parecia frustrado. — Eu não sei mais o que fazer pra deixar ele à vontade.

— Tem coisas que a gente conquista com o tempo, não insistindo. Acho que você já está fazendo o suficiente ao respeitar os limites e o tempo dele. O resto vai partir do Rômulo quando ele estiver pronto. Já foi uma evolução vocês dois que brigavam tanto, estarem juntos hoje.

— Eu amo aquele cara, John filho... — suspirou resignado.

— E já disse isso a ele?

— Já, mas não ouvi nada como resposta. Nem um *"que legal, seu otário"* — riu, tentando não fazer muito caso daquilo. — Acho que como eu faço brincadeira com tudo, ele não me leva muito a sério.

— Claro que leva, o Rômulo já te conheceu assim, sabe como você é. Acontece que pra

algumas pessoas, externar os sentimentos é mais difícil do que pra outras. Ele pode até sentir o mesmo e ainda não estar pronto pra falar, assim como não soube como reagir quando você falou. Eu lembro que quando descobri que estava amando o Danton, levei um tempinho até conseguir falar pra ele.

— É, vou tentar relaxar. Mas por falar em Danton, até hoje fico impressionado como as personalidades de vocês casaram bem. Ele é muito dono de si, isso assusta muitos caras, certo?

— Acho que eu sou muito bobão, por isso a gente dá certo. — Sem perceber, eu estava levando a conversa como se eu ainda estivesse namorando a Ferinha.

— Pelo contrário. Você é sim um bobão, mas é preciso ser muito bom pra não se sentir acuado com uma presença como a do Dan. Ele sempre me diz que você é a única pessoa que consegue arrancar dele o que quiser, não por se impor, mas por envolver ele e levar ele pra perto de você.

Foi bom ouvir aquilo, mas a saudade apertou.

— Queria que isso funcionasse agora... mas ele não quer me ver — suspirei cabisbaixo, vendo Theo relaxar a postura na cadeira.

— E você vai desistir?

— Claro que não, eu só não sei qual estratégia usar, por isso vim te procurar. — Apoiei as palmas nas coxas e me levantei, inquieto. — Eu quero entender porque nem mesmo uma ligação minha é atendida.

— Porque você está ligando pra pessoa errada — ele afirmou, cruzando as mãos atrás da cabeça.

— Como assim? — Voltei a me sentar, inclinando meu tronco em sua direção.

— O Dan saiu do apartamento do meu primo — assenti, porque até ali eu sabia. — E voltou para o apartamento do Jae.

— O quê? — Meu coração cambaleou com aquela informação. Incredulidade e medo guerreavam dentro de mim.

Eu não podia acreditar. Já tive que lidar inúmeras vezes com a visão dos dois juntos, mas dessa vez eu não teria estrutura, não depois de tudo que vivemos juntos. Depois de Jae ter me dito que Danton voltaria para ele, e eu ter lhe garantido que não aconteceria.

— Theo... — grunhi, tomado de uma dor imensurável no peito. — Eu não vou aguentar isso, Theo.

Levei as mãos ao rosto, como se o gesto pudesse esconder meus pensamentos de ruína. Até que Theodoro as puxou e usou as mangas da sua blusa floral para limpar uma lágrima fujona em minha bochecha.

— Pare com isso, eu não sei consolar ninguém.

— Desculpa... — pedi tremendo o queixo.

— Presta atenção, nós dois, mais do que ninguém, sabemos que não faz sentido o Dan estar com aquele cara, certo? — Encarou-me fixamente, segurando minha atenção.

— Eu sei... mas não deixa de doer por isso, Theo. — Funguei, sentindo meu nariz arder.

— Mas não é hora de chorar, John filho, você tem um loirinho pra roubar de um pilantra, certo?

Eu ainda fungava, tão pensativo que nem liguei para a forma como ele se referiu ao Jae.

— Certo... — concordei, com o olhar desfocado em qualquer ponto à minha frente.

— Então acho que é hora de fazer uma ligação para o titio.

Sim. Jae não perderia a oportunidade de dizer que estava certo quando disse que Danton voltaria com ele. Motivado por esclarecer quaisquer informações que Danton não me deu, tirei meu celular do bolso e disquei o número de Jae. Bastaram apenas dois toques para ele atender, como se já estivesse à espera.

— *Oi, Juli, como você está?* — Havia tranquilidade na sua voz.

— Onde está o Danton?

— *Juli, eu fiquei muito preocupado quando soube o que aconteceu com você na terça. Por que não atendeu minhas ligações? Eu só queria saber se você estava bem, independente de tudo.*

— Onde está o Danton? — Fui direto mais uma vez, e ouvi um suspiro demorado seu.

— Está em casa, comigo. Não fomos trabalhar hoje. Está no banho agora, quer que eu vá lá chamar ele?

Estremeci de raiva com a sua provocação. Abaixei o celular da orelha por um momento, e mordi com força minha outra mão fechada em punho. Theo sussurrou um *"mantenha a calma"*, pegou minha mão e a ergueu para que eu voltasse à ligação. Assim que coloquei o aparelho de volta na altura da orelha, questionei:

— Vocês voltaram?

— *Sim, nós voltamos.* — Abaixei o celular novamente, fechei os olhos e respirei fundo, ao tempo em que apertava o aparelho em minha mão.

— Coloca esse cacete no ouvido de novo. — O mascador de chicletes imaginários cochichou. Em seguida, pegou um fone, conectou no meu celular e pôs um lado em seu ouvido, para escutar a conversa também.

— *Juli? Você está aí?* — Ouvi Jae indagar quando voltei minha atenção à chamada novamente.

— Sim — respondi simplista, tentando não transparecer meu abalo.

— *Hoje eu chamei o John e a Nara pra almoçarem comigo e o Danton, naquele restaurante que fomos todos juntos da última vez. Eu gostaria muito que você fosse... é uma oferta de paz. Não precisamos ficar nesse clima ruim.*

— Nem fodendo — respondi enraivecido, com a respiração ganhando ritmo.

Theo deu um tapa em minha mão, fazendo uma careta de reprovação. Cobriu o microfone do fone e sussurrou para eu ouvir:

— Você vai sim, agente secreto, é a sua chance.

— Eu não tenho o sangue frio assim — sussurrei de volta.

— Precisa ter. Que outra oportunidade você vai ter de ver o Dan, se ele nem te atende? A partir de agora você não é mais um coelho, é um lagarto de sangue frio, certo? — Sua mão soltou o microfone para que eu voltasse a falar com Jae.

— Ok, eu vou. — Com muito custo respondi. — Me mande o horário por sms que eu estarei lá.

— *Ótimo, então até mais tarde. Por favor, fique bem.*

Desliguei sem responder de volta. Arranquei o fone do celular e joguei o aparelho na mesa, antes de ter uma crise de choro. Eu tinha a impressão de que chorava demais por tudo, mas a realidade é que nunca vivi um período tão conturbado em toda a minha vida como nos últimos meses.

Eu não sabia qual sentimento prevalecia em meu coração. Havia saudade do Danton, medo, ansiedade. Ainda tinha aquele sentimento novo com relação ao meu tio. Eu amava o Jae e, por mais que já tivesse experimentado sentimentos ruins por ele, como inveja e mágoa, nunca antes senti raiva como agora.

Enquanto Theo me consolava sem tato algum, Rômulo apareceu, de banho tomado. Trocou um sorriso meio constrangido com o seu colega de apartamento, em seguida falou comigo.

— Julian, você já está chorando de novo. Detesto te ver chorando.

— Vai ficar tudo bem, Rô.

— Vai sim, porque esse lagartão aqui vai causar em um almoço, certo?

Apesar de estar preocupado, não fiquei alheio às coisas que se passavam ao meu redor, posto que, notei como Theodoro sorriu sem graça para o Rômulo. Este que por sua vez, parecia não conseguir manter muito contato visual com o outro. Vi que era hora de deixá-los sozinhos, para que resolvessem seus próprios conflitos.

— Preciso ir Tico e Teco, obrigado pela ajuda. — Levantei e guardei o celular no bolso.

— Lava esse rosto cagado de choro, Julian. Se quiser, eu tenho um sabonete líquido antibacteriano que mata 99% das bactérias. — Rômulo ofereceu, enquanto começava a arrumar a bagunça que ele tinha feito com Theo antes de eu chegar.



Nota mental:

Conseguir um sabonete que

lava 99% dos problemas.

— Não precisa, Rô, obrigado — acenei para os dois e caminhei em direção à saída do setor.

— Não esqueça de dar um beijo no titio por mim, certo?

Ao passar para o lado de fora, mostrei o dedo do meio ao sonso. Apressei os passos em direção à minha sala, na intenção de apenas de checar se estava tudo em ordem lá, antes de ir ao restaurante. Todavia, assim que entrei, vi Jiaer juntando seu material de estudo para, provavelmente, ir embora.

— Jiaer...

— Oi, senhor Julian Osborn Roux. Tudo bem com o senhor?

— Para de me chamar pelo nome completo — pedi, sem esperança que ele atendesse. — Estou bem, obrigado. Já substituí meu carro e o ocorrido no estacionamento está sendo investigado.

— Senhor Julian Osborn Roux, se não precisar mais de mim hoje, eu gostaria de ir embora.

Ao ver o estagiário colocando sua mochila sobre as costas, lembrei daquela terça-feira no estacionamento, quando ele quis me impedir de ir até o meu carro. Foi estranho e aleatório.

— Jiaer, por que você me impediu de entrar no carro? Você disse que foi por causa do pressentimento ruim que o Nando teve, mas... parecia que você sabia de alguma coisa.

O estagiário não alterou muito sua expressão facial, ainda que parecesse estar preso em uma conversa enfadonha. Alisou as alças da própria mochila e suspirou.

— Senhor Julian Osborn Roux, naquele dia todos nós nos explicamos para a polícia, mas se o senhor está desconfiando de mim de alguma forma, pode tomar a providência que quiser. Só posso dizer ao senhor que nunca quis o seu mal, ou não teria lhe impedido de ir até o carro. Pelo contrário, teria dito para não se preocupar e lhe aconselhado a ir mesmo assim.

Ele tinha razão, de certa forma, porém ainda era um cara suspeito.

— Então você não se importa de ser mandado embora por eu te achar suspeito? — Cruzei os braços, analítico.

— Não é isso, eu só não quero ficar aqui se for para o senhor ficar desconfiando de mim. — Passou uma mão no cabelo lambido, antes de respirar fundo novamente. — Se o senhor puder me dar licença, eu agradeço. Minha avózinha está doente, e eu preciso ir comprar os remédios dela, antes que ela receba alta.

Um nó se formou em minha garganta, por sentir que talvez eu estivesse pegando pesado com o garoto. Ele parecia cansado e preocupado com a avó. Ou seria uma desculpa?

— Receber alta? Em que hospital ela está?

— No Hospital Geral de Sandin. Ela faz tratamento na coluna e nas articulações.

Eu conhecia aquele hospital. Ele era referência número um, não apenas em Sandin, mas

em Álamo todo. Além de ser muito caro. Jiaer provavelmente não tinha dinheiro para pagar um tratamento lá, porém, isso não queria dizer que ele estava mentindo sobre sua avó.

— Eu não vou te mandar embora. — *Afinal, como disse Danton Ferinha, mantenha seus amigos perto e os inimigos mais ainda*. — E eu ainda não sei o que pensar sobre você, tirando o fato de você ser metido às vezes — ele riu —, mas não é motivo pra eu impedir o seu estágio.

— O senhor tem ciúmes quando eu chego perto do Danton, não tem?

— Por que está metendo ele na conversa?

— Porque o senhor fica de bico toda vez que eu falo com ele. Fora isso me trata bem. O senhor quer que eu me afaste dele?

— Eu nunca pediria isso, o Danton é quem escolhe com quem quer falar. E mesmo assim, ele está com o Jae agora.

Comentei na intenção de flagrar alguma reação suspeita e fui certeiro. Jiaer arregalou os olhos, parecendo impressionado e de uma forma ruim.

No dia da minha apresentação arruinada, vi o estagiário olhando para o Jae de uma forma diferente do seu habitual. Depois soube por Jennifer que o carrapato já tinha ido algumas vezes na sala dele. Havia uma chance, ainda que mínima, de Jiaer estar interessado em Jae. E sua reação alimentou minha teoria.

— Ah... eu não sabia.

— Agora já sabe. Pode ir, melhoras pra sua avozinha.

— Obrigado.

Ele passou por mim, meio pensativo e foi embora. Já eu, liguei para o segurança, pedindo que me deixasse no restaurante e me esperasse lá para me levar de volta.

Assim que cheguei no espaço aberto de iluminação quente, avistei o grupo de quatro pessoas que me esperava.

Se me perguntassem qual era a cor da roupa dos meus pais, ou do Jae, eu não saberia dizer. Se me perguntassem quais pratos estavam sendo servidos naquele momento, quem era o funcionário que os atendia, ou qual a cor da toalha posta sobre a grande mesa, eu diria que não fazia a menor ideia. Porque meus olhos estavam focados no homem da minha vida.

Danton usava uma camisa social azul clara, toda em seda, que parecia acariciar cada pedaço de pele a qual recobria. O cabelo repartido de lado, mostrava as pintinhas adoráveis em sua testa, mas seu semblante não era feliz. Ele não conseguia me enganar quando vez ou outra tentava sorrir do que alguém falava à mesa.

— Senta aqui do meu lado, filhote. — Minha mãe levantou para me dar um beijo, assim que cheguei até eles.

— Boa tarde, mãezinha, pai, Jae... Danton. — Meu coração deu uma cambalhota apenas por eu pronunciar o nome da Ferinha. Eu era fraco demais por ele.

Respirei fundo, percebendo como seria difícil aquele almoço. Todos responderam com um "boa tarde", Danton apenas assentiu e evitou ficar me olhando, assim como evitou deixar suas mãos à mostra. Sabia que eu percebia quando ele estava nervoso e não iria me entregar as

suas reações de bandeja. Todavia, eu sabia que aquelas mãos de dedos finos estavam inquietas debaixo da mesa, era quase como se eu tivesse uma visão raio-x.

— Juli, tomei a liberdade de pedir aquele prato que você gosta. — Jae sorriu para mim.

Ele fez a mesma coisa de quando viemos a esse mesmo restaurante juntos pela primeira vez. Sua atitude de pedir meu prato para mim era um reflexo da sua mania de dizer o que era melhor para os outros. Aquilo estava me irritando.

— Eu não quero carne dessa vez. Vou pedir frango — avisei. Jae esboçou alguma surpresa, mas concordou, e logo chamou o garçom.

Meu pai sentou à ponta da mesa, entre o melhor amigo e a esposa. Eu, ao lado da minha mãe, e de frente para Danton.

Meu ex-namorado não me olhou quando comemos, ou quando todos à mesa começaram a conversar sobre negócios. Aquilo me incomodava porque sabia o quanto aquela fera era focada. Se sua intenção era evitar contato visual comigo, para não dar margem a qualquer interpretação, com certeza conseguia.

— Julian, chamei a Mina, a chefe daqui que gostou de você, para um jantar na nossa casa, quero que você vá também. — Meu pai anunciou.

John Osborn resolveu fingir que eu nunca tinha conversado com ele sobre a minha sexualidade. Devia estar desesperado para que o filho deixasse de lado essa "história ridícula de ser gay". Minha mãe me lançou um olhar curioso, assim como Jae. Já Danton continuou focado em seu prato.

Por que você não me dá atenção, Ferinha?

— Ué, não foi o senhor quem chamou? Por que *eu* tenho que ir? — argumentei simplista, sem deixar de comer por isso.

— Porque a Mina está interessada em você e quer te conhecer melhor. O que você quer que eu diga a ela?

— Que eu sou gay.

As reações foram as mais variadas. Jae recobriu os lábios, transformando-os em uma linha dura, minha mãe deu uma risadinha baixa, meu pai teve uma crise de tosse e Danton arqueou as sobrancelhas, no momento em que parou seu garfo no meio do trajeto para a boca.

Finalmente consegui chamar a atenção dele.

— Fale baixo, aliás, não fale sobre isso aqui. — O poderoso John me repreendeu com os dentes cerrados, depois de se recuperar do engasgo.

— Não se preocupe, não é contagioso — afirmei.

Ou ele já teria pego do melhor amigo.

— Melhor mudarmos de assunto, pra ninguém se chatear. — Jae fez uma careta para o amigo, afinal, meu pai estava lhe ofendendo e a Danton também, com seu comportamento preconceituoso.

— Que tal falarmos de Washington? — Minha mãe sugeriu. — Estamos conseguindo

tantas colaborações, a inauguração no fim do ano vai ser um sucesso.

— Sim, Danton e eu estamos muito empolgados para esse dia. Não é, pequeno?

— Sim... — O *"pequeno"* murmurou com o maior desânimo. Meu coração apertou, era tão difícil vê-lo agindo fora do seu natural.

— Nós também vamos remarcar a data do casamento. — Jae comentou, em seguida, falou para que Danton e eu ouvíssemos. — E você está convidado, Julian. O que passou, passou.

— Que gentileza da sua parte, Jae — respondi, sem conseguir conter a agrura na voz.

Naquele instante, meu olhar encontrou o de Danton e ficamos nos encarando daquela forma que sempre acontecia. Era como se as coisas em segundo plano ficassem suspensas e só houvesse o tom âmbar dos seus olhos encontrando o tom de café dos meus.

Como aqueles quasares, que tinham a capacidade de brilhar mais do que galáxias, estavam tão retraídos? Nossa conexão durou apenas alguns segundos, uma vez que ele a quebrou quando olhou para baixo. Todos terminaram de comer quando resolvi mandar uma mensagem para ele. 

Você

Preciso muito conversar com você. Podemos

fazer isso depois que esse almoço acabar?

Esperei por um minuto inteiro, até que Danton olhou para baixo. A mesa me impedia de ver o que ele fazia, mas pude jurar que estava visualizando a minha mensagem.

Percebi uma certa inquietação da sua parte, até que, após uns três minutos, senti meu celular vibrando. Peguei o aparelho na velocidade da luz, feliz ao ver que era uma mensagem dele.



Ferinha

Não.

A felicidade durou pouco, mas eu não desisti. Enquanto os demais conversavam à mesa, decidi bombardear Danton de mensagens.



Você

Sinto a sua falta... 😭💔

Pare de fugir e me diga oq tá acontecendo.

😮📣

Eu amo vc, Ferinha... mais do que o infinito.

Amo vc do tamanho de dois infinitos. ♾️♾️

O que você está fazendo conosco?

Por que nos torturar assim? 😢❌

Abandona isso td q vc tá fazendo e volta pra mim.

Eu sei q vc tbm sente saudade.🫙😔

Eu sabia que ele lia tudo. Ainda que sua expressão pouco denunciasse, Danton se ajeitava em seu assento, inquieto, e olhava para baixo a cada vez que eu enviava uma nova mensagem.

— Está ocupado com alguma coisa, pequeno?

Ele negou com a cabeça e, quando Jae voltou a atenção à conversa com meus pais, Danton respirou fundo, fechando os olhos.

Por que ele estava se submetendo a uma situação que o deixava desconfortável? Jae tinha lhe manipulado tanto assim?

Ele pegou uma taça com vinho e bebeu apenas um gole, como se precisasse de algo para ajudá-lo a descer alguma sensação desagradável. E Danton não costumava ingerir bebida alcoólica.



Você

Ele não gosta que você mexa no seu celular?

Danton, se vc não puder responder, pelo menos

me dê um sinal... se o Jae está te induzindo,

beba um pouco de água, se não, beba vinho de novo.

Danton mais uma vez olhou para baixo, e apoiou seus antebraços sobre a mesa. Batucou repetidas vezes na superfície e arrastou sua mão para frente, onde tinha a taça com água, mas também tinha a taça de vinho. Vi seu olhar incerto sobre os dois itens e sua mão, por um momento, sendo conduzida para mais perto da água. Por fim, ele optou por pegar a taça com vinho e beber um gole.

Mentiroso.

Minha intenção nunca foi me basear em sua resposta, bobinho, e sim na ausência ou não dela. Se Danton estivesse realmente bem, não sentiria necessidade de tentar me mostrar isso, teria ignorado minha mensagem assim como fez com as outras. Foi minha intenção desde o início.

Eu estava prestes a digitar mais uma mensagem para ele, quando chegou uma notificação de mensagem do meu melhor amigo e eu optei por visualizar quando lembrei que eu estava lhe devendo uma visita.

Felis Catus

Onde você ta, seu porra? Nem me falou que

quase morreu, caralhooo! Fiquei preocupado!

Você

Desculpa, esqueci mesmo 😣🔨

Mas pelo menos o Kris já foi preso.

Felis Catus

Vai pensando que esse é o seu único

problema. Onde você tá, Playboy?

Você

Num almoço aqui com meus

pais, Jae, e Danton.😕

Yuri não me respondeu mais, no lugar disso, ligou. Estranhei, mas fiquei de pé e procurei com os olhos um canto mais reservado onde eu pudesse conversar.

— Com licença, preciso atender uma ligação.

Sem observar a reação de todos, ou ouvir respostas, saí e andei até a entrada do restaurante, onde estava mais vazio naquele horário. Encostei em uma das paredes e atendi a chamada.

— *Sai daí agora.* — Ele praticamente rosnou assim que atendi.

— Boa tarde pra você também. Eu estou num almoço, não posso sair assim.

— *Sim, você pode, Playboy.*

— Acredita, que o Danton de repente resolveu voltar com o Jae? — Ignorando-o, resolvi falar o motivo da minha indignação naquele dia.

— *O quê? Não, isso é muito bizarro.*

— Concordo. E ele está fugindo de mim, desde a explosão do meu carro. — Massageei minhas têmporas com os dedos. — Eu não entendo. Vou tentar falar com ele assim que esse almoço acabar.

— *Não, você precisa sair daí, não fica perto desse homem.*

— E você quer que eu desista dele? — Abri a boca, surpreso.

— *Não é do Danton que eu estou falando. Você não pode falar com ele perto do Jae.*

— Felis Catus, o Jae não pode impedir a gente de conversar. Isso seria tão arcaico.

— Você não está me ouvindo, seu porra! O Jae não vai deixar vocês em paz! Sai daí agora e pede ajuda ao Vince pra você se encontrar com o Danton.

Franzi o cenho, sem entender a sua agressividade e desespero por causa daquilo.

— Eu preciso te contar umas coisas depois do atentado que você sofreu, mas se o Danton está com esse cara, você precisa falar primeiro com ele. Urgente! Ouviu? E não pode ser na frente do seu tio.

— Ei, calma. Por que você está tão nervoso? O Danton se mudou da casa do urubu, não posso encontrar com ele lá.

— De um jeito, Playboy, dê um jeito, mas resolva isso logo! E não dê mole para o Danton aí, vá embora. Entendeu?

— Ok, ok... eu vou embora então. Só não sei como vou conseguir me encontrar com ele, se além de o Jae estar colado nele, o próprio Danton não quer me ver. — Olhei para os meus sapatos, tentando pensar em algo, até que tive uma ideia. — O Vincent poderia pedir ao Danton que fosse buscar algumas coisas que esqueceu na mudança e, quando Danton chegasse, eu estaria lá de surpresa. É assim que se caça Ferinhas.

— A ideia é linda, mas se apresse. O Vince detesta arriscar o cargo de direção que ele tanto se esforçou pra conseguir, espero que não recuse ajudar.

— O Vince acha que o Jae demitiria ele, caso me ajudasse?

— Acha, e eu também. Então não fique chateado se ele preferir não se meter. Mesmo assim, não deixe de tentar. Se não der certo, a gente vê outra forma, por mais que seja mais difícil e mais arriscado.

— Tudo bem.

— Vai lá, depois que você se resolver com o Danton me procura, porque a gente ainda precisa conversar. Até mais, Playboy.

— Pode deixar. Até mais, Catus.

Com nossa conversa encerrada, fui até a mesa e coloquei em prática o que meu amigo aconselhou. Não dei atenção ao Danton em específico, quando falei com todos.

— Desculpem a ausência, preciso voltar ao trabalho agora.

— Mas já, filhote? — Minha mãe se levantou para me abraçar.

— Já, mãezinha. Meu horário de almoço acabou — beijei o topo da sua cabeça, e vi a sombra de um sorriso discreto se desenhando nos lábios de Danton.

Ele sempre gostou da forma como eu chamava a minha mãe, mas só entendi o motivo quando descobri que era a mesma forma como ele tratava a sua mãe, Nara Sartori.

— Não custa nada você ficar mais um tempo, vai fazer essa desfeita com o seu tio? — Meu pai resmungou, com mais mau humor do que o seu habitual, desde que eu proferi a palavra amaldiçoada por ele. "*Gay*".

— Estou sendo um homem maduro, cumprindo meus horários, como o senhor sempre sonhou, *papai*. Deveria estar orgulhoso.

— Não precisa se preocupar em fazer desfeita, Juli, pode voltar. Obrigado por ter vindo. — Jae sorriu com a gentileza de sempre, que agora me irritava.

— Ok, bom fim de passeio pra vocês.

Dei uma última olhada em todos, notando o quanto Danton pareceu estranhar minha mudança de postura. Fui me sentar em um banco no estacionamento do restaurante e, enquanto esperava o segurança, enviei uma frase que veio à minha mente. Eu sabia que era muito importante para o Danton. Além do mais, de certa forma, aplicava-se ao nosso momento atual.



Você

"Para tudo há solução, se não houver, crie".

Nara Sartori

Feito isso, saí daquele ambiente e voltei para a empresa, a fim de procurar o diretor da sala de testes. Apertei o botão na porta do Vince e esperei ele destrancá-la internamente. Assim que a porta acendeu nas laterais e meu reconhecimento foi feito, vi o urubu sentado de frente para o seu computador, enquanto conferia algo no caderno em seu colo. Quando me viu, ele pôs o caderno sobre a mesa.

— Oi, Vince... desculpa vir sem avisar, é que... é meio urgente.

— Escorado na porta, com essa cara de medroso, não tem como a gente conversar. Entre. — Apontou para a cadeira em frente a sua mesa e eu me sentei.

— Preciso de ajuda. O Danton voltou com o Jae e está estranho, não quer falar comigo... isso me deixou muito agoniado.

— Se você não estivesse aqui na minha sala, contando isso pessoalmente, eu não acreditaria. — Pôs o polegar e o indicador no queixo, analítico. — O que deu nele?

— Você percebe como é estranho? O Danton nunca voltaria com o Jae, é a mim que ele ama — argumentei sem vacilar, e o diretor sorriu.

— Você está diferente. Parece mais... confiante.

— Depois de muito apanhar, acredite.

— Que bom. Vai precisar ser muito confiante mesmo se quiser convencer o Danton de alguma coisa. Ele saiu de casa muito determinado.

— Eu sei como é lidar com a fera. O que eu quero é que você peça a ele que vá buscar alguma coisa que ele tenha esquecido no seu apartamento. E quando ele chegar, eu já esteja lá. Assim ele não tem como fugir de mim. — Antes que eu terminasse de falar, o diretor já estava franzindo o cenho. — Vince, eu só te peço isso, só preciso de uma chance, por favor.

— Calma, eu nem neguei ainda, ansioso. Estou aqui analisando...

Eu já previa que o urubu bonito do mal não iria me ajudar. Ele parecia mesmo ter medo de se envolver em problemas. Contudo, surpreendeu-me ao indagar:

— Quando ele chegar você vai querer que eu faça mais alguma coisa?

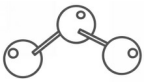
— Não. Quando ele chegar eu assumo. Na verdade... se você puder... deixar a gente a sós. — Olhei para as minhas mãos, sem graça sobre esse pedido.

— Tudo bem. — Vince apenas deu uma risadinha, se fosse Theodoro em seu lugar, eu já estaria sendo vítima de uma das suas piadas imorais e constrangedoras. — Eu posso passar a noite com o Nando.

Vincent ao menos vacilou em aceitar o meu pedido, parecia nem ter cogitado negar. Isso me deixou muito feliz, todavia, também muito surpreso.

— Eu achei que você diria não.

— No dia da festa do Nando, eu te disse que iria fazer o que pudesse para ajudar vocês, não disse? — Com um movimento de cabeça, eu concordei. — Eu costumo manter minha palavra.

— Obrigado, Vince.

Passei o restante do meu turno suando frio de tão ansioso depois que recebi uma mensagem de Vincent, dizendo que já tinha combinado que o Danton iria passar em seu apartamento às oito horas da noite.

Como acertado, fui ao apartamento do urubuzinho amigo do bem, faltando cerca de vinte minutos para o combinado dele com Danton. Vince me ofereceu um copo de água para que eu me acalmasse quando me viu olhando para o relógio a cada três segundos. Fiz um breve exercício de respiração, e aos poucos fui voltando ao meu estado normal.

E meu estado normal era: *ansioso*.

— Foi você quem encomendou essa poltrona pra ele? — Apontou para o móvel de couro no meio da sala.

— Sim…

Assim que respondi, a campainha tocou. Meu músculo cardíaco deu uma emperrada, tamanho foi o susto que senti. Eu estava mais ansioso do que quando eu era criança e tinha que ir ao primeiro dia de aula em uma escola nova.

Vincent me olhou e falou baixinho:

— Vá para o antigo quarto do Danton, que eu recebo ele e peço que vá até lá buscar as roupas que deixou aqui. Enquanto isso, digo que vou à portaria pegar umas correspondências, mas na verdade vou deixar vocês sozinhos. Então aproveite a oportunidade.

— Ok. — Esfreguei as mãos ansioso.

— Se o Danton ficar com ódio de mim, e nunca mais olhar na minha cara a culpa é toda sua, então convença ele.

— Pode deixar... com esse incentivo.

— Agora vai para o quarto, anda.

— Obrigado, mais uma vez.

Levantei, com a respiração rarefeita, as pernas pareciam gelatinas e as palmas suavam mais que o meu corpo inteiro. Segui em direção ao quarto e fechei a porta depois de entrar. Encostei a testa na porta depois que ouvi a campainha sendo tocada mais uma vez, porque foi o momento em que ouvi a voz de Danton falando sobre o trânsito estar horrível. Mal dava para acreditar que o homem que eu amava estava no mesmo lugar que eu, tão perto do quarto onde tivemos nossa primeira vez inesquecível.

Vincent avisou que iria descer e disse a Danton que podia ir até o quarto, pegar suas roupas. Era o meu momento. Eu não podia deixar a ansiedade atrapalhar, precisava vestir toda a confiança que adquiri no decorrer desses meses.

Não ouvi mais nada depois do bater da porta da entrada mais uma vez, anunciando que Vince tinha nos deixado a sós. Estava tão silencioso que eu podia ouvir as batidas do meu próprio coração.

Acendi a luz do quarto antes de me sentar na ponta da cama. Quando ouvi o som de passos se aproximando, meu corpo todo entrou em alerta e, assim que a porta foi aberta, pude jurar que meu coração parou. Meu amor estava lá, de pé na minha frente, com os olhos assustados, segurando a maçaneta com força.

— Julian? — balbuciou sem força na voz, enquanto puxava as mangas longas da blusa listrada até os cotovelos.

— Prefiro quando você me chama de "meu céu". — Permaneci em meu lugar, cauteloso, como se eu estivesse diante de um animal arisco.

— Eu não sabia que você estava aqui, eu volto outra hora. — Quando ele fez menção de sair, levantei em um sobressalto.

— Vim falar com você. — Danton parou por um momento, ao me ouvir, no entanto, logo começou a seguir de volta para o corredor que levava à sala.

— Não temos nada pra conversar. Eu vou procurar o Vince.

Era lógico que ele queria encontrar Vincent para não ficar sozinho comigo, exposto. Eu só podia imaginar que ele estava internamente desesperado, por saber que sua chance de fuga era mínima.

— Não adianta ir atrás dele. Ele saiu pra nos deixar a sós.

Seus pés estancaram no lugar, mas apenas sua cabeça virou para que me encarasse.

— O Vince não faria isso — balbuciou, atento à minha aproximação.

— Ele fez, porque quer nos ajudar, amor. — Seus pés começaram a recuar, conforme os meus avançam em sua direção.

Danton começou a dar passos para trás, quando viu que eu chegava perto.

— Não me chame assim.

— Posso te fazer uma pergunta... *amor*?

— Não — respondeu no tom distante, frio, sequer me olhando.

Calma, Julian, é só uma encenação. Não deixe a insegurança te atingir. Ele te ama.

— Por que você voltou com ele?

Danton virou de costas para mim e continuou andando até chegar na sala, próximo da mesinha de centro. Sem se dar o trabalho de virar e me encarar, ele respondeu:

— Não preciso te dar satisfação alguma.

— Tudo bem, eu já sei a resposta fajuta que você iria dar mesmo. *"Ele me dá estabilidade"*. Não é isso? — Voltei a me aproximar sorrateiramente.

Danton odiava que respondessem por ele, por isso mesmo eu iria supor suas respostas até arrancar dele seus próprios argumentos.

— O que ele te oferece? Segurança? Estabilidade? Olhe pra mim e tente usar a mesma desculpa que usou meses atrás, quando perguntei se você o amava. — Danton se virou e me percebeu ao seu encalço. Sua vista pairou sobre o pedaço de pele em meu peito, que se revelava pelos botões abertos. Eu sorri ao perceber que suas bochechas coraram.

— Eu não... não vou... responder nada pra você. — Seu corpo já estava consciente demais da minha proximidade. A respiração e a voz vacilante evidenciavam isso.

— Você nem tem argumentos. — Fiquei a centímetros de distância, mas ainda não o toquei. — Amor, você não consegue negar o que sente, nem pra mim, nem pra você. Pare de fingir que aguenta mais do que consegue.

— Eu estou com o Jae, não existe nada que você possa fazer agora. Eu... estou bem assim.

Seu perfume floral invadia minhas narinas e eu sabia que ele também sentia o meu. Estávamos tão perto que eu precisava me ajustar àquela tensão palpável entre os nossos corpos.

— Então por que você ainda me olha assim? Quer me tocar, amor? — Nenhuma resposta veio, somente o seu olhar me queimando quando perpassou por meu torso mais uma vez. — Parece que você quer.

— Julian, por favor... — Fechou os olhos e respirou fundo, tentando manter algum controle.

Ergui uma mão e toquei em uma mecha do seu cabelo, então meu dedo indicador percorreu uma linha invisível, contornando da sua têmpora à mandíbula. O simples gesto fez seu rosto se contorcer.

Quando ergueu uma mão, na tentativa de afastar a minha, eu a segurei e a acariciei com os meus dedos, somente até ele afastá-la de vez.

— Você não devia me tocar assim... não somos mais namorados, e eu... estou comprometido. — Caminhou em direção à saída, mas eu o alcancei, deixando-o entre mim e a porta.

Estávamos agora os dois, respirando de forma desregulada. Uma mão minha segurava seu braço, e a outra estava ao seu lado, espalmada na porta. Danton me encarava por baixo dos cílios finos.

— Que se foda tudo, você ainda é o homem que eu amo.

— Mas eu não quero mais você... — balbuciou, com o olhar oscilante sobre mim. Pude ver perfeitamente a mentira que havia neles.

Há um tempo, se eu ouvisse isso, acreditaria e deixaria a insegurança me vencer. Porém, agora eu estava convicto do que existia entre nossos corpos e nossas almas. Era real demais para ser negado.

Suas mãos trêmulas tocaram em meu peito, tentando limitar nossa proximidade, mas eu impus o calor do meu corpo contra o seu.

— Então é o Jae que te faz estremecer assim, apenas por ficar perto de você? — Vencendo cada vez mais as barreiras, encostei minha testa na sua. Danton suspirava constantemente contra a minha tez. Era tarde demais para conseguir me afastar. — Admita, Ferinha, você não vai casar com ele, porque me ama.

— Eu já fiz uma escolha... — Em uma de suas últimas tentativas de parecer firme, ele ergueu o queixo e, de nariz empinado, encarou-me com afinco. Dessa forma sua boca ficou ainda mais perto da minha. — Eu vou casar… e te esquecer.

Nem Danton Sartori estava mais confiante do que eu naquele momento. A consciência disso me fez dar um sorriso pretensioso e me aproximar do seu ouvido para sussurrar:

— Argumente assim quando eu estiver sentado em você, te engolindo inteiro, do jeitinho que você gosta, mas que só faz gostoso comigo.

Percorri a sua orelha com minha língua quente e úmida, em seguida, chupei o lóbulo. Danton não resistiu e resfolegou. Nosso ponto fraco eram nossos toques, era a liberdade que só tínhamos um com o outro. Era o nosso amor.

— Por que você está fazendo isso? — choramingou, levando-me a rir por perceber que eu consegui desarmá-lo.

— Porque eu não posso deixar que tirem de nós a nossa felicidade. E a minha felicidade é você, Danton. — Arrastei meu nariz por sua bochecha, forçando-a para o lado. A Ferinha cravou as unhas em meu peito, com força, parecendo nem perceber que o fazia. — Chega de só reagir às coisas que me acontecem, eu vim te trazer de volta pra mim.

Suas mãos subiram, uma para cada lado do meu pescoço, ainda que incertas, mesmo assim eu fechei os olhos porque senti tanta falta disso. Parece que ter ficado um tempo longe, fez com que as reações que causamos um no outro tivessem ficado mais violentas.

Estávamos desmoronando de tanta saudade.

— Vem tocar em cada pedacinho do homem que nunca deixou de ser seu, nem por um segundo. — Roçando meus lábios nos seus, enfatizei: — O *seu homem*.

Por fim, Danton perdeu a batalha que tanto travou consigo mesmo, e sussurrou:

— Meu céu…

Não precisou dizer mais nada para que eu entendesse.

O alívio que senti fez com que eu levasse milésimos de segundos para agir. Antes que meu cérebro sequer comandasse a ordem para minhas mãos, elas se prenderam em seu cabelo com desespero. E as suas agarraram as laterais da minha camisa com força, quase a ponto de rasgá-la.

Minha língua encontrou a sua antes mesmo dos nossos lábios se alcançarem. Beijei sua boca com urgência, sentindo meu corpo estremecer, por pouco não sendo capaz de coordenar o ósculo. Danton parecia aturdido de igual forma. Da sua garganta escapou um som lamentoso e sôfrego. Seus lábios tremiam de tal maneira que não conseguiam manter-se pressionados nos meus por muito tempo, arrastando-se assim, sem rumo por minha boca. Em contrapartida, nossas línguas se buscavam avidamente.

Meu peito ardia com uma dor insurgente, de quem iria morrer se não aproveitasse cada segundo daquele contato aflito. Puxei-lhe sem cuidado algum, maltratando seu couro cabeludo, sugando o ar com ruídos, sem de fato ligar para isso. O meu oxigênio parecia ser composto daquele homem.

Pus uma perna entre as suas, prensando-o ainda mais contra a porta, amassando sua camisa com minhas mãos, tocando-o enlouquecido, como se todo o meu universo estivesse contido no seu corpo.

Senti o ar que deixou sua boca alcançar minha face quando desci minha boca para o seu pescoço, reivindicando cada pedaço daquela pele gostosa. Meu amor ofegou com força, e logo me puxou para que eu beijasse sua boca sedenta novamente. Eu ouvia a minha respiração junto dos sons estalados dos nossos lábios, ecoando pelo apartamento silencioso.

A forma como eu necessitava dele só poderia ser explicada com um amor que vinha de outras vidas.

No entanto, não era uma dependência emocional, eu não precisava de Danton para ser alguém completo, eu transbordava com ele. Eu o queria ao meu lado porque era o certo. Era como o mundo inteiro parecia ficar equilibrado. Todo o amor que eu carregava no peito, gerado por causa dele, só tinha um destino, ele mesmo.

— Dói ficar sem você... Eu nunca quis te deixar... — chorou rente aos meus lábios, castigando minhas costelas, com suas mãos fazendo uma compressão que nunca afrouxava.

— Eu sei, meu amor. Está tudo bem agora.

— Eu te amo tanto que o meu coração às vezes parece que não vai aguentar. — Danton arrastou o nariz pelo meu rosto, buscando-me, adorando minha tez, suplicando pelo meu toque. — Eu tenho tanta coisa pra te contar, mas também estou com tanta saudade…

Da mesma forma, eu implorava pelo contato do seu corpo no meu.

— Então vamos matar essa saudade, amor. Todo o resto a gente conversa depois.

Eu precisava amar o seu corpo mais uma vez, urgentemente. Aquilo me daria forças para enfrentar o que quer que fosse. Junto com ele.

Porque separados, *nunca mais*.



AGRADECIMENTOS!

Agradeço a todo o apoio que recebi e recebo dos meus leitores, que são meus céus e minhas ferinhas. Sou grata à minha família por todo o suporte emocional que me fez passar, da forma mais leve possível, pelo momento conturbado da minha vida, enquanto esse livro estava sendo publicado.

Agradeço ainda também aos meus amigos e à editora Siren por me ajudarem na realização dessa obra.